livro branco

sobre os acontecimentos da rua maria antônia 2 e 3 de outubro de 1968

comissão organizadora 1968: **Antonio Candido** relator, **Carlos Alberto Barbosa Dantas**, **Carlos Benjamin de Lyra**, **Eunice Durham**, **Ruth Cardoso**, **Simão Mathias** presidente. depoimentos: **Antonio Augusto Arantes Neto**, **Antonio Candido**, **Bento Prado Junior**, **Camila Mendes Luiz**, **Célia Quirino dos Santos**, **Carlos Alberto Barbosa Dantas**, **Duglas Teixeira Monteiro**, **Edgard Carone**, **Elza Furtado Gomide**, **Ernst W. Hamburger e Oscar Sala**, **Fábio De Luca**, **José Aderaldo Castello**, **José Arthur Giannotti**, **José Carlos Garbuglio**, **Leôncio M. Rodrigues**, **Lupe Cotrim**, **Maria Amélia de Freitas Mamede**, **Maria do Carmo C. Campello de Souza**, **Maria Isaura Pereira de Queiroz**, **Oswaldo Monea**, **Oswaldo Porchat Pereira**, **Vitor Ramos. São Paulo, 6 de novembro de 1968.**

reedição 2018

50 anos de uma batalha

organização

Irene Cardoso e Abílio Tavares

KODAK SAFETY FILM
KODAK SAFETY FILM
KODAK SAFETY FILM
KODAK SAFETY FILM
KODAK SAFETY FILM
KODAK SAFETY FILM

Universidade de São Paulo
reitor Vahan Agopyan
vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
diretora Maria Arminda do Nascimento Arruda
vice-diretor Paulo Martins

livro branco

sobre os acontecimentos da rua maria antônia 2 e 3 de outubro de 1968

comissão organizadora 1968: **Antonio Candido** relator, **Carlos Alberto Barbosa Dantas**, **Carlos Benjamin de Lyra**, **Eunice Durham**, **Ruth Cardoso**, **Simão Mathias** presidente. depoimentos: **Antonio Augusto Arantes Neto**, **Antonio Candido**, **Bento Prado Junior**, **Camila Mendes Luiz**, **Célia Quirino dos Santos**, **Carlos Alberto Barbosa Dantas**, **Duglas Teixeira Monteiro**, **Edgard Carone**, **Elza Furtado Gomide**, **Ernst W. Hamburger e Oscar Sala**, **Fábio De Luca**, **José Aderaldo Castello**, **José Arthur Giannotti**, **José Carlos Garbuglio**, **Leôncio M. Rodrigues**, **Lupe Cotrim**, **Maria Amélia de Freitas Mamede**, **Maria do Carmo C. Campello de Souza**, **Maria Isaura Pereira de Queiroz**, **Oswaldo Monea**, **Oswaldo Porchat Pereira**, **Vitor Ramos. são paulo, 6 de novembro de 1968.**

reedição 2018
50 anos de uma batalha
organização
Irene Cardoso e Abílio Tavares

copyright © 2018 by autores

Primeira edição: 1988 – *Os Acontecimentos da Rua Maria Antônia (2 e 3 de Outubro de 1968)*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Segunda edição: 2018 – *Livro Branco Sobre os Acontecimentos da Rua Maria Antônia 2 e 3 de Outubro de 1968*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Catalogação na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo
Charles Pereira Campos – CRB-8/8057

L788 Livro branco sobre os acontecimentos da Rua Maria Antônia (2 e 3 de outubro de 1968). -- 2.ed. rev. ampl. -- São Paulo: FFLCH-USP, 2018.
236 p.

ISBN 978.85.7506.332-3

Título original: *Sobre os acontecimentos da Rua Maria Antônia (2 e 3 de outubro de 1968*.

Texto original de: Antonio Candido de Mello e Souza, Carlos Alberto Barbosa Dantas, Carlos Benjamin de Lyra, Eunice Ribeiro Durham, Ruth Correia Leite Cardoso e Simão Mathias.

Organizadores da 2.ed.: Abílio Tavares e Irene Cardoso.

1. Movimento Estudantil (São Paulo). 2. Ditadura Militar (Brasil) (1964-1985). 3. Universidade (São Paulo). I. Tavares, Abílio, *coord.* II. Cardoso, Irene, *coord.*

CDD 378.8161

direitos reservados a:

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Rua do Lago, 717 Cidade Universitária
São Paulo, SP, Brasil CEP 05508-080
55 11 3091 4588
fflch@usp.br www.fflch.usp.br

Livro Branco
Livro diplomático constituído por documentos relacionados com negociações de paz. Livro diplomático alemão e da Santa Sé, no qual respectivos governos publicam documentos oficiais sobre temas de política estrangeira. Esta designação resulta da cor de suas capas. Livro editado por uma instituição oficial para expor o seu ponto de vista sobre um tema considerado importante.

Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, *Dicionário do Livro: da Escrita ao Livro Eletrônico*, São Paulo, Edusp, 2008.

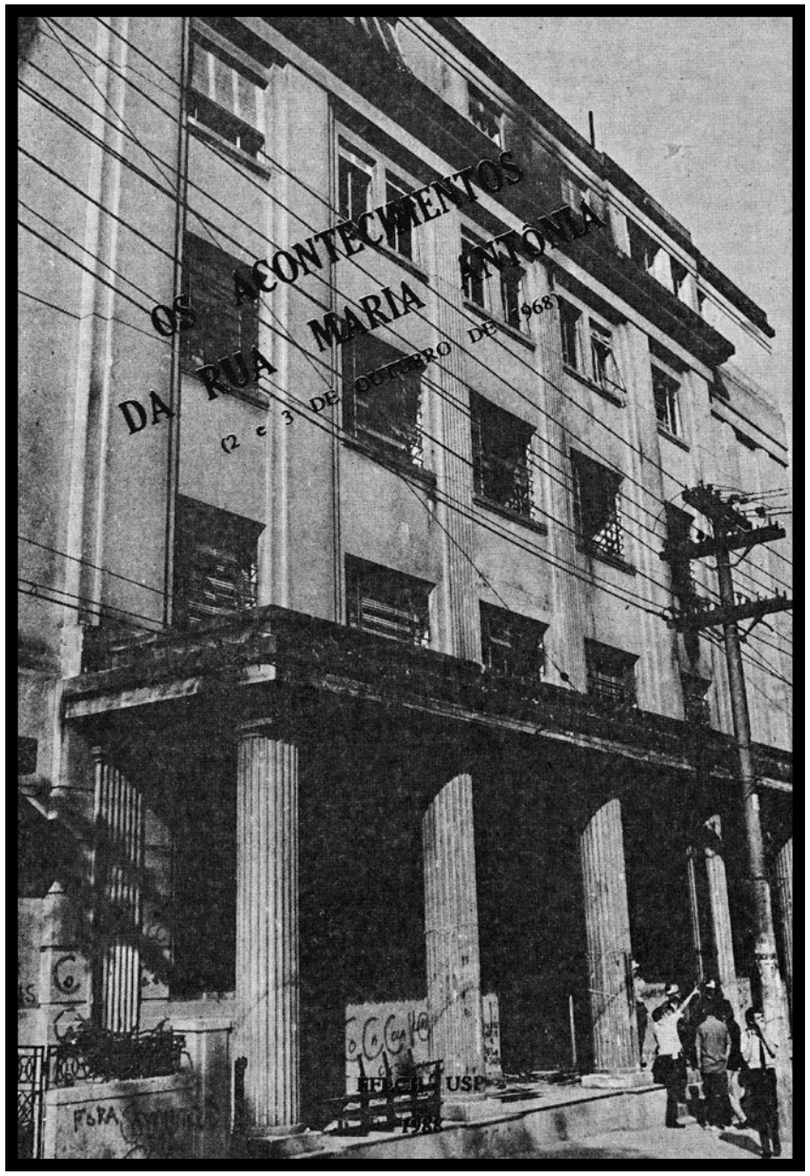


foto primeira edição, 1988.

SUMÁRIO

5 Prefácio
9 Reconstituição sucinta dos acontecimentos
21 Apreciação sobre os acontecimentos

Documentação

27 Depoimentos
91 Noticiários da imprensa
99 Alguns pronunciamentos

sumário da primeira edição, 1988.

10 **Apresentação**
Maria Arminda do Nascimento Arruda

16 **Introdução**
Maria Antonia: O edifício de n. 294
Irene Cardoso

34 **Nota da Organização**
A Caixa Vermelha da Memória
Abílio Tavares

40 **Notas Biográficas**
41 **1. Membros da comissão que elaborou o *Livro Branco***
42 **2. Autores dos depoimentos**

46 **Siglas e abreviaturas**

LIVRO BRANCO
SOBRE OS ACONTECIMENTOS DA RUA MARIA ANTÔNIA
2 e 3 de outubro de 1968

50 **Prefácio**

54 **Reconstituição Sucinta dos Acontecimentos**
55 **Antecedentes**
56 **Começo do incidente do dia 3**
57 **Panorama do dia**
59 **Violência da agressão**
59 **Armas de fogo e outras**
61 **Preparo relativo dos grupos em conflito**
61 **Atuação das autoridades universitárias e dos corpos docentes**
62 **A polícia**

64 **Apreciação sobre os Acontecimentos**
65 **Reflexões baseadas nos fatos**
66 **Conclusões**

68 **Documentação**

70 **Depoimentos**
71 **1. Antonio Augusto Arantes Neto**
73 **2. Antonio Candido de Mello e Souza**
78 **3. Bento Prado de Almeida Ferraz**
79 **4. Camilla Mendes Luiz**
81 **5. Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos**
82 **6. Carlos Alberto Barbosa Dantas**
84 **7. Duglas Teixeira Monteiro**
87 **8. Edgard Carone**
90 **9. Elza Furtado Gomide**
91 **10. Ernst W. Hamburger e Oscar Sala**
95 **11. Fábio De Luca**
96 **12. José Aderaldo Castello**
97 **13. José Arthur Giannotti**
99 **14. José Carlos Garbuglio**
101 **15. Leôncio Martins Rodrigues**
102 **16. Lupe Cotrim Garaude**
103 **17. Maria Amélia de Freitas Mamede**
105 **18. Maria Isaura Pereira de Queiroz**
111 **19. Antonio Candido de Mello e Souza e Oswaldo Monea**
111 **20. Oswaldo Porchat Pereira**
114 **21. Vitor Ramos**
115 **22. Maria do Carmo C. Campello de Souza**

118 **Noticiário da Imprensa**
119 **Jornais e revistas utilizados como documentos:**
1. *Folha de S. Paulo*, 3.10.1968
2. *O Estado de S. Paulo*, 4.10.1968
4. *Folha de S. Paulo*, 4.10.1968
5. *Folha da Tarde*, 4.10.1968
6. *Diário da Noite*, 4.10.1968
7. *Jornal da Tarde*, 4.10.1968
8. *O Estado de S. Paulo*, 5.10.1968
9. *Folha de S. Paulo*, 8.10.1968
10. *Folha da Tarde*, 8.10.1968
11. *Jornal da Tard*e, 8.10.1968
12. *Veja*, 9.10.1968
13. *Folha de S. Paulo*, 12.10.1968
14. *Folha da Tarde*, 24.10.1968
15. *O Cruzeiro*, 9.10.1968

124 **Alguns Pronunciamentos**
125 **1. Denúncia e protestos dos docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.**
126 **2. Filosofia dá sua versão**
128 **3. Da Faculdade de Filosofia ao Público.**
129 **4. Mackenzie — Esclarecimento ao público.**
131 **5. Manifestação do Conselho Universitário da Universidade Mackenzie**
132 **6. Aos Companheiros Mackenzistas**
O CCC — suas ações
O CCC — o que é e quais seus objetivos
Nossa posição

137 **Anexos**
138 **1. A Caixa Vermelha da Memória**
140 **2. Noticiários da Imprensa: 3 a 9 de Novembro de 1968 Jornais e Revistas Utilizados como Documentos**
186 **3. Pronunciamentos**
199 **4. Documentação Fotográfica**
212 **5. Notas para o *Livro Branco***
216 **6. Rascunho de Sumário**
219 **7. Rascunhos datilografados, do Prefácio e Conclusão, com correções e alterações**
222 **8. Assinaturas de Ernst Hamburger e Oscar Sala em seu depoimento conjunt.**
224 **9. Rascunhos dos Tópicos das Matérias de Jornais e Revistas**
228 **10. Ofício de 8.10.1968, endereçado à direção da FFCL, encaminhando o *Livro Branco* como resultado final dos trabalhos da Comissão**
230 **11. Bilhete de Irene Cardoso, encaminhando a documentação para a primeira edição, em 1988**

235 **Agradecimentos**

apresentação

maria arminda do nascimento arruda

Professora Titular de Sociologia da FFLCH/USP, onde obteve sua Livre-docência e da qual é Diretora desde 2016. Em 1968, estudava Ciências Sociais na FFCL. Foi professora da PUC-SP e da FGV. Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária da USP (2010 a 2016). Recebeu diversos prêmios, entre eles Jabuti e Amigo do Livro. Escreveu, entre outros, Mitologia da Mineiridade, Embalagem do Sistema *e* Metrópole e Cultura: São Paulo no Meio do Século XX.

O livro que o leitor tem em suas mãos é um documento impressionante dos acontecimentos ocorridos na Rua Maria Antônia, sobretudo no edifício de nº 294 que sediava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL). Impressionante pelo caráter realista dos relatos, cuja leitura, ainda hoje, choca o leitor; contundente por suscitar sentimento de indignação diante de tanta iniquidade; comovente na acepção de provocar um misto de tristeza e mágoa, ao qual se mescla orgulho de perceber a integridade dos organizadores do documento e a força dos depoimentos nele reproduzidos. O chamado *Livro Branco Sobre os Acontecimentos da Rua Maria Antônia, 2 e 3 de Outubro de 1968*, originalmente um relatório encomendado pela Congregação da Faculdade sobre o conflito desencadeado por estudantes da Universidade Mackenzie e alunos da instituição, pode ser mais bem apreciado com o distanciamento do tempo, quando as paixões foram arrefecidas. Ainda assim, o espanto provocado pelo texto se revela no reconhecimento posterior de que fatos apenas anunciados e que nem sempre estavam dados à percepção imediata dos participantes, menos ainda as suas consequências futuras, não eram aleatórios, tampouco casuais. O alcance do que se nomeou de "guerra da Maria Antonia" — evento iniciado no meio estudantil, mas que portava no seu bojo outros significados, conforme se vê na profunda reflexão de Irene Cardoso a respeito do momento, reproduzida na presente edição — ultrapassava as ocorrências relatadas.

O ensaio da socióloga aponta para percepções diferenciadas que emergiam no decorrer daquelas horas agônicas: "Diante do registro histórico da 'guerra da Maria Antonia', chamam a atenção especialmente dois dos depoimentos

tomados, que na atualidade do próprio acontecimento, projetam uma interpretação dele, para além do relato ocorrido e apesar do tempo vertiginoso a que estiveram submetidos os fatos bem como a possibilidade da sua percepção. Chama a atenção ainda a estranha história à qual esteve sujeita a documentação oficial produzida pela Congregação da FFCL da USP, para a apuração daqueles fatos, durante o mês que se seguiu àqueles acontecimentos dos dias 2 e 3 de outubro na Rua Maria Antônia [...] A estranha história da trajetória desta documentação oficial está marcada pelo seu desaparecimento. À sua pequena repercussão, seguiu-se o silêncio das próprias autoridades universitárias ligadas à Reitoria ou ao Conselho Universitário da USP e do Governo do Estado" (pp.18-19).

O material recolhido pela comissão nomeada pela Congregação da Faculdade para elaborar "uma espécie de 'Livro Branco', a fim de permitir o estabelecimento da verdade", segundo os termos do prefácio do livro, havia desaparecido misteriosamente, após ter sido entregue às autoridades da Universidade. Uma cópia da documentação, no entanto, sobreviveu por iniciativa de Antonio Candido que confiou a sua guarda a Irene Cardoso, que, por sua vez, a ofereceu para ser publicada no presente volume, antes de enviá-la ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP, fiel depositário do acervo do mestre. A presente publicação dá a conhecer esse rico material que embasou o Relatório, editado somente vinte anos depois por iniciativa de Antonio Candido e Irene Cardoso, com o apoio da Diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), por ocasião do vigésimo aniversário da invasão da Rua Maria Antônia. Esse conjunto de fatos revela que o conflito entre os estudantes da Universidade Mackenzie e da FFCL estava longe de ser episódico, como o atesta a participação de jovens mackenzistas ligados ao Comando de Caça aos Comunistas — CCC — bem como das forças militares responsáveis pela manutenção da legalidade.

O trecho do depoimento de Antonio Candido não deixa margem a qualquer dúvida: "Supusemos também que, com a intervenção das forças da ordem, a violência acabaria. Eu me prontifiquei a datilografar o protesto que acabáramos de retocar, tendo o Secretário da Faculdade aberto para isso a sala do Arquivo, à direita da porta da entrada. Lá fiquei só, [...] quando ouvi na rua correrias, gritos, latidos e tiros. Dois rapazes e uma moça interromperam na sala. [....] Disseram-me para sair de perto da janela de vidro e agachar-me, como fizeram, pois estavam dando tiros; fecharam a luz e a porta, e permanecemos no escuro. A moça explicou-me baixo que a polícia tinha saído do Mackenzie, unida ao CCC, e juntos perseguiam estudantes nas ruas: alguns, como eles, tinham se refugiado nas Ciências Econômicas, cuja porta ouvimos fechar. Mas imediatamente após ela foi espatifada, pois ouvimos estouros e o barulho de vidro estilhaçado, seguido de tiros, parece que dentro do saguão, enquanto vozes iradas bradavam": 'Saiam daí, seus f.... da p....'" Ao caráter desrespeitoso e chocante do relato soma-se a surpreendente omissão dos poderes constituídos, seja do Governo responsável pela segurança dos seus cidadãos, seja da Universidade obrigada a zelar por sua comunidade.

O sentido político dos acontecimentos da Rua Maria Antônia é inequívoco: apontava para forças que não eram exclusivas do poder público e dos órgãos policiais, mas haviam se alojado em setores da própria Universidade, pois sequer a Congregação da Faculdade recebeu efetivo apoio, nem se exigiu investigações rigorosas sobre o ocorrido, apesar da violência que resultou no segundo assassinato de um estudante secundarista no Brasil em menos de seis meses, fatalidade que poderia ter atingido tantos outros feridos durante as agressões. Para Irene Cardoso, "a força da repressão política sobre a Faculdade de Filosofia e mais ainda o seu caráter de arbítrio crescente que vai tomando corpo nos anos subsequentes a 1968 significaram a intenção de destruir a instituição por parte da ditadura, processo conjugado com aquele que vinha de dentro da própria Universidade, não tão explícito porque caracterizado por omissões, ou conivências, em parte perceptíveis naquele momento e em parte apenas identificáveis posteriormente" (p.28).

O caráter vanguardista, especialmente das seções das Humanidades da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras incomodava, sobretudo destoava do regime ditatorial em curso e das propostas de reforma universitária orientadas por organizações estrangeiras. O esfacelamento posterior da FFCL testemunhou a presença desse duplo movimento, remetendo às novas compreensões sobre o sentido da universidade que haviam se formado nos anos anteriores, logo após o golpe político de 1964.

O *Livro Branco* documenta essa história que selou, em apenas dois dias, o destino da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O movimento não lhe foi exclusivo, espraiou-se para o conjunto da USP, como o atestam as aposentadorias compulsórias de professores nas mais diversas faculdades, o amordaçamento da liberdade acadêmica, a perseguição e prisão de docentes, estudantes, funcionários, quando não a morte nos cárceres do regime. A violência desabrida presenciada na Rua Maria Antônia levou de roldão a história pregressa da Universidade de São Paulo, comprometeu, por fim, nos rastros destrutivos do seu legado, o futuro de gerações inteiras.

A decisão da Diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de republicar o Livro-Relatório nessa edição ampliada, acompanhado dos documentos salvos do desaparecimento, originou-se da convicção sobre a necessidade de revisitar uma história frequentemente relegada ao esquecimento, por vezes distorcida quer por desconhecimento dos episódios, quer por narrativas intencionalmente deslocadas dos eventos, mas que acabam ganhando força de verdades incontestáveis. Os acontecimentos da Maria Antônia narram primordialmente a história das chamadas Humanidades no âmbito da Universidade de São Paulo, sendo, portanto, parte integrante da identidade dessas disciplinas. Por essa razão, recuperar aqueles momentos paroxísticos, após transcorrido meio século, autoriza reafirmar vocações formadas na trama densa de um passado apreciável; sobretudo permite abjurar projetos regressivos, ainda resistentes no presente.

Esta publicação não teria sido possível sem a participação e o empenho de Irene Cardoso, profunda conhecedora do período. O trabalho por ela desenvolvido, com a participação decisiva de Abílio Tavares, transformou a acanhada publicação existente num volume de incontornável significado para a compreensão da época. A ambos a nossa mais sincera e profunda gratidão, por terem realizado um projeto do qual todos saímos engrandecidos. O engenho e a arte do editor Plinio Martins Filho e a colaboração da equipe da FFLCH foram essenciais à concretização, em tempo recorde, da edição. A Direção da Faculdade agradece a todos.

São Paulo, 16 de setembro de 2018.

introdução

maria antonia: o edifício de n. 294

Texto que integra o livro Para uma Crítica do Presente, *de Irene Cardoso, publicado, em 2001, pela Editora 34, que gentilmente autorizou, juntamente com a autora, sua publicação nesta obra.*

irene cardoso

Irene de Arruda Ribeiro Cardoso é Doutora e Livre-docente em Sociologia pela FFLCH/USP, da qual é Professora Associada aposentada e atual Professora Colaboradora. Estudou Pedagogia na FFCL, onde cursava Pós-Graduação em Ciências Sociais em 1968. Entre outros, escreveu A Universidade da Comunhão Paulista: O Projeto de Criação da Universidade de São Paulo *e* Para uma Crítica do Presente.

para antonio candido

Dentre os acontecimentos do ano de 1968, um deles ficou conhecido como o da "guerra da Maria Antonia": um conflito entre os estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, então situada no centro da cidade, à Rua Maria Antonia, e os da Universidade Mackenzie, cujo prédio ocupava parte da mesma rua. Deste conflito resultou a morte de um estudante e um edifício depredado, incendiado e definitivamente interditado pelas forças policiais. Este edifício, de n. 294, era o da Faculdade de Filosofia da USP, um próprio do Estado, destruído com a complacência e/ou conivência do governo do Estado, do governo federal e de parte das autoridades universitárias. Um acontecimento que, no momento mesmo em que ocorria, produziu a perplexidade da própria Faculdade, ou pelo menos de parte dela, diante da aparente desproporção entre as suas causas e os efeitos produzidos.

Este acontecimento, como outros daquele ano de 68 no Brasil, talvez esteja dentre aqueles a que se refere Hannah Arendt, cuja possibilidade de compreensão implica não negar o que têm de "chocante", em não eliminar o "inaudito", em não diminuir o "impacto da realidade e o choque da experiência" (Arendt, 1997, p. 12). Mas fazer justamente desta posição, o lugar da perplexidade do pensamento, que diante do agora passado não pode mais se ater ao que seria uma herança que não discrimina as suas dimensões destrutivas dos seus aspectos criadores. Uma posição que não transforme aquelas dimensões destrutivas num "peso morto, que o tempo, por si mesmo, relegará ao esquecimento" (Arendt, 1997, p. 13). Quase trinta anos se passaram e no presente a relação com o passado da Maria Antonia — o modo como a Faculdade de Filosofia era identificada com o nome da rua onde estava situada — (Cardoso e Silva, 1996) se dá ou pela preservação nostálgica de

um mito identitário, de origem, no qual prevalece uma visão de harmonia, através do esvaecimento dos conflitos (Trigo, 1997, p. 18) ou de uma perda de qualquer sentido daquela herança. Num caso, o refúgio num bom passado que pudesse ser preservado intacto, no outro, uma sensibilidade estritamente voltada para o presente, que assim produz a invisibilidade, ou a negação mesma desse passado e da própria herança que ele constituiu (Cardoso, 1996a).

Ambas as posições impedem a construção daquele lugar de perplexidade do pensamento. Uma por fazer do passado a extensão homogênea de uma temporalidade que toma todas as dimensões do presente, dissolvendo-o. A outra, operando uma ruptura com aquele passado, não se compromete mais com ele, fazendo-o submergir. Seja como fixação no passado, seja como fixação no presente, ambas as perspectivas, embora de modos diferentes, não podem se confrontar criticamente com aquela herança e estabelecer as possíveis implicações da experiência do passado no presente.

Este lugar da perplexidade do pensamento, construído pela possibilidade da escuta do "inaudito", do "chocante", é também o lugar de uma percepção do tempo, numa posição instável, que ao não se fixar no passado, nem no presente, permite movimentos de ida e volta, do presente para o passado e do passado para o presente, um vaivém, que constrói a tensão temporal, condição da crítica.

Diante do registro histórico da "guerra da Maria Antonia", chamam a atenção especialmente dois dos depoimentos tomados, que na atualidade do próprio acontecimento, projetam uma interpretação dele, para além do relato do ocorrido e apesar do tempo vertiginoso a que estiveram submetidos os fatos bem como a possibilidade da sua percepção. Chama a atenção ainda a estranha história à qual esteve sujeita a documentação oficial produzida pela Congregação da FFCL da USP, para a apuração daqueles fatos, durante o mês que se seguiu àqueles acontecimentos dos dias 2 e 3 de outubro na Rua Maria Antonia.

A documentação organizada, na atualidade do próprio acontecimento, constituiu-se no *Livro Branco Sobre os Acontecimentos da Rua Maria Antônia (2 e 3 de Outubro de 1968*), elaborado por decisão da Congregação, por uma Comissão especialmente designada pelo seu então Diretor "a fim de permitir o estabelecimento da verdade, esclarecendo a opinião pública em geral, as autoridades e os próprios professores e estudantes, nem todos cientes dos pormenores". A Comissão foi presidida pelo professor Simão Mathias, teve como relator o professor Antonio Candido de Mello e Souza e concluiu o seu trabalho um mês após os acontecimentos, estando este datado de 6.11.1968[1].

1 Esta Comissão foi também constituída pelos professores Carlos Alberto Barbosa Dantas, Carlos Benjamin de Lyra, Eunice Ribeiro Durham e Ruth Correia Leite Cardoso. Em 1988 foi publicado parte do trabalho da Comissão, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, a partir da documentação preservada pelo professor Antonio Candido: *Livro Branco Sobre os Acontecimentos da Rua Maria Antônia (2 e 3 de Outubro de 1968*), São Paulo, FFLCH/USP, 1988, p. 5.

O *Livro Branco* reconstruía aqueles acontecimentos a partir de uma documentação exaustiva composta por 22 longos depoimentos assinados, daqueles que os testemunharam: de professores, na sua maioria, um funcionário, uma antiga aluna, um comerciante e um fazendeiro e evitando acolher os de estudantes, por terem sido parte atuante e involuntariamente poderem apresentar uma visão deformada dos fatos. Constavam também da documentação inúmeros recortes de vários jornais e revistas que foram utilizados como elementos de confirmação ou comprovação dos depoimentos. Acompanhava ainda uma grande quantidade de fotografias que corroboravam os depoimentos ou valiam elas próprias como informação original. Registrou ainda pronunciamentos de entidades e grupos que, embora exprimissem "uma outra ordem de juízos, pois são feitos para tomar partido e convencer, foram utilizados para esclarecer pontos de vista a que o incidente deu lugar" (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*, 1988, p. 6)[2]. Constavam dele ainda uma "Reconstituição Sucinta dos Acontecimentos" e uma "Apreciação Sobre os Acontecimentos", esta última buscando uma reflexão e a construção de algumas conclusões possíveis.

A estranha história da trajetória desta documentação oficial está marcada pelo seu desaparecimento. À sua pequena repercussão, seguiu-se o silêncio das próprias autoridades universitárias ligadas à Reitoria ou ao Conselho Universitário da USP e do governo do Estado. O desenrolar de acontecimentos posteriores relacionados ao movimento estudantil, a prisão das lideranças estudantis no Congresso da UNE, em Ibiúna, ainda em outubro, a promulgação do Ato Institucional n. 5 em dezembro, a invasão do Conjunto Residencial da USP (Crusp), também em dezembro e as aposentadorias compulsórias em abril de 69, foram produzindo impactos sucessivos num curto espaço de tempo, que implicaram a necessidade da construção de uma resistência contra uma destruição total da Instituição. A essa resistência seguiram-se ainda tentativas de preservação e de reconstrução parcial de departamentos e cursos. No bojo deste movimento, que tinha de ser tão rápido quanto aquele que atingia a Instituição, ficou também diluído o acontecimento da "guerra da Maria Antonia", diante da necessidade de algum tipo de normalização das atividades universitárias, que pudesse enfrentar ou resistir a um imponderável maior que poderia ainda se abater sobre a Faculdade.

Em 1978, dez anos depois, uma Assembleia Geral da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp), então recentemente criada, "designou uma comissão especial encarregada de desenvolver uma campanha pela reintegração, na vida acadêmica, dos professores atingidos pelos atos de exceção".

2 Estes pronunciamentos são os seguintes: Abaixo-assinado de docentes da FFCL da USP; documentos de professores da FFCL da USP reunidos em assembleia; documento da Congregação da FFCL da USP; documento da Direção do Instituto Mackenzie e da Reitoria da universidade do mesmo nome; documento do Conselho Universitário da Universidade Mackenzie; documento de alunos da Universidade Mackenzie não comprometidos com a extrema-direita.

Como parte de suas atividades, a comissão criou um "grupo de trabalho" para "realizar um levantamento do processo de controle ideológico sobre o corpo docente da Universidade de São Paulo". Assim teve início o que veio a se constituir em *O Livro Negro da USP: o Controle Ideológico na Universidade*, publicado em 1979. Referido a um momento político diverso, de relativa abertura e marcado ainda pela campanha pela Anistia, esse documento teve uma repercussão bem mais ampla, tendo sido inclusive publicado por uma editora comercial (Adusp, 1979)[3].

A denominação *O Livro Negro da USP* significou uma referência ao *Livro Branco*, embora isto não estivesse explicitado no documento. Tratando daquele período e referindo-se aos acontecimentos do dia 3 de outubro na Maria Antonia, o *Livro Branco* não é citado. De qualquer modo a notícia de sua existência vem à baila neste momento, dez anos depois, mesmo porque um dos membros da sua comissão também havia participado da anterior[4]. Alguns anos mais se passaram e a notícia da existência daquela documentação indicava que o seu organizador dispunha de uma cópia, à qual foi possível ter acesso. Em 1986, quase vinte anos decorridos, uma busca da documentação oficial nos arquivos da já então Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas resultou infrutífera: não tendo sido localizada, pode-se supor, hoje, que tenha sido destruída, ou na melhor das hipóteses, perdida. A sua preservação foi possível graças ao cuidado pessoal de Antonio Candido, que além de guardar os rascunhos daquela documentação, a duplicou, o que permite hoje uma reconstrução daqueles acontecimentos a partir do seu registro rigoroso.

Esta preservação, que a própria instituição não foi capaz de realizar, é indicativa de que o registro daqueles acontecimentos fazia sentido para alguns, para uma história da Faculdade e da Universidade, que pudesse nele encontrar informações para a compreensão dos desdobramentos posteriores. Como consta do *Livro Branco*, o choque e a "brutalidade de uma agressão sem precedentes na vida universitária do Estado, que obrigou ao abandono dos prédios onde se vinha trabalhando havia quase vinte anos" (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*, 1988, p. 7) não podiam deixar de ser registrados, e este registro preservado, diante do "inaudito" daquela experiência. Para a própria instituição — a Faculdade e a Universidade — no entanto, o esquecimento foi a atitude mais conveniente, ao lado do desaparecimento mesmo da documentação oficial, que ela teria o dever e a responsabilidade de preservar[5].

3 Esta comissão esteve composta por: Eunice Ribeiro Durham (relatora), Maria Carolina Soares Guimarães, Jessita Nogueira Moutinho, Antonio Carlos Martins de Camargo, Alberto Luiz da Rocha Barros, Percival Brosig.

4 A reconstrução destas informações foi possível graças à colaboração da Professora Maria Carolina Soares Guimarães.

5 É preciso deixar claro que a referência aqui é à instituição e não ao conjunto de seus professores e alunos que buscaram preservá-la dos efeitos destes acontecimentos e de outros que se seguiram a estes nos anos mais pesados da ditadura que se iniciaram a partir do AI-5.

Esta estranha história do desaparecimento da documentação oficial que apurou os fatos relativos à depredação do edifício da Rua Maria Antonia — obrigando ao seu abandono repentino e à mudança para a Cidade Universitária, em situação precária, antes mesmo da construção dos barracões que viriam a abrigá-la, apenas finalizados em abril de 69 — é indicativa, no mínimo, de uma atitude de desinteresse da instituição em relação àqueles acontecimentos, senão mesmo de uma conivência com eles[6]. A reconstrução daquele acontecimento a partir do seu registro pelo *Livro Branco* e a sua contextualização naquele ano de 1968 permitirão tomar os dois depoimentos referidos para a construção das questões que possibilitem pensar hoje, de modo crítico, as ligações com aquele passado. Não no sentido de reestabelecê-lo, nem de operar um corte, que isentaria a história presente de qualquer relação com aquele passado, mas de poder pensar alguns significados que constituem hoje a universidade e a sua relação com aqueles acontecimentos.

O que ficou registrado numa certa construção da memória daqueles acontecimentos como um mero conflito entre os estudantes da FFCL da USP e os da Universidade Mackenzie, foi de fato não um incidente[7], mas um ataque organizado e articulado paramilitarmente, por integrantes do grupo do Comando à Caça dos Comunistas, o CCC, com antecedentes importantes desde 1964, relativos à Faculdade de Filosofia[8] além dos inúmeros episódios ocorridos no mesmo ano e não apenas em São Paulo. O ataque à Maria Antonia foi realizado com pedras, tiros e bombas, tendo durado desde o final da manhã até a noite do dia 3 de outubro, durante dez horas ininterruptas. A noite só permaneciam no edifício da Faculdade bombeiros tentando apagar os incêndios provocados pelas bombas que continuavam a cair sobre o prédio, mesmo após a sua evacuação total, quando este é, então finalmente, invadido pela Força Pública, encerrando o episódio naquele local e encerrando também o período de permanência ali, por quase vinte anos, da FFCL.

O policiamento ostensivo realizado pela Guarda Civil e mais tarde pela Força Pública guardava a Universidade Mackenzie, num cordão de proteção

6 O desaparecimento da documentação não teve nada a ver com a confusão que se estabeleceu em torno de documentos, livros etc. que ficaram interditados no prédio da Rua Maria Antonia com o seu fechamento. Neste momento a Administração da FFCL e a sua Congregação já estavam instaladas na Cidade Universitária, local onde que aquele documento foi depositado.

7 Este incidente foi criado pela cobrança de pedágio organizada por estudantes secundaristas e universitários que arrecadavam fundos para o Congresso da UNE, na rua Itambé esquina com a Rua Maria Antonia, ao lado da Universidade Mackenzie.

8 Em 1964 foi depredado o Grêmio da FFCL, fato que se repetiu em 1967, por ocasião da eleição da UEE. Em agosto de 68 o prédio principal da FFCL foi pichado com inscrições: "CCC voltou!", "Agora é pra valer", "Fora o comunismo", "CCC derrota o comunismo". Em 4 de setembro houve ainda ameaça de que bombas seriam atiradas ao prédio da faculdade, criando clima de intranquilidade, sem que nada entretanto ocorresse (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*, 1988, p. 9).

dos seus prédios, o que permitia ao mesmo tempo que os atacantes, numa posição privilegiada, de um edifício alto, atirassem e bombardeassem o prédio da Faculdade, provocando ferimentos à bala e a morte de um estudante na Rua Maria Antonia.

A omissão da polícia foi reforçada pela omissão da Reitoria da Universidade Mackenzie, que se pronunciou estar ao lado de seus estudantes[9], apesar das gestões realizadas por professores da Faculdade de Filosofia e por representantes da Comissão de Mães. Esta omissão foi também a da Secretaria de Segurança Pública do Estado e do próprio Governador do Estado, contatados pelo Diretor e professores da Faculdade bem como pela Comissão de Mães. O pedido ao Secretário de Segurança Pública, para que interviesse no sentido de cessar o conflito, não foi atendido. Pelo contrário, a ação das autoridades públicas tomou a forma da invasão do prédio da Faculdade, desta maneira ocupada pelas forças policiais, quando já estava vazio. Como aponta o *Livro Branco*: "a parcialidade das forças policiais [...] indicando verdadeira tomada de partido contra a USP neste incidente, está a exigir maiores esclarecimentos. Ela significa a participação dos agentes legais numa agressão pública, além da omissão do Estado na função precípua de manter a ordem e defender seu patrimônio" (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*, 1988, p. 24). A ação da Força Pública, com a presença de cavalaria e cães na Rua Maria Antonia, só se efetivou com a invasão do prédio após a sua evacuação total por decisão dos ocupantes. O edifício continuou no entanto a ser bombardeado, numa clara demonstração da intenção de destruí-lo, o que só não foi realizado inteiramente, em razão da presença de bombeiros que lá trabalharam sem nenhuma segurança, tentando apagar os focos de incêndio. Até o momento daquela evacuação, professores e estudantes lá permaneceram tentando preservá-lo[10].

9 Palavras da Professora Esther de Figueiredo Ferraz, então Reitora da Universidade Mackenzie: "Chamei mesmo a polícia. E, se necessário fosse, sairia de pau nas mãos com os meus alunos, para defendê-los e para defender o próprio particular". Citadas na "Reconstrução Sucinta dos Acontecimentos" (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*, 1988, p. 19).

10 O relato dos acontecimentos no *Livro Branco* deixa bastante clara, mais do que a omissão das autoridades do Estado, a sua participação mesma no episódio, pela parcialidade da atuação das forças policiais, que, em defesa de uma propriedade particular (a Universidade Mackenzie), permitiu a destruição de um patrimônio do próprio Estado. O que, da leitura do relato, fica como questão não ali tratada refere-se à posição das autoridades universitárias ligadas à Reitoria e ao Conselho Universitário da USP, que não se fizeram presentes naqueles acontecimentos. A defesa da instituição FFCL ficou inteiramente entregue aos professores que lá estavam, aos membros da Congregação e ao Diretor, que vieram da Cidade Universitária onde estavam instalados. O silêncio relativo às autoridades universitárias superiores é surpreendente hoje, apesar do fato de que naquele momento a Direção de uma Faculdade da USP tivesse maior peso institucional do que atualmente, possibilitando um diálogo direto, seja com o Governador do Estado, seja com o seu Secretário de Segurança. *O Livro Negro da USP* trouxe informações adicionais sobre o clima político da Universidade na sua relação com a ditadura militar desde 1964. O Reitor Gama e Silva, eleito em 1963, estava inteiramente comprometido com o golpe de 1964.

A ação da Força Pública foi efetivada na invasão do Prédio e no ataque concomitante aos grupos de professores que se localizavam na esquina da Rua Dr. Vila Nova, para dispersá-los, auxiliada pelos grupos paramilitares. Efetivou-se ainda com uma segunda invasão violenta do prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, nesta mesma rua, cujo diretor acolhia professores da Faculdade de Filosofia que continuavam tentando fazer gestões junto às autoridades com o objetivo de proteger o prédio da Rua Maria Antonia. Essa invasão, extremamente violenta, foi marcada por tiroteios na entrada da Faculdade de Ciências Econômicas e pela explosão de uma bomba no seu interior. Ali foram presos dois professores da Faculdade de Filosofia. Nas imediações foi preso e espancado ainda um terceiro professor, mesmo após ter se identificado como chefe de um dos departamentos da FFCL. Foram todos encaminhados ao Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e posteriormente ao presídio Tiradentes, tendo ali permanecido até o dia seguinte (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*, 1988).

A partir do próprio acontecimento da Maria Antonia, é possível então reconstruir a sua contextualização. O ano de 1968 foi marcado pelo recrudescimento do movimento estudantil, nas suas orientações políticas de luta contra a ditadura que se instalara em 64 e de luta pela Reforma Universitária, a partir de uma posição própria, que se opunha ao encaminhamento das reformas já em curso: a federal, aprovada naquele mesmo ano, e a da USP, que seria aprovada em 1969. A intensificação do movimento estudantil dá-se a partir de março de 1968, com os conflitos que provocaram a morte do estudante Edson Luís, no Rio, no episódio que ficou conhecido como o do Calabouço. A este acontecimento estão referidos alguns momentos significativos daquele ano: a passeata dos cem mil no Rio, com a participação de outros setores da sociedade, em junho, acompanhada por manifestações em outros Estados, incluindo São Paulo,

Vários dos gravíssimos episódios ocorridos na Universidade a partir desse momento só podem ser entendidos à luz desse fato: a repressão política, que se dirigiu contra a Universidade naquele momento, não encontrou nenhuma resistência por parte da Reitoria, mas se fez com sua conivência e a do Conselho Universitário, com pouquíssimas exceções dos seus membros. Reconduzido à Reitoria em 1966, por este mesmo Conselho, afasta-se em 1967 para exercer o cargo de Ministro da Justiça, ficando em exercício o Vice-Reitor Mário Guimarães Ferri, então eleito. Quando dos acontecimentos de 68, o Ministro Gama e Silva é Reitor da USP afastado e, segundo transcrição de depoimento do ex-Governador do Estado Abreu Sodré, de 1977, teria dele exigido a invasão da FFCL, condição para que forças federais não o fizessem. A transcrição do depoimento do então Vice-Reitor Mário Guimarães Ferri, também em 1977, informava ainda que o Governador teria dele exigido a evacuação da Faculdade. Se ambas as determinações não se realizaram desse modo, a depredação do prédio da Faculdade efetivou-se pela omissão e/ou parcialidade das autoridades do Estado e pela participação direta de grupos paramilitares comprometidos com órgãos de segurança e dentro do espírito do golpe de 64, por meio do seu representante no interior da Universidade, Gama e Silva, que viria ainda a assinar as duas listas das aposentadorias compulsórias em abril de 1969, possibilitadas pelo AI-5, este também de sua corresponsabilidade (Adusp, 1979, pp. 11 a 50). É no interior desse clima político que pode ser caracterizada a "omissão" das autoridades universitárias.

o episódio da sexta-feira sangrenta, no Rio, também em junho, e a invasão da Universidade de Brasília, em agosto. Em vários destes momentos o prédio da Rua Maria Antonia esteve ameaçado de invasão pelo CCC, o que acabou provocando a sua ocupação pelo movimento estudantil, em junho — que lá permaneceu até o dia 3 de outubro — embora com a manutenção de uma certa regularidade das aulas, como mostra o *Livro Branco*.

O clima convulso do ano de 1968 foi caracterizado ainda pela greve de Osasco, em julho, e pelas primeiras ações armadas dos grupos de esquerda: expropriação de armas do Hospital Militar do Cambuci pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), em junho; carro-bomba contra o Quartel-General do Segundo Exército em São Paulo, em junho; "justiçamento" do capitão Chandler, em São Paulo, em outubro. Seguem-se a esses acontecimentos a invasão do Congresso da UNE, em Ibiúna, em outubro, com a prisão das lideranças estudantis, e a denúncia, pela imprensa, do caso Para-SAR, projeto ligado aos órgãos de segurança, não concretizado, de eliminação física de elementos inconvenientes, incluindo aí os participantes das "agitações de rua".

A presença do CCC foi bastante expressiva naquele ano para além das investidas à Maria Antonia: o ataque à peça *Roda Viva* no teatro Ruth Escobar, em julho, seguido de um segundo, também no mesmo mês; atentado à bomba ao Teatro Opinião, no Rio, em agosto; sequestro de atores da peça *Roda viva*, em Porto Alegre, em outubro; sequestro da atriz Norma Bengell, em outubro; atentado à bomba contra a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em julho, e ao Dops, em agosto, estes realizados por "comandos de direita", sem identificação específica do CCC.

Um dos depoimentos do *Livro Branco*, o do professor José Arthur Giannotti, da FFCL, referindo-se à presença do CCC e à festa na rua que se realizou após a depredação e a interdição do prédio da Faculdade de Filosofia, na qual se ouviram "vivas ao Brasil e ao CCC", revela uma percepção bastante aguda naquele momento, ao afirmar: "Sabe-se que quando o Estado perde o monopólio da violência e se apoia em grupos minoritários para realizar uma repressão que não pode exercer por seus próprios meios e dentro das normas que o regem, é porque sua própria estrutura está prestes a ser revolucionada, criando-se oportunidade para que grupos fascistas empalmem o poder. É evidente que os fatos que acabei de narrar apontam para esta direção" (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*, 1988, p. 65). Percepção aguda porque já projetava uma direção dos acontecimentos políticos no Brasil, não tão visível para a maioria daqueles protagonistas, no início do mês de outubro, que viviam a convulsão daquele momento.

Hoje, numa visão retrospectiva e embalada em análises posteriores da documentação relativa àqueles acontecimentos, é possível vê-los como já marcados pelo endurecimento repressivo no plano militar, com a preponderância da linha dura (a partir do governo Costa e Silva) já bastante visível em junho de 68 quando da proibição das passeatas estudantis e que culminaria com o AI-5 em dezembro. Essa direção que o depoimento registrava quando se referia aos grupos fascistas já apontava, de algum modo, para o processo que se instalaria, a partir do AI-5, de uma autonomização do aparelho repressivo, com a criação da Operação Bandeirantes (Oban), em 1969 — não apenas financiada por empresários, como hoje se sabe, mas também com participação inicial de elementos do grupo paramilitar do CCC — e que tem prosseguimento nos anos posteriores sob várias formas (Cardoso, 1990).

Este depoimento do *Livro Branco* que registra, na própria atualidade do acontecimento que envolvia a Faculdade, uma percepção bastante clara da dimensão do que se abateria ainda sobre o país, pouco depois, leva à formulação de questões que até hoje incomodam: por que na memória institucional, mas não apenas nela, os acontecimentos da Rua Maria Antonia ficaram reduzidos a um conflito entre estudantes do Mackenzie e da Faculdade de Filosofia? Mais ainda, se aqueles acontecimentos significaram algo para além disso, qual era o sentido da depredação e da interdição daquele edifício da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras?

Num segundo depoimento do *Livro Branco*, o do professor Antonio Augusto Arantes, instrutor da cadeira de Antropologia, está registrada uma indicação importante: "Entre 18:30 e 19:00 horas é ordenado o abandono imediato da Faculdade. Ficar mais algum tempo seria realmente suicídio. Todos saíram pelos fundos, abandonando o prédio à ação dos poucos bombeiros que lá permaneceram. Quando às 19 horas e 30 minutos deixei as imediações da Faculdade, os mackenzistas continuavam a lançar suas bombas contra o prédio vazio. Estava claro que o ataque não se dirigia apenas aos estudantes mas também contra a instituição que nesse momento era simbolizada pelo edifício de nº 294 da Rua Maria Antonia" (*Livro Branco Sobre os Acontecimentos...*,1988, p. 31 — destaques meus).

Este depoimento, também na atualidade do próprio acontecimento, é significativo, porque percebe, naquele momento mesmo, o caráter de um ataque que visava a própria instituição, e a dimensão simbólica de que esteve revestido, no seu objetivo de destruição do edifício de n. 294 — a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Se a primeira percepção oferece elementos para pensar a brutalidade do arbítrio que já se instalava naquele momento no país e naquela cena, a da "guerra da Maria Antonia", relativa aos acontecimentos que ocorriam na Faculdade de Filosofia e na Universidade, a segunda coloca a questão acerca do sentido do objetivo de destruição da instituição, a partir de uma visibilidade já possível, embora de modo algum generalizada. A configuração dos sentidos envolvidos naquele objetivo só pode ser construída no *a posteriori* daquela cena, através da elucidação de outros acontecimentos conexos, e na condição de que ela não seja diluída na memória, como um acontecimento menor e sem importância. O que o segundo depoimento traz com grande força é a dimensão simbólica daquela destruição, que deve ser então pensada, hoje, fazendo jus àquela escuta possível naquele momento,

porque proveniente da perplexidade que aqueles acontecimentos produziam diante da aparente desproporção entre as suas causas e os seus efeitos.

O sentido político do objetivo de destruição da instituição simbolizada pelo edifício de n. 294, a partir da omissão e/ou conivência das autoridades do Estado e das autoridades universitárias superiores, fica mais ou menos evidente: efetivamente a Maria Antonia foi, em São Paulo, um núcleo de resistência à ditadura, por intermédio de seus professores, e foi sede do movimento estudantil paulista, não apenas, mas principalmente, a partir da ocupação do prédio pelos estudantes em junho de 1968. Deste modo se confrontava, de um lado, com o governo militar, desde 1964 — já tendo sido atingida por ele desde então[11] — e de outro, com as autoridades universitárias superiores — conflitos latentes e explícitos[12] — as quais, como já se viu haviam incorporado o espírito e as práticas do golpe de 64.

A Maria Antonia foi um núcleo de articulação da resistência política que se dissolveu com a mudança dos cursos e departamentos para a Cidade Universitária, cuja separação geográfica dos prédios, se não impediu, dificultou aquela resistência, pelos longos anos ainda que se seguiram. A saída do centro de São Paulo retirou a visibilidade política que a Maria Antonia tinha na cidade. O confinamento numa Cidade Universitária, ainda relativamente deserta — em cuja parte de trás se situava um quartel da Força Pública, em seguida transformado em Polícia Militar, e em cuja entrada se instalaria alguns anos depois uma Escola de Polícia — permitia estrategicamente o controle policial.

Para além de uma dimensão estritamente política, as aposentadorias compulsórias de professores que logo se seguiram, em abril de 1969, significaram a quase inviabilização de alguns cursos da Faculdade de Filosofia, ao mesmo tempo em que caracterizavam a destruição de um patrimônio cultural acumulado por vários anos, que não pôde ser retomado mais, na mesma orientação. Um clima de intimidação, em alguns momentos de terrorismo mesmo, marcou os anos que se seguiram à mudança para a Cidade Universitária: cercos e invasões policiais; buscas e prisões de professores e estudantes; presença de policiais

11 Este confronto, em 1964, deu-se com a prisão de professores da FFCL-USP, pela polícia política; com a invasão e depredação da FFCL-USP e prisão de numerosos estudantes levados ao Dops, pela polícia política; com a invasão do campus de Ribeirão Preto; com a instauração de Inquéritos Policiais Militares contra vários professores da Faculdade de Filosofia e da Universidade (Adusp, 1979, pp. 11-32).

12 Nomeação pelo Reitor Gama e Silva de uma Comissão Especial secreta, em 1964, para investigar atividades "subversivas" na USP, formada por três professores da universidade, de confiança do Reitor, que sugeriu a suspensão dos direitos políticos de 52 pessoas, das quais 44 eram professores e as demais eram alunos e funcionários; moção apresentada pelo professor Alfredo Buzaid (que mais tarde viria a ser Ministro da Justiça do governo militar) contra o professor Paulo Duarte, em função de suas denúncias sobre o que ocorria na Universidade — contra o terrorismo cultural que ali se implantava —, moção esta que levaria à instauração de processo contra aquele professor, aprovada por todos os catedráticos da Universidade, sem exceção, no Conselho Universitário (votaram contra apenas dois representantes: de ex-alunos e Auxiliares de Ensino). (Adusp, 1979, pp. 30-2).

informantes em salas de aula e até mesmo de um dos torturadores da Oban matriculado num de seus cursos; buscas e revistas de salas de professores à noite. A permanência desse clima por alguns anos provocou ainda a saída de outros professores contratados, que buscaram exílio fora do país, comprometendo mais ainda o funcionamento dos cursos e dos departamentos[13].

Ainda como tentativa de destruição do que restava do espírito da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras não há como deixar de fazer referência à intenção de implantação dos cursos básicos e das licenciaturas curtas de Ciências e Estudos Sociais. Esta última transformaria o curso de Ciências Sociais em Estudos Sociais, com duração menor. Vinda como pressão externa à Faculdade, só foi impedida por um intenso movimento no seu interior, que ainda pôde ter uma certa repercussão na imprensa da época. Modificações de tal ordem teriam se constituído, sem sombra de dúvida, numa destruição efetiva do patrimônio cultural que a Faculdade representava.

Este patrimônio cultural, constituído pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi, desde a sua fundação, marcado por um traço bastante singular: o de um descompasso e inconformismo com o seu tempo histórico, tanto como núcleo de criação social formulador de um pensamento crítico, quanto como sede de lutas políticas importantes (Cardoso, 1996b), tais como a luta contra o fascismo — e o Estado Novo —, a campanha pela escola pública, a luta pela reforma universitária — nos seus vários momentos: o da greve de 1/3, o do Acordo MEC-Usaid e do Relatório Atcon, o das propostas concretas de reforma e o da defesa das comissões paritárias — e a resistência contra a ditadura instalada em 1964. Exatamente em razão deste traço de inconformismo com os limites postos pelo seu tempo não foram poucas, ao longo de sua história, as tentativas de seu silenciamento.

Num momento como o de 68, de extrema visibilidade política da Faculdade na luta de resistência à ditadura militar, pode-se interpretar o movimento de repressão que sobre ela se efetivou como tendo sido um modo brutal e violento de inseri-la no seu tempo histórico.

No entanto, é importante ter presente na memória que aquele traço de inconformismo da Faculdade com o seu tempo histórico, se produzia efeitos externos inconvenientes, produzia também efeitos internos, na própria Universidade, nunca inteiramente assimilados por ela, desde a sua fundação. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tendo sido originalmente pensada como o núcleo da Universidade que então se criava, sempre teve um reconhecimento

13 Esse clima de intimidação foi intensificado quando do início da "luta armada", cujas primeiras ações foram realizadas em 1968 e incrementadas a partir de 1969. Um grande número de estudantes ligou-se a ela, o que explica, em parte, a presença constante dos órgãos de segurança na Cidade Universitária, sob a forma de invasões, prisões, tentativas de localização ou busca de informações.

extremamente problemático dessa posição no que se refere às demais escolas que compunham a Universidade. Embora tivesse sido até 1968 o maior núcleo, que articulava institucionalmente várias áreas do conhecimento no interior da Universidade, sempre teve aí uma posição complicada, que foi agravada, quando, a partir de 64, os órgãos superiores da USP comprometeram-se com o espírito e as práticas do golpe de 31 de março[14].

Num momento como o de 68 e anos subsequentes, nos quais a própria Universidade, no que se refere aos seus órgãos diretivos superiores, foi tomada por um processo de fascistização[15], como mostra *O Livro Negro da USP*, é possível retrospectivamente entender porque os acontecimentos dos dias 2 e 3 de outubro na Rua Maria Antonia, na sua dimensão de tentativa de destruição da instituição FFCL, não puderam ter lugar na memória institucional da universidade, a não ser no seu registro redutivo de um conflito entre estudantes. A perda ou a destruição provável do registro histórico daqueles acontecimentos, da documentação oficial do *Livro Branco*, também não se configura, neste contexto, como um fato surpreendente.

A força da repressão política sobre a Faculdade de Filosofia e mais ainda o seu caráter de arbítrio crescente que vai tomando corpo nos anos subsequentes a 1968 significaram a intenção de destruir a instituição por parte da ditadura, processo conjugado com aquele que vinha de dentro da própria Universidade, não tão explícito porque caracterizado por omissões, ou conivências, em parte perceptíveis naquele momento e em parte apenas identificáveis posteriormente.

Há, no entanto, um outro aspecto importante daquele ano de 1968, que permite pensar que o enquadramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no seu tempo histórico não foi apenas o resultado da repressão política. É preciso não esquecer que naquele momento estava também em curso o processo de Reforma Universitária. Se a questão da Reforma era um dos temas do movimento estudantil, desde há algum tempo, era também tema da própria instituição universitária e do governo federal[16]. Assim é que a Reforma Universitária federal foi aprovada ainda em 68, e a partir dela, numa conciliação com a proposta interna do Conselho Universitário, é também aprovada a Reforma da Universidade de São Paulo, em 1969[17].

Desta Reforma, o que importa reter aqui é a dissolução da figura institucional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desmembrada em vários Institutos e Faculdades, dentre eles a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que passou a congregar uma parte maior da área de Humanidades, mas não mais toda ela[18]. A partir de princípios diversos de gestão universitária, naquele momento muito bem diferenciados ideológica e politicamente dos modos também diferentes de conceber a administração da Faculdade, da distribuição em Institutos e Faculdades concebida diversamente, o que é possível perceber hoje de modo mais claro, é que havia pelo menos um consenso: o de algum tipo de articulação de institutos, que significaria também o desmembramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em unidades a serem criadas e rearticuladas no interior da Universidade. Mesmo o projeto da Comissão Paritária da FFCL, composta por seus estudantes e professores — que se opunha aos projetos oficiais — propunha essa nova articulação a partir de institutos, naquele momento ainda não identificados, mas que poderiam ser progressivamente criados a partir das potencialidades dos departamentos e cursos[19].

Por uma irônica coincidência histórica a tentativa de destruir a Instituição, simbolizada na depredação e interdição do edifício de n. 294, realizava-se no mesmo momento em que se dissolvia a FFCL no interior da estrutura universitária.

A dimensão simbólica dessa dupla destruição é extremamente contundente se pensamos nos seus posteriores desdobramentos. A divisão funcional da FFCL neste momento, que implicou a sua dissolução como instituição no interior do sistema universitário, foi o início de um processo "normal" de modernização da Universidade, de racionalização formal do seu contexto institucional — independentemente da orientação política ou ideológica que

14 Não por acaso, a comissão secreta (aqui já referida) indicada por Gama e Silva em 1964 era composta por elementos de sua confiança, representantes das "grandes escolas" da USP, como informa *O Livro Negro da USP* (Adusp, 1979, p. 15).

15 Um dos fatos característicos desse processo é o que está analisado e documentado em *O Livro Negro da USP* sobre os contratos de professores, aprovados por departamentos e congregações, com demonstrações de verbas e que foram misteriosamente arquivados na Reitoria ou indeferidos pelo Reitor, sem explicações. A advertência, sempre oral, em relação a eles, é de que se tratava de problemas relacionados com "órgãos de segurança", o que indicava a existência de uma instância de controle ideológico externa em relação à qual a Reitoria da Universidade se mantinha conivente (Adusp, 1979, pp. 51-73). Cf. ainda Fernandes, 1984.

16 "Memorial Sobre a Reestruturação da Universidade de São Paulo" (Memorial Ferri), São Paulo, FFCL-USP, 2.6.1968; "Relatório do Grupo de Trabalho da Reforma Universitária" (GT Federal), *Folha de S. Paulo*, Caderno Especial, 22.9.1968, p. 9.

17 Decreto n. 52.326 de 16.12.1969 aprova o Estatuto da Universidade de São Paulo. Publicação da FFLCH de 1970; Lei n. 5.540, de 28.11.1968 fixa normas de organização e funcionamento do Ensino Superior.

18 Os demais Institutos e Faculdades foram organizados a partir de cada área do conhecimento no interior dos campos maiores das Exatas e Biológicas. O Instituto de Psicologia e a Faculdade de Educação tornaram-se instituições independentes da antiga FFCL apesar de ligados à área de Humanidades.

19 O texto produzido pela Comissão dizia o seguinte quanto a este aspecto: "Na primeira etapa os Institutos deverão ser em número reduzido. Setores de um Instituto poderão contudo encaminhar proposta aos órgãos de direção e planejamento, para se transformarem em Institutos desde que isto seja justificado pelos cursos que ministram, número e qualificação dos componentes de seu quadro, número dos alunos que recebem, levantamento dos centros, laboratórios e outros órgãos que constituam o seu patrimônio, bem como o estágio de trabalho e produção alcançados". Citação extraída do "Relatório da Comissão Paritária Geral da FFCL da USP", *Folha de S. Paulo*, Caderno Especial, 22.09.1968, p. 10.

o pudesse ter orientado[20]. Este processo pode ser interpretado como um segundo aspecto da inserção ou do enquadramento da Faculdade no seu tempo histórico — por via da sua dissolução institucional — o primeiro tendo sido em grande parte realizado pela repressão política.

A visibilidade deste segundo aspecto ficou comprometida nos anos que se seguiram a 1968 em virtude da necessidade, já referida, de resistência à ditadura e de preservação dos trabalhos universitários. Esta preservação esteve orientada por alguns anos, ainda, no sentido das significações herdadas da FFCL, como resistência a uma inserção no tempo histórico da ditadura. A partir da Nova República e do início de uma normalização institucional do país começa também um processo de apagamento daquela herança de significações, até o limite mesmo, no presente, de desaparecimento de qualquer sentido dela e do traço que a constituía, de descompasso e inconformismo com o seu tempo.

A inserção da FFLCH na Universidade e desta no seu tempo histórico, hoje, por via daquele processo de racionalização formal crescente do seu contexto institucional, vem produzindo uma profunda modificação do seu paradigma institucional. A instituição, que tinha antes uma função de *coordenação*, passa a ter, agora, de modo crescente, a de ordenação na vida universitária. Com isso, a atividade intelectual está hoje cada vez mais subordinada à realidade institucional, correspondendo cada vez mais aos mecanismos de inserção nessa realidade — como preenchimento de funções de um organograma dado pela instituição. A realidade institucional passa a estabelecer, hoje, os limites da atividade intelectual.

No paradigma institucional anterior, no qual a FFCL tinha uma centralidade significativa no que se refere a um estilo de atividade intelectual, bastante diverso daqueles das escolas profissionais, caracterizando mais propriamente o que seria um modo de ser universitário, a Faculdade tinha, enquanto instituição, uma função essencialmente coordenadora, que expressava uma realidade intelectual naturalmente produzida no plano do ensino e da pesquisa. Esta função coordenadora supunha uma pluralidade de estilos de trabalho intelectual. A esta pluralidade correspondia o seu traço de criação da cultura e não apenas de reprodução dela.

A função ordenadora, hoje, da instituição, caminha para um modelo único de perfil do trabalho intelectual e a possibilidade de garanti-lo está dada pela vigilância permanente, sob a forma de avaliações prospectivas, cujo objetivo central é o de organizar a Universidade a partir de um modelo unívoco do pesquisador. Esta função ordenadora tem produzido uma tal autonomização dos mecanismos institucionais que a atividade intelectual nela aparece quase que como um efeito do planejamento da instituição.

Este processo de racionalização formal da instituição e da própria atividade intelectual, embora dominante, ainda tolera alguns nichos constituídos por estilos de trabalho intelectual estranhos ao perfil unívoco, mas já aponta para o desaparecimento dos traços de descompasso e inconformismo da instituição com os limites do seu tempo, condições da crítica e da criação cultural.

Vinculada essencialmente ao presente, por uma racionalidade formal, que não somente a envolve, mas que também caracteriza cada vez mais a cultura contemporânea, nas suas diversas manifestações, a Universidade perde, por isso mesmo, o distanciamento crítico em relação a esse presente e à sua cultura.

O edifício de n. 294 da Rua Maria Antonia simbolizava os traços do inconformismo e descompasso da instituição com o seu tempo histórico. A sua depredação, significando a sua brutal inserção nesse tempo, atingia também um certo estilo de atividade intelectual produtora daqueles traços. Se a repressão política — nas suas dimensões externas e internas — pode ser responsabilizada por este ato de inserção, pode-se dizer também que o processo de normalização institucional posterior deu continuidade a ele, de modo evidentemente não violento, mas pelo contrário, gradual[21], a partir do qual a Universidade entra então, como pôde dizer Florestan Fernandes: "na rotina da vida e dos requisitos mais ou menos banais da 'existência civilizada'" (Fernandes, 1984, p. 61)[22].

20 Este processo já estava em curso e, independentemente de suas orientações ideológicas ou políticas, pode ser identificado em vários momentos: a proposta de racionalização contida no Relatório Atcon e nos Acordos MEC-Usaid, em 1965; o Memorial Ferri, cuja Comissão inicia seus trabalhos em 1966 e os apresenta em 1968; o Relatório do GT federal sobre a Reforma da Universidade em 68, que deu origem à Reforma Universitária do mesmo ano; a Reforma proposta pela Comissão Paritária da FFCL da USP e outras de várias Faculdades da mesma Universidade e no mesmo ano; a Reforma da Universidade de São Paulo em 1969. Após uma longa interrupção, nos anos mais sombrios da ditadura, este processo é retomado com a Nova República em 1985, tendo como referência primeira o Relatório Geres (Grupo Executivo para Reformulação da Educação Superior), de 1986, cujos princípios levaram a uma profunda transformação da concepção da Universidade num plano mais geral e no funcionamento particular da Universidade de São Paulo, no sentido de uma racionalização máxima da sua produção científica e do seu gerenciamento, processos em curso ainda hoje de modo bastante intenso (Cardoso, 1989).

21 O que se está ressaltando aqui é o fato mesmo da inserção da universidade nos seus tempos históricos. Evidentemente, a inserção no tempo histórico da ditadura é diferente da que se realiza a partir da Nova República, e não se está desconhecendo esta diferença histórica. O que se está apontando aqui é que a inserção completa da universidade nos seus presentes retira dela a possibilidade de distanciamento crítico em relação a eles, passando ela então a responder funcionalmente ao seu tempo histórico (Cardoso, 1995).

22 Florestan Fernandes aponta para o fato de que o capitalismo monopolista "exige uma ampla tecnificação do ensino superior e uma importância maior na associação de ciência, tecnologia, instrumentalidade empresarial e Estado tecnocrático. O 'grande intelectual' e o 'intelectual crítico' são figuras ultrapassadas. A universidade repete, pois, o que aconteceu com outros tipos de escolas (a escola primária, o ginásio, a escola normal, o seminário, etc.). Entra na rotina da vida e dos requisitos mais ou menos banais da 'existência civilizada'" (pp. 60-1). Cf. também Marilena Chaui, sobre o sentido da dissolução da FFCL como parte de um processo de modernização identificado com a "eficácia produtivista" e com a "divisão administrativa dos conhecimentos" (Chaui, 1988, p. 253).

A perda daquele distanciamento crítico em relação ao presente é também a perda de qualquer relação significativa com o passado. Uma sensibilidade estritamente voltada para o presente, construída a partir de uma posição que tem a funcionalidade institucional e cultural como único critério, opera, por isso mesmo, um corte com o passado, que não tem mais lugar ali como produtor de significações. Aquela sensibilidade, impedida, pela sua posição, de perceber as implicações possíveis de uma experiência do passado no presente, não pode estabelecer, de modo crítico, os aspectos de continuidade e os de ruptura entre aquele passado e o presente. A invisibilidade de qualquer herança, seja nos seus aspectos criadores ou destrutivos, construída pelo corte com o passado, impede qualquer confrontação com ela, e a possibilidade de estabelecer semelhanças e diferenças entre os tempos históricos que permitissem pensar criticamente o passado e o próprio presente. Se uma sensibilidade estritamente voltada para o presente não pode perceber o que de "chocante" e "inaudito" constituiu aquele passado, é porque não pode também se colocar nesta posição diante do presente. A banalização do "incidente" da "guerra da Maria Antonia" na memória institucional, mas não apenas nela, corresponde à banalização do próprio presente, na sua "rotina". A posição da banalização dissolve o lugar de uma perplexidade do pensamento, aquele mesmo lugar que no passado pôde instaurar, diante da atualidade do próprio acontecimento, a possibilidade de perceber a sua dimensão simbólica de destruição da instituição — por meio da depredação do edifício de n. 294 da Rua Maria Antonia — constituindo-o como uma experiência deste mesmo passado a ser pensada no presente.

(**1998**)

Referências Bibliográficas

ADUSP. *O Livro Negro da USP: o Controle Ideológico na Universidade*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

CARDOSO, I. "A Modernização da Universidade Brasileira e a Questão da Avaliação". In: MARTINS, C. B. (org.). *Ensino Superior Brasileiro: Transformações e Perspectivas*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

_____. "Memória de 68: Terror e Interdição do Passado". *Tempo Social — Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 2, n. 2, 2º semestre de 1990.

_____. "Imagens da Universidade e os Conflitos em torno do seu Modo de Ser". *Revista da USP*, n. 25, mar./abr./mai. 1995.

_____. "Maria Antônia: a Interrogação sobre um Lugar a partir da Dor". *Tempo Social — Revista de Sociologia da USP*, vol. 8, n. 2, outubro de 1996a.

_____. "Texto de Apresentação da Universidade de São Paulo". In: *Catálogo da Universidade de São Paulo*. São Paulo, Edusp, 1996b.

CARDOSO, I.; SILVA, F. L. "Maria Antônia: uma Transversal do Tempo". *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 54, jan./dez. 1996.

CHAUI, M. "Um Lugar Chamado Maria Antônia". In: SANTOS, M. C. L. (org.). *Maria Antônia: Uma Rua na Contramão*. São Paulo, Nobel, 1988.

FERNANDES, F. *A Questão da USP*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

LIVRO BRANCO SOBRE OS ACONTECIMENTOS DA RUA MARIA ANTÔNIA (2 E 3 DE OUTUBRO DE 1968). São Paulo, FFLCH-USP, 1988.

MEMORIAL SOBRE A REESTRUTURAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. São Paulo, FFCL--USP, 2.6.1968.

RELATÓRIO DA COMISSÃO PARITÁRIA GERAL DA FFCL DA USP. *Folha de S. Paulo*, Caderno Especial, 22.09.1968, p. 10.

RELATÓRIO DO GRUPO DE TRABALHO DA REFORMA UNIVERSITÁRIA. *Folha de S. Paulo*, Caderno Especial, 22.09.1968, p. 9.

TRIGO, M. H. B. *Espaços e Tempos Vividos: Estudo sobre os Códigos de Sociabilidade e Relações de Gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)*. São Paulo, FFLCH-USP, 1997. Tese de Doutoramento.

nota da organização

a caixa vermelha da memória

abílio tavares

Abílio Tavares, diretor e pesquisador teatral, professor convidado do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP e professor do curso de Produção Cultural da Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP. Menção honrosa no Prêmio Tese Destaque USP 2013. Diretor do Tusp – Teatro da USP (1989 a 2006). Assessor para projetos especiais da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (2010 a 2016), função que exerce hoje na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Organizou, juntamente com Jacó Guinsburg, a publicação pela Editora Perspectiva, de sete volumes inéditos da obra de Anatol Rosenfeld.

Cinquenta anos de história dentro de uma caixa. A caixa vermelha que nos foi encaminhada por Irene Cardoso com um pacote de documentos que Antonio Candido guardou por vinte anos, de 1968 a 1988. Materiais diversos, relativos à elaboração deste Livro-Relatório, datado de 6 de novembro de 1968 e que foi entregue à direção da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 8 de novembro do mesmo ano.

Sinal dos tempos sombrios que viriam a seguir, toda a documentação original deste livro, entregue à Universidade, desapareceu, misteriosamente, de seus arquivos. Foi graças ao zelo e rigor de Antonio Candido (relator da comissão que o elaborou) em manter por tanto tempo este pacote com cópias, rascunhos, anotações, documentos, fotos e uma quantidade enorme de jornais e, também, graças à obstinação de Irene Cardoso, pesquisadora do tema, que foi possível recuperar esse registro. Foi a partir de uma cópia do original que a FFLCH realizou, em 1988, a primeira e fundamental edição deste livro.

Antonio Candido confiou a Irene Cardoso a guarda deste material, para que ela o utilizasse em suas pesquisas, com a recomendação de que após o seu falecimento este material deveria ser entregue ao Instituto de Estudos Brasileiros — IEB, o que será feito imediatamente após essa publicação.

Para a primeira edição, realizada em 1988, a FFLCH pegou emprestado, com Irene Cardoso este material com autorização de Antonio Candido, devolvendo-o para ela em seguida. Com o mesmo zelo e rigor de Antonio Candido, Irene Cardoso guardou por mais trinta anos este conjunto de documentos, tornando-os vivos com as pesquisas que realizou a partir de seu conteúdo. Para melhor conservá-los,

foi trocando, periodicamente, sua embalagem, sendo a última delas esta caixa vermelha que chegou até nós, permitindo realizar assim, agora em 2018, esta reedição ampliada com a inclusão de vários e importantes anexos documentais, o que não havia sido possível fazer na primeira edição de 1988.

Para lidar com material tão rico e diverso, nos deparamos com a necessidade de fazer algumas escolhas, por vezes bastante sensíveis e difíceis, e que seguiram as seguintes orientações:

O título

Livro Branco é um termo técnico, cuja definição no *Dicionário do Livro: da Escrita ao Livro Eletrônico*, de Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, está citada na abertura desta edição. Em 1968, o termo foi usado pela comissão de sua elaboração já nas primeiras linhas do prefácio: "determinou a sua Congregação que se elaborasse uma espécie de "Livro Branco", a fim de permitir o estabelecimento da verdade, esclarecendo a opinião pública em geral, as autoridades, e os próprios professores e estudantes, nem todos cientes dos pormenores [...]". Na primeira edição, realizada em 1988, o termo Livro Branco não foi utilizado, tendo como título apenas *Os Acontecimentos da Rua Maria Antônia (2 e 3 de Outubro de 1968)*. Para esta reedição, optamos por resgatar sua designação original

Urgência da elaboração, grafias, sigla, identificação dos depoimentos e sumário

Para a elaboração deste livro na época, a comissão realizou intensa pesquisa em matérias de jornais, em fotos e pronunciamentos, colhendo ainda o depoimento de 22 pessoas. Em apenas 36 dias após os conturbados acontecimentos que marcaram os dias 2 e 3 de outubro, seu resultado final foi entregue. Essa urgência aparece na própria organização do texto, que utiliza uma grande quantidade de abreviações e abreviaturas, siglas, diferenças nas grafias de nomes e uma organização esquemática das informações que, por vezes, torna um pouco difícil sua compreensão. Onde julgamos que não comprometeria o conteúdo e sua organização original, procuramos ampliar as informações no sentido de facilitar sua compreensão atual, por meio da correção da grafia incorreta de alguns nomes de pessoas, instituições e veículos de imprensa, além da criação de um glossário de abreviaturas e siglas. Para melhor identificar os autores dos depoimentos, trouxemos seu nome para junto do título numérico de seus respectivos depoimentos, ao invés de identificá-lo apenas no fim do texto, como usado originalmente.

Detalhamento do Sumário

Seguindo o modelo de alguns rascunhos manuscritos e encontrados na caixa, ampliamos a apresentação do Sumário detalhando seus tópicos para propiciar já na abertura o conteúdo e a estrutura do texto.

Identificação dos membros da comissão e dos autores dos depoimentos

Seguindo a forma emergencial e abreviada de todas as informações veiculadas, os dados sobre os depoentes, no original, também são bastante sintéticos, identificando apenas sua condição profissional: professor, professor assistente, instrutor, funcionária, comerciante. Sobre a comissão, não há, no original, nenhuma informação a não ser a de que Simão Mathias era seu presidente. A informação de que Antonio Candido foi seu relator foi dada por ele próprio a Irene Cardoso — o que justifica o grande acervo documental por ele preservado — e confirmada, recentemente, por outro membro da Comissão, Carlos Alberto Barbosa Dantas.

Para esta edição, acrescentamos um anexo com notas biográficas dos membros da comissão e dos autores dos depoimentos, para melhor compreensão de suas relações com o universo abordado e relatado no livro.

Com acento ou sem acento: Maria Antonia ou Maria Antônia

Como nome de rua, "Maria Antonia" não tem acento. Provavelmente porque o nome da personalidade homenageada com o logradouro não era acentuado. No tempo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ali instalada até 1968, não se usava o acento em seu endereço. Na primeira edição deste livro, em 1988, o nome "Antônia" foi acentuado em todas as ocorrências. O mesmo ocorreu com outro livro editado no mesmo ano, *Maria Antônia: Uma Rua na Contramão*, que agora também é reeditado pela FFLCH. Como se trata do lançamento simultâneo de duas reedições, resolvemos seguir o padrão das primeiras edições das duas publicações, mantendo o acento em quase todos os casos. Exceção foi feita apenas no texto de introdução deste livro, assinado por Irene Cardoso e intitulado "Maria Antonia: o edifício de n. 294". Isso por dois motivos. Primeiro, porque também esse texto é uma reedição de sua publicação original no livro da autora, *Para uma Crítica do Presente*, no qual "Maria Antonia" não foi acentuado. Segundo, por respeito à questão afetiva envolvida na relação com a grafia do nome, presente na memória de grande parte das pessoas que possuem uma profunda relação emocional com este endereço, como a própria Irene Cardoso.

Anexos

Incluímos, nesta edição, um conjunto de anexos composto por:

Imagens da caixa

Fotos da caixa vermelha, como a recebemos de Irene Cardoso, além das primeiras imagens da abertura de seus vários materiais.

Jornais e revistas
Utilizando matérias de jornais e revistas para analisar os acontecimentos e fundamentar sua análise sobre eles, a comissão listou, na seção "Noticiário da Imprensa", jornais e revistas utilizados como documentos. São quinze matérias de vários periódicos, publicadas entre os dias 3 e 24 de outubro de 1968. Em "Sumário de Notícias", destacou oito dessas quinze matérias, para as quais organizou uma síntese dos principais pontos abordados. Para a presente edição, anexamos fragmentos ou reproduções completas (quando possível) de quatorze matérias. Não encontramos na caixa apenas a matéria do *Diário de S. Paulo* de 4 de outubro de 1968, que a comissão listou, mas sobre a qual não fez nenhuma abordagem em tópicos em seu "Sumário de Notícias".

Pronunciamentos
A comissão listou seis pronunciamentos, integralmente transcritos no texto do livro, que também foram analisados em seu estudo, sendo três da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e três da Universidade Mackenzie. Cinco desses documentos foram publicados na imprensa. Apenas uma manifestação de alunos de vários cursos da Universidade Mackenzie, contrários à posição oficial e conservadora da instituição, foi copiada de uma versão mimeografada, com uma ressalva feita pela comissão, que só o incluiu como documento de fundamentação após ter sido seu conteúdo comprovado por matéria de jornal devidamente indicada. Anexamos, nesta edição, a cópia desse manifesto mimeografado e também de quatro outros pronunciamentos divulgados pela imprensa. Não encontramos na caixa a publicação da *Folha de S. Paulo* de 6.10.68, que contém o primeiro pronunciamento listado, analisado e reproduzido pela comissão. Trata-se da manifestação da denúncia e protesto dos docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Conhecemos seu conteúdo porque a comissão o transcreveu integralmente em seu próprio texto. Localizamos na caixa uma cópia datilografada, em papel de seda, como se usava na época, que está, entretanto praticamente ilegível, pois seu conteúdo está simplesmente desaparecendo. Digitalizamos essa cópia e a anexamos para assinalar a necessidade e a importância de se manter a história e a memória contida em documentos dessa natureza. Encontramos também um quarto manifesto ligado à Universidade Mackenzie que não foi listado pela comissão. Trata-se de um texto, também mimeografado, intitulado "Agressores ou Agredidos", assinado pelo Diretório Central dos Estudantes daquela instituição. Bastante radical, parece compreensível que a comissão não o tenha transcrito naquele momento de ânimos tão acirrados, dando prioridade ao outro manifesto, bem mais articulado e fundamentado, dos alunos mackenzistas dos cursos de Direito, Arquitetura, Filosofia, Geografia e Economia, que denunciava e contestava a postura do grupo mais radical de alunos e também da instituição, aparentemente identificados, naquele momento, com as forças militares e de extrema-direita. Apesar de não constar dos documentos listados originalmente pela comissão, resolvemos anexá-lo também pela importância que porta hoje, cinquenta anos depois, como registro daquele tempo.

Fotos
Foram encontrados na caixa dois envelopes com fotos. O primeiro guardava fotos recortadas em tamanhos mais convencionais, mas de baixa qualidade para reprodução. O outro, uma foto de uma lata de gás lacrimogêneo e contatos de várias fotos em preto e branco, com diferentes momentos de um ou dos dois dias de conflito. Optamos por reproduzir a foto da lata e os contatos. Porém, não encontramos registro de autoria das fotografias, razão pela qual não foram dados os necessários e importantes créditos aos seus respectivos fotógrafos.

Anotações, rascunhos manuscritos e datilografados, correções, ofício e bilhete
Materiais que documentam o processo e o rigor da elaboração deste livro-relatório, seu encaminhamento em 1968 e vinte anos depois, quando de sua primeira edição, em 1988.

Destaca-se neste conjunto o documento "Notas para o *Livro Branco*" onde Antonio Candido estabelece um impressionante roteiro de princípios e de estrutura de trabalho para sua elaboração.

Concluído este extenso e minucioso trabalho, gostaríamos de louvar o esforço e a determinação de três importantes pessoas, que permitiram a realização dessa reedição e, ao mesmo tempo, agradecer imensamente a elas pela oportunidade de poder trabalhar com material tão precioso.

Antonio Candido, por ter preservado pessoalmente durante vinte anos essa memória tão importante para a universidade e para o país.

Irene Cardoso, por tê-la guardado com tanto zelo, tornando-a sempre viva, com suas pesquisas, durante mais trinta anos.

Maria Arminda do Nascimento Arruda, por compreender e valorizar, na posição que ocupa hoje como Diretora dessa importante instituição nacional e internacional que é a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, a dimensão, importância e necessidade de rever e ampliar, nesses nossos conturbados dias atuais, a publicação de todo este riquíssimo material, cinquenta anos depois.

São Paulo, setembro de 2018.

notas biográficas

1. Membros da Comissão de Elaboração do *Livro Branco*

Antonio Candido de Mello e Souza – Relator (1918-2017)
Em 1968, atuava como Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na FFCL. Livre-docente em 1945, era Professor Assistente de Sociologia da mesma instituição já em 1942. Lecionou Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis (Unesp) e foi coordenador do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Em 1978, aposentou-se pela FFLCH/USP, onde continuou a atuar como orientador da pós-graduação até 1992. Escreveu *Formação da Literatura Brasileira*; *Literatura e Sociedade*; *Educação pela Noite* e *O Romantismo no Brasil*, entre outros.

Carlos Alberto Barbosa Dantas
Em 1968 era Professor Regente da Cadeira de Estatística Teórica da FFCL, na qual graduara-se em Física em 1959. Mestre e Doutor em Estatística pela Universidade da Califórnia, é Professor Titular do IME/USP, do qual já foi Diretor. Atuou também como Chefe do Departamento de Estatística e Pró-reitor de Graduação da USP. É autor de *Estatística Matemática* e *Probabilidade: um Curso Introdutório*, entre outros.

Carlos Benjamin de Lyra (1927-1974)
Em 1968 ocupava a Cadeira de Análise Matemática da FFCL, onde no mesmo ano tornou-se Livre-Docente em Geometria. Professor do IME/USP a partir de 1970,

foi presidente da Sociedade de Matemática de São Paulo e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Matemática. Escreveu, entre outros, *Sobre os Espaços de Mesmo Tipo de Homotopia que o dos Poliedros* e *Minimal Complexes and Maps*.

Eunice Ribeiro Durham
A partir de 1960 atuou como Professora de Antropologia da FFCL, na qual cursou Graduação, Mestrado e Doutorado. Livre-docente e Professora Titular da FFLCH/USP. Foi Presidente da Associação Brasileira de Antropologia e da Capes. É pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Políticas Públicas da USP. Escreveu, entre outros, *A Reconstrução da Realidade* e *A Dinâmica da Cultura: Ensaios de Antropologia*.

Ruth Cardoso (1930-2008)
Em 1968, atuava como Professora Assistente de Antropologia da FFCL, onde cursou Graduação, Mestrado e Doutorado. Pós-doutora pela Universidade de Columbia, foi professora da FFLCH/USP, da Unicamp e de diversas instituições no exterior. Pesquisadora, diretora e uma das fundadoras do Cebrap. Publicou, entre outros, *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*.

Simão Mathias - Presidente (1908-1991)
Entre 1960 e 1969 foi Diretor do Departamento de Química da FFCL. Membro da primeira turma dos licenciados em Química, formou-se Doutor em Ciências em 1942. Depois, tornou-se professor e diretor do Instituto de Química da USP. Presidente e fundador da Sociedade Brasileira de História da Ciência, atuou também como professor e pesquisador de História da Ciência no Departamento de História da FFLCH/USP.

2. Autores dos Depoimentos

Antonio Augusto Arantes Neto
De 1966 a 1968 foi Professor Assistente de Antropologia da FFCL, onde cursou Graduação em Ciências Sociais e Mestrado em Antropologia. Doutor pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra, desde 1968 é professor do Departamento de Antropologia da Unicamp, do qual foi um dos fundadores. Foi presidente do Condephaat e do IPHAN. Escreveu, entre outros, *O que é Cultura Popular*, *O Espaço da Diferença* e *Paisagens Paulistanas: Transformações do Espaço Público*.

Bento Prado de Almeida Ferraz (1937-2007)
Bento Prado de Almeida Ferraz Jr. foi professor de Filosofia da FFCL/USP a partir de 1961 e tornou-se Livre-docente em 1965. Afastado pela ditadura militar após o AI-5, cursou pós-doutorado na França. Depois de 1974 atuou como professor da PUC-SP e da Universidade Federal de São Carlos. Entre outros, escreveu *Presença e Campo Transcendental: Consciência e Negatividade na Filosofia de Bergson*; *Erro, Ilusão, Loucura* e *Filosofia da Psicanálise*.

Camilla Mendes Luiz
A partir de 1969 trabalhou como historiógrafa do IEB/USP. Com base em seu depoimento, sabemos que em 1968 era ex-aluna da FFCL.

Célia Quirino dos Santos
Desde 1960 foi professora de Ciência Política da FFCL, onde cursou Graduação e Mestrado. Doutora pela FFLCH/USP, na qual também foi Professora. Cursou pós-doutorado nos Estados Unidos, lecionou na PUC-SP e em universidades francesas. Escreveu, entre outros, *Tocqueville: a Realidade da Democracia e a Liberdade Ideal* e *O Pensamento Político Clássico*.

Duglas Teixeira Monteiro (1926-1978)
Foi professor de Sociologia da FFCL, onde também estudou, a partir de 1959. Em 1968, presidia a Comissão Paritária da Faculdade. Foi também professor da FFLCH/USP, presidente de diversas associações de cientistas sociais e sociólogos e do Centro de Estudos da Religião, que mais tarde passou a levar seu nome. Escreveu, entre outros, *Os Errantes do Novo Século: um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado*.

Edgard Carone (1923-2003)
Frequentou a FFCL desde 1945, como estudante de História. Em 1947, desligou-se do curso e partiu para a fazenda da família no interior de São Paulo — daí o título de "fazendeiro" presente na primeira edição do *Livro Branco*. Retornou à Universidade em 1969, formou-se doutor e lecionou na FGV e na Unesp. A partir de 1974, foi Professor Livre-docente de História do Brasil na FFLCH/USP. Escreveu, entre outros, *Revoluções do Brasil Contemporâneo*, *A Primeira República* e *A República Nova*.

Elza Furtado Gomide (1925-2013)
Em 1968 trabalhava como professora e Chefe do Departamento de Matemática da FFCL, onde lecionava desde 1945. Pós-doutora pela Sorbonne, foi professora do IME/USP até a década de 1990. Escreveu, entre outros, *Sobre o Teorema de Artin-Weil*.

Ernst W. Hamburger (1933-2018)
Ernst Wolfgang Hamburger foi professor da FFCL a partir de 1960. Cursou Doutorado e Pós-doutorado no exterior e tornou-se Professor Livre-docente do Departamento de Física Experimental do IF/USP, função que exerceu até 2003.

Foi Diretor da Estação Ciência da USP. Publicou, entre outros, *Causas e Consequências de uma Guerra Nuclear* e *O que é Física*.

Fábio De Luca
Em 1968, Fábio João Zócchio de Luca atuava como professor de Economia da FFCL e trabalhava, de acordo com seu depoimento, na Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Em 1970, concluiu o Mestrado em Sociologia pela FFLCH/USP. Escreveu, entre outros, *Técnicas de Planejamento Econômico-educacional*.

José Aderaldo Castello (**1921-2011**)
Foi professor de Literatura brasileira da FFCL, onde estudou desde a década de 1940. Atuou também como dirigente do IEB de 1966 a 1981. Professor Emérito da FFLCH/USP e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará, estado onde nasceu. Escreveu *A Literatura Brasileira e Realidade e Ilusão em Machado de Assis*, entre outros.

José Arthur Giannotti
Livre-docente em Filosofia pela FFCL. Em 1969, foi afastado da universidade pela ditadura militar. Cursou pós-doutorado na França e participou da fundação do Cebrap. Lecionou Filosofia na PUC-SP e Unicamp e é Professor Emérito da FFLCH/USP. É autor de *Origens da Dialética do Trabalho*; *Lições de Filosofia Primeira* e *A Política no Limite do Pensar*, entre outros.

José C. Garbuglio
José Carlos Garbuglio lecionou Literatura brasileira na FFCL, onde também estudou. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP. Escreveu, entre outros, *Graciliano Ramos* e *Rosa em Dois Tempos*.

Leôncio M. Rodrigues
Leôncio Martins Rodrigues Netto foi professor da FFCL, onde estudou Sociologia. Livre-docente pela FFLCH/USP, lecionou também na Unicamp, na qual é professor aposentado de Ciência Política. Escreveu, entre outros, *Trabalhadores, Sindicatos e Industrialização*; *Partidos Políticos, Ideologia e Composição Social* e *Mudanças na Classe Política Brasileira*.

Lupe Cotrim Garaude (**1933-1970**)
Professora da primeira turma da Escola de Comunicações Culturais, hoje ECA/USP, lecionando Estética e Pensamento Filosófico em 1968. Estudou Filosofia na FFCL. Autora de ampla obra poética, reunida em livros como *Raiz Comum, Entre a Flor e o Tempo* e *Inventos*.

Maria Amélia de Freitas Mamede
Identificada no texto como "funcionária", provavelmente atuava como servidora pública. A partir de seu depoimento, sabemos que era membro da União das Mães de São Paulo contra a Violência, entidade que defendeu os estudantes durante os movimentos de 1968.

Maria do Carmo C. Campello de Souza
Professora da FFCL, onde estudou Ciências Sociais. Doutora em Ciência Política e professora da FFLCH/USP, lecionou também na Universidade de Columbia. Foi uma das fundadoras do Idesp. Escreveu, entre outros, *Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930-1964)*.

Maria Isaura Pereira de Queiroz
Professora de Sociologia da FFCL a partir da década de 1950. Livre-docente, é Professora Emérita da FFLCH e fundadora do Ceru — Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Escreveu, entre outros, *O Messianismo no Brasil e no Mundo*; *História do Cangaço* e *Carnaval Brasileiro: o Vivido e o Mito*.

Oscar Sala (**1922-2010**)
Professor de Física Geral e Experimental da FFCL a partir da década de 1940. Estudou Física Nuclear nos Estados Unidos e, como professor do IF/USP, trabalhou no desenvolvimento do acelerador de partículas da USP. Presidiu diversas instituições, como a Sociedade Brasileira de Física e a Fapesp. Publicou teses e diversos artigos a partir de suas pesquisas.

Oswaldo Monea
A partir das informações de seu depoimento, colhido e transmitido à comissão por Antonio Candido, sabemos que trabalhava como comerciante, tendo mantido um bar no Grêmio e um salão de barbeiro na FFCL.

Oswaldo Porchat Pereira (**1933-2017**)
A partir de 1967, quando concluiu seu doutorado, foi professor de História da Filosofia na FFCL. Professor emérito da FFLCH/USP, lecionou também na Unicamp. Escreveu, entre outros, *Ciência e Dialética em Aristóteles* e *Rumo ao Ceticismo*.

Vitor Ramos (**1920-1974**)
Professor de Literatura Francesa na FFCL. Nascido em Portugal, estudou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, hoje Unesp, e nos Estados Unidos. Publicou *Routrou: um Universo Equívoco*; *Cyrano de Bergerac: Auteur Tragique* e *Estudos em Três Planos*, entre outros.

siglas e abreviaturas

CA ou C.A. Centro Acadêmico
CCC Comando de Caça aos Comunistas
CPI Comissão Parlamentar de Inquérito
Crusp Conjunto Residencial da USP
D. Depoimento
DA ou D.A. Diretório Acadêmico
DCE Diretório Central dos Estudantes
Dops Departamento de Ordem Política e Social
FCEA Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP
FF Faculdade de Filosofia
FFCL Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, também citada no *Livro Branco* como "FF" (Faculdade de Filosofia), "Filosofia" ou "Filo-USP".
FP Força Pública
ME Movimento Estudantil
GC Guarda Civil
J. Jornal
Oban Operação Bandeirante
P. Pronunciamento
RU Reforma Universitária
Ubes União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UM Universidade Mackenzie
UEE União Estadual dos Estudantes
UNE União Nacional dos Estudantes
USP Universidade de São Paulo

LIVRO BRANCO

prefácio

antonio candido de mello e souza relator
carlos alberto barbosa dantas
carlos benjamin de lyra
eunice ribeiro durham
ruth correia leite cardoso
simão mathias presidente
comissão organizadora

Por ocasião dos incidentes ocorridos na Rua Maria Antônia, a 2 e 3 de outubro, de que resultou a depredação extensiva e inutilização provisória do edifício de número 294, um dos dois onde funcionavam três Departamentos e a Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — determinou a sua Congregação que se elaborasse uma espécie de "Livro Branco", a fim de permitir o estabelecimento da verdade, esclarecendo a opinião pública em geral, as autoridades, e os próprios professores e estudantes, nem todos cientes dos pormenores.

A Comissão para isto designada pelo Senhor Diretor, Professor Eurípedes Simões de Paula, levantou o material que lhe foi possível obter, consistente sobretudo em depoimentos, escritos de testemunhas presenciais, noticiário da imprensa, fotografias e pronunciamentos públicos. A seguir, organizou-o e utilizou-o para redigir uma apresentação dos fatos, o que lhe permitiu chegar a conclusões fundamentais em análise objetiva.

Para este trabalho, o pressuposto foi a busca de autenticidade. Com tal intuito, acolheram-se apenas dados garantidos ou de domínio público, estabelecendo-se entre eles uma hierarquia de credibilidade que se exporá abaixo.

À vista disso, resolveu a Comissão não acolher depoimentos de estudantes. Não porque os reputasse insatisfatórios. Mas como os seus autores eventuais foram parte atuante no incidente, a sua visão poderia apresentar-se involuntariamente deformada. Afora isto, acolheu os relatos de quem os quis apresentar, verificando-se no fim que a maioria absoluta provinha de professores, naturalmente mais empenhados em contribuir para o esclarecimento das ocorrências.

Um critério invariavelmente observado foi o de aceitar apenas depoimentos assinados, de pessoas conhecidas pela Comissão, que deste modo está em condições de garantir a sua idoneidade. Por isso, foram recusados testemunhos importantes, mas proveniente de pessoas desconhecidas, pouco conhecidas ou que não desejavam subscrevê-los com seu nome. Mas o que se perdeu em aumento de informações, ganhou-se em rigor.

Os jornais e revistas foram utilizados sobretudo como elemento de confirmação ou comprovação dos depoimentos, visto como a repetição de um informe é índice de sua veracidade. Esta prudência se baseou na circunstância da imprensa, devido à necessidade de informar com rapidez, veicular às vezes dados obtidos no calor da primeira impressão ou por meio de terceiros. Consideraram-se, todavia equivalentes aos depoimentos, as notícias acompanhadas de fotografias comprobatórias ou citação nominal não contestada de informante idôneo.

Quanto às fotografias, que a Comissão examinou em grande número, as mais significativas foram divulgadas pela imprensa ou mostradas na Câmara Federal pelo Deputado José Lurtz Sabiá, — corroborando depoimentos recolhidos ou valendo elas próprias como informação original e genuína.

Os pronunciamentos de entidades e grupos, que exprimem uma outra ordem de juízos, pois são feitos para tomar partido e convencer, foram utilizados como ilustração e sugestão para esclarecer pontos de vista a que o incidente deu lugar. Ao fazê-lo, a Comissão em nenhum momento quis utilizar o seu eloquente material a fim de "responder" ou polemizar com os que se colocaram em atitude contrária à Faculdade de Filosofia, pois entendeu que a sua tarefa era sobretudo coligir material fidedigno e, nele fundamentada, interpretar objetivamente o ocorrido. Para isto, redigiu uma exposição dos antecedentes, dos principais sucessos dos dias 2 e 3 e dos traços que chamaram a atenção das testemunhas — finalizando por conclusões.

Apesar de profundamente chocados, como de resto a Faculdade inteira, pela brutalidade de uma agressão sem precedentes na vida universitária do Estado, que obrigou ao abandono dos prédios onde se vinha trabalhando havia quase vinte anos, os membros da Comissão têm consciência de não se terem afastado, ao desempenhar o seu mandato, do desejo de encontrar objetivamente a verdade.

São Paulo, 6 de novembro de 1968.

reconstituição sucinta dos acontecimentos

Antecedentes

É antiga a animosidade de grupos estudantis da Universidade Mackenzie (UM), ou pessoas saídas de lá, contra seus colegas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFCL), tendo esta sido invadida em certas ocasiões, tal como ocorreu em 1964 quando foi depredado o Grêmio, e ainda em 1967 por ocasião da eleição da UEE. Mais recentemente, em agosto deste ano foi o prédio principal da FFCL pichado com inscrições tais como: "CCC voltou!", "Agora é prá valer", "Fora o comunismo", "CCC derrota o comunismo". Conforme **D. 18**[1], houve ameaça telefônica de que bombas seriam atiradas ao prédio da Faculdade às 11 horas do dia 4 de setembro, criando clima de intranquilidade sem que nada ocorresse.

A tensão latente dos últimos meses intensificou-se por ocasião de pedágios organizados por estudantes secundaristas e universitários que, segundo a imprensa (J. 1), arrecadavam fundos para o Congresso da UNE, na semana iniciada no dia 31 de setembro. Incidente de certa gravidade ocorre na manhã do dia 2 de outubro, por volta de 10 horas e 30 minutos. Conforme D. 14, o grupo que realizava o pedágio "foi atacado por uma chuva de pedras, paus e outros objetos provindos de pessoas que se encontravam nas dependências do Mackenzie, provocando reação de igual natureza...". O grupo atacado recebeu auxílio de estudantes que se encontravam na FFCL, inclusive mackenzistas, instalando-se um conflito violento, no curso do

1 Depoimento 18. Os Depoimentos que integram o *Livro Branco* são referidos por "D.", os jornais e revistas por "J." e os pronunciamentos por "P." [N. do E.]

qual os da Faculdade e seus aliados assaltaram, e parece chegaram a penetrar nos terrenos da Universidade Mackenzie, de onde foram todavia rechaçados. Na luta, travada com paus e pedras, os do Mackenzie jogaram contra os da Faculdade panos embebidos em ácido, que provocaram queimaduras em vários deles.

O Professor Vitor Ramos, da Faculdade de Filosofia, tentou entrar em comunicação telefônica com a Reitora da Universidade Mackenzie, para combinar uma ação simultânea junto aos respectivos alunos, a fim de fazer cessar o conflito. A Reitora não o quis atender; mas, tendo insistido, o Professor Vitor conseguiu falar com um professor daquela Universidade, que respondeu com evasivas, mas acabou prometendo fazer a diligência. O Professor Ramos conseguiu que os alunos da FF cessassem as atividades; mas como do outro lado não acontecesse o mesmo, eles acabaram por recomeçar a defesa (**D. 21**). Finalmente, o conflito iniciado pela manhã termina por volta de 13 horas e 30 minutos, com a intervenção da Guarda Civil.

Como resultado do conflito, o saguão do prédio principal da FFCL apresentava acúmulo de tijolos e pedras; as salas do segundo andar que dão frente para a Rua Maria Antônia tinham vidros das janelas quebrados, havendo grande número de pedras e fragmentos de tijolos sobre as mesas e no chão. Apesar do clima de intranquilidade, houve tentativa por parte de alguns professores de retomar as atividades normais. Mas a saída dos funcionários por falta de segurança e a tensão reinante mostraram que isto era impossível. À noite, a FFCL seria vítima de ainda um ataque: "Entre 22 e 23 horas, registro a circulação de automóveis em alta velocidade pelo quarteirão em que fica o prédio da Faculdade de Filosofia, sendo que de um deles é atirado um foguete cujas bombas explodem junto à porta principal" (**D. 7**).

Começo do Incidente do Dia 3

Os professores, alunos e funcionários que chegavam à Faculdade na manhã do dia 3, viam os portões da Universidade Mackenzie fechados e, nos jardins, um cordão de guardas-civis, atrás dos quais se mantinham jovens em atitude de expectativa. A manhã decorreu sem incidentes até poucos minutos antes das 11 horas. Por essa altura, estudantes da Faculdade de Filosofia amarraram nas colunas do prédio n. 294, uma ou mais faixas, cujos dizeres falavam na união de mackenzistas e alunos da Faculdade contra o CCC. Ato contínuo, saíram da UM jovens que as arrancaram, gerando um conflito com os que reagiram do outro lado. Note-se que neste momento os jovens dentro da Universidade Mackenzie passaram a manifestar uma atitude agressiva de luta, como quem estivesse esperando o seu início; e que os guardas, chamados para defender o patrimônio da UM, segundo declararam as suas autoridades dirigentes, não se opuseram à iniciativa dos mackenzistas.

fundamentação: depoimentos 2; 12; 13; 14 | jornais 5; 7; 12

Panorama do Dia

Iniciado o incidente do modo já relatado, a ação principal consistiu em atacar e defender, por meio de projéteis vários e bombas incendiárias, os prédios da Faculdade, sobretudo o de n. 294. Os elementos sediados na Universidade Mackenzie eram vistos no alto dos seus edifícios, no jardim adjacente e em um prédio bastante elevado, vizinho dos mesmos, do qual dominavam a luta de grande altura. Os elementos da Faculdade, ou a eles aliados, estavam no referido prédio n. 294, alguns em janelas do prédio vizinho, n. 258, e nas ruas, de onde tentavam incessantemente penetrar nos terrenos da Universidade Mackenzie, o que conseguiram algumas vezes, sendo rechaçados. Durante algum tempo, elementos da Faculdade atacaram na esquina da Itambé, mas foram dali desalojados pela polícia, quando começaram a molestar realmente os elementos situados dentro da Universidade Mackenzie (**D. 8**). Elementos estudantis da Faculdade tentaram forçar a entrada no edifício alto (ao lado da Mackenzie) em cujo topo se encontravam atacantes, mas foram impedidos por policiais, que guardavam o prédio no interior e assim garantiam a ação dos atacantes. A certa altura, conseguiram entrar num prédio vizinho, e de lá atiraram algumas bombas molotov sobre o prédio novo da Escola de Engenharia Mackenzie, mas retiraram-se depois, não podendo manter a posição.

A posição dos mackenzistas dava-lhes um controle quase absoluto da situação. Não apenas seu grande terreno, aberto para várias ruas, permitia o municiamento e livre trânsito, como também o estacionamento tranquilo de tropas da Guarda Civil e mais tarde da Força Pública. A ocupação do prédio alto ao lado, contando com a cobertura da polícia, (**D. 16**) deu aos elementos da Universidade Mackenzie posição privilegiada para o bombardeio com bombas incendiárias, que se intensificou no período da tarde. Ao contrário, dos dois edifícios da FFCL, apenas um, de n. 294, faz frente aos da UM, mas em nível inferior, o que não permitia revide eficaz, sendo que as "bombas molotov" preparadas com este fim, ou não foram atiradas, ou obtiveram pouco efeito (**D. 23**). Por não possuírem terreno, salvo um pequeno pátio de passagem, os ditos prédios tiveram suas entradas na calçada da Rua Maria Antônia bloqueadas como medida de defesa contra os incessantes ataques. Mesmo o acesso ao prédio da Faculdade pelo pátio interno, com entrada pelo Instituto de Administração na Rua Dr. Vila Nova, ficou seriamente comprometido, em vista do ataque incessante, por meio de bombas, pedras e algumas vezes balas, vindas do já mencionado prédio alto contíguo ao Mackenzie. A travessia do pátio por professores e alunos era feita com grave risco (por exemplo: **D. 4, D. 5, D. 7, D. 10**).

No prédio de nº 294, situado em nível inferior ao dos mackenzistas e completamente dominado pelo edifício ocupado por mackenzistas ou aliados, organizou-se uma defesa, ainda que precária, visto se acharem os defensores em posição muito exposta. A cada momento surgiam incêndios nos telhados e nas salas (**D. 1, D. 2, D. 4, D. 6, D. 7**), extintos pelos alunos e bombeiros, estes se expondo aos mesmos perigos que os defensores (**D. 2**), tendo alguns deles sido igualmente

machucados. Para diminuir o perigo foram desligadas as chaves de luz, menos a central, exposta do lado de fora aos atacantes.

Quando por volta de 15 horas e 30 minutos os defensores sentiram que a defesa era impossível, a grande maioria saiu em passeata para a cidade, com o intuito de denúncia e protesto, cometendo aliás excessos lamentáveis, como a queima de carros oficiais. Ficou no prédio um número reduzido, que foi persuadido a se retirar por volta das 19 horas (**D. 1, D. 2, D. 4, D. 13**). Durante este período, inspecionaram os prédios da Faculdade o Diretor, o Secretário, e vários professores da Congregação, que foram em seguida pedir providências ao Secretário da Segurança por volta das 17 horas. Quando a maioria voltou, antes das 19 horas, os últimos estudantes resolveram evacuar o prédio. Pouco depois, os líderes, de retorno da passeata, fizeram breves comícios na esquina da Rua Dr. Vila Nova e concitaram os colegas a deixar de todo a luta, o que parece ter sido feito pela absoluta maioria. A partir de então, ficaram na rua alguns grupos de alunos da Faculdade, alunos do Mackenzie, contrários ao ataque feito por seus colegas e aliados, secundaristas e outros elementos do movimento estudantil. Os atacantes lançavam bombas e davam tiros contra tais grupos, sem deixar de bombardear a Faculdade abandonada, onde alguns bombeiros continuavam, com rara dedicação, extinguindo os focos de incêndio. Com o domínio completo da situação, sob a vista e proteção das forças policiais presentes, saíam do Mackenzie grupos armados, que iam até o prédio da Faculdade e atiravam para dentro "bombas molotov", através das janelas do andar térreo, procurando maior êxito nas tentativas de incêndio (**D. 2, D. 13**). Isto durou quase até às 21 horas, quando as tropas da Força Pública penetraram no prédio.

Neste momento, começa outra fase, em que elementos do Mackenzie se misturam a soldados da Força Pública, para juntos dispersarem os grupos que se movimentavam na rua ou que simplesmente olhavam os acontecimentos. É quando a Força Pública invade o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, à procura de pessoas que se haviam refugiado lá, dando tiros, arrombando portas, lançando bombas em seu interior, sem contar a intimidação de professores da Faculdade de Filosofia e da própria Ciências Econômicas, que lá se encontravam e em seguida foram evacuados em parte, sendo outros presos (**D. 2, D. 6, D. 9**), entre os quais as Professoras Paula Beiguelman e Maria do Carmo Campello de Souza (**D. 22**). Esta fase final não se encerraria sem um último incidente que bem indica a parcialidade das forças de segurança. O Prof. Jr., membro da Congregação da FFCL e Diretor do Departamento de Filosofia, foi preso e espancado após se identificar como professor (**D. 3**). Cerca de 22 horas e 30 minutos terminou o movimento na área.

fundamentação: depoimentos 1; 2; 3; 6; 7; 8; 12; 13; 18 | jornais 4; 5; 7

(Para melhor compreensão do relato geral do conflito ocorrido no dia 3, destacamos alguns tópicos, com a finalidade de detalhar e explicitar certos aspectos que nos parecem essenciais).

Violência da Agressão

Dada a superioridade estratégica e de armamento, a agressão partida de elementos sediados na UM revestiu-se de grande violência. Com fases de maior ou menor intensidade, o ataque durou cerca de dez horas, concentrando-se principalmente no prédio maior da Faculdade, de n. 294, onde estavam os defensores. Observando *in-loco* por volta das 16 horas, dois professores registraram que: "Quase de minuto em minuto caia uma bomba molotov (garrafa de gasolina em fogo) no pátio; além disso caiam pedaços de telhas, ladrilhos, etc." (**D. 10**). Os que na rua procuravam atacar a UM recebiam tiros, bombas, pedras, caibros e telhas. Outro professor, no interior do prédio 296, onde tentava dissuadir os estudantes, que se defendiam em clara situação de inferioridade, observa que: "No exato momento em que falávamos com os estudantes, tentando impedir que algo mais grave sucedesse e afirmando que procuraríamos incontinenti a direção da escola para pôr fim àquela situação, uma das persianas do salão foi varada por um projétil. Os tiros se sucederam e algumas balas foram guardadas como provas" (**D. 1**); por volta das 12 horas e 30 minutos. Mais grave do que isso, dentre os estudantes ou aliados da Faculdade de Filosofia, caiu um morto, houve pelo menos quatro feridos à bala e um grande número de feridos por pedras, além de alguns queimados por ácido. O número total é desconhecido, porque os atingidos e seus colegas evitaram o quanto foi possível chamar a atenção das autoridades.

Estes fatos ressaltam não apenas dos testemunhos, mas do noticiário dos jornais, alguns dos quais publicaram a respeito fotografias impressionantes. Nem os corajosos bombeiros que debelavam sucessivos incêndios escaparam à fúria da agressão: "Dois bombeiros vieram pedir para telefonar, um deles machucado. Queriam comunicar ao seu superior que tinham sido obrigados a sair do 30 e do 40 andares do nosso prédio n. 294, os mais visados, porque estavam expostos a ferimentos graves da parte dos atacantes" (**D. 2**).

fundamentação: depoimentos 1; 2; 3; 8; 10; 12; 14; 18; 20 | jornais 2; 4; 7; 9; 11; 12

Armas de Fogo e Outras

Além de documentos fotográficos decisivos (alguns dos quais amplamente divulgados pela imprensa, outros exibidos no plenário da Câmara Federal pelo Deputado José Lurtz Sabiá), diversos testemunhos e notícias de jornal constatam o uso de armas de fogo por parte dos elementos sediados na UM. Relata uma testemunha: "Por volta de 16 horas, tendo subido ao último andar do edifício n. 228 da Rua Dr. Vila Nova, pude verificar que, no telhado de um dos prédios da Universidade Mackenzie havia uma meia dúzia de pessoas do sexo masculino, trajando roupa esporte, sendo que duas delas portavam revólveres e de tempos em tempos faziam disparos a um alvo não possível de ser identificado do local onde me encontrava, situado em um ponto à esquerda de quem estivesse olhando para o

citado prédio. Um desses dois indivíduos portava também uma espingarda, ou arma do mesmo feitio, e que disparava de tempos em tempos na mesma direção, já explicada, após cuidadosa pontaria" (**D. 11**). Este depoimento vem corroborar passagem do noticiário de imprensa do dia 4 (**J. 4**), confirmada por fotografia.

Apenas um jornal noticia que a certo momento houve pânico entre os estudantes sediados na UM, por julgarem ter visto no prédio da FFCL alguém com uma espingarda; e o manifesto de defesa dos mackenzistas fala em tiros que deixaram marcas nas paredes de sua instituição. Vários professores que inspecionaram os edifícios da Faculdade de Filosofia registram a ausência de armas de fogo entre os defensores (**D. 1; D. 20**). Segundo um jornalista que ali penetrou, alunos empenhados na defesa lamentaram não possuir armas de fogo para opor às dos adversários (**J. 7**).

Sucintamente, o emprego de armas de fogo contra a FF é evidenciado por: 1) balas no chão da Faculdade; 2) vidros e tapumes furados por bala; 3) pessoas feridas à bala. Um professor que percorreu o prédio n. 294 afirma: "Cerca de 17 horas ao retirar-me do prédio, encontrei no galpão que liga a Faculdade de Filosofia ao Instituto de administração, um aluno do curso de Ciências Sociais que se encontrava ferido, estendido sobre um banco. Seus colegas afirmavam que fora atingido por uma bala, disparada de um prédio vizinho à Universidade Mackenzie. Com o auxílio de outras pessoas, levei o estudante para o pronto socorro Iguatemi, à Rua Cardoso de Almeida. Examinado pelos médicos, constatou-se que se tratava de ferimento feito por arma de fogo, razão pela qual a direção do pronto socorro comunicou a ocorrência ao Departamento de Ordem Política e Social" (**D. 15**).

Além disso, foram lançadas contra a Faculdade de Filosofia, bombas de gás lacrimogêneo de fabricação norte-americana, cujos efeitos são anotados por algumas testemunhas, sendo que mais de uma foi encontrada no pátio da Faculdade, como a que está em poder do Diretor, a quem foi entregue pelo Prof. J. A. Gianotti, e a que foi encaminhada a esta Comissão pela Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz. No prédio vizinho ao Mackenzie, ocupado pelos atacantes, encontrou a reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* tais bombas e ainda balas de grosso calibre, munição esta de uso privativo das forças de segurança do Estado, havendo fotografia comprovativa na edição de 4 de outubro.

Tudo isto indica, portanto, armamento copioso que nenhuma notícia de jornal ou testemunha registra na Faculdade de Filosofia. Quando nela entrou, após o término dos incidentes, um delegado disse ter achado algumas caixas de bala calibre 38, cujo uso não está constatado por nenhuma das fontes de informação.

fundamentação: depoimentos 1; 2; 4; 5; 7; 8; 9; 11; 12; 13; 14; 15; 18; 19; 20; 22 | jornais 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 12

Preparo Relativo dos Grupos em Conflito

Vários testemunhos indicam que os alunos da Faculdade, ou seus aliados, estavam improvisando a defesa enquanto se desenvolvia o ataque, sobretudo por meio de coletas feitas nas ruas circundantes, destinadas a compra de fogos e medicamentos. Fogos e pedras é o que registram os testemunhos, além de "bombas molotov", fabricadas às pressas com camisas rasgadas e a pouca gasolina disponível (**D. 4**); não há referência à entrada de grandes recipientes ou carga de veículos durante o conflito, do lado da Faculdade de Filosofia. Mais de um testemunho registra a pequena eficácia da resposta dos estudantes da FF, dada a situação topográfica de inferioridade e a pequena quantidade de material explosivo disponível. Um jornal assinala no 4º andar da FF uma espécie de grande estilingue para lançar pedras maiores. Um membro desta Comissão, junto com outros colegas, verificou tratar-se de uma tira de borracha atada às duas pernas dianteiras de uma cadeira, cujas pernas traseiras haviam sido quebradas.

É de se notar que enquanto os bombeiros no interior da Faculdade de Filosofia foram atingidos e machucados por objetos diversos lançados da Universidade Mackenzie, e em dado momento tiveram que suspender o combate ao fogo, do lado da UM não se registra ferimento nos policiais que se encontravam em posição bastante mais exposta nos jardins.

No noticiário de imprensa do dia (**J. 4**) registra-se a entrada de botijão de gasolina através do portão lateral da UM na Rua Itambé. Corroborando tal informação, veja-se depoimento n. 16.

fundamentação: depoimentos 2; 4; 8; 10; 13; 16; 18; 20 | jornais 4; 5; 7; 12

Atuação das Autoridades Universitárias e dos Corpos Docentes

Uma pergunta surge imediatamente: qual foi a atitude das autoridades universitárias e dos docentes em face de uma situação de tamanha gravidade?

Como se sabe, nos prédios da Rua Maria Antônia não funcionava mais a administração da FFCL, transferida em julho para a Cidade Universitária, mas apenas as aulas de gabinetes de três departamentos (Filosofia, Ciências Sociais e Letras), a Biblioteca Central e o grêmio dos alunos. Entre bibliotecas de Setor e a Central, deve haver cerca de 150.000 volumes, além do importante Museu de Etnografia. Só graças ao esforço dos bombeiros e dos alunos, foi possível evitar um incêndio catastrófico.

No momento do conflito, estavam presentes os professores que tinham aulas marcadas, e outros foram chegando até que pouco depois das 16 horas acorria a Congregação com seu Diretor, vindos de reunião na Cidade Universitária.

De tudo que se colheu em depoimentos e notícias de jornal, é evidente que os professores da Faculdade: 1) não estimularam os seus alunos à luta; 2) tentaram pôr termo a ela; 3) fizeram gestões junto à UM com este fim; 4) deram aos alunos

e ao prédio assistência de socorro e preservação; 5) solicitaram das autoridades um comportamento neutro e ativo, visando a fazer cessar o conflito; 6) procuraram, mesmo, estabelecer entendimentos entre as lideranças estudantis dos dois lados; 7) não desampararam o prédio da sua escola, inclusive com risco de sua integridade física. Tudo isto se torna patente pelo exame comparado dos diversos depoimentos e pela análise do noticiário dos jornais.

fundamentação: depoimentos quanto a ação moderadora e à assistência: 1; 5; 6; 10; 13; 15; 21
quanto à gestão junto à UM: 7; 10; 21 | jornais: 5

No que toca à UM, os elementos de que dispomos são menos numerosos, mas em todo caso suficientes para sugerir que: 1) as autoridades e docentes da Universidade Mackenzie apoiaram integralmente a ação dos seus alunos e respectivos aliados; 2) nada fizeram para pôr-lhe cobro; 3) cuidaram da defesa de seu patrimônio sem atender à destruição do de seus vizinhos; 4) não se mostraram muito receptivos ante as tentativas de apaziguamento partidas de professores da Faculdade de Filosofia e de uma comissão de senhoras.

Durante diálogo com a referida comissão, que a procurou após entendimentos com o Sr. Governador do Estado, a Reitora da Universidade Mackenzie identificou-se plenamente com seus estudantes e todas as respectivas atitudes, chegando a afirmar: "Chamei mesmo a polícia. E, se necessário fosse, sairia de pau nas mãos com meus alunos, para defendê-los e para defender o próprio particular" (**D. 17**). Dado esse clima emocional, não é de surpreender que as gestões de apaziguamento não tenham surtido efeito.

fundamentação: depoimentos 7; 10; 13; 17; 21

A Polícia

Desde as primeiras horas da manhã do dia 3, viam-se guardas civis dentro dos terrenos da UM, chamados, ao que parece, na véspera. Ali postados, assistiram ao início e desenvolvimento do conflito sem tomar qualquer providência para sustá-lo. Segundo depoimento: "A polícia observava, impassível, a depredação de uma propriedade do Estado, a utilização de armas de fogo, a entrada de material de luta na Universidade Mackenzie, como pedras, caixas de fogos e galões de gasolina sem fazer um gesto para evitar todos estes fatos" (**D. 16**). Outras testemunhas mostram que os guardas saíram à rua, partidos do Mackenzie, para afastar grupos da FFCL e impedir que ameaçassem o interior daquele Instituto (**D. 8**). Postado na saída da Rua Maria Antônia, esquina da Itambé e Major Sertório, um cordão de guardas civis com seus capacetes assistia ao conflito, sem esboçar um gesto para lhe pôr termo, *mesmo depois de se verificar uma morte*, entre 14:30 e 15 horas.

Tendo o Diretor da Faculdade solicitado ao Secretário de Segurança que interviesse para fazer cessar o conflito, fazendo ocupar a Rua Maria Antônia, esta medida só foi tomada muitas horas depois e se revestiu do caráter de invasão da Faculdade. O Major comandante do destacamento chamou a imprensa para mostrar a "subversão" que ali reinava, — isto é, cartazes e apelos políticos, — como se a sua tarefa fosse, não restabelecer a ordem e defender a propriedade do Estado, mas denunciar atitudes ideológicas. Deve-se notar que a tropa da Força Pública estava estacionada na Universidade Mackenzie, de onde pelo menos parte dela saiu para ocupar a Faculdade de Filosofia e "limpar" as ruas (**D. 10**).

Voltando atrás, registramos que, ao proceder a ocupação da FF, as tropas da Força Pública procederam também à "limpeza" das ruas adjacentes, onde havia conflito entre mackenzistas e partidários dos alunos da Faculdade. No corre-corre estabelecido, registrou-se violências inúteis, que manifestam ânimo claro de "castigar" a USP. É o caso da invasão da Faculdade de Ciências Econômicas, onde estavam professores das duas Faculdades e onde se refugiaram alunos perseguidos pelos cães e pelas balas. Houve aí tiros, arrombamentos, bombas, prisões. No critério com que estas foram feitas, verificou-se que havia busca intencional de estudantes da Faculdade, enquanto que os demais elementos eram dispensados, chegando um oficial a intervir para impor a um estudante, que disse pertencer a ambas as instituições, Mackenzie e Filosofia, uma definição a respeito de sua fidelidade: *nós* ou *eles* (**D. 22**). Note-se mais uma vez que a missão da Força Pública, segundo o próprio Secretário da Segurança, era apenas ocupar a área e se necessário as duas escolas, para pôr termo ao incidente.

No mesmo sentido, lembremos a prisão de vários professores da FF. Um deles, que já estava fora da área conflituosa, observando tropelias policiais nas imediações, declinou a sua condição com o intuito de preservar-se e, exatamente em virtude disto, foi preso e espancado (**D. 3**).

Tais fatos, e outros registrados na documentação, como o estacionamento das tropas da Força Pública nos terrenos da UM, de onde saíram para as ações descritas acima, revelam impressionante parcialidade da polícia, que foi reconhecida e expressa pelo Deputado Federal Isael Dias Novais (**D. 13**).

fundamentação: depoimentos 1; 2; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 16; 17; 18; 20; 22 | jornais 1; 2; 4; 7; 10

apreciação sobre
os acontecimentos

Reflexões Baseadas nos Fatos

O exame dos fatos, registrados na documentação em anexo e expostos de modo sistemático nas páginas precedentes, permite algumas conclusões objetivas.

Antes, porém, torna-se necessário situar os acontecimentos num panorama social e político mais amplo. Parece certa a participação de forças organizadas infiltradas entre estudantes da Universidade Mackenzie dirigindo o violento conflito do dia 3 de outubro, aproveitando-se de uma rixa estudantil existente entre os alunos da Universidade Mackenzie e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, a qual por si só, jamais levaria a um conflito de tamanhas proporções. Talvez certas pessoas ou grupos tenham querido "dar uma lição" e "um exemplo". Neste sentido, quem sabe houve gestões alheias aos estudantes para assegurar um vasto armamento que permitiu a violência sem par na história dos conflitos estudantis: um ataque de dez horas quase ininterruptas. Além disso, teria havido ao mesmo tempo a possibilidade, por parte dos referidos grupos, de assegurar a conivência tácita e depois expressa das forças policiais.

Este quadro se insere perfeitamente no clima de intranquilidade reinante no país, em que o número de atentados às instituições, aparentemente isolados, tem-se multiplicado, procurando solapar a ordem vigente. Basta lembrar, nos últimos meses, a agressão à Universidade de Brasília, atentados aos teatros, livrarias e outras instituições culturais.

Isto, quanto ao mecanismo mais profundo dos acontecimentos.

No plano imediato, avulta certamente a rivalidade das duas escolas vizinhas, que deve ter sido razão suficiente para despertar o ardor de muitos estudantes,

professores e administradores da Universidade Mackenzie. Os pronunciamentos oficiais desta instituição deixam claro que se julgava agredida e, sendo assim, justificava a atitude predatória dos seus estudantes.

Por outro lado, as palavras da Profa. Esther Figueiredo Ferraz, em diálogo com a comissão de mães que a procurou no dia 3, revelam cunho paternalista no trato das relações entre direção e alunos na UM: "Os alunos do Mackenzie diferenciam-se dos das escolas oficiais por sentirem em nós, seus professores, carinho e compreensão — somos aqui uma família — enquanto que os outros não têm comunicação alguma com seus professores, motivo porque vivem pedindo reformas e fazendo greves" (**D. 17**).

Esta atitude levou provavelmente a Magnífica Reitora a não avaliar a infiltração de grupos terroristas no corpo discente do Mackenzie. Em entrevista ao *Jornal da Tarde* de 8.10.68, um elemento não identificado do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) reivindica a liderança para sua organização: "A briga começou entre estudantes das duas faculdades, por divergências políticas, e como havia no Mackenzie um grupo do CCC, foi este grupo que dirigiu o ataque e comandou a invasão, por ser profundo conhecedor de guerrilha urbana" (**J. 11**).

Acontecimentos posteriores na UM, noticiados pela *Folha da Tarde* de 24.10.68 (**J. 14**), revelam que não existe a suposta unidade dos estudantes daquela instituição, relativamente aos acontecimentos dos dias 2 e 3. O noticiário dá nomes de estudantes que estão sendo pressionados por terem divergido, e revela ainda que ponderável parcela da Escola de Arquitetura se opõe à versão oficial do DCE e das autoridades universitárias, fazendo grave acusação ao modo pelo qual foi obtido o manifesto divulgado pelo DCE. Isto corresponde ao que está dito num impressionante manifesto mimeografado, onde alunos das diferentes Faculdades da UM denunciam a ação do CCC, a colaboração de professores e o apoio da Reitora na agressão à FFCL. A apuração caberia talvez à CPI da Assembleia Legislativa.

Conclusões

Para finalizar, alinhamos algumas reflexões e conclusões baseadas nos fatos e nas análises feitas a partir deles.

1. O noticiário dos jornais mostra, sem discrepância, a agressividade maior de elementos da UM ou seus aliados, manifestada no uso de armas privativas das forças do Estado, na ação de elementos bem treinados para a luta e na coordenação dos ataques, que permitiram manter de modo surpreendente a intensidade da ofensiva. Nada disso se verifica quanto aos alunos da FFCL da USP.
2. O mesmo noticiário revela os estragos catastróficos no prédio n. 294, da dita Faculdade; a lesão substancial ao seu patrimônio; a morte e ferimentos de elementos que a ela pertenciam como estudantes ou tomaram o lado destes. Em comparação, registram-se pequenos estragos na UM.
3. O exame dos depoimentos mostra que da FFCL partiram gestões no sentido de pôr termo aos conflitos, mas nenhuma da UM, mostrando acentuada diferença de atitudes.
4. Não há notícias de estudantes da FFCL dando razão à UM, sendo que o inverso é notório, inclusive por meio de manifesto e da presença, em passeatas de protesto, de mackenzistas trazendo faixas que reprovavam as atitudes de sua instituição, de certo tipo de colegas e respectivos aliados. Perseguições e represálias a estudantes que assim divergiram foram noticiadas pela imprensa, revelando a existência de grupos que protestam e indicando que os acontecimentos ultrapassam a dimensão de uma rixa de estudantes.
5. A UM deu a público dois pronunciamentos justificativos, nos quais toma partido pelos estudantes em conflito e, com a assinatura de sua Reitora, manifesta desprezo pelos elementos dissidentes. Houve ainda, no mesmo sentido, pronunciamentos dos estudantes do DCE daquela instituição, sendo que a legitimidade deste é contestada por colegas seus. Mas ninguém fora da UM ou do CCC, veio a público apoiar tais versões oficiais.
6. A FFCL publicou igualmente dois pronunciamentos e uma breve nota, expondo a sua versão dos fatos, e nisto não houve divergências da parte de qualquer dos seus elementos, administradores, professores ou estudantes. Doutro lado, foi apoiada em pronunciamentos dados à imprensa por outras entidades ou grupos, que denunciavam a agressão, tais como: Associação Paulista dos Professores do Ensino Superior; União Brasileira de Escritores (Departamento Estudantil); Escola de Jornalismo Cásper Líbero; artistas do teatro, rádio e televisão. Além disso, opiniões colhidas entre moradores e comerciantes da Rua Maria Antônia são nitidamente favoráveis aos alunos da FFCL, tida como vítima de agressão (**J. 10**).
7. Não ficou provada a eventual ligação dos estudantes da FFCL com qualquer grupo alheio ao movimento estudantil. No entanto, do relato que fizemos e por declaração publicada de um membro da organização terrorista (**J. 11**), parece fora de dúvida a ligação ou assistência mútua de estudantes da UM e tais organizações. Este fato é confirmado de maneira impressionante por uma reportagem assinada e ilustrada, que a revista *O Cruzeiro* publica em sua edição datada de 9 de novembro, com nomes, endereços e funções de pessoas que participaram no ataque à FFCL.
8. A parcialidade das forças policiais, já anteriormente analisada com base nos depoimentos e noticiários na imprensa, indicando verdadeira tomada de partido contra a USP neste incidente, está a exigir maiores esclarecimentos. Ela significa a participação dos agentes legais numa agressão pública, além de omissão do Estado na função precípua de manter a ordem e defender o seu patrimônio.

documentação

Depoimentos

D. 1 Antonio Augusto Arantes Neto, Instrutor da FFCL-USP
D. 2 Antonio Candido de Mello e Souza, Prof. da FFCL-USP
D. 3 Bento Prado de Almeida Ferraz, Prof. da FFCL-USP
D. 4 Camilla Mendes Luiz, antiga aluna da FFCL-USP
D. 5 Célia Quirino dos Santos, Instrutora da FFCL-USP
D. 6 Carlos Alberto Barbosa Dantas, Prof. da FFCL-USP
D. 7 Duglas Teixeira Monteiro, Instrutor da FFCL-USP
D. 8 Edgard Carone, Fazendeiro
D. 9 Elza Furtado Gomide, Profa. da FFCL-USP
D. 10 E. W. Hamburger e Oscar Sala, Profs. da FFCL-USP
D. 11 Fábio De Luca, Instrutor da FFCL-USP
D. 12 José Aderaldo Castello, Prof. da FFCL-USP
D. 13 José Arthur Gianotti, Prof. da FFCL-USP
D. 14 José C. Garbuglio, Prof. Assistente da FFCL-USP
D. 15 Leôncio M. Rodrigues, Prof. Assistente da FFCL-USP
D. 16 Lupe Cotrim Garaude, Profa. da Escola de Comunicações-USP
D. 17 Maria Amélia de Freitas Mamede, Funcionária
D. 18 Maria I. Pereira de Queiroz, Profa. Assistente da FFCL-USP
D. 19 Oswaldo Monea, Comerciante
D. 20 Oswaldo Porchat Pereira, Prof. Assistente da FFCL-USP
D. 21 Vitor Ramos, Professor Assistente da FFCL-USP
D. 12 Maria do Carmo C. C. Souza, Instrutora da FFCL-USP

depoimentos

Depoimento 1

Antonio Augusto Arantes Neto *Instrutor da Cadeira de Antropologia*

Às 11 horas e 15 minutos, quando eu subia pela Rua Dr. Vila Nova em direção à Maria Antônia, tudo parecia normal. Ao dobrar a esquina, deparei com um grupo de aproximadamente duzentas pessoas (entre populares e estudantes) que se encontrava no meio da rua e nos bares. Mais adiante, na esquina da Rua Itambé, havia um outro grupo de populares. Algumas pessoas corriam pela rua, tentando alcançar o outro lado ou entrar no prédio da Faculdade de Filosofia, cuja calçada estava coberta de tijolos quebrados, pedras e pedaços de madeira.

Correndo pela calçada, consegui entrar no prédio da Faculdade de Filosofia pela porta principal. No saguão, alguns estudantes ajuntavam pedras e tijolos para levar aos andares superiores. Alguns corriam atônitos, de um lado para o outro. O clima parecia ser de surpresa geral e de indignação, pois um grande número de policiais que se encontrava nos jardins do Mackenzie e adjacências se mantinha totalmente impassível diante da situação.

Conversando com outro professor da Faculdade, resolvemos dissuadir os estudantes dada a clara situação de inferioridade em que se encontravam. Dirigimo-nos às pressas ao terceiro andar de onde partia o contra-ataque. No ex-salão nobre, encontramos rapazes e moças (em número não superior a trinta) que, das janelas, tentavam revidar a agressão com pedras e rojões de pequeno alcance. O barulho era infernal e mal ouvíamos as palavras uns dos outros. Do Mackenzie vinham, seguidamente, rojões e pedras contra as persianas da Faculdade. No exato

momento em que falávamos com os estudantes, tentando impedir que algo mais grave sucedesse e afirmando que procuraríamos incontinenti a direção da escola para pôr fim àquela situação, uma das persianas do salão foi varada por um projétil. Os tiros se sucederam e algumas balas foram guardadas como prova. Evidentemente, não havia mais clima para qualquer tentativa de apaziguamento. Percebemos a gravidade da situação, os estudantes mandavam que todos os que não tivessem o que fazer saíssem do local posto que arriscariam desnecessariamente as suas vidas.

Descemos para o saguão. Tentamos sair mas a porta principal já estava obstruída e os estudantes pediam que ninguém permanecesse naquele local: lá também já não havia condições de segurança.

Alguns estudantes se mobilizavam para instalar uma enfermaria. Ouvi dizer que já havia feridos. Eram 12 horas e 30 minutos aproximadamente.

A princípio, estava preocupado mas pensei que se tratava de mais uma das muitas agressões dos mackenzistas que pude presenciar nos sete anos que frequento a Faculdade de Filosofia. Entretanto, ao perceber que eles usavam armas de fogo (entre os estudantes da Filosofia não vi um revólver sequer) com a total conivência do destacamento policial que lá se encontrava, pressenti que uma situação muito mais grave se configurava. Resolvi, em vista disso, sair e avisar os demais professores. Precisávamos tomar uma atitude em conjunto pois os estudantes estavam arriscando as suas vidas em defesa de uma propriedade do Estado, sem contar com nenhum apoio.

Só se podia sair pelo edifício do Instituto de Administração e para utilizar esta saída era necessário atravessar o pátio o que, a essa altura já era bastante arriscado, pois os agressores lançavam suas pedras, tijolos e rojões também lá, tentando impedir a passagem dos que se encontravam na Faculdade. Usando uma tábua como proteção e com a ajuda de um estudante que se encontrava do outro lado do prédio e que tinha melhores condições de visibilidade do que eu, corri, beirando a parede da biblioteca e da gráfica, até atingir o grêmio.

Retornando por volta das 14 horas e 30 minutos, encontrei vários professores que tentavam atravessar o pátio para chegar ao prédio principal pois já havia princípio de incêndio e era necessário verificar as condições em que se encontravam as Cadeiras. O perigo era muito maior do que quando saí pois os agressores haviam multiplicado a violência do ataque. Desviando das pedras e nos arriscando a levar um tiro, atravessamos correndo a "linha de fogo".

Passei pela Cadeira de Antropologia e encontrei tudo em ordem. Subindo até o terceiro andar, cruzei com um estudante que havia sido ferido na cabeça por uma pedra e que recebera os primeiros socorros ali mesmo na Faculdade e que estava sendo levado a um pronto-socorro.

No prédio da Faculdade de Filosofia, surge um princípio de incêndio no quarto andar. Os estudantes, fazendo o possível para que todos se mantivessem em calma, tentam apagá-lo carregando água em panelas e pequenas latas.

As medidas de segurança haviam sido redobradas, pois os tiros se sucediam. Pediam a todos que ficassem nas salas do fundo, onde estariam menos expostos.

Esta situação se prolongou durante toda a tarde. Às 15 ou 16 horas, os estudantes resolveram sair às ruas em protesto contra a morte de um secundarista que havia sido baleado sem que a polícia tivesse tomado qualquer medida.

Vem uma ordem para que o prédio seja desocupado pois não há mais condições para se manter o contra-ataque. Muda-se a enfermaria. Contudo, alguns estudantes, contra as ordens da liderança, permanecem na Faculdade. Um grupo de professores resolve chamar os bombeiros pois são muitas as bombas incendiárias atiradas contra a Faculdade. Alguns minutos depois, chegam dois carros do Corpo de Bombeiro que tentam apagar o fogo pelo lado de fora, na Rua Maria Antônia. Os próprios bombeiros levam pedradas e resolvem combater o fogo dentro do prédio, fazendo a mangueira subir pelo pátio.

Num prédio em frente à Faculdade podiam ser vistos guardas-civis que das janelas apreciavam o desenrolar da luta. Eles podiam ser reconhecidos pelos chapéus e, depois de os haverem tirado, pelas camisas azul-claras.

Por volta das 18 horas, os estudantes voltam da passeata e entram novamente no prédio para auxiliar os colegas.

A essa altura, além das armas já citadas, bombas de gás de fabricação norte-americana eram arremessadas contra os nossos estudantes. Há incêndio em vários pontos da Faculdade, principalmente nas salas que se encontram na parte da frente dos terceiro e quarto andares. Já não se podia continuar no prédio. Os próprios bombeiros impediam que se circulasse pelos corredores por causa dos tiros que ainda vinham contra nós. O ar estava carregado de fumaça, gás lacrimogêneo e amoníaco.

Entre 18:30 e 19 horas é ordenado o abandono imediato da Faculdade. Ficar mais algum tempo seria realmente suicídio. Todos saíram pelos fundos, abandonando o prédio à ação dos poucos bombeiros que lá permaneceram. Quando às 19 horas e 30 minutos deixei as imediações da Faculdade, os mackenzistas continuavam a lançar suas bombas contra o prédio vazio. Estava claro que o ataque não se dirigia apenas aos estudantes, mas também contra a instituição que nesse momento era simbolizada pelo edifício n. 294 da Rua Maria Antônia.

Depoimento 2

Antonio Candido de Mello e Souza *Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada do Departamento de Letras da FFCL/USP*

Quarta-feira, dia 2 de outubro, recebi um telefonema cerca das 14 horas, avisando que tinha havido um conflito entre alunos do Mackenzie e da Faculdade, pelo fato dos primeiros haverem atacado os secundaristas que cobravam pedágio na rua e os nossos terem saído em defesa destes. À vista disso, os funcionários tinham sido

dispensados e o prédio ia ser fechado, suspendendo-se as atividades daquele dia. Como verifiquei posteriormente, a informação não era exata (pois embora suspensas as aulas, o prédio ficou aberto): mas fiado nela, desisti de ir até lá.

No dia seguinte, quinta-feira dia 3, cheguei às 7 horas e 45 minutos para dar aula e vi que os portões do Mackenzie para a Rua Maria Antônia estavam fechados: dentro do terreno, havia um cordão de guardas-civis e, atrás dele, muitos alunos em atitude de quem espera algo. Supondo que os nossos vizinhos tivessem solicitado policiamento preventivo, imaginei que pelo menos assim evitar-se-ia a repetição de incidentes, e dei normalmente a aula, — à saída da qual uma aluna contou que na véspera fora atingida por um ovo lançado do Mackenzie, quando saía do prédio. Dei expediente, atendendo pessoas e tomando providências de rotina até pouco antes das 11 horas, mas em lugar de ficar até às 12 horas, como costumo, saí antes, a fim de levar ao Palácio um parecer solicitado pelo Vice-Governador Hilário Torloni.

Pouco depois de chegar a minha casa, de volta do Palácio (seriam talvez 12 horas, ou pouco menos), recebi telefonema dizendo que poucos minutos após minha saída, havendo os nossos estudantes estendido uma faixa de protesto contra o CCC, os do Mackenzie vieram arrancá-la, iniciando um conflito muito mais violento que o da véspera: e que à vista disso era melhor eu não ir para o seminário das 14 horas. Alarmado, almocei e fui à Faculdade, pela Rua da Consolação, em cuja esquina com Maria Antônia desci pouco antes daquela hora, vendo de longe muita gente aglomerada e ouvindo o estouro de bombas. No trajeto de táxi, tinha visto, ao longo dos muros que se estendem pela Rua da Consolação, rapazes armados de paus e guardas-civis, dentro do terreno do Mackenzie, montando guarda lado a lado.

Aproximando-me o mais possível da Faculdade, encontrei o Professor Fernando Mourão, de quem ouvi que pouco antes os Professores Fernando Henrique e Ianni tinham saído para a Cidade Universitária, onde estava marcada uma reunião da Congregação, a fim de relatarem o que se passava e pediam que todos os colegas presentes na Rua Maria Antônia ali permanecessem para eventuais providências e ação conjunta. À vista disso, fiquei postado na esquina da Dr. Vila Nova quase até às 15 horas, a maior parte do tempo em companhia da Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Neste lapso de tempo, pude notar: 1) intenso bombardeio com o que me pareceram foguetes e bombas, partido do Mackenzie e respondido com pouca intensidade do prédio 296 da Faculdade; 2) do alto de um edifício em construção, ao lado do Mackenzie, dominando os nossos de muitos andares, arremesso contínuo de grandes pedras, tijolos e, parece, pedaços de cimento; 3) avanços constantes de jovens pela Rua Maria Antônia ou contra os muros do Mackenzie, repelidos por bombas lançadas sobre eles; 4) no estacionamento de automóveis em frente da Rua Dr. Vila Nova, encravado em terrenos do Mackenzie, vi mais de uma vez guardas-civis que espreitavam a rua; uma vez, três, de bota e capacete, provavelmente motociclistas, vieram apressadamente até à rua e voltaram do mesmo modo; uma vez pelo menos correu o boato de que estavam saindo para carregar sobre o povo; 5) coleta de dinheiro feita por jovens, "para a defesa", destinando-se a medicamentos, diziam; 6) tentativa de alguns jovens, mais de uma vez, de escalar um tapume alto de madeira que dá acesso ao terreno do Mackenzie; 7) vários jovens machucados, aparentemente por pedradas, carregados ou ajudados por outros; 8) chegada de uma ambulância que foi até à Rua Dr. Vila Nova e de lá voltou algum tempo depois, constando que fora recolher um jovem da Faculdade de Filosofia ferido a bala na perna; 9) um jovem bem vestido cercado pelos que ali estavam e pareciam querer agredi-lo por ser espião, o que não aconteceu porque alguns rapazes com autoridade sobre os demais os contiveram e o mandaram embora, rumo à Consolação; 10) um rapaz igualmente bem vestido agarrado na Rua Dr. Vila Nova e trazido de roldão até quase a Maria Antônia, por grupos bastante enfurecidos, correndo logo o boato de que o queriam linchar: dirigi-me para perto, pensando em intervir se isto ocorresse, mas o rapaz desapareceu bruscamente, levado para baixo, dizendo-se que José Dirceu o havia tirado de perigo (como vi depois pela fotografia dos jornais, tratava-se do estudante Parisi); 11) um rapaz ferido, com sangue na fronte e as costas ensanguentadas, carregado para uma perua de reportagem, que levou-o imediatamente; o rapaz parecia sem consciência, e de fato soube depois que era o estudante secundarista morto a tiro.

Como não chegassem o Diretor e a Congregação, a Professora Maria Isaura e eu decidimos ir à Cidade Universitária, relatar a violência do que ocorria e saber quais eram as providências. Durante os 60 minutos, pouco mais ou menos, em que estive na Rua Maria Antônia, o que mais me impressionou, além da continuidade e a brutalidade do ataque, sugerindo farta munição e preparação competente, foi o fato da Guarda Civil estar presenciando o conflito, sem qualquer gesto de intervenção, embora fosse evidente o uso de armas de fogo, como se podia ver pelos rapazes baleados e o morto, além de pessoas que chegavam até a fachada do prédio n. 296 dizerem que havia no mesmo, sinais de rajadas de metralhadora.

Ao chegarmos na Cidade Universitária, soubemos que a Congregação decidira deslocar-se para a Rua Maria Antônia. O Diretor, Professor Eurípedes Simões de Paula, disse-me que hesitava em pedir pura e simplesmente a ocupação do nosso prédio pela polícia, porque a exacerbação de ânimos dos nossos estudantes e visível má vontade policial em relação a eles poderia causar uma catástrofe pior. Tencionava, e já o dissera por telefone ao Secretário (parece-me), pedir que as forças ocupassem a rua, interpondo-se e forçando a parada do ataque por parte dos agressores. Isto tudo me pareceu justo, pois eu acabava de ver claramente a parcialidade dos agentes da ordem a favor do Mackenzie.

Vim de volta com duas colegas, e quando conseguimos estacionar o carro e chegar à porta da Faculdade de Ciências Econômicas que dá acesso ao nosso pátio, alguns colegas informaram que os Professores Eurípedes, Erwin e outros tinham entrado, atravessando o pátio sob uma saraivada de pedras e bombas

molotov. Um grupo de jovens pedia contribuições para a defesa, que se improvisava. Entrando até o pátio, encontrei aqueles professores de volta, e fomos todos convocados para ir até à Secretaria de Segurança. Demos a volta pela Rua Major Sertório, e quando chegamos na esquina da Maria Antônia com Itambé, vimos que um pelotão de guardas-civis fechava aquela. Paramos algum tempo atrás deles e vimos as bombas incendiárias partidas do Mackenzie atearem pequenas fogueiras no telhado do nosso prédio. Os guardas riam e conversavam tranquilos; de um grupo de rapazes, que olhavam igualmente divertidos, escutei: "Eles vão afundar o telhado; aí, pega que é uma beleza". A Professora Amélia Americano Domingues de Castro, ao ver os fogachos impressionantes, exclamou: "Minha Mãe de Deus, estão pondo fogo em nosso prédio e ninguém faz nada!" Os professores se dividiram à busca de condução e eu fui de táxi com os colegas Simão Mathias e Senise.

Devemos ter chegado ao Gabinete do Secretário de Segurança cerca das 17 horas. Apenas o nosso Diretor foi recebido; ficamos de fora (éramos talvez mais de vinte) com alunos vindos como testemunhas. De um Capitão, a quem meus colegas expunham a gravidade da situação, inclusive a inércia da polícia, ouvimos que o Governo hesitava em intervir nas questões estudantis, com medo de criar uma nova Brasília. Finalmente o Secretário permitiu a entrada de dois professores e dois alunos, para repetir o que dissera ao Diretor, e este nos relatou pouco depois: mandaria ocupar a área e, se preciso, as escolas. "Mas vai ser para valer", teria dito. Contou-me um dos colegas que entrara, o Professor Pasquale Petrone, que dirigiu um apelo ao Secretário para que não entrassem em nosso prédio, mas fizesse cessar o ataque do Mackenzie, ao que ele retrucou: "Vocês da Filosofia vivem criando casos e ainda querem fazer exigências! Está encerrada a entrevista!"

Por falta de condução, vim a pé até a porta da Faculdade de Ciências Econômicas com meus dois companheiros, chegando pouco antes das 19 horas. Vi saírem os últimos poucos alunos que ainda estavam dentro dos nossos prédios; a partir de então estes ficaram apenas com alguns bombeiros, que haviam sido chamados pelos estudantes depois do almoço e vinham lutando, juntamente com eles, para apagar os sucessivos começos de incêndio causados pelas bombas.

Durante talvez uns quarenta minutos fiquei indo e vindo entre a porta da Faculdade de Ciências Econômicas e a Rua Maria Antônia, onde continuava o bombardeio, embora mais espaçado, sendo fácil ver a trajetória luminosa dos foguetes e a chama das bombas explodidas. Havia correrias, movimentos de ida e vinda que não entendi. Na esquina da Rua Dr. Vila Nova, um rapaz discursava de uma janela; ouvi de passagem que concitava todos a irem ao Crusp deliberar, já que nada mais restava a fazer no local. Todavia de outras vezes que voltei, continuava a haver bastante gente, como que presenciando o ataque. Alguns diziam que os mackenzistas, tendo campo livre, iam até às janelas do andar térreo da nossa Faculdade e atiravam para dentro bombas incendiárias. Felizmente a sanha se concentrava no prédio n. 296, onde tinham estado os defensores, pois se houvessem atacado igualmente o velho prédio vizinho, de pouco cimento e muita madeira, este teria talvez ardido.

Pouco antes das 20 horas, mais ou menos, entrei no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas fronteiro ao que dá ingresso ao nosso pátio em companhia dos Professores Armando Tonioli e Salum, que tinha ficado na Secretaria de Segurança esperando o Diretor, ainda em conferência com o Secretário. Confirmaram que a polícia ocuparia brevemente a área, pondo fim ao conflito, que no momento, aliás, era apenas ataque sem resposta. Dentro, encontrei vários colegas, gentilmente acolhidos pelo Diretor, Professor Camargo. Ali estivemos algum tempo, ouvindo o estouro das bombas contra o prédio abandonado e comentando a incrível omissão da polícia, mesmo depois da nossa visita ao Secretário. Dois bombeiros vieram pedir para telefonar, um deles machucado. Queriam comunicar ao seu superior que tinham sido obrigados a sair do 3º e 4º andar do nosso prédio n. 296, os mais visados, porque estavam expostos a ferimentos graves da parte dos atacantes. A pedido de um deles, o Professor Dantas falou por sua vez com o Oficial ao telefone, reiterando a natureza da situação e pedindo que ele solicitasse à Polícia proteção para os seus homens, vítimas da agressão vinda do Mackenzie. Os mesmos bombeiros informaram a um colega, que depois me relatou o fato, que outros companheiros seus tinham sido medicados na Santa Casa por machucaduras devidas aos atacantes.

Decidimos redigir um protesto, expondo à opinião pública o que tínhamos presenciado, sendo eu encarregado de rascunhá-lo, o que fui fazendo, com sugestões e retificações dos colegas. Antes de terminar a redação, decidiram alguns que nos deveríamos deslocar para o Crusp, a fim de dar assistência aos nossos alunos e saber o que se passara com eles. Mas quando saímos, lembrei que seria mau deixarmos a nossa casa abandonada, exposta a um bombardeio que visava nitidamente a incendiá-la, destruindo as bibliotecas, os arquivos, o museu. Entendi que deveríamos ficar na hospitaleira Faculdade de Ciências Econômicas, perto dela, para ao menos presenciar o que aconteceria. Alguns colegas concordaram, enquanto outros iam ao Crusp, voltamos à Faculdade de Ciências Econômicas, num momento que houvera qualquer motivo de susto na Rua Maria Antônia, pois tivemos de forçar o caminho ao arrepio do povo, que descia correndo a Dr. Vila Nova. Instalados numa sala da Faculdade de Ciências Econômicas, vieram dizer-nos pouco depois que a tropa finalmente ocupara os prédios abandonados, o que nos alegrou, pela certeza de que não ficariam entregues ao bel-prazer dos incendiários. Supusemos também que, com a intervenção das forças da ordem, a violência acabaria. Eu me prontifiquei a datilografar o protesto que acabáramos de retocar, tendo o Secretário da Faculdade aberto para isso a sala do Arquivo, à direita da porta da entrada. Lá fiquei só, e apenas começava a tarefa (seria mais de 21 horas), quando ouvi da rua correrias, gritos, latidos e tiros. Dois rapazes e uma moça interromperam na sala, e pouco depois um senhor que deve ser funcionário da Faculdade de Ciências Econômicas, pois

tinha chaves da porta. Disseram-me para sair de perto da janela de vidro e agachar-me, como fizeram, pois estavam dando tiros; fecharam a luz e a porta, e permanecemos no escuro. A moça explicou-me baixo que a polícia tinha saído do Mackenzie, unida ao CCC, e juntos perseguiam os estudantes nas ruas: alguns, como eles, tinham se refugiado nas Ciências Econômicas, cuja porta ouvimos fechar. Mas imediatamente após ela foi espatifada, pois ouvimos estouros e o barulho de vidro estilhaçado, seguido do de tiros, parece que dentro do saguão, enquanto vozes iradas bradavam: "Saiam daí, seus f ... da p ...". Ouvimos estrondos de portas abertas à força, passos rápidos, ordens. Alguém experimentou o trinco de nossa porta e seguiu. Uma violenta explosão de bomba me pareceu ocorrer ao lado (depois, soube que fora no andar inferior, debaixo de nossos pés). Os rumores se afastaram, aguardamos certo tempo, o funcionário entreabriu a porta e dali a pouco saiu; eu fiz o mesmo, recomendando à estudante que ficasse ali oculta, e fui à busca de meus colegas, que encontrei na sala da Secretaria. Passado algum tempo, apareceu um tenente da Força Pública seguido de seus homens, que provavelmente tinham acabado a busca no prédio: o Secretário me pediu que o ajudasse a explicar a situação, declarando a condição de professores dos que ali estavam e solicitando meios de nos retirarmos. Ele próprio o fez, enquanto eu permanecia ao seu lado: o tenente concordou e nos levou entre duas filas de uma escolta até à Praça Teatro Leopoldo Fróes, onde havia bastante gente observando. A Rua Dr. Vila Nova me pareceu deserta, com apenas os soldados e um carro blindado. Seria pouco menos de 22 horas, e vim a pé até o centro com os professores Dantas e Tiomno.

Depoimento 3
Bento Prado de Almeida Ferraz *Professor da FFCL/USP*

Tendo acompanhado, com outros professores, o desenrolar dos acontecimentos do dia 3 de outubro na Faculdade de Filosofia da USP, acreditava que, com a tomada do edifício da Faculdade pelos soldados da Força Pública, a violência tinha chegado ao seu termo. Eu fora escoltado, por alguns soldados, da Faculdade de Ciências Econômicas, onde estavam reunidos os professores da Faculdade de Filosofia, até a Rua Major Sertório, e procurava então telefonar para minha família. Não conseguindo a ligação, pus-me a procurar outros professores, entre as pessoas que estavam junto ao Teatro Leopoldo Fróes. Eram mais ou menos 22 horas quando percebi que os soldados da Força Pública, que se encontravam postados na esquina da Rua Dr. Vila Nova com a Rua Major Sertório, começaram a perseguir os estudantes que se aglomeravam no jardim dos fundos do Teatro. Entrei, então, num bar situado na esquina da Rua Major Sertório com a Rua Cesário Mota Júnior e, da porta, fiquei observando os soldados que, na rua e no jardim da praça, prendiam as pessoas que alcançavam.

Depois de cuidar das pessoas que estavam na rua, os soldados voltaram sua atenção para aquelas que se encontravam nos bares que circundam a praça. Entretanto naquele que eu estava, pediram documentos de identidade a todas pessoas presentes. Foi nesse momento que me identifiquei como professor da Faculdade de Filosofia, apresentando o documento de identidade expedido pela própria Universidade de São Paulo. Tendo o soldado dito que o acompanhasse, perguntei-lhe se estava preso a despeito de ser professor da Faculdade de Filosofia, e obtive a seguinte resposta: "É isso mesmo". Indiferente aos meus protestos, conduziu-me até a calçada da Rua Cesário Mota, onde numerosos soldados cercavam e revistavam um grupo de estudantes.

Foi nesse local que recebi os primeiros golpes de cassetete. Postos em fila, as mãos sobre a cabeça, fomos conduzidos até a esquina da Rua Major Sertório com a Rua Dr. Vila Nova. Quando o ritmo da marcha parecia não satisfazer aos soldados, éramos convidados a "acertar o passo" com novos golpes de cassetete nas costas. Chegando nessa esquina, fui colocado junto aos demais, de braços erguidos e mãos apoiadas contra a parede, e agredido mais uma vez.

Colocados novamente em fila, as mãos sobre a cabeça, fomos conduzidos pela Rua Dr. Vila Nova em direção da Faculdade de Ciências Econômicas. Foi na calçada dessa rua que se organizou um "corredor polonês": ao passarmos por uma fila de soldados, recebíamos pancadas de cassetete de cada um. (De um dos soldados, ouvi a seguinte frase: "Hoje 'jantei' bem".) Entretanto na Faculdade de Ciências Econômicas, percebi que o Professor José Francisco de Camargo, diretor dessa Escola, se encontrava numa das salas e tentei comunicar-me com ele para pedir-lhe providências para minha libertação. Fui impedido de fazê-lo e, ainda uma vez, agredido.

Levado a uma sala da Faculdade de Ciências Econômicas, lá encontrei, entre as pessoas já detidas, outros professores da Faculdade de Filosofia e da própria Faculdade de Ciências Econômicas. Desta sala saímos e fomos levados ao Dops e depois à Casa de Detenção. Fui libertado no dia seguinte, por volta das 15 horas.

Depoimento 4
Camilla Mendes Luiz *Ex-aluna da FFCL/USP*

Dia 3 de outubro, quinta-feira, às dezoito horas, dirigia-me à Faculdade de Filosofia para assistir a uma conferência a ser pronunciada pelo Professor Frèches sobre o teatro jesuítico, que se deveria realizar no Sesc ou no Salão Nobre da Faculdade. Saltei do ônibus Cardoso de Almeida na esquina da Rua Itambé com Maria Antônia, notando que na Rua Itambé o trânsito estava impedido para os demais veículos. Frente à Maria Antônia estavam postados numerosos policiais e suas viaturas, além de alguns populares. Da Maria Antônia até esquina da Rua Dr. Vila Nova não se viam transeuntes e, mais adiante, um grande aglomerado. Embora tivesse notícia dos acontecimentos do dia anterior, constava-me apenas

que o conflito limitara-se a pedradas mútuas. Julguei ter se repetido o mesmo incidente, que, uma vez terminado, provocara um ajuntamento de curiosos ou então que houvesse um comício. Considerando que, se houvesse perigo, um dos policiais ali presentes ter-me-ia advertido, atravessei a Rua e tomei a calçada fronteira ao Mackenzie, em direção à Faculdade. A meio caminho, percebi que havia algo anormal quando, do alto das janelas do Mackenzie, gritaram-me insultos do teor "sua puta" [*sic*]. Já era tarde para recuar. Ouvindo estampidos de tiros (ou coisa que o valha) e muito perto, corri para a primeira pilastra do prédio da Faculdade, onde me escondi. Os populares que se encontravam alguns metros adiante gritavam alarmados, aconselhando-me a agachar. Apavorada, comecei a gritar por socorro. Um rapaz veio em meu auxílio escondendo-se de pilastra em pilastra. Enquanto se encontrava atrás de uma delas, aguardando uma oportunidade para escapar, notei que atiravam com insistência em sua direção. Corremos juntos entre as pilastras e atiramo-nos de quatro sobre um amontoado de cacos e pedras acumulados atrás de um muro baixo. Para daí escapar fomos escoltados por outro rapaz com um pedaço de compensado de cerca de um metro quadrado. Finalmente, conseguimos escapar da mira dos mackenzistas a qual, evidentemente, estendia-se bem além dos limites do prédio da Faculdade. Permaneci algum tempo assistindo ao tiroteio. Em determinado momento vi grandes labaredas no 4º andar da Faculdade. Resolvi entrar para ver o que ocorria exatamente. À entrada da Faculdade de Economia, na Dr. Vila Nova, estavam os bombeiros, como também nos andares superiores do edifício. Reconheci, entre os estudantes que ali se encontravam, muito agitados, a fisionomia de antigos professores. Para atravessar o pátio, fronteiro a dois ou três edifícios de apartamentos, foi preciso correr e colar-me aos muros para não ser atingida. No segundo andar, um estudante notou que meu joelho sangrava e levou-me à sala da enfermaria onde fui prontamente medicada, embora se tratasse de um simples arranhão. Havia um médico de plantão e, sobre uma cátedra, muitos remédios. À procura de algum conhecido ou ex-colega que melhor me esclarecesse, subi ao terceiro andar. Ao passar diante de uma porta de acesso a uma sala de aula, junto a, um telefone, obrigaram-me a abaixar-me. O vidro da porta estava quebrado e, adiante, os vitrôs estavam sendo alvejados. No 4º andar reinava confusão e não havia luz. Os bombeiros e estudantes iam de um lado para o outro. Havia fumaça e cheiro de queimado. Ouviam-se grandes estrondos. De volta ao segundo andar, uma das salas estava em chamas e os estudantes passavam baldes de água de mão em mão. Pela porta entreaberta, que pude ver apenas a armação de ferro das janelas e as mesas e cadeiras chamuscadas. Noutra sala, fabricavam-se coquetéis molotov às pressas com garrafas de cerveja, rolhas e trapos de camisas dos próprios estudantes. Fora continuavam os estrondos e pareceu-me pouca munição para tão frequente tiros. Resolvi ir embora e atravessei o pátio numa nuvem de gás lacrimogêneo. Corria o alarme de que a Polícia Federal estava prestes a invadir o prédio. Os estudantes começaram a abandoná-lo atropeladamente, outros relutavam. Cerca de 20 horas voltei à Rua Dr. Vila Nova para ver o rumo dos acontecimentos. Da Consolação até a esquina da Dr. Vila Nova havia cavalarianos de prontidão. Uma barricada fora armada e, entre estas e o local da batalha havia ainda populares e estudantes. No fim da Maria Antônia ainda havia contingente policial. Na Dr. Vila Nova informaram-me de que o prédio da Filosofia havia sido inteiramente evacuado. Um ferido foi carregado para um carro particular, aparentemente à força, arrancado das mãos de um dos dois policiais que pretendiam levá-lo em sua viatura. Na Maria Antônia, o tiroteio continuava. Ninguém sabia explicar-me em quem se estava atirando, uma vez que o prédio estava vazio. Uns poucos estudantes, na rua, abrigando-se junto a uma antiga churrascaria, ainda resistiam. Em dado momento, levantaram-se grandes labaredas no 1º andar da Filosofia, visivelmente provocadas por bombas molotov provenientes do Mackenzie. Voltei para casa por volta das 21 horas.

Depoimento 5
Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos *Professora Assistente da FFCL/USP*

Às 13 horas e 30 minutos do dia 3 de outubro cheguei à Rua Maria Antônia pam dar aulas como faço todas as quintas-feiras. Ao tomar conhecimento do violento ataque que a Faculdade de Filosofia sofria, tentei ainda assim atingir o prédio onde está instalada minha cadeira, o que neste momento ainda foi possível realizar pela porta menor da Rua Maria Antônia. A travessia do páteo interno só podia ser feita com o risco de ser atingido por bombas (molotov e gás), tiros, paus e pedras que partiam das janelas mais altas e dos tetos dos prédios do Mackenzie que fazem frente para o da Faculdade de Filosofia.

Conseguindo atravessar procurei alcançar o 4º andar onde se localiza minha Cadeira de Política.

Subindo as escadas e quase já atingindo o 4º andar encontro dois alunos da Faculdade que me aconselharam a não continuar pois um deles acabava de ter escapado por milímetros de ser atingido por uma bala, quando se encontrava na sala 19 (esta sala fica no 4º andar e dá frente para a rua). Respondi que não corria perigo, pois minha Cadeira se encontrava aos fundos da Faculdade e não haveria portanto o risco de ser atingida por nenhum projétil dos lançados contra a Faculdade de Filosofia de Política.

Depois de ter ido até minha sala, tendo verificado que ninguém aí se encontrava e que tudo estava em ordem, tranquei-a, retirando-me em seguida.

Ao descer as escadas, quando atingi o 1º andar encontrei alguns alunos que carregavam um colega ferido para a sala 10, onde havia alguns medicamentos. Dirigi-me para lá para saber se poderia dar qualquer forma de assistência. Verifiquei alí que o rapaz havia sido atingido por um tiro, na barriga da perna esquerda e o único auxílio possível seria transportá-lo imediatamente para um hospital. Disse aos alunos que

estava disposta a transportar o ferido e que iria buscar meu carro, enquanto eles carregariam o ferido até a porta da Rua Dr. Vila Nova, pois neste momento, mais ou menos 14 horas e 30 minutos, não seria mais possível sair pela Rua Maria Antônia. Apesar de ter me afastado o mais depressa possível para trazer meu carro até a Dr. Vila Nova, quando voltei avisaram-me que o ferido já havia sido transportado.

Depoimento 6

Carlos Alberto Barbosa Dantas *Prof. da Cadeira de Estatística Teórica do Departamento de Estatística*

No dia 3 de outubro cheguei à reunião da Congregação aproximadamente 13 horas e 45 minutos. Fomos informados que o prédio da Maria Antônia estava sendo atacado.

A sessão da Congregação foi suspensa e seus membros deveriam dirigir-se para a Maria Antônia.

Saí da Cidade Universitária por volta de 15 horas e 30 minutos em companhia dos Professores Florestan Fernandes e Octavio Ianni, no carro do Ianni.

Ianni estacionou o carro nas proximidades do cemitério da Consolação. Descemos a Rua Itambé encontrando um carro blindado em frente à entrada do Mackenzie situada nesta rua.

Pude presenciar, ao atingir a esquina da Rua Maria Antônia, tochas e bombas serem lançadas do edifício em construção, vizinho ao Mackenzie, contra o edifício da Faculdade de Filosofia. Pela altura que as mesmas atingiam estas deveriam ter sido lançadas por meio de armas de fogo.

Dirigi-me ao prédio da Faculdade de Filosofia entrando pelo Instituto de Administração na Rua Dr. Vila Nova.

No salão do Grêmio da Faculdade encontravam-se cerca de 50 a 80 alunos. Aí permaneci por alguns minutos podendo observar a queda de bombas e pedras, lançadas do lado oposto.

Quando dirigia-me com o Professor Florestan Fernandes ao interior do prédio, encontrei o Diretor da Faculdade Professor Eurípedes e os Professores Fernando Henrique, Erwin Rosenthal, que acabavam de vistoriar o prédio.

O Professor Eurípedes sugeriu que a Congregação se dirigisse à Secretaria da Segurança, para entrevistar-se com o Sr. Secretário da Segurança.

Fui para a Secretaria em companhia dos Professores Cavalcanti e Tiomno. Encontramos no caminho as Professoras Elza Gomide, Maria Isaura e Amélia Americano.

Chegando à Secretaria encontramos outros professores que estavam no saguão de entrada do Gabinete do Sr. Secretário.

Por volta das 18 horas o Professor Eurípedes pediu que dois alunos e dois professores o acompanhassem para ouvir as deliberações do Sr. Secretário da Segurança.

Os Professores Gianotti e Petrone o acompanharam.

O Sr. Secretário da Segurança ordenou a ocupação da área em torno da Maria Antônia e se necessário a invasão das duas Faculdades. Ver depoimento do Gianotti. Observa-se que o Mackenzie já estava ocupado a pedido de sua direção.

Diante disto resolvemos voltar à Maria Antônia e pedir aos nossos alunos que desocupassem o prédio. Entrei no edifício da Faculdade de Filosofia através do Instituto de Administração juntamente com os Professores Tiomno e Cavalcanti. Dirigi-me ao primeiro andar e encontrei-me com os Professores Sala, Hamburger e Pavan. Vistoriamos o primeiro e o segundo andar. Encontramos cinco a oito alunos no primeiro andar. Fizemos um apelo para que deixassem o prédio imediatamente, no que fomos atendidos. Interpelamos um dos bombeiros se havia alunos no 3º e 4º andares e a resposta foi negativa. Isto ocorreu por volta de 19 horas.

Saí do prédio da Faculdade de Filosofia, pela porta do Instituto de Administração na Rua Dr. Vila Nova e dirigi-me à esquina da Rua Maria Antônia. Pude observar estudantes vindos do Mackenzie correr até as colunas do prédio da Faculdade de Filosofia e atirar tochas incendiárias no mesmo.

Dirigi-me a seguir ao edifício da Faculdade de Ciências Econômicas da USP.

No prédio da Faculdade de Ciências Econômicas encontravam-se os Professores Antonio Candido, Elza Gomide, Jayme Tiomno, Maria do Carmo, Bento Prado... e Professores das Ciências Econômicas, bem como seu diretor.

O bombardeio do prédio da Faculdade de Filosofia continuava ininterruptamente. As ordens do Sr. Secretário da Segurança não tinham sido cumpridas ainda.

Resolvemos permanecer na Faculdade de Ciências Econômicas até que a situação se normalizasse. Consultamos o diretor da Escola, que colocou uma sala a nossa disposição.

Cerca de 20 horas e 45 minutos o comandante do destacamento do Corpo de Bombeiros pediu permissão para telefonar.

Comunicou ao tenente Carnevari, por telefone, que por falta de segurança os bombeiros não poderiam permanecer nos postos em que se encontravam na Faculdade de Filosofia apagando os incêndios que irrompiam.

Falei com o tenente Carnevari corroborando as afirmações do Comandante e pedi-lhe que envidasse todos os esforços para obter garantias para os bombeiros poderem continuar em seus postos, caso contrário um patrimônio de valor inestimável seria destruído, ou seja, bibliotecas contendo obras raras e já esgotadas e os museus das Cadeiras que funcionam na Rua Maria Antônia.

Cerca de 21 horas e 15 minutos fomos informados que uma tropa de choque da Força Pública havia penetrado o edifício da Maria Antônia.

Em palestra com os demais professores presentes decidimos que um grupo deveria ir ao prédio da Maria Antônia para entregá-lo oficialmente às autoridades policiais.

Dirigi-me com os Professores Jayme Tiomno, Elza Gomide, Bento Prado e..., ao prédio do Instituto de Administração. Quando aí chegamos começaram as cargas: de cavalaria e pelotões de choque da FP contra os populares e alunos que se encontravam na esquina da Maria Antônia e Dr. Vila Nova.

Os bombeiros que manobravam o carro localizado em frente ao Instituto de Administração refugiaram-se na entrada do Instituto onde encontramo-nos. Ouvimos além de atropelos e correrias disparos de arma de fogo. Isto deve ter ocorrido entre 21:15 e 21:30 horas.

Nestas condições não foi possível que nos entrevistássemos com o comandante da tropa de choque que ocupava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Decidimos voltar ao edifício da Faculdade de Ciências Econômicas, pois no corredor de entrada do prédio do Instituto de Administração não tínhamos condições de segurança.

Atravessamos a Rua Dr. Vila Nova escoltados por dois soldados da Força Pública.

Nesse mesmo instante vinha subindo um outro pelotão de choque da FP com armas embaladas. Um dos soldados desse pelotão vendo pessoas (ao que supomos estudantes) no teto do edifício das Ciências Econômicas apontou seu fuzil para atirar. O Professor Tiomno gritou: "Não faça isso, são meros observadores... O comandante do pelotão repetiu a ordem e o incidente foi evitado.

Ficamos estarrecidos ao ver os vidros da porta do prédio arrebentados e mais ainda quando ao penetrar na sala onde haviam permanecido nossos colegas ao encontrá-los bastante assustados: os vidros da porta quebrados e esta arrombada.

O relato desses acontecimentos será feito por colegas que lá permaneceram.

Ficamos cerca de 15 a 20 minutos nesta sala e fomos escoltado pelos soldados da FP até à esquina da Major Sertório.

Dirigi-me para o centro da Cidade com os Professores Antonio Candido e Tiomno.

Depoimento 7

Duglas Teixeira Monteiro *Instrutor da Cadeira de Sociologia II*

Quarta-feira, dia 2 de outubro de 1968.

Chegando à Rua Maria Antônia às 14 horas, noto uma grande concentração de estudantes diante do prédio da Faculdade de Filosofia. Logo mais, através de colegas ali presentes, tomo conhecimento de que, durante algumas horas, um conflito envolvera alunos das escolas fronteiriças. Entrando no edifício da Faculdade, verifico que: 1) a maior parte dos funcionários deixara o serviço, temendo pelo que pudesse advir; 2) o saguão do andar térreo apresentava um grande acúmulo de detritos (tijolos e pedras); 3) as salas do segundo andar, que dão frente para a Rua Maria Antônia, tinham os vidros das janelas quebrados, havendo grande número de fragmentos de tijolos e de pedras sobre as mesas e sobre o chão.

Apesar do notório clima de tensão que afetava professores e alunos ali presentes, juntamente com o Professor Luiz Pereira, tento restabelecer na medida do possível, a normalidade, reunindo os alunos do 1º ano de Ciências Sociais na sala 10 para uma aula expositiva que, aliás, estava programada para aquela tarde. Não obstante a disposição de alguns estudantes nesse sentido, a maioria foi de opinião de que as condições eram excessivamente críticas para possibilitar uma atividade de rotina escolar.

Por volta das 16 horas, entro em comunicação telefônica com o Professor Eurípedes Simões de Paula, Diretor da faculdade, solicitando-lhe viesse até o prédio da Maria Antônia. Às 19 horas chega o Professor Eurípedes com quem os Professores Florestan Fernandes, Octavio Ianni e eu conversamos sobre a situação. Sugiro nessa ocasião a conveniência de um entendimento direto com a Reitoria da Universidade Mackenzie de modo a que fosse preparado o caminho para uma resolução do conflito através de um acordo entre os centros acadêmicos de ambas as escolas. Estando todos de acordo sobre esse ponto, retira-se o Sr. Diretor com a intenção de tomar as providências correspondentes.

Por volta das 20 horas verifico, juntamente com outros professores, que um numeroso grupo de alunos da Faculdade de Filosofia achava-se reunido em assembleia no saguão do andar térreo. Os pronunciamentos dos oradores acentuaram nessa oportunidade o fato que a agressão sofrida pela Escola partira de um grupo minoritário e que era de todo conveniente dissociar esses elementos, por suposição ligados ao chamado CCC dos alunos do Mackenzie que, em sua grande maioria tinham permanecido à margem dos acontecimentos. Afirmou-se também que, entre os mackenzistas, muitos haviam que estavam solidários com os estudantes da Filosofia, o que, até certo ponto foi confirmado pela intervenção de um orador, aluno do Mackenzie, que condenou a ação dos agressores.

Ainda não havia terminado a reunião quando há um princípio de pânico, logo contido, como decorrência do lançamento de uma pedra, da rua para o saguão. Encerrada a assembleia, o número de estudantes presentes no prédio reduz-se progressivamente. Por volta das 22 horas, sou avisado de que o Professor Eurípedes Simões de Paula encontra-se à porta da Escola desejando conversar comigo. Procurando-o, tomo conhecimento de que não conseguira encontrar-se com a Reitora Professora Esther de Figueiredo Ferraz, tendo, no entanto, conversado com um irmão da mesma para encaminhar um contato posterior.

Entre as 22 e as 23 horas, registro a circulação de automóveis em alta velocidade pelo quarteirão em que fica o prédio da Faculdade de Filosofia, sendo que, de um deles é atirado um foguete cujas bombas explodem junto à porta principal.

Cerca das 23 horas e 30 minutos, o chefe dos bedéis, Sr. José Miguel, alguns serventes que estavam procedendo a uma limpeza sumária dos detritos acumulados nas várias dependências do prédio, e eu, retiramo-nos, tendo sido fechada a porta principal.

Quinta-feira, dia 3 de outubro de 1968.
Chego à Rua Maria Antônia às 16 horas. Entro no prédio passando pelo Instituto de Administração cuja porta abre-se para a Rua Dr. Vila Nova. O acesso pela entrada principal estava duplamente dificultado: do lado da Av. Higienópolis, guardas-civis desviavam o trânsito de veículos e impediam a passagem de pedestres; do lado da esquina Maria Antônia vs. Dr. Vila Nova o risco era muito grande, pois as explosões contínuas de bombas indicavam um conflito de proporções ainda mais graves que o do dia anterior.

À sala do Grêmio, onde estavam aglomerados alguns professores e numerosos alunos, chega um grupo de membros da Congregação da Faculdade de Filosofia acompanhando o Sr. Diretor. Tomei conhecimento nesse momento da disposição que tinham de procurar o Sr. Secretário da Segurança Pública.

Às 17 horas resolvi atravessar o pátio interno que separa a sala do Grêmio da entrada inferior do Edifício da Maria Antônia, o que fiz com as cautelas recomendadas pelos presentes e pelas circunstâncias, pois, o bombardeamento com petardos juninos, pedras e coquetéis molotov era contínuo, provindo, principalmente, de um alto edifício em construção ao lado do Mackenzie. No último pavimento desse prédio era claramente visível um grupo agressor, sendo possível acompanhar a trajetória das bombas incendiárias. Havia ainda o risco de uma agressão a tiros de armas de fogo, pois nessa altura já se sabia que um jovem tinha sido mortalmente ferido à bala diante do prédio da Faculdade.

Alcançando o prédio vizinho, verifico que sua porta principal havia sido trancada e barricada e que os alunos estavam empenhados em revidar, na medida do possível, com foguetes juninos, à agressão que estavam sofrendo.

Em hora que não posso precisar com segurança, mas provavelmente, entre 17 e 18 horas, um grupo de bombeiros entra no prédio e arma os dispositivos necessários para a eliminação dos focos de incêndio que surgiam a cada instante, no telhado e nas janelas fronteiras à Rua Maria Antônia, provocados pelos coquetéis molotov atirados a partir do outro lado da rua. Olhando-se pelas janelas, podia-se ver o prédio da Escola Mackenzie guarnecido por um contingente da Força Pública, sendo visíveis mais ao fundo, alguns guardas-civis, e uma aglomeração de policiais fardados e de estudantes (pelo que posso supor). Em dado momento, nós, que estávamos na Faculdade tememos pela iminência de uma invasão, pois vimos os policiais do choque da Força Pública ajustarem suas máscaras contra gases. Tratava-se, no entanto, de um ensaio ou de uma manobra de intimidação.

Foram lançadas granadas de gás lacrimogêneo, tendo eu registrado dois recipientes do mesmo com dizeres em inglês e indicações no sentido de que se tratava de material encaminhado ao Brasil dentro de programação do Ponto IV.

Entre as 18 e 19 horas, recrudescem os riscos de incêndio nas salas do 1º e do 2º andar (as tiras de lona das persianas estavam ardendo). Os bombeiros pedem indicações sobre a localização dos registros de luz e força que foram todos desligados. O mesmo não aconteceu com o registro geral, pois, para chegar até ele seria necessário passar pela Rua Maria Antônia. Ouvi então de um bombeiro "que não estava disposto a conter os riscos de uma passagem pela linha de combate".

Quanto a tiros de arma de fogo, devo dizer que não saberia distingui-los no meio da sucessão de explosões quase ininterrupta que, em certos instantes, obrigava as pessoas a gritar para se fazerem entender. Vi, no entanto, o vitrô do w.c. do 4º andar com uma perfuração de bala. Depois de atravessar o vidro, o projétil perfurou a porta de madeira, caindo ao solo no lavabo.

Às 19 horas e 30 minutos, correndo a notícia de que era iminente uma invasão policial, iniciou-se a desocupação do prédio, o que se fez, através da saída da Rua Dr. Vila Nova.

Depoimento 8

Edgard Carone *Fazendeiro*

No dia três de outubro (quinta-feira), aproximadamente às 14 horas e 30 minutos, vinha pela Av. Higienópolis em direção à Faculdade de Filosofia. Quando entrei nessa avenida, vindo da Angélica, nada aparentava anormalidade; só quando me aproximei da Rua Itambé é que vi aglomeração de pessoas. Ao chegar ao fim da Higienópolis, o panorama surgiu completo. Nas esquinas de Higienópolis e D. Veridiana (1)[1] Maria Antônia e Major Sertório (2) Itambé e Higienópolis (3) viam-se grupos de pessoas; depois de certo tempo, percebi que os grupos (1), (2) e (3) estavam empenhados em lutas com elementos que se encontravam encostados no prédio do Mackenzie (4). No local (1) encontravam-se poucas pessoas, que agiam contra o ponto (4). O maior número era de curiosos; nos pontos (2) e (3), somente jovens agiam. Não foi possível contar o número de combatentes de cada lado. Durante uma hora aproximadamente, a luta travava-se com pedras e bombas molotov, atiradas de ambos os lados.

Os elementos do grupo (4) achavam-se encostados ao seu prédio, ajudados pelo muro alto que circunda o Mackenzie. A ação do ponto (4) consistia em corridas até as grades de ferro, arremesso dos objetos e, logo depois, fuga até as paredes do prédio da escola. Nesta hora é que atingiram o Supermercado Pão de Açúcar. Esta situação durou aproximadamente uma hora, sem que pudéssemos ver nenhum guarda-civil, apesar de insistentemente afirmarem que eles estavam dentro do próprio Mackenzie.

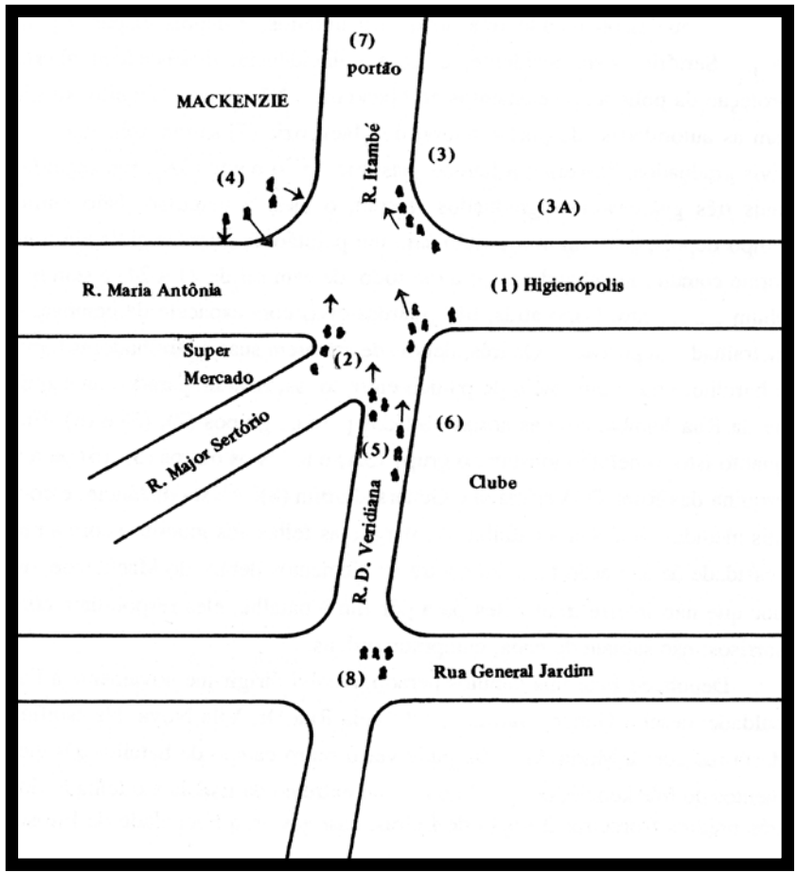
Porém, logo depois surgiu novo fator: do (4) começaram a ser disparados rojões de alta potência contra os pontos (3), (2) e (1). Curiosos e estudantes saíram de (1) e (2), correndo para (5) e (6): a distância era maior, e, assim, tornava-se improdutiva a ação dos rojões. O ponto (3) recuou um pouco da Itambé, ficando rente ao portão da

1 Ver mapa elaborado pelo autor ao final de seu depoimento, p. 89.

casa do Conde Penteado (3A). Contudo, elementos de (5), (6) e (3A) continuavam com os ataques ao ponto (4), agora com avanços para o arremesso de suas armas e pronto recuo ao ponto de partida. Além disso, estudantes circulavam entre o povo, com pedidos de auxílio financeiro para compra de rojões com que revidariam aos ataques dos que estavam no Mackenzie, e que logo pôde ser observado. À medida que se desenrolava este combate, começaram a surgir fatos diferentes.

Ônibus e carros, que desciam a Rua Itambé para a Major Sertório, às vezes eram atingidos pelos objetos lançados pelo Mackenzie. Dificilmente uma pedra atingia um automóvel ou coletivo; durante todo esse tempo, só me lembro de dois casos. Quem não sabia o que estava acontecendo, ao passar por aquele ponto, acelerava a sua condução e escapava do perigo. Porém, nem todos tinham esta iniciativa, pois o sinal luminoso estava fixo na cor amarela. Foi a partir de aproximadamente 16 horas que começaram a dar-se provocações, para total mudança da situação. O ponto (4) lançou uma bomba molotov, mirando carros que estavam parados na Rua Itambé, indecisos quanto a poderem atravessar o sinal luminoso. Logo depois, outra bomba foi lançada contra a carroceria de um ônibus, de linha particular, cheio de passageiros, que ficou parado três ou quatro minutos, e depois disparou pela Major Sertório. Este incidente, curiosa coincidência, desencadeou aberta proteção da polícia aos elementos do Mackenzie. Não demorou muito, surgiram as autoridades: do portão lateral do Mackenzie (7) saíram três guardas-civis graduados; desceram a Itambé, passando pelo ponto (3A). Em seguida, mais três guardas-civis graduados fizeram o mesmo percurso. Não muito tempo depois, pelo mesmo portão saiu um pelotão de guardas-civis em uniforme comum, marchando em fila (ao todo, deviam ser de 21 a 24) e sem nenhum armamento. Logo atrás, três guardas-civis com capacete de combate e metralhadoras portáteis. Os três, depois de armarem suas metralhadoras (com o barulho, houve um início de pânico entre todos, ficaram parados na esquina da Rua Itambé, com as armas voltadas para os grupos (2), (5) e (6). Enquanto isto, o pelotão afastava o grupo (3A) e todos os outros (5), (6) para a esquina das Ruas D. Veridiana e General Jardim (8). A esta distância, e com tais medidas, acabava a batalha. Às perguntas feitas aos guardas sobre a necessidade de sua ação também contra os elementos dentro do Mackenzie, ou por que não interferiram antes para pôr fim à batalha, eles respondiam com sorrisos: não sabiam de nada, cumpriam ordens.

Depois de ficar uns minutos parado, resolvi dirigir-me novamente à Faculdade: desci a General Jardim e subi pela Rua Dr. Vila Nova. Na esquina desta rua com a Maria Antônia, pude ver o outro campo de batalha. Os elementos do Mackenzie, ocupando o terreno extremo da Escola e o telhado dos três prédios fronteiros à seção de Letras, castigavam a Faculdade de Filosofia com bombas molotov, pedras, tiros e rojões. A guarda civil ocupava totalmente a entrada da Rua Maria Antônia, na frente do Supermercado; mas nada fazia deste outro lado. Sua estratégia visara somente desalojar e desbaratar a ação contra o Mackenzie; onde este não estava sendo atacado, mas atacando, a polícia ignorava o que se passava, ou simplesmente gozava a situação. Esta foi a triste realidade daquele dia.



Depoimento 9
Elza Furtado Gomide *Professora da FFCL/USP*

Tive a primeira notícia dos acontecimentos da Rua Maria Antônia no dia 3 de outubro ao chegar ao prédio da Administração, na Cidade Universitária, para a reunião da Congregação. O Professor Simões de Paula, vindo da Maria Antônia, nos pôs a par do ataque violento que o prédio da Faculdade sofria, e disse-nos que não queria chamar a polícia sem garantias de que esta não invadiria a Faculdade, com o que todos concordaram. Chegam, vindos da Maria Antônia, outros professores, entre estes a Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz e o Professor José Arthur Giannotti. Este tinha uma bala calibre 45 disparada contra nosso prédio e recolhida no 4º andar.

Dirigimo-nos à Rua Maria Antônia. Lá vimos o espetáculo estarrecedor — Força Pública e Guarda Civil olhavam complacentes a passagem de bombas molotov dirigidas à Faculdade, à razão de cerca de uma por minuto. Viam-se constantemente focos de incêndio nesta, e alguns alunos no telhado, no meio da fumaça, que pareciam apenas tentar apagar o fogo. Eram cerca de 16 horas, e tínhamos ido à Rua Dr. Vila Nova tentar entrar pela Faculdade de Ciências Econômicas. Demos a volta até a esquina de Maria Antônia com Itambé, de onde melhor se observava a situação. Dirigimo-nos então à Secretaria da Segurança, a Professora Maria Isaura e eu com a Professora Amélia Americano. Lá encontramos outros professores, como Carlos Alberto Barbosa Dantas e Jayme Tiomno ainda em caminho, Erwin Rosenthal, José Giannotti, Vizioli e muitos outros: o Professor Eurípedes estava com o Sr. Secretário. Eram 17 horas passadas. Às 18 horas concluía-se a conversa, com a declaração do Sr. Secretário de que mandaria ocupar a área e, se necessário, ocupar as duas escolas. Voltamos à Rua Maria Antônia. Lá alguns professores, entre os quais o Professor Giannotti, voltaram a entrar no prédio, constataram estar quase vazio. Um grupo no qual estavam o Professor Antonio Candido de Mello e Souza, a Professora Maria Isaura, os Professores Cavalcanti, Tiomno e eu, se dirigiu ao prédio novo da Faculdade de Ciências Econômicas, à Rua Dr. Vila Nova. Lá se juntaram a nós mais tarde, o Professor Carlos Dantas e outros. Começamos a redigir um protesto que se iniciava com as nossas constatações e descrevia a parcialidade chocante das forças policiais. A redação é do Professor Antonio Candido, assistida e ajudada pelos demais. Frequentemente um ou outro sai para ver o que se passa; sempre o mesmo: bombas molotov sobre a Faculdade e não há mais reação do lado desta. Juntaram-se a nós os Professores Oscar Sala, Ernesto e Amélia Hamburger, Crodowaldo Pavan. Estes nos disseram de seus esforços anteriores para obter uma trégua do bombardeio, que continuava, apenas menos frequente que às 16 horas. Disseram que o nosso prédio já então estava vazio, à exceção dos bombeiros que tentavam apagar os focos de incêndio. Está na Faculdade de Ciências Econômicas o seu diretor, Professor Camargo, que põe salas à nossa disposição.

O Professor Antonio Candido continuava a rever a redação. Chegam mais professores, os Professores Bento Prado, Salum entre eles. Um grupo parte para a Cidade Universitária outros com Antonio Candido, Tiomno, Maria Isaura, Carlos Dantas, Bento Prado e eu decidem ficar e ver até o fim os acontecimentos. Chegam dois bombeiros, um com uma contusão e outro telefona, diz a quem atende que só os bombeiros estavam na Faculdade e que os estudantes da outra iam invadi-la. O Professor Carlos Dantas toma o telefone e pergunta o nome de quem estava falando. Seriam 21 horas. Vem a notícia de que a Faculdade estava ocupada pela polícia. Resolvemos entrar no prédio desta: ao atravessar a rua somos separados em dois grupos pela massa que corre fugindo da polícia, populares em sua maioria. Os Professores Tiomno, Carlos Dantas e eu atravessamos. De lá ouvimos tiros e o ruído do arrombamento da porta da Faculdade de Ciências Econômicas. Logo que possível, temendo pelos outros, para lá voltamos, encontramos portas e vidros quebrados e arrombados: em caminho o Professor Tiomno diz a um policial que tem uma arma apontada para uma janela que não atire, pois aquele prédio nada tinha que ver com os acontecimentos.

Nesse tempo todo, testemunho o seguinte. Às 16 horas está quase no fim a reação da Faculdade ao passo que o ataque está fortíssimo, continuando ainda por quase sete horas dezenas de bombas vindas do lado do Mackenzie, tiros da polícia contra a Faculdade de Ciências Econômicas, aparentemente pelo crime de nos dar abrigo.

Depoimento 10
Ernst W. Hamburger e Oscar Sala *Professores da FFCL/USP*

À tarde deveria haver uma sessão da Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Cidade Universitária. O Diretor, Professor Eurípedes Simões de Paula, chegou atrasado e comunicou que estava havendo luta séria entre estudantes do Mackenzie e da Faculdade na Maria Antônia. A Congregação resolveu deslocar-se para lá verificar *in loco* que medidas tomar, tais como entrar em contato com os professores do Mackenzie, com o Secretário da Segurança etc.

Cheguei à Rua Dr. Vila Nova cerca de 16 horas. Entrei para o pátio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras pela entrada da Faculdade de Ciências Econômicas. Fiquei horrorizado com o ataque sofrido pela FFCL. Quase de minuto em minuto caía uma "bomba molotov" (garrafa de gasolina em fogo) no pátio; além disso caíam pedaços de telhas, ladrilhos etc. Parecia que as bombas molotov todas provinham dos prédios de apartamentos em frente, mas as telhas, etc., talvez proviessem também de prédios atrás da Faculdade. Nesta hora não parecia haver ataque dos alunos da Faculdade aos do Mackenzie. Eu soube mais tarde que a maioria dos alunos da Faculdade havia ido a uma passeata na cidade e voltariam só mais tarde.

Depois de eu já estar lá há algum tempo, chegaram estudantes levando o que pareciam ser "buscapés" embrulhados; depois disso tive a impressão de que aumentou o número de fogos atirados. Entretanto não vi nenhum estudante da Faculdade tomar atitudes agressivas. Percorri o prédio cinza n. 286 onde fica o Restaurante e o Grêmio, também no 2º e 3º andares, e não encontrei ninguém. Não fui ao prédio principal nesta ocasião: era necessário atravessar correndo o pátio no intervalo de dois arremessos de bombas molotov, para lá chegar. Soube que o Professor Eurípedes e vários Professores da Congregação tinham ido à Secretaria de Segurança Pública.

Fiquei profundamente chocado com a atitude da polícia, presente na rua, de permitir que as pessoas nos prédios de apartamentos em frente à Faculdade bombardeassem a Faculdade e quase lhe pusessem fogo. Não cabe o argumento, dado mais tarde por algumas autoridades policiais, de que não protegeram o prédio porque o Diretor não tinha pedido proteção; se a polícia vê bombas molotov sendo atiradas de um lado para outro da rua, tem obviamente a obrigação de coibir o lançamento das bombas — ainda mais contra um prédio do Estado — independentemente de qualquer pedido.

Fui depois para a Rua Dr. Vila Nova e para a esquina da Dr. Vila Nova com a Maria Antônia. Lá encontrei diversos professores, entre eles os Professores O. Sala e C. Pavan, todos desesperados sem saber o que fazer para evitar a loucura que estava sendo cometida. Soubemos de uma morte e vimos um estudante ferido na perna ser carregado pela Dr. Vila Nova. Pouco antes das 18 horas, resolvemos os três (Professores Sala, Pavan e eu), procurar falar com um secretário do Estado ou pessoa influente junto ao Governador, para que este interviesse no conflito e o parasse. Entretanto não conseguimos falar com ninguém. Os Professores Sala e Pavan já tinham falado com um major da Guarda Civil, mas não tinham conseguido que ele tomasse qualquer providência para salvar a FFCL. Os professores que tinham ido à Secretaria da Segurança não tinham voltado ainda. Resolvemos então ir até a Reitoria da Universidade Mackenzie para tentar encontrar uma solução com os professores do Mackenzie. O *campus* do Mackenzie estava fortemente guarnecido pela Guarda Civil, os portões guarnecidos. Não pudemos entrar. Apresentamos nossas carteiras de identidade e pedimos ao porteiro que telefonasse à Reitoria para que pudéssemos entrar. Depois de longa espera veio um funcionário da Reitoria nos buscar e nos levou ao Gabinete da Dra. Esther Figueiredo Ferraz, reitora da Universidade Mackenzie. Estava lá também o Professor Miller, diretor do Instituto Mackenzie, além de várias outras pessoas. Pouco depois fomos apresentados também ao presidente do DCE do Mackenzie, cujo nome não lembro com certeza, acho que é Reinaldo Goulart de Andrade. Discutimos o que se poderia fazer. Os professores do Mackenzie estavam solidários com os seus alunos e achavam que os alunos do Mackenzie tinham evitado maiores danos quanto a tentativa de invasão do *campus*. Dra. Esther acreditava ter controle sobre os seus alunos. — Acho que ela e os demais professores do Mackenzie estavam tão impressionados com os ataques sofridos pelo Mackenzie, que justificavam qualquer ação em contrário, e por outro lado não imaginavam o que estava ocorrendo no prédio da FFCL/USP, o modo como estava sendo atacado. Acredito que seria muito bom se a Dra. Esther visitasse o prédio para ver como ele ficou.

Ficamos de tentar convencer os nossos alunos a parar as ações atacantes e eles a convencer os deles. Dizia a Dra. Esther que se os nossos alunos parassem ela convenceria os seus a parar; mas não conseguiria nada se os nossos não parassem. Além disso o Presidente do DCE, Reinaldo, disse estar disposto a se encontrar com José Dirceu e outros líderes estudantis da USP, para procurar uma solução.

Saímos do Mackenzie pela Rua Itambé. Logo na esquina da Av. Higienópolis encontramos outro grupo de professores que vinha de baixo. Tinham voltado da Secretaria da Segurança Pública e da Faculdade e vinham comunicar aos oficiais da Guarda Civil, que estavam ali na esquina, que o prédio da Faculdade tinha sido evacuado pelos nossos estudantes, e pedir que um oficial verificasse pessoalmente o fato de desocupação e fizesse cessar os ataques ao prédio. Sabedores do novo fato, voltamos à Reitoria da Universidade Mackenzie e comunicamos à Reitora e aos outros presentes, que o prédio estava desocupado. Como alunos presentes declarassem que ainda estavam sendo atirados rojões de lá, oferecemo-nos para ir verificar que estava de fato vazio, e convidamos um professor do Mackenzie para nos acompanhar. A Dra. Esther não achou necessário que um professor do Mackenzie viesse junto.

Fomos à Rua Dr. Vila Nova (pela Rua Major Sertório), entramos na FCEA e atravessamos correndo o pátio, pois ainda havia rojões e bombas caindo. O prédio da Maria Antônia estava vazio e escuro. No porão e no andar térreo não vimos ninguém. No 1º andar estavam dois bombeiros e 3 ou 4 estudantes que já estavam se retirando. Insistimos com eles para saírem depressa, e eles seguiram nosso conselho. No 2º andar não vimos ninguém. Daí, do Departamento de Sociologia, tentamos telefonar para o Mackenzie, mas não conseguimos. O Professor Pavan foi até o 3º andar onde, segundo nos disse, só encontrou bombeiros, que lhe disseram que no 4º andar não havia ninguém; nós então não fomos ao 4º andar. Saímos do prédio, correndo novamente no pátio, saindo pela Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas. Atravessamos a Rua Dr. Vila Nova e entramos no outro prédio da FCEA. Lá na sala dos professores, conseguimos ligação com o Mackenzie e o Professor Pavan comunicou ao Professor Miller o resultado de nossa vistoria no prédio. Soube do Professor Miller que uma comissão de mães estava naquela hora no Mackenzie, procurando também uma solução. Depois de conversar com os professores da Faculdade presentes na sala dos professores da FCEA, voltamos ao Mackenzie para encontrar as mães.

Antes disso eu tinha saído à rua um pouco e verificado com tristeza que o bombardeio contra a Faculdade continuava com rojões e bombas molotov, apesar da desocupação. Vi um comício na esquina da Maria Antônia com a Dr. Vila

Nova. Soube mais tarde que era José Dirceu e outros estudantes que tinham voltado da passeata na cidade e que tinham decidido dirigir-se ao Crusp para fazer uma assembleia lá. Reconheci José Dirceu pelas fotografias nos jornais — nunca o tinha visto pessoalmente antes — e procurei falar com ele para transmitir o recado do estudante do Mackenzie. Consegui falar, depois de curta espera, mas José Dirceu achava que só poderia parlamentar com Reinaldo juntamente com os seus colegas na Assembleia no Crusp, e convidou o Reinaldo para lá comparecer, prometendo-lhe todas as garantias.

Depois disso, voltei à FCEA e depois fomos novamente ao Mackenzie, ainda os Professores Sala, Pavan e eu. A comissão de mães já tinha saído. Os alunos do Mackenzie diziam que ainda havia gente no prédio da FFCL/USP, em particular na torrinha em cima. No caminho para o Mackenzie pela Itambé, tínhamos visto ainda várias bombas molotov lançadas contra a Faculdade, apesar de ela já estar desocupada há tempo. Soubemos no Mackenzie (não tenho certeza se soubemos disso na 1ª ou na 3ª vez que estivemos no Mackenzie), que o Secretário da Segurança Pública tinha resolvido ocupar as duas escolas e que a Faculdade seria ocupada logo. Transmiti a resposta de José Dirceu a Reinaldo; este disse que não havia clima para conversações. Saímos.

Estávamos preocupados com o patrimônio da Faculdade quando ela fosse ocupada; já a caminho do carro para ir embora, resolvemos voltar e falar com os oficiais da Guarda Civil para nos certificar de que haveria cuidado na conservação do patrimônio. Os oficiais nos informaram que a Guarda Civil seria retirada do policiamento e substituída pela Força Pública, e que deveríamos falar com o major comandante do destacamento da Força Pública, e que ele se encontrava no campo do Mackenzie. Entramos pela 4ª vez no Mackenzie para falar com o major. Depois de bastante procurar encontramos um número grande de soldados da Força Pública, com cães, metralhadoras, cassetetes, etc., que estavam esperando para entrar em ação. O major estava dando instruções aos oficiais. Não pôde falar conosco porque precisava receber comunicação do comando geral, e foi telefonar.

Falamos com um Capitão — que disse ser aluno da Faculdade — explicando que o prédio estava desocupado e pedindo o máximo cuidado com o patrimônio da escola. Não foi bem recebido pelos oficiais presentes o pedido: "Como, ainda sobrou algum patrimônio que vocês não depredaram", foi um dos comentários, e outros semelhantes. Procuramos dar explicações, mas sem sucesso — não era uma hora propícia. Chegou então um bombeiro para falar com o capitão, dizendo que a Faculdade estava desocupada, só estavam os bombeiros lá dentro. Acho que o bombeiro vinha pedir que se parasse o bombardeio, mas não ouvi o fim de sua mensagem, pois fomos embora.

De lá fomos à residência do Professor Ferri, onde esperávamos também encontrar o Professor Eurípedes, para comunicar o que tínhamos feito e procurar saber se havia garantias para a Faculdade por parte da Secretaria de Segurança Pública.

Depoimento 11
Fábio J.Z. De Luca *Instrutor da FFCL/USP*

Eu, Fábio João Zocchio De Luca, abaixo assinado, brasileiro, economista, instrutor contratado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, exercendo suas atividades junto à Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas, tenho a prestar o seguinte depoimento relativamente aos acontecimentos registrados no dia 3.10.1968, na Rua Maria Antônia, entre os alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e os alunos da Universidade Mackenzie.

Sendo assistente técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, cita à Rua Dr. Vila Nova n. 228, cujos fundos confinam com o pátio da Faculdade de Filosofia da USP, tive oportunidade de acompanhar o desenvolver dos fatos sucedidos, tendo a salientar os seguintes:

1. Por volta das 14 horas do dia 3.10.68, estando em frente ao prédio n. 285 da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP, à Rua Dr. Vila Nova, pude observar que alguns indivíduos, tendo subido ao edifício ao lado da Faculdade Mackenzie, dali atiravam objetos para a rua em direção da Faculdade de Filosofia. Em uma das janelas desse prédio, ao lado de um ou dois desses indivíduos, estavam dois homens, observando o que se passava, e que trajavam camisa cinza e gravata preta, semelhantes ao usado pela Guarda Civil de São Paulo.
2. Por volta de 16 horas, tendo subido ao último andar do edifício n. 228 da Rua Dr. Vila Nova, pude verificar que, no telhado de um dos prédios da Universidade Mackenzie havia uma meia dúzia de pessoas do sexo masculino trajando roupa esporte, sendo que dois deles portavam revólveres e de tempos em tempos faziam disparos a um alvo não passível de ser identificado do local onde me encontrava, situado em um ponto à esquerda de quem estivesse voltado para o citado prédio. Um desses dois indivíduos portava também uma espingarda ou arma do mesmo feitio, e que disparava de tempos em tempos na mesma direção já explicada, após cuidadosa pontaria.
3. Em torno de 16 horas e 30 minutos os alunos que se encontravam na Faculdade de Filosofia começaram a evacuar o prédio principal e, atravessando o pátio dirigiram-se para o local onde funcionava o Centro Acadêmico da Faculdade, ficando o citado prédio principal, após alguns minutos, aparentemente vazio.
4. Alguns minutos após as 16 horas e 30 minutos, tendo voltado novamente à minha sala de trabalho, que tem as janelas voltadas para o pátio da Faculdade de Filosofia, notei que o "bombardeamento" deste com tijolos, ladrilhos, bolinhas de gude e outros objetos, recrudesceu, começando a cair também "bombas molotov" que atearam fogo a vários locais do pátio.

Pouco antes das 17 horas e 30 minutos, após a chegada dos bombeiros, retirei-me do local.

Nada mais tendo a declarar, subscrevo este depoimento.

Depoimento 12
José Aderaldo Castello *Cadeira de Literatura Brasileira*

Presenciei parte da agressão sofrida pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, cita à Rua Maria Antônia, n. 254 e 294, no dia 3 do corrente. Direi, a seguir, com objetividade e isenção de julgamento o que testemunhei:

1. Mais ou menos às onze horas, saí do meu gabinete de trabalho no prédio n. 294, depois de haver dado duas aulas consecutivas, com absoluta tranquilidade. Havia, no momento ameaças de escaramuças, porque, segundo me informaram, estudantes da Universidade Mackenzie tinham arrancado uma faixa presa nas colunas do prédio da FFCL, n. 254. Prossegui para apanhar o meu carro no estacionamento que se situa em terrenos aos fundos do Mackenzie. Daí observei um rapaz que se entrincheirava no teto de um dos edifícios do Mackenzie, disparando estilingue. Saí com destino à minha casa descendo pela contramão da Rua Dr. Vila Nova, pois já era perigoso prosseguir pela Rua Maria Antônia, em virtude dos ataques dos mackenzistas.
2. Durante toda a tarde estive na Cidade Universitária, em reunião de interesses administrativos, de forma que somente às sete horas pude retomar à Faculdade. Então, a Rua Maria Antônia já estava bloqueada. Tive de estacionar meu carro na Rua Itambé, antes da Rua Piauí. Esta e a Itambé, marginando os edifícios do Mackenzie, estavam guarnecidas, tendo notado dois carros blindados da Força Pública na Rua Itambé, aglomerado de pessoas, e policiais que as retinham no cruzamento com a Maria Antônia — Avenida Higienópolis, impedindo o trânsito pela Maria Antônia. Contornei pela Vila Nova até a esquina com a Maria Antônia, onde havia considerável aglomerado de pessoas que, aos poucos, se reduziu bastante. Várias vezes estive aí, procurando pessoas com quem devia encontrar-me para assistirmos a um debate sobre filme de interesse cultural, a realizar-se no Teatro Anchieta, o que, de resto, já havia sido suspenso com o cerramento das portas deste teatro mais ou menos às 19 horas e 30 minutos, como medida de precaução.

   Mesmo assim, permaneci nos locais indicados até aproximadamente às vinte e uma horas. Pelas vinte horas, tentei subir ao meu gabinete de trabalho, temeroso dos riscos que corria o patrimônio ali existente. Consegui entrar, apesar da proibição dos estudantes: subi até o último andar, pelos fundos do prédio das Ciências Econômicas com a FFCL e constatei a impossibilidade de chegar à minha sala não só pela escuridão do local como também pelos gases ali existentes. Retornei. Estive outra vez na esquina da Vila Nova com a Maria Antônia, enquanto cresciam a minha indignação e apreensão pelo que estava acontecendo: fogos e tiros contra o prédio n. 254, — sem qualquer pessoa à frente, e sem qualquer revide do objetivo atingido — partidos do Mackenzie, apesar, por sua vez, de todo guarnecido pela frente, com guardas postados sem qualquer reação ao que testemunhavam; foguetes frequentemente dirigidos contra o aglomerado à altura do bar da esquina indicada, chegando a explodir aos pés e às vezes entre pessoas que se comprimiam e exprimiam apenas atitudes de defesa. Ouvi, em certo momento, o aviso de que a concentração no Crusp, para onde os estudantes tinham sido chamados, não era mais possível, como ouvi também apelos de dispersão. Constatei, também, por volta das oito horas, aviso da chegada da cavalaria que, pouco depois, vi postada na entrada da Rua Maria Antônia pela Consolação.

3. Não constatei mais nada que possa depor.

Depoimento 13
José Arthur Giannotti *Professor da FFCL/USP*

No início, tudo parecia uma rixa entre estudantes, consequência da radicalização de suas posições políticas. De há muito, alunos da Filosofia e do Mackenzie mostravam ruidosa e agressivamente a divergência de suas opiniões. Por isso é que pouco importa o começo, cuja data pode ser arbitrariamente escolhida, já que devemos atentar para o momento de transformação do antagonismo tradicional num conflito mais amplo que põe em cheque as próprias funções do Estado.

O primeiro dia de luta terminou por volta das 15 horas. Alguns de nossos estudantes tinham as pernas queimadas por ácidos. Qual seria o resultado do lado do Mackenzie? Procurávamos fazer com que as coisas voltassem ao normal. Eu mesmo insisti em dar aula às 19 horas. Logo depois, os alunos se reuniram no saguão, para uma rápida assembleia, dispersando-se em seguida. Os dois prédios da faculdade foram fechados normalmente depois das 23 horas.

No dia seguinte, tínhamos aula como de costume, quando de repente, do meu escritório, ouço o estouro dos primeiros foguetes. Eram cerca de 11 horas. Desci para o saguão onde encontrei as moças de letras retirando-se apavoradas e um grupo, ainda reduzido, que organizava a resistência. Estudantes provindo do Mackenzie haviam alcançado a fachada de um de nossos edifícios, daí retirando as faixas alusivas aos incidentes da véspera. Eu não podia compreender o que

estava acontecendo. A Guarda Civil fora chamada a proteger os terrenos fronteiriços da Universidade Mackenzie, mas não impedia que os estudantes dessa instituição atirassem sobre nós. A batalha começava; conforme nossos alunos se organizavam, crescia a tendência a revidar. Procuravam fazer com que os adversários recuassem, embora estes já se encontrassem fortemente entrincheirados nos telhados dos prédios da frente. A polícia era provocada e insultada, mas não se movia aparentemente.

Havia reunião da Congregação às 15 horas. Pretendendo fazer um relato do que acontecia, percorri ambas as dependências dos prédios da Rua Maria Antônia: os estudantes estavam em pé de guerra, atirando pedras e foguetes, sustentando a turma que brigava na rua. E o pior, os andares superiores tinham sido metralhados. Um aluno me entregou uma bala de calibre 45.

Diante da gravidade dos acontecimentos, a Congregação resolveu transladar-se para a Rua Maria Antônia. Seu Diretor, o Professor Eurípedes Simões de Paula, e um grupo de professores verificam que o conflito poderia terminar logo que o grosso do ataque, feito a partir dos telhados do Mackenzie, fosse neutralizado. Como a Guarda Civil o garantia com sua presença, resolvemos procurar o Sr. Secretário da Segurança, Professor Hely Lopes Meirelles, que já ao meio-dia tentara falar por telefone com o nosso Diretor, lá no *campus* da Cidade Universitária, a fim de obter autorização para garantir a ordem no interior de nossa Faculdade, terminando assim, como dizia ele, com nossa omissão. Acontece porém, que não possuímos jardins onde os guardas pudessem postar-se, de modo que a polícia na Escola implicava na sua ocupação, com as conhecidas consequências e repercussões. Diante da gravidade da situação não nos restava todavia outro recurso senão apelar para que a Guarda Civil sustasse o ataque provindo do Mackenzie e ocupasse as ruas.

O Sr. Secretário recebe apenas o Sr. Diretor que se demora em seu gabinete. Depois de algum tempo, este volta pedindo a dois estudantes, ao Professor Petrone e a mim que testemunhem a informação que aquele nos devia fornecer, dera ordens para que a Força Pública ocupasse a área e, se fosse preciso, ocupasse as duas Faculdades. Diante da reação de nossos alunos que não viam a necessidade da invasão de nossos prédios, retruca irado, lembrando as sistemáticas de desordens provocadas pelos estudantes da Rua Maria Antônia, a passeata que acabavam de realizar pelo centro da cidade incendiando cinco viaturas oficiais. Nesse momento, dizia ele, em que vidas correm perigo, o Governo não poderia se omitir. Logo depois que nos retiramos, procurei ainda voltar ao Gabinete para convencer o Sr. Secretário da necessidade de nos dar um prazo, a fim de que pudéssemos convencer nossos estudantes de evacuar os prédios, evitando-se assim uma refrega com a polícia. É inútil, me diz um oficial de gabinete, as tropas já devem estar na rua.

Alguns professores se dirigem imediatamente para o local do conflito. Cabia-nos presenciar os acontecimentos. Qual não foi porém nossa surpresa ao verificar a situação inalterada. Pelo edifício da Faculdade de Ciências Econômicas penetro em nossa Faculdade, fazendo um apelo para que os estudantes a abandonem.

Às 19 horas e 15 minutos os dois prédios estavam vazios. A maioria dos estudantes descia para o Crusp. Mas o ataque continuava. Procuramos o Comandante da Guarda Civil, solicitando que desse cumprimento às ordens do Sr. Secretário. Ele de nada sabia. Foi nesse instante que se identifica o Dep. Israel Dias Novais que, da parte do Sr. Governador, pede esclarecimentos a respeito do que acontecia. Eu lhe sugiro que me acompanhe e juntos percorremos a parte baixa do primeiro edifício e o pátio, onde um pequeno grupo de bombeiros se expunha aos projéteis do Mackenzie para debelar os incêndios reiteradamente acendidos. É evidente, me diz ele, que a polícia tomou partido. É um ato de vandalismo. De onde posso telefonar? De outro prédio da Faculdade de Ciências Econômicas ele se comunica com o Sr. Secretário da Segurança Pública, instando para que este cumprisse imediatamente os planos previamente estabelecidos com o Sr. Governador, que implicava na evacuação de ambas as Faculdades. Mas em vão. Às 20 horas e 30 minutos a Força Pública ainda não aparecera. Os elementos que estavam no Mackenzie, aproveitando-se do vácuo deixado por nossos estudantes tentam incendiar um de nossos edifícios, forçando a porta de entrada e atirando bombas molotov. Telefono indignado ao Sr. Diretor que deveria encontrar-se com o Sr. Governador e a Magnífica Reitora da Universidade Mackenzie[2], pedindo-lhe que exigisse a proteção de nosso patrimônio. Por volta das 21 horas finalmente a Força Pública varre a Rua Maria Antônia, mas surpreendentemente investe apenas contra o pequeno grupo de nossos estudantes que ainda lá permanecia. De outro lado, pude em seguida assistir paralisado a descida dos elementos do Mackenzie para a rua e a sua festa. Ouviram-se vivas ao Brasil e ao CCC.

Sabe-se que quando o Estado perde o monopólio da violência e se apoia em grupos minoritários para realizar uma repressão que não pode exercer por seus próprios meios e dentro das normas que o regem, é porque sua própria estrutura está prestes a ser revolucionada, criando-se a oportunidade para que grupos fascistas empalpem o poder. É evidente que os fatos que acabei de narrar apontam para essa direção.

Depoimento 14

José Carlos Garbuglio *Professor Assistente da FFCL/USP*

1. No dia 2, quarta-feira, por volta das nove horas da manhã, um grupo de alunos, secundaristas na sua maioria, cobra pedágio na Rua Maria Antônia, defronte ao prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

2 Soube mais tarde que ela deixou de comparecer a essa reunião.

2. Entre 10:30 e 11 horas, esse grupo de alunos foi atacado por uma chuva de pedras, paus e outros objetos provindos de pessoas que se encontravam nas dependências do Mackenzie, provocando reação de igual natureza, quando o ataque passou a ser feito também às dependências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e envolvendo a partir daí alunos desta escola, que reagiram em defesa própria e em defesa do próprio estadual. As pedras que vinham do Mackenzie, em virtude da posição estratégica em que estavam seus ocupantes, atingiam indistintamente a todos os que passavam pela rua e eu vi vários veículos serem danificados desta maneira.
3. Até ao momento em que estive presente, 13 horas aproximadamente, o conflito parece ter se circunscrito a esses tristes acontecimentos, e assim persistiu até à tarde da mesma 4ª feira, pois quando voltei para lecionar à noite, a calma parecia ter voltado.
4. Tanto que na quinta-feira, dia 3, pela manhã, iniciamos normalmente as atividades até o momento em que um grupo de pessoas, saídas do Mackenzie, se dirigiu ao prédio da FFCL/USP para arrancar e rasgar algumas faixas colocadas na fachada desse prédio, condenando em seus dizeres grupos extremistas de direita. A partir daí o conflito renasceu com outras características, pois os ataques efetuados contra a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras apresentavam violência e sistemática incomuns para uma luta entre estudantes. Alunos foram atingidos por ácido atirado dos prédios do Mackenzie, donde provinha já agora, um ataque evidente contra as instalações do prédio da FFCL/USP, às vistas de pelotões da Guarda Civil, que presenciaram indiferentes a destruição do patrimônio estadual.
5. Se por um lado era evidente a complacência policial, por outro lado observava-se uma violência cada vez maior nos ataques por parte das pessoas concentradas em dependências do Mackenzie. Por volta de 16 horas do dia 3, quando voltamos à FFCL/USP, já não pudemos mais entrar no prédio onde trabalhamos. O que vimos então foi uma praça de guerra. Pessoas alojadas em prédios particulares defronte ao da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e no Mackenzie atirando pedras, paus, coquetéis molotov, e até mesmo balas, bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo contra o prédio da FFCL/USP com o propósito evidente de incendiá-lo e destruí-lo, enquanto a polícia parecia apoiar essa iniciativa, pois jamais esboçou qualquer gesto para conter os ataques.
6. Às 18 horas o prédio da FFCL/USP foi praticamente evacuado, nele ficando apenas algumas pessoas, um contingente do corpo de bombeiros a cujo heroísmo se deve o não incêndio do prédio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. A violência do ataque, mostrando acúmulo de material e até mesmo orientação militar dirigida, se tomava cada vez maior por parte das pessoas que ocupavam o Mackenzie e os altos dos prédios vizinhos. Se uma pessoa já havia perdido a vida, outro visto por mim desceu carregado a Rua Dr. Vila Nova baleado na perna, por arma disparada de um dos prédios aludidos.
7. Profundamente chocado, abalado, impotente para realizar alguma ação que pusesse paradeiro à fúria assassina contra pessoas e contra o prédio da FFCL/USP, me retirei do local dos acontecimentos às 19 horas e 30 minutos do dia 3.

Depoimento 15
Leôncio Martins Rodrigues *Professor Assistente da FFCL/USP*

No dia 3 de outubro, cheguei à Faculdade por volta das 14 horas e 30 minutos. A entrada pela porta principal, da Rua Maria Antônia, era impossível em decorrência dos petardos, pedras e bombas molotov lançados da Universidade Mackenzie e edifícios vizinhos. Mais tarde, consegui penetrar no prédio pelo Instituto de Administração (Rua Dr. Vila Nova). Mesmo por esta entrada, a passagem deveria ser feita com cuidado, a fim de se evitar as pedras que eram lançadas dos edifícios vizinhos à Universidade Mackenzie e que, passando sobre o prédio da Faculdade de Filosofia, vinham atingir o pátio interno. No interior da Faculdade havia poucos alunos e alguns professores. Mais tarde, alguns alunos começaram a barricar a porta secundária que dá acesso à Rua Maria Antônia, pois se dizia que a Faculdade seria invadida.

Dirigindo-me ao segundo andar, onde estão localizadas as salas de Sociologia e da Cadeira de Alemão, encontrei-me com os Professores Duglas Teixeira Monteiro e Octavio Ianni. Os projéteis atirados de fora atingiam seguidamente as janelas daquelas salas, localizadas na frente do prédio. Ao abrir as portas destas salas, pude verificar que elas estavam coalhadas de cacos de vidros e de pedras. Por volta das 16 horas e 30 minutos, "coquetéis molotov" começaram a ser lançados nas janelas, já sem vidros. Auxiliado por um aluno, consegui penetrar na sala e de lá retirar uma máquina de calcular elétrica e outra de escrever, que foram colocadas na sala do Professor Octavio Ianni, localizada na parte posterior do edifício, e ao abrigo dos ataques. Em seguida ainda auxiliado por um aluno, consegui retirar as cortinas da Sala de Sociologia I, que ameaçavam ser atingidas pelos "coquetéis molotovs" e incendiar toda a sala. Procuramos igualmente afastar das janelas os móveis e objetos facilmente incendiáveis. Procuramos fazer a mesma coisa em outras salas do segundo andar que davam para a rua. Contudo, isso não pôde ser feito senão parcialmente, porque as salas não ofereciam proteção e as pessoas localizadas no seu interior eram imediatamente visadas por pedras, rojões e "coquetéis molotov". Pude presenciar que uma máquina de escrever da sala ocupada pela Professora Maria Isaura P. de Queiroz, que se encontrava na mesa próxima da janela, estava bastante danificada. A conselho de um dos bombeiros, deixamos as portas dessas salas

abertas, para facilitar a entrada em caso de que um "coquetel molotov" ou um rojão provocasse incêndio. Ao subir aos 3º e 4º andares, pude constatar a existência de alguns focos de incêndio, combatidos por alunos e bombeiros. Tentei convencer alguns alunos a abandonarem o edifício mas eles se recusaram, alegando que, se saíssem, o prédio seria inteiramente incendiado.

Cerca das 17 horas, ao retirar-me do prédio, encontrei, no galpão que liga a Faculdade de Filosofia ao Instituto de Administração, um aluno do curso de Ciências Sociais que se encontrava ferido, estendido sobre um banco. Seus colegas afirmaram que fora atingido por uma bala, disparada de um prédio vizinho à Universidade Mackenzie. Com auxílio de outras pessoas, levei o estudante para o Pronto-Socorro Iguatemi, à Rua Cardoso de Almeida. Examinado pelos médicos, constatou-se que se tratava de ferimento feito por arma de fogo, razão pela qual a direção do Pronto-Socorro comunicou a ocorrência ao Departamento de Ordem Política e Social. O projétil penetrara em direção quase vertical, de cima para baixo, perfurando o bolso dianteiro e atingindo a parte superior da coxa direita. Feitas as radiografias, não puderam os médicos localizar a bala, razão pela qual me aconselharam levar o estudante ao Hospital dos Servidores Públicos, no Ibirapuera. Lá o deixei, por volta das 23 horas, quando seus familiares chegaram. Soube posteriormente que o estudante se encontrava passando bem.

Depoimento 16
Lupe Cotrim Garaude *Professora da Escola de Comunicações/USP*

Mais ou menos durante nove horas, assisti, da janela de um prédio próximo ao Mackenzie, guarnecido interior e externamente pela polícia, a luta que os alunos desta Escola sustentaram contra os da Faculdade de Filosofia. De cima dos edifícios atiravam pedras, paus, bombas (ouviam-se ruídos). Continuavam mantendo nítida vantagem sobre seus adversários. A polícia observava, impassível, a depredação de uma propriedade do Estado, a utilização de armas de fogo, a entrada de material de luta na Universidade Mackenzie, como pedras, caixas de fogos e galões de gasolinas, sem fazer um gesto para evitar todos esses fatos. Finalmente no fim da tarde, quando a Faculdade de Filosofia não oferecia mais qualquer resistência, pude constatar várias tentativas de incêndio por parte de elementos do Mackenzie. Postados nos telhados dos prédios de sua Escola e de outro edifício vizinho, jogavam tochas de fogo sobre os prédios da USP. Várias vezes os telhados ficavam quase totalmente recobertos pela chama.

Não estavam pois, esses elementos do Mackenzie defendendo a sua Escola, como se afirmou depois. Para quê? Estiveram todo o tempo sob proteção da polícia, que se encarregava dessa defesa. Melhor situados e melhor municiados, os mackenzistas sempre conservaram a iniciativa do ataque. Tanto é assim que os prédios depredados pertencem à USP.

Depoimento 17
Maria Amélia de Freitas Mamede *Funcionária*

A União das Mães de São Paulo contra a Violência encontrava-se em reunião na tarde do dia 3 de outubro, iniciada às 15 horas, quando às 15 horas e 30 minutos apareceu uma das associadas muito aflita com a notícia de que se reiniciara, com grande violência, a luta havida na véspera entre alguns alunos do Mackenzie e estudantes que se achavam no prédio da Faculdade de Filosofia na Rua Maria Antônia. Imediatamente o nosso Conselho Deliberativo e Executivo decidiu ir à presença do Governador do Estado pedir providências para fazer cessar a luta. Assim fizemos e, no Palácio, após uma espera de hora e meia, mais ou menos, fomos recebidos pelo Governador a quem endereçamos o nosso pedido.

O Governador respondeu-nos que o que ele poderia ter feito, já o fizera. Mandara cercar as duas escolas por guardas-civis e queria a evacuação das mesmas e a suspensão das aulas por uns dois dias. Enviara a Guarda Civil, e não a Polícia, porque não queria violência. E perguntou-nos se queríamos que ele mandasse, então, a Polícia.

Recusamos com veemência e oferecemo-nos para agir como intermediários entre as duas Escolas. Já aí a pessoa do Palácio nos havia dito que morrera um estudante. E, referindo-o ao Governador, encarecemos a urgência de nossa ida.

O Governador disse não ser certa a notícia, e a isso redarguimos que nos fora dada no próprio Palácio. S. Exa. então aceitou fôssemos às Escolas em luta tentar a cessação desta, assentado que, primeiro, passaríamos pela Reitoria do Mackenzie. Ofereceu-nos condução, que dispensamos porque tínhamos condução própria. E, então, o Governador prometeu-nos avisar a guarda para que pudéssemos atravessar o cerco. Quando estávamos nos portões do Palácio, recebemos recado urgente do Governador de que nos apressássemos porque a luta aumentara ainda mais.

Nos portões do Mackenzie deparamos com guardas em quantidade, os quais só nos deixaram entrar quando dissemos ser enviadas do Governador.

Fomos à presença da Reitora do Mackenzie. A ela, rodeada de professores e alunos, transmitimos a proposta do Governador de evacuação das duas escolas e de suspensão das aulas por dois ou três dias. A Reitora retrucou, então, mais ou menos nestes termos:

— Os alunos do Mackenzie diferenciam-se dos das escolas oficiais por sentirem em nós, seus professores, carinho e compreensão — somos aqui uma família, enquanto que os outros não têm comunicação alguma com os seus professores, motivo por que vivem pedindo reformas e fazendo greves. Ontem, os alunos da Filosofia tentaram invadir e depredar o prédio do Mackenzie — um próprio particular — estou ao lado dos meus meninos em todas as suas atitudes.

Falou, então, o Dr. Osvaldo Miller da Silva dizendo:

— Não iremos apurar as rixas dos meninos nem examinar quem tem razão, e sim fazer tudo para acabar com essa luta.

Pediu, então, a palavra um moço que foi apresentado como o presidente do DCE do Mackenzie, o qual disse:

— Há 33 horas pedimos providências ao Sr. Governador e o mesmo até agora se limitou a ocupar a nossa escola deixando a Filosofia livre de ocupação.

Uma de nós redarguiu:

— Se a polícia está aqui, está a chamado de sua Reitora.

Esta interveio:

— Chamei mesmo a Polícia. E, se necessário fosse, sairia de pau nas mãos junto com os meus alunos, para defendê-los e para defender o próprio particular.

Tomei, então, a palavra e pedi a evacuação das escolas e a cessação das aulas, conforme a solução do Governador. Um aluno do Mackenzie me interrompe:

— Nós não queremos parar as aulas, pois somos estudiosos, não queremos perder o ano e pagamos para estudar. Ao contrário dos que estão do lado de lá.

Com veemência respondi-lhe:

— Se vocês pagam, é porque são ricos. E, demais, é apenas obrigação do Governo do Estado dar ensino gratuito aos nossos jovens.

Foi, então, resolvido que haveria uma trégua de 30 minutos para possibilitar a nossa ida à Filosofia, a fim de ali encaminhar a mesma proposta.

Durante a nossa passagem pelo Mackenzie, vimos e sentimos, todas nós, que a Polícia não estava apenas ocupando o prédio, mas colaborando com os alunos que participavam da luta. Havia, também, ali dois médicos para prestar assistência a esses alunos.

Antes de nos retirarmos, um dos estudantes do Mackenzie me aconselhou que não fosse à Filosofia, pois aqueles meninos, que queríamos defender, não vacilariam em atirar em nós, pois para eles não havia mãe nem família — pregavam a extinção da família.

Ao sairmos do Mackenzie, vimos a cavalaria da Força Pública a chegar. Consternadas, dirigimo-nos aos cavalarianos dizendo-lhes que eles não deveriam entrar na Maria Antônia, pois estávamos autorizadas pelo Governador do Estado a buscar a pacificação e íamos naquele momento para a Faculdade de Filosofia obter esse objetivo.

Um senhor ao lado da cavalaria, civil, com atitude de autoridade, indignou-se com nossa atitude e altercou com três dentre nós, chamando-nos de agitadoras, pois estávamos comovendo os guardas civis e impedindo a cavalaria de entrar na Rua Maria Antônia. Disse-lhe que a cavalaria não passaria mesmo, "porque não queríamos que os nossos filhos fossem agredidos e levávamos apelo, até ordem, do nosso Governador para assim agirmos".

— Voltem para as suas casas, respondeu-nos o senhor. Lugar de mulher é em casa, a fim de educar os filhos, para que não haja moços desta espécie. Ao Governador cabe ficar aqui a nosso lado e não por trás das mães. E a cavalaria deve entrar ali (apontando para a Faculdade de Filosofia) e massacrar os que estão lá.

— Que disciplina é essa que o Sr. quer que ensinemos aos nossos filhos, quando o sr., adulto e funcionário, não a tem para com o seu Governador? — foi a minha réplica.

Esse episódio com a cavalaria e o policial ao seu lado durou uns dez minutos. Mas durante ela, a trégua dos 30 minutos já fora violada, porque ouvimos tiros partidos do Mackenzie. E, uma bomba incendiária foi lançada contra a porta da Filosofia.

Descemos, então, a Major Sertório, por trás da Maria Antônia e subimos a Vila Nova. Ao chegarmos à Faculdade de Ciências Econômicas, tivemos a notícia de que não nos adiantava chegar à Filosofia, pois esta já estava desocupada, vazia. Cheia continuava o Mackenzie.

Esquecia de dizer que, no início da conversa com a Reitora do Mackenzie, esta contara que estava atendendo uns americanos que pretendiam mandar para cá uns cinco jovens a fim de estudarem no Mackenzie. E tivera de mudar de sala, para que os americanos não tivessem má impressão dos estudantes brasileiros.

Ressalvo o trecho supra: "E a Cavalaria deve entrar ali (apontando para a Faculdade de Filosofia) e massacrar os que estão lá".

Depoimento 18

Maria Isaura Pereira de Queiroz *Professora Livre-docente – Sociologia II da FFCL/USP*

Para compreender o que se passou na data referida, é preciso subir um pouco ao passado e apreender o clima de insegurança em que se vivia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, e principalmente nos prédios situados à Rua Maria Antônia.

Logo após o reinício das aulas, em agosto deste ano, chegando à Faculdade na Rua Maria Antônia, cuja fachada fora toda pintada de novo, deparei com inscrições as mais variadas, dizendo: CCC voltou! Agora é prá valer! Abaixo os esquerdinhas! Fora o comunismo! CCC derrota o comunismo! etc. etc. — Colegas e estudantes comentaram comigo o perigo que corríamos de uma investida da dita associação que conta com vários estudantes do Mackenzie entre seus membros. Não se revidou, nada mais houve do que comentários, as inscrições permaneceram nas paredes.

Na quarta-feira, 4 de setembro, fui à Faculdade (Rua Maria Antônia) de manhã para pôr em ordem correspondência e conversar com estudantes sobre pesquisas. Por volta de 10 horas da manhã, a servente que faz limpeza procurou-me assustada: atendera o telefone de meu andar, e ouvira ameaças de que bombas seriam atiradas ao prédio às 11 horas da manhã. Como no prédio não existiam mais nem diretoria, nem administração (que haviam mudado para a Cidade Universitária), queria que eu alertasse os outros professores, avisasse a polícia e, depois de evacuado o prédio, fosse feita uma vistoria para averiguar se havia ou não tal perigo. Sosseguei-a dizendo que quando se queria colocar uma bomba, não

se avisava antes. A notícia, porém, causou inquietação entre meus estudantes, alguns dos quais perguntaram se eu não temia a responsabilidade que tomava de não dar ouvidos à ameaça: e se de repente estourasse a bomba? Os ânimos, porém, se acalmaram e pudemos prosseguir no trabalho.

Estas duas circunstâncias que remontam a fins de agosto e princípios de setembro, interpretei-as no momento como bravatas de grupelhos de direita, desejosos de provocar um revide por parte dos estudantes da Faculdade de Filosofia. Desencadear-se-ia então um conflito em que estes seriam culpados como iniciadores. O restante do mês de setembro passou-se, porém, em calma.

Na segunda-feira, 30 de setembro, estudantes cuja proveniência eu ignorava, cobravam pedágio na Rua Maria Antônia. Quero esclarecer que, ao contrário do que tenho ouvido propalar, não havia "obrigatoriedade" nenhuma de quem passava; eu mesma me recusei a pagar, por não saber a finalidade a que se destinava. Buzinando, afastei os pedintes e passei, indo estacionar o carro pouco adiante. O pedágio continuou durante o dia todo e na terça-feira, sem maiores inconvenientes do que a descontinuidade do trânsito. Estudantes do Mackenzie iam e vinham preocupados, sem dar maior atenção à cobrança que se efetuava sob suas vistas. Às 18 horas e 30 minutos de terça-feira, fui lanchar no bar em frente à Faculdade, onde há mesinhas; na mesa ao lado da minha, três rapazes bastante jovens, com jeito de secundaristas, conversavam em voz audível, e comentavam o CCC. "Eles recebem treinamento de fato. Não é só aprender atirar, também são obrigados a aprender judô e karatê. E tudo militarizado".

Como o referido bar é frequentado por estudantes do Mackenzie, em cuja calçada se encontra, e muito raramente por estudantes da Filosofia, e também pela maneira de se apresentarem os jovens, com certo requinte de vestir, depreendi que se tratava de estudantes do curso secundário da mesma escola. Subitamente perceberam que eu ouvia a conversa, baixaram as vozes e mudaram de assunto.

Na quarta-feira de manhã, dia 2 de outubro, realizávamos um seminário a partir de 9 horas e 30 minutos, na minha sala que dá para a Rua Maria Antônia e se encontra no 22º andar do prédio, quando por volta de 10 horas e 30 minutos ou 11 horas, ouvimos algazarra na rua. Como o pedágio continuava, igual aos dias anteriores em que não despertara nenhuma reação, supusemos que se tratava de alguma altercação com motorista que se recusasse a pagar. Como o vozerio não diminuísse, fomos às janelas e verificamos que paus e pedras voavam de um lado e de outro da rua. A certa altura, os estudantes da Filosofia pareciam levar a melhor, e se aproximaram dos portões do Mackenzie; porém há ainda uma porção grande de jardins entre a calçada da rua e os prédios, e o terreno é em aclive, o que dificultava o avanço deles, dando facilidade de defesa aos mackenzistas. Com isso os avanços dos estudantes da Filosofia eram seguidos de recuos, quando da parte do Mackenzie enviavam projéteis contra eles.

Como havia terminado nosso seminário e tínhamos de estar na Cidade Universitária às 14 horas, saímos pela Rua Dr. Vila Nova, já que a Rua Maria Antônia,

transformada em campo de batalha, não dava passagem sem risco. Regressei à Rua Maria Antônia às 16 horas para aulas, e tudo se havia acalmado. Com surpresa, verifiquei que havia uma linha de policiais nos jardins do Mackenzie, por detrás das grades, e olhando a rua; eram policiais de uniforme verde-oliva e capacete azul. Informaram-se na Faculdade então que o incidente da manhã tinha por início o fato de um grupo de mackenzistas, que preparava o Congresso da UNE em sua escola, impossibilitados de realizar uma reunião em seu prédio, terem buscado hospitalidade no prédio da Filosofia. Enfurecidos com o fato, outros mackenzistas passaram a atacar os estudantes que faziam pedágio, atirando-lhes pedras e ovos, e atingindo também as alunas do curso de Letras da Filosofia, que se retiravam das suas aulas, as quais tem lugar pela manhã. Teria sido essa a origem do conflito; pelo menos foi a versão que recolhi no próprio dia dos acontecimentos. Nesse dia nada mais ocorreu, porém estávamos bastante apreensivos com o que poderia se dar no dia seguinte.

No dia 3 de outubro, quinta-feira, só teria aulas às 14 horas, razão porque não compareci à Rua Maria Antônia de manhã. Cheguei por volta de 13 horas e 40 minutos, e já do estacionamento, na Rua Augusta, ouvia o bombardeio. Ao me aproximar do prédio da Filosofia, verifiquei que havia um aglomerado de estudantes e professores, meus colegas, fora do alcance dos projéteis que choviam da parte do Mackenzie para a Filosofia. Verifiquei que os projéteis partiam do alto, e percebi então que, da cumeeira de um prédio em construção, eram atirados, descrevendo curvas certeiras, na direção das janelas dos andares superiores do prédio n. 294, da Filosofia. Nos três andares inferiores do referido prédio em construção, divisei milicianos fardados como os que continuavam a guarnecer os jardins do Mackenzie, por detrás das grades, e que continuavam a assistir impassíveis ao bombardeio.

Dirigi-me à porta da Faculdade de Ciências Econômicas, na Rua Dr. Vila Nova, procurando penetrar no prédio da Filosofia, a fim de verificar que risco corria um precioso material de pesquisa sobre o meio rural brasileiro, que venho coletando à testa de minhas equipes de estudantes desde 1963. Fui informada por rapazes que se encontravam à porta de que os estudantes não queriam deixar entrar no prédio, dados os riscos que se ocorria tanto no seu interior, quanto na travessia do pátio interno que separa os prédios da Filosofia, dos prédios das Ciências Econômicas. Permaneci, pois, na rua, sem saber o que fizesse, diante de um poderoso ataque por parte aparentemente de gente do Mackenzie, que era revidado por parte da Filosofia com esparsos foguetes e pedradas. A superioridade da posição dos mackenzistas e outros elementos que os auxiliassem era evidente; a superioridade da munição era inegável e, acobertados pelas explosões de bombas molotov, ouvia-se o disparo seco de armas de fogo. As bombas que iam explodir no prédio da Filosofia pareciam aumentar de momento em momento; tanto voavam pelos ares projéteis que ao tocar o alvo se incendiavam lançando altas labaredas, quando outros que eram tochas já inflamadas, riscando de vermelho

o ar em sua trajetória. A perfeição da trajetória de todos os projéteis demonstrava uma prática longa, inteiramente em desacordo com a improvisação estudantil. E era chocante a comparação com os que partiam do prédio da Filosofia, os quais ao contrário, revelavam a inabilidade e falta de treino dos atiradores.

Como chegassem notícias de que os incêndios, no interior do prédio da Filosofia, se amiudavam, encontrando-me com o Professor Antonio Candido de Mello e Souza, deliberamos partir para a Cidade Universitária, onde a Congregação se encontrava reunida em sessão de rotina; queríamos alertar da gravidade do que sucedia, trazer a Congregação para a Rua Maria Antônia a fim de que tomassem providências. Quando assim deliberávamos, ouvimos gritaria e passou junto a nós um pequeno grupo carregando o estudante José Guimarães, baleado; isto se dera a uns cinquenta passos de onde nos encontrávamos, e os companheiros o carregavam para um carro de reportagem que partiu imediatamente para um hospital. Diante disso, partimos também ambos, o Professor Antonio Candido e eu, incontinenti para a Cidade Universitária. Quando nos encaminhávamos para o estacionamento, na Rua Augusta, soube que reforços tinham sido pedido pelos mackenzistas, e um "brucutu" subia a Rua da Consolação; mais tarde vimo-lo postado à porta do Mackenzie que dá para a Rua Itambé. Também nessa ocasião vimos na Rua Cesário Mota um carro de bombeiros, o que nos sossegou um pouco com relação aos incêndios: se tomassem feição mais perigosa, o socorro estava próximo.

Não penetramos no recinto em que estava reunida a Congregação, mas por um professor que estava no corredor, mandamos dizer que trazíamos notícias da Rua Maria Antônia e que a situação era péssima. Nesse momento chegou o diretor, Professor Eurípedes Simões de Paula, que regressava também da Rua Maria Antônia e convidou a toda a Congregação que se locomovesse até lá, para ver *in loco* o que se passava.

Quando chegamos à Rua Maria Antônia, as respostas por parte dos estudantes que estavam ainda no prédio eram muito poucas; no entanto, por parte do lado do Mackenzie, o bombardeio parecia cada vez mais violento, e as tochas incendiárias voavam sem cessar. Disseram-nos que quase não havia mais estudantes dentro do prédio da Filosofia; que o estudante que fora baleado próximo a nós morrera, e que o grosso dos estudantes partira para o centro da cidade, em passeata, a protestar contra o assassinato do colega.

Junto com outros professores, rumei para a Secretaria da Segurança Pública, acompanhando o Diretor Professor Eurípedes Simões de Paula, que ia expor a gravidade do que presenciamos e pedir a intervenção urgente por parte das autoridades. Durante a nossa permanência na esquina da Rua Maria Antônia com as Ruas Itambé e Higienópolis, constatei a permanência da mesma força policial diante do portão desta rua e, em frente à Rua Maranhão, estava parado um "brucutu". Assistiam impassíveis ao espetáculo do arruinamento do prédio da Faculdade de Filosofia. Soube também que os bombeiros se encontravam dentro

deste prédio, chamados pelos estudantes que ainda ali permaneciam (cinquenta, segundo informes), a fim de combater incêndios que, nem bem eram extintos, num ponto, irrompiam noutro.

Na Secretaria da Segurança, só foi recebido o Diretor da Faculdade de Filosofia pelo Secretário. O restante dos professores ficou na antecâmara, aguardando a notícia das providências. A troca de impressões foi longa, e saímos depois de 18 horas. Voltando a nós, o Professor Eurípedes Simões de Paula trazia a afirmação do Secretário de Segurança que "ocuparia imediatamente toda a área com a polícia".

Eram mais de 18 horas e 30 minutos quando regressei à confluência das Ruas Maria Antônia e Dr. Vila Nova. O bombardeio continuava intenso, porém agora sem resposta alguma por parte do prédio da Faculdade de Filosofia. Entretanto, no prédio das Ciências Econômicas, contíguo ao pátio da Filosofia, soube que vários professores tinham penetrado no prédio a fim de aconselhar os estudantes que ali estivessem a se retirarem imediatamente. De fato, após as 19 horas, os bombeiros que continuavam na sua faina ininterrupta de apagar incêndios que sempre se reacendiam, nos confirmaram que não restava mais um estudante dentro do prédio, e que só eles ali estavam para impedir que o prédio todo se consumisse em chamas. Uma parte dos professores decidiu então partir para a Cidade Universitária, para realizar imediatamente uma assembleia e formular um protesto que pudesse ser publicado o mais depressa possível. Decidi, juntamente com outros professores, permanecer no local para testemunhar o que aconteceria dali por diante. O bombardeio do Mackenzie contra a Filosofia persistia, embora o prédio desta estivesse vazio.

Cansados de uma longa permanência de pé, fomos hospitaleiramente acolhidos pelo Diretor, Professor Francisco Camargo, que nos recebeu nas salas da Diretoria e Secretaria. Estava também muito temeroso, pois, no prédio em frente, junto aos da Faculdade de Filosofia, não só há material de pesquisa, como também todo o riquíssimo acervo da Biblioteca, uma das melhores de São Paulo. Dado que se trata de prédios muito antigos, contíguos, cheios de livros, papéis, paredes de celotex (isto é, material muito inflamável), corria-se o risco de um incêndio de grandes proporções que acabaria com a valiosa cópia de material didático que encerram.

Permanecemos de 19 horas até depois de 20 horas e 30 minutos na Faculdade de Ciências Econômicas, ouvindo sempre o bombardeio. Este parecia se acalmar, e de repente recomeçava. Neste período, vieram bombeiros de prédio fronteiro se queixar de que não podiam mais continuar em seu trabalho, pois estavam arriscando muito. Foi-lhes aconselhado que procurassem o comandante dos destacamentos que estavam no Mackenzie, e comunicassem que o bombardeio já há algum tempo se fazia contra um prédio inteiramente vazio. Mais tarde um pouco, saí com alguns professores e fui ao prédio em frente, atravessando entre estudantes de Ciências Econômicas, de Filosofia, e transeuntes,

que continuavam aglomerados na esquina da Rua Maria Antônia com a Dr. Vila Nova, assistindo aos acontecimentos. Como não pudesse penetrar no prédio em frente, regressei e, nesse momento, deu-se a primeira carga da polícia de choque. Os espectadores desceram a rua a correr; alguns conseguiram juntamente comigo penetrar no prédio das Ciências Econômicas. Dirigi-me imediatamente à sala da Secretaria, onde estavam meus colegas e, ao entrar, ouvi a rajada de metralhadora dirigida da rua contra o prédio das Ciências Econômicas. Ouvi os gritos dos colegas de "Abaixa, deita, deita" e procurei abrigo num canto da sala, afastada das janelas, atrás de uma escrivaninha.

Enquanto isso, voavam em estilhaços os vidros da grande porta da entrada, sob balas, e, de roldão, entravam no prédio, elementos da polícia de choque, com seus capacetes azuis. Aos palavrões, arremessaram-se contra a porta da sala da secretaria, em que nos encontrávamos, e fizeram-nos ficar imóveis, de pé, junto à parede, sob a mira das metralhadoras. Desobedecendo a ordem dada em meio a contínuos palavrões, com rara coragem, o Secretário da Faculdade de Ciências Econômicas avançou e afirmou que havia equívoco, que ali era a Faculdade de Ciências Econômicas e naquela sala estavam só professores. Os assaltantes ficaram indecisos diante da firmeza daquele senhor de cabeça branca; a idade se impôs aos seus ímpetos e saíram da sala, espalhando-se pelo resto do prédio, arrombando portas e estilhaçando vidros. Na rua, ouvíamos o ruído de gritaria, pancadaria e latidos de cães. De repente, explodiram no interior da Faculdade de Ciências Econômicas duas bombas de efeito moral, atiradas ao que parece no porão do edifício, a fim de afugentar os estudantes que por acaso ali estivessem ocultos. A impressão era de que o prédio vinha abaixo.

De roldão saíram também os assaltantes, deixando uma guarda à porta. Dirigiu-se novamente o secretário aos soldados, desta vez acompanhado pelo Professor Antonio Candido de Mello e Souza, e perguntou-lhes o que seria feito conosco. Chamado um tenente, concordou em que nos retirássemos, mas sob escolta até a praça do Teatro Leopoldo Fróes. Assim fizemos. Em toda a nossa saída, ficamos rodeados de soldados e seguidos passo a passo por um carro de polícia carregado de policiais armados.

Olhando rapidamente em torno de mim ao descer a escada, pude ver os sinais de balas nas paredes, os estilhaços de vidros. Na rua, verifiquei que a batida continuava, mas da esquina da Rua Maria Antônia com Dr. Vila Nova para baixo; quis me parecer que o local mais próximo ao prédio da Filosofia, naquela rua, estava mais ou menos deserto. O bombardeio cessara. Passava de 21 horas. Durante perto de três horas, sob os olhos da polícia, estudantes do Mackenzie e aqueles que os auxiliavam tinham se encarniçado contra um prédio no qual só existiam bombeiros extinguindo os incêndios.

É o que tenho a declarar, para conhecimento do público e a bem da verdade.

Depoimento 19
Antonio Candido de Mello e Souza *Membro da Comissão do "Livro Branco"*

Oswaldo Monea, que explora o restaurante do Grêmio e o salão de barbeiro, autorizou-me a registrar o seguinte depoimento:

1. Que esteve durante todo o conflito nos locais da Faculdade e imediações, procurando ajudar os nossos alunos.
2. Que viu um rapaz atirando com revólver contra os nossos estudantes, da janela de um edifício situado ao lado dos edifícios do Mackenzie.
3. Que viu várias alunas nossas feridas na cabeça por pedras atiradas pelos agressores.
4. Que pouco depois das 19 horas, quando diminuía o ataque, adiantou-se até a fachada de um dos nossos prédios, para ver os estragos, e em frente de uma porta encontrou uma cápsula de calibre 45, segundo ele, corresponde à bala de metralhadora — cápsula que me mostrou e pude examinar, e que guarda para entregar ao Diretor, Professor Eurípedes Simões de Paula.

Pedindo-lhe eu autorização para fazer este registro, ele a deu, na sala do restaurante do prédio da administração da Faculdade de Filosofia da USP, na Cidade Universitária, cerca de 13 horas do dia 8 de outubro de 1968.

Depoimento 20
Oswaldo Porchat Pereira *Professor Assistente de História da Filosofia da FFCL/USP*

Na quinta-feira, dia 3 de outubro, dirigi-me pela manhã à sede do Departamento de Filosofia, no prédio da Faculdade sito à Rua Maria Antônia n. 291, a fim de tratar de problemas referentes aos cursos do Departamento. Encontrei um clima de tensão entre os estudantes, preocupados e temerosos, ao que diziam, de um ataque eventual por parte de elementos pertencentes a uma organização extremista de direita entre cujos membros figurariam estudantes da Universidade Mackenzie; temiam que os incidentes da véspera e o conflito surgido entre estudantes das duas Universidades (Mackenzie e USP) pudessem servir de pretexto para atos de provocação contra a Faculdade de Filosofia. Achava-me na sede do Departamento, quando, mais ou menos por volta das 10 horas, ouviram-se fortes estrondos que soube mais tarde provirem de rojões disparados por estudantes. Dirigi-me imediatamente para as janelas que, do 2º andar, dão para a Rua Maria Antônia e notei certo rebuliço na rua, sem que pudesse então compreender exatamente o que estivesse acontecendo. Algumas estudantes nervosas e em pânico, abandonavam suas salas de aula e refugiavam-se nas partes do prédio da Faculdade mais distantes da rua. Desci para o saguão e encontrei grande número de

estudantes e alguns professores que me informaram terem recomeçado os incidentes da véspera e estarem os estudantes da Universidade Mackenzie a jogar pedras e a disparar rojões contra o prédio da Faculdade, ao mesmo tempo em que me aconselharam a retirar imediatamente meu carro que se achava estacionado na Rua Maria Antônia, perto da entrada da Faculdade. Como nada mais tinha a fazer no Departamento e crendo que se tratava apenas de uma pequena rixa entre estudantes sem maior gravidade, retirei meu carro do seu ponto de estacionamento e encaminhei-me para minha residência, de onde apenas retornei à Faculdade pelas 16 horas. Devo acrescentar que não temia maiores consequências devido ao fato de estar a Universidade Mackenzie fortemente policiada por guardas-civis armados postados ao longo de todo o jardim que dá para a Rua Maria Antônia, os quais, de costas para a Universidade Mackenzie, olhavam para a Faculdade de Filosofia. Ao voltar à Faculdade pelas 16 horas, deparei com um grande pelotão de guardas-civis armados com metralhadoras que bloqueavam a esquina da Rua Maria Antônia com a Itambé. Estando a pé, fui obrigado, para poder penetrar na Faculdade, a entrar pela Rua Dr. Vila Nova, e a utilizar a passagem que liga o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas ao pátio interno da Faculdade de Filosofia. Nesse momento, fui informado do que acontecera. Professores e estudantes que se encontravam no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, relataram-me que estudantes do Mackenzie bombardeavam a Faculdade desde as últimas horas da manhã com tochas incendiárias, pedras e disparos de armas de fogo, já tendo vitimado um estudante (cuja morte no hospital para que fora levado não era ainda conhecida). Nesse momento, pude pessoalmente, verificar da porta interna da Faculdade de Ciências Econômicas que dá para o pátio da Faculdade de Filosofia, que elementos postados nos últimos andares de um prédio em construção situado ao lado da Universidade Mackenzie lançavam ininterruptamente bombas molotov, e pedras e caibros sobre a nossa Faculdade, inclusive sobre o pátio, tornando perigosa a sua utilização para quem pretendesse penetrar no prédio da Faculdade de Filosofia. Os atacantes eram perfeitamente visíveis do local em que me encontrava, alguns dos quais se encontravam de dorso nu, portando calças escuras. Dirigi-me a seguir, sem entrar na Faculdade, para a esquina da Rua Maria Antônia com a Rua Dr. Vila Nova, avançando pela primeira, em meio a grande concentração de estudantes e populares até uns quarenta metros da entrada principal da Faculdade de Filosofia, não mais podendo progredir em virtude do bombardeio a que a Faculdade era submetida. Em menos de meia hora pude contar algumas dezenas de tochas incendiárias lançadas do prédio em construção, acima referido, contra as janelas, os telhados e a frente de nossa Faculdade, em que provocaram repetidas vezes princípios de incêndios. Diante da Faculdade, uma dezena de estudantes refugiados atrás de uma espécie de tapume respondiam ao bombardeio com pedras e rojões, os quais, no entanto, devido à posição incômoda em que se encontravam os defensores, não atingiam seus alvos. Das janelas da Faculdade de Filosofia,

alguns rojões eram também disparados por estudantes que defendiam a Faculdade, mas que não podiam também atingir os atacantes entrincheirados em prédio muito mais elevado. Um carro de bombeiro estacionado nas proximidades chamou-me a atenção e para ele me dirigi; informou-me o comandante da guarnição que, na impossibilidade de chegar à Faculdade de Filosofia pela Rua Maria Antônia (alguns estudantes acabavam de informar-me que a guarnição de bombeiros também fora bombardeada por projéteis disparados do prédio em construção), pretendia utilizar-se da passagem da Faculdade de Ciências Econômicas, para atingir o prédio da Faculdade de Filosofia e debelar os focos de incêndio. Um outro bombeiro queixou-se da passividade da polícia que, nos jardins da Universidade Mackenzie e na confluência da Maria Antônia com a Itambé, contemplava o bombardeio e as tentativas de incêndio do próprio do Estado, sem esboçar um gesto de intervenção (eu soube posteriormente que Professores da Faculdade de Filosofia procuraram os comandantes das guarnições policiais postadas no Mackenzie e nas ruas próximas, os quais se negaram a qualquer intervenção, invocando ordens superiores). Nesse momento, notei um certo rebuliço entre um grupo de estudantes da Faculdade que se achava em lugar mais exposto ao bombardeio e vi logo a seguir, passar perto de mim, carregado por colegas, um estudante que tinha a coxa a sangrar de ferimento produzido por tiro disparado pelos atacantes. Dirigi-me novamente para o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, a fim de penetrar na Faculdade. Lá encontrei-me com o Diretor da Faculdade, Professor Eurípedes Simões de Paula, com o Secretário Ayrosa (o qual me informou ter visto um rifle nas mãos de elementos que atacavam a Faculdade do prédio fronteiro) e com alguns professores catedráticos que, consternados, criticavam a proteção absurda propiciada pela força policial aos atacantes que ameaçavam incendiar um próprio do Estado e se serviam de armas de fogo, já tendo atingido pelo menos dois estudantes. Acompanhados por alguns bombeiros, atingimos o pátio da Faculdade, devendo passar um a um e correndo um certo trecho que era visado pelo bombardeio. O Diretor da Faculdade quase foi atingido por enormes pedras, que se fragmentaram com violência a seu lado. Penetrando no prédio da Faculdade e percorrendo seus andares, pudemos constatar que nossos estudantes, em número reduzido, não se serviam de armas de fogo, mas apenas de rojões e pedras. Atingidas pelos projéteis vindos do outro lado, salas de aulas e a antiga sala da Congregação encontravam-se em estado lastimável. Nesse momento, decidiu-se que o Diretor e alguns catedráticos se dirigiriam ao Secretário da Segurança, a fim de exigir que a polícia cumprisse o seu dever de proteger as vidas dos estudantes contra os atacantes armados (ouvi por várias vezes rajadas de metralhadoras), e de impedir a destruição e incêndio dos prédios da Faculdade. Era geral o ambiente de revolta e consternação, funcionários, estudantes e professores comentando o ataque criminoso que a Faculdade sofria e a ominosa complacência policial para com os atacantes, como se tratasse apenas de uma rixa entre estudantes, sem maior gravidade. Retiramo-nos do prédio pelo pátio e pela passagem

utilizada para a entrada, expondo-nos novamente ao bombardeio e devendo correr para não sermos atingidos. Enquanto o Diretor e alguns professores se dirigiam à Secretaria de Segurança, permaneci nos locais, assistindo ao triste espetáculo por mais meia hora, quando me retirei, premido por compromissos familiares. De novo passei por perto dos contingentes policiais que contemplavam a cena. Somente algumas horas depois fui informado da triste sequência desse episódio lamentável, da vida da Universidade de São Paulo.

São Paulo, 20 de outubro de 1968

Depoimento 21
Vitor Ramos *Professor Assistente da FFCL/USP*

No dia 2, por volta das 10 horas e 30 minutos, professores e alunos que assistiam a uma conferência no Salão Nobre, ouviram grande alarido na Rua Maria Antônia. Alguns viram pelas janelas que havia um conflito em baixo. Quando a conferência terminou, ficaram na Faculdade apenas alguns alunos, o Professor Cavalcante de Souza e eu. Soubemos então pelos alunos que um grupo de mackenzistas atirara ovos contra alguns estudantes que faziam um pedágio na rua e que esse fato estava provocando uma troca de pedradas entre alunos das duas escolas.

Tendo oportunidade de verificar, pelas janelas do segundo andar, que esse conflito assumia proporções graves, por volta das 11 horas e 30 minutos eu e o Professor Cavalcante resolvemos dirigir por telefone um apelo aos professores do Mackenzie, no sentido de realizarem diligências junto aos seus alunos, a fim de cessar o arremesso de pedras e telhas contra o edifício da Faculdade de Filosofia, prometendo nós, que também faríamos igual diligência junto aos nossos alunos. Coube a mim fazer esse apelo. Quando obtive a comunicação telefônica pedi para falar com a Reitora do Mackenzie. Embora me tivesse identificado como Professor da Filosofia, foi-me respondido que a Professora Figueiredo Ferraz estava muito ocupada para atender. Só depois de grande insistência veio ao telefone um professor, cujo nome não posso precisar, a quem prometi que conseguiria, junto aos nossos alunos, a suspensão da violência, se da parte do Mackenzie se verificasse medida idêntica. Depois de algumas evasivas ("é difícil conseguir que eles parem", "o senhor sabe como são os jovens"), foi-me prometido, com grandes protestos de cordialidade, que a diligência seria feita.

Usando esta promessa, estive no térreo, 2º e 3º andares e consegui que os nossos estudantes suspendessem a sua atividade de defesa, por mais de cinco minutos. Ao fim desse tempo, verificando que, do outro lado, não era cumprida a promessa de intervenção apaziguadora dos professores (ou que, se houve intervenção, esta não era respeitada), os estudantes comunicaram-me que não poderiam adiar a resposta, pois as vidraças das janelas do nosso prédio estavam estilhaçadas.

Depois de confirmar que, na verdade, assim era, resolvi, de novo com o Professor Cavalcante, tentar localizar o Professor Eurípedes Simões de Paula. Não o encontrando em casa e não conseguindo telefonar para o edifício da Administração, saí da Faculdade pela Rua Dr. Vila Nova e dirigi-me à Cidade Universitária, a fim de lhe expor pessoalmente o que vira e fizera. A partir daí, nada mais sei por experiência pessoal, sobre o que se passou neste dia.

São Paulo, 6 de outubro de 1968

Depoimento 22
Maria do Carmo C. Campello de Souza *Instrutora da FFCL/USP*

No dia três de outubro, quinta-feira, entre 19 horas e 30 minutos, cheguei à Rua Dr. Vila Nova, quando, encontrando alguns colegas professores, fui informada de que haveria na Faculdade de Ciências Econômicas uma assembleia geral de professores da Faculdade de Filosofia, para discutirem os acontecimentos relacionados ao ataque do prédio da Faculdade de Filosofia e as medidas já tomadas e a serem tomadas. À espera dessa assembleia, fiquei em companhia de diversos colegas nas proximidades do prédio de Ciências Econômicas, tentando observar os acontecimentos da Rua Maria Antônia.

A esta altura, o prédio da Faculdade de Filosofia já havia sido totalmente evacuado (desde 18 horas e 30 minutos, segundo informações de outros professores) e estava às escuras. Apesar disso, continuava a ser bombardeado por pessoas entrincheiradas nos altos dos prédios do Mackenzie e vizinhos, as quais arremessavam coquetéis molotov, rojões, pedras e paus, davam tiros em indivíduos que, na rua, jogavam pedras contra o Mackenzie.

Soubemos que o edifício da Faculdade de Filosofia estava se incendiando e que um grupo de bombeiros não conseguia controlar o incêndio pois, além de contar com poucos elementos, tinha que se defender do bombardeio vindo do outro lado da rua. O chefe dos bombeiros veio até a Faculdade de Ciências Econômicas para telefonar ao comando pedindo reforços.

Soubemos em seguida que, com a ausência de resistência do lado da Faculdade de Filosofia, os atacantes do lado do Mackenzie passavam a atravessar a rua jogando bombas para dentro da Faculdade de Filosofia, através das janelas; para se protegerem das pedras dos estudantes e populares que, da rua, ainda procuravam defender o prédio da Faculdade de Filosofia, usavam os atacantes pedaços de tapumes de madeira. Da esquina, pudemos constatar esses acontecimentos, durante algum tempo.

Reunidos na Faculdade de Ciências Econômicas, soubemos, por volta das 20 horas e 30 minutos, que o Governador do Estado havia dado ordem de ocupação das Faculdades (Filosofia e Mackenzie). Um grupo de professores, do qual eu fazia parte, resolveu entrar no prédio da Filosofia pelos fundos, para testemunhar

a ocupação. No caminho para lá, deparamos com grande massa de gente que se havia juntado na esquina da Rua Maria Antônia, descendo a Rua Dr. Vila Nova em correria e aos gritos. Voltamos, portanto, para dentro da Faculdade de Ciências Econômicas, para nos refugiarmos da multidão e de seus perseguidores. Várias dessas pessoas que estavam fugindo, entraram também no saguão da Faculdade de Ciências Econômicas e queriam fechar as portas de entrada. Pedimos que deixassem as portas abertas, pois a Faculdade estava funcionando normalmente e havia uma reunião de professores. Não obstante, tomados pelo pânico, fecharam as portas. Fomos subindo o lance de escadas que leva ao *hall* da Faculdade. Quando todos haviam subido as escadas e muitos haviam entrado nas salas laterais que estavam todas abertas, ouvi o que parecia ser uma rajada de metralhadora cujas balas atingiram, através das portas de vidro, os primeiros degraus do lance de escadas interno. Vi um homem de terno cinza-escuro arrastando-se pelo assoalho da entrada, aparentemente tentando fugir dos tiros. Perguntei-lhe se estava ferido e comecei a andar em sua direção, quando um tiro atingiu o chão, perto do meu pé. Tentei entrar na primeira sala à esquerda, mas a porta estava trancada (posteriormente soube que ali se refugiaram vários professores). Passei então à segunda sala de espera, na porta da qual se encontravam dois professores a quem adverti do perigo dos tiros, fazendo com que entrassem na sala. Nesse instante, um tiro atingiu o batente da porta, deixando cair lascas de madeira sobre mim. Pouco depois resolvemos subir as escadas para o primeiro andar, pois a sala que ocupávamos era muito vulnerável.

Ao subirmos as escadas, explodiram várias bombas no *hall* de entrada. No primeiro andar encontramos diversas pessoas que fugiam desordenadamente para as salas abertas, à espera do que viesse. Em seguida, chegaram os soldados da Força Pública, que nos prenderam, apontando-nos seus revólveres e metralhadoras; encaminharam-nos a todos para uma sala do segundo andar.

Os policiais iniciaram uma identificação dos presos. O primeiro a ser identificado foi um estudante, que era aluno das duas Faculdades, Mackenzie e Filosofia. Identifiquei-me logo após como sendo Professora da USP, outros professores faziam o mesmo.

Logo após, fomos informados de que deveríamos esperar um pouco, dentro da Faculdade, porque fora ainda havia perigo.

Aproximadamente meia hora depois, escoltados pelos soldados da Força Pública, dirigimo-nos à rua, aparentemente para sermos conduzidos para fora da zona de perigo. A uma contraordem, fomos recambiados ao prédio das Ciências Econômicas. Dez minutos depois, apareceu um oficial trajando uniforme do Exército, o qual se dirigiu exclusivamente ao estudante das duas Faculdades, a quem perguntou:

— Você precisa se explicar; em que time joga, no nosso time ou no deles, no de cá ou no de lá.

— Não jogo de nenhum lado, respondeu o estudante.

O oficial fez mais algumas considerações e ordenou ao policial que parecia estar chefiando a escolta da Força Pública que devolvesse o estudante aos mackenzistas, já que ele também era da outra Faculdade. O estudante se recusou a ser mandado à Universidade Mackenzie, preferindo ficar onde estava. Com isso, o oficial se retirou, não mais surgindo em cena.

Vinte minutos depois chegou nova leva de pessoas detidas nas redondezas. Como eu, todos ali, pensávamos ainda que não continuaríamos detidos e que a atitude dos soldados se explicava como proteção a nós, meros circunstantes. Fomos, porém, todos encaminhados ao Dops, onde ficamos até as 24 horas e 30 minutos. Fomos levados depois para o Recolhimento de Presos Tiradentes, sendo presos em celas às 3 horas da manhã, onde permanecemos em péssimas condições de higiene e de alimentação até as 13 horas do dia seguinte. Fomos todos identificados e prestamos depoimento, e às 16 horas, liberados pelo Dops.

noticiário da imprensa

Jornais e Revistas utilizadas como documentos[1]

Jornal 1 *Folha de S. Paulo*, 3.10.68.
Jornal 2 *O Estado de S. Paulo*, 4.10.68.
Jornal 3 *Diário de S. Paulo*, 4.10.68.
Jornal 4 *Folha de S. Paulo*, 4.10.68.
Jornal 5 *Folha da Tarde*, 4.10.68.
Jornal 6 *Diário da Noite*, 4.10.68.
Jornal 7 *Jornal da Tarde*, 4.10.68.
Jornal 8 *O Estado de S. Paulo*, 4.10.68.
Jornal 9 *Folha de S. Paulo*, 8.10.68.
Jornal 10 *Folha da Tarde*, 8.10.68.
Jornal 11 *Jornal da Tarde*, 8.10.68.
Jornal 12 *Veja*, 9.10.68.
Jornal 13 *Folha de S. Paulo*, 12.10.68.
Jornal 14 *Folha da Tarde*, 24.10.68.
Jornal 15 *O Cruzeiro*, 9.11.68.

1 Com exceção do Jornal 3, que não foi localizado, os demais foram reproduzidos no Anexo 2 – Noticiário da Imprensa: 3 de Outubro a 9 de Novembro de 1968. [N. do E.]

Sumário de Notícias

Jornal 1 – *Folha de S. Paulo*, 3.10.68: história conflitos da quarta-feira, 2.10.68.

a) dá como origem do conflito ataque de estudantes do Mackenzie com pedras e ovos podres contra secundaristas que faziam pedágio;
b) moradores da Rua Maria Antônia são mencionados como dizendo que foram estudantes do Mackenzie iniciadores;
c) dá como hora do início dos conflitos da quarta-feira: 10:30 h;
d) cita estudante do Mackenzie, Américo Nicolati, que é do Partido Libertador Acadêmico, como afirmando que o ataque foi organizado pelo CCC;
e) ainda segundo Nicolati, os estudantes do Mackenzie eram comandados por elementos da polícia política;
f) a luta terminou no momento que a GC interveio, momento este em que os atacantes do Mackenzie sofriam um contra ataque (como revide alunos da Filo-USP, tentavam invadir o Mackenzie); o término da luta teria ocorrido por volta das 14:00 h;
g) houve feridos com pedradas e queimaduras com ácido sulfúrico.

Jornal 2 – *O Estado de S. Paulo*, 4.10.68: historiando os acontecimentos do dia 3.

a) violência dos mackenzistas contra os repórteres; a polícia não interveio para proteger os repórteres;
b) antes da ocupação do prédio, mackenzistas tentaram incendiar o prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que já havia sido abandonado pelos alunos às 10:30 h;
c) do prédio do Mackenzie continuavam sendo jogados "molotovs" quando só os bombeiros se encontravam no prédio da Faculdade de Filosofia, tentando apagar o fogo; mais de cem guardas na esquina permaneciam como espectadores;
d) a polícia é descrita como omissa durante o conflito; quando entrou em ação, a Força Pública o fez com violência contra populares e jornalistas, pois estudantes já haviam partido;
e) autópsia revela que a bala responsável por morte do estudante era de grande calibre.

Jornal 4 – *Folha de S. Paulo*, 4.10.68

a) dois atiradores teriam sido avistados no telhado do Mackenzie;
b) além do morto, são mencionados por nome, três feridos a tiro;
c) a chegada de bombeiros à Maria Antônia, é dada às 15:30 h;
d) "segundo testemunha", no pé da página, liga a morte do estudante com os disparos feitos pelos atiradores no telhado.

Jornal 5 – *Folha da Tarde*, 4.10.68, história conflitos da quinta-feira, 3.10.68.

a) as hostilidades começam às 11:00 h; parcialidade da polícia já no primeiro ataque de 30 minutos do Mackenzie;
b) no primeiro recuo dos alunos do Mackenzie, a GC intervém de surpresa tentando desocupar a rua;
c) o tenente Adalberto, do Corpo de Bombeiros, é advertido pelos nossos estudantes que estão atirando com armas de fogo do telhado do Mackenzie; resistência dos alunos da Filosofia/USP é desorganizada;
d) bombas de gás lacrimogêneo de fabricação americana e uso privativo da polícia são atiradas do Mackenzie; uma não explode;
e) hora da evacuação do prédio é dada como 19:10 h, ao som da campainha elétrica, ante o boato de invasão pela Força Pública;
f) 15 alunos do Mackenzie que ficaram ao lado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dão preocupação por estarem ameaçados pelo CCC;
g) a luta foi presenciada por cerca de três mil pessoas, grande número deles moradores da Rua Maria Antônia;
h) médico do ISSU é citado (p. 7) informando do resultado da autópsia do estudante morto, José Guimarães, que a bala seria de calibre 38 para cima; autópsia foi meticulosa.

Jornal 6 – *Diário da Noite*, 4.10.68.

Nota: início da reportagem muito inacurada.

a) denúncia ninho de metralhadoras no teto do edifício da Escola de Química Industrial do Mackenzie e um guarda civil que atirava de rifle Winchester, no prédio em construção;
b) denúncia de alunos do Mackenzie, que a luta era do CCC contra os estudantes da Filosofia.

Jornal 7 – *Jornal da Tarde*, 4.10.68: historiando os acontecimentos do dia 3.

a) iniciativa dos ataques atribuída ao Mackenzie;
b) cita José Dirceu recomendando aos estudantes não aceitarem provocação, que a polícia estava do outro lado, etc.;
c) é mencionado um ferido do lado do Mackenzie, atingido por rojão no rosto;
d) o tiro que matou o estudante é atribuído aos que estavam no prédio em construção ocupado pelos mackenzistas;
e) descrição dos grupos que arrecadavam dinheiro para organizar a defesa comprova o despreparo dos nossos alunos;
f) aluno do Mackenzie declara que estavam preparados para invadir a USP, mas que não queriam briga, etc., etc.;
g) a GC dizia ter ordens para só atirar quando os alunos da USP invadissem o prédio do Mackenzie;

h) aluno da USP citado: "Os caras jogam molotov na gente com a maior tranquilidade..." Queixa-se da falta de armas;
i) os alunos no teto da FFCL que tentavam alvejar o Mackenzie com rojões são alvejados à bala;
j) trabalho dos bombeiros atrapalhado por pedradas e molotovs;
1) às 20:30 h, com oficiais da FP dentro do Mackenzie, continuam a jogar molotovs no prédio da FFCL; mesmo com a tropa já na rua (às 21:30 h a caminho de ocupar o prédio), continua o bombardeio de molotovs; 21:15 h. —Força Pública ocupa a Filosofia e não encontra estudantes;
m) prédio da Filosofia é mostrado aos jornalistas às 21:30 h.

A Universidade Mackenzie não é mostrada aos jornalistas.

Jornal 8 — *O Estado de S. Paulo*, 5.10.68.

Balas de grosso calibre encontradas no edifício ocupado pelos mackenzistas no dia anterior; menciona que, ao que parece, o edifício *não* foi vistoriado pela polícia técnica. As cápsulas calibre 45 foram encontradas pela imprensa que ali entrou usando subterfúgios.

Jornal 15 — *O Cruzeiro*, 9.9.68.

Traz uma reportagem de Pedro Medeiros, com fotos de Manuel Motta, intitulada: "CCC ou o Comando do Terror", com a seguinte manchete: "São muitos, a organização é grande. Nos seus feitos estão os ataques aos artistas de RODA VIVA e à USP. Todos são violentos. Alguns, covardes". Vêm reproduzidos retratos, sem nomes, de 26 membros da organização, sobre a qual são fornecidos vários dados. A seguir, há indicação de 45 nomes, dos quais 14 relacionados com o ataque à Faculdade, a saber: João Marcos Flaquer; Lionel Zaclis; Francisco José Aguirre Menin ("Foi quem comandou o ataque à USP"); Souvenir Assunção Sobrinho; Bernardo Mac Dowell Krug; Pedro José Liberal ("Dirigia uma das alas do ataque à USP de arma na mão"); Boris Casoy ou Kassoy; José Antônio de Oliveira Machado; Raul Nogueira Lima ("A posição que escolheu para dirigir um dos grupos foi o telhado"); Estefan Buriti Suzian; José Roberto Batochio; Raffi Kathlian ("Apareceu em plena ação em fotos feitas por uma fotógrafa japonesa da Folha da Tarde"); Flavio Caviglia; Henri Penchas.

Nota: As fotos da pessoa identificada nesta reportagem como sendo Raffi Kathlian, foram reproduzidas na *Folha da Tarde* e na revista *Veja* de 9 de outubro (**J. 12**).

alguns pronunciamentos

Transcritos aqui integralmente pela comissão, as imagens desses documentos estão reproduzidas no Anexo 4, "Pronunciamentos" [N. do E.]

Pronunciamento 1

Denúncia e Protesto dos Docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras[1]

Os abaixo-assinados, docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, vêm a público denunciar e protestar com energia contra a agressão inominável de que foram alvo os dois prédios da Rua Maria Antônia, por parte de estudantes da Universidade Mackenzie e quem sabe outros elementos, solidamente entrincheirados nos edifícios fronteiros. Trata-se, sem dúvida, de ato longamente premeditado e cuidadosamente preparado, com emprego maciço de explosivos, bombas de gás, tiros de revólver, rajadas de metralhadoras e pedras. A este propósito, é estranhável que estudantes tenham podido acumular semelhante aparato bélico, usado de modo sistemático, parecendo envolver medidas de logística militar. Igualmente estranhável foi a complacência visível da polícia, que desde as primeiras horas da manhã se encontrava nos terrenos da Universidade Mackenzie em atitude de guarda, ao lado dos agressores, assim permanecendo durante o tempo que durou a agressão, do mesmo modo que outros contingentes que vieram postar-se nas ruas próximas.

Não é possível ainda calcular os danos causados, sendo certos a morte de um estudante secundário e ferimento em vários alunos nossos, atingidos por balas,

1 Título acrescentado nesta edição para melhor identificar o documento [N. do E.]

bombas, pedras e ácidos, quando revidavam, na medida de suas pequenas possibilidades de defesa. A opinião pública poderá formar uma ideia do verdadeiro arsenal utilizado, bem como da violência e intensidade do ato que, se souber que o mesmo durou de modo quase ininterrupto das 11 às 21 horas; e mesmo quando, pela altura das 19 horas, nossos alunos abandonaram os prédios e estes ficaram vazios, continuou o arremesso de bombas, com intuito visível de fazê-los arder. Manifestaram-se, aliás, diversos começos de incêndio, felizmente extintos graças à bravura e abnegação do pequeno contingente de bombeiros, que acabaram eles próprios vítimas da agressão.

Nessa primeira manifestação pública, os abaixo-assinados querem protestar contra a referida parcialidade da força policial que, montando guarda, garantiu de certo modo a ação dos autores de uma das agressões mais brutais de que há notícia na história da Cidade.

Folha de S. Paulo
6.10.68

Pronunciamento 2
Filosofia Dá Sua Versão

Professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, reunidos em Assembleia no prédio de Geografia e História (Cidade Universitária) aprovaram por unanimidade na tarde de ontem (7 de outubro) o seguinte:

Diante dos acontecimentos que envolveram estudantes de Faculdades da Universidade de São Paulo e da Universidade Mackenzie, queremos prestar à opinião pública os esclarecimentos que nossa consciência de professores e cidadãos impõe:

No dia 2 do corrente, ocorreu um conflito envolvendo estudantes de diversas Faculdades da Universidade de São Paulo e da Universidade Mackenzie, em que jovens de ambos os lados trocaram insultos e pedradas, afetando ambos edifícios. Nesta ocasião, alguns estudantes da USP foram atingidos por ácido atirado por pessoas que se encontravam no interior da Universidade Mackenzie.

No dia seguinte, o que poderia ter se limitado a um conflito entre estudantes, assumiu outro caráter. Às 10 horas, pessoas vindas da Universidade Mackenzie, arrancaram faixas colocadas no edifício da Faculdade de Filosofia, à Rua Maria Antônia, em que era denunciada à ação de grupos terroristas de extrema-direita. Com isso, renasceu o conflito, caracterizando-se, então, por escaramuças e apedrejamentos, já sob as vistas da polícia, que havia sido chamada, desde a véspera, pela Reitora da Universidade Mackenzie. Por volta das 13 horas, a Faculdade de Filosofia, foi metralhada, como se pode verificar pelos sinais que marcam sua fachada. A essa altura, não mais se pode falar de "um conflito entre estudantes".

As cumeeiras dos prédios vizinhos à Universidade Mackenzie, e fronteiros à Faculdade de Filosofia, foram ocupadas e utilizadas para bombardeá-la, o que indica a militarização progressiva dos ataques à Faculdade de Filosofia; verificaram-se, em seguida, quando balas de grosso calibre partidas do Mackenzie ou de prédios ocupados por pessoas daí advindas fizeram as primeiras vítimas: um morto e alguns feridos. Tudo isso, repetimos, sob a vista da Guarda Civil, que ocupara inclusive, um dos andares da construção em frente à Faculdade de Filosofia, protegendo os atiradores.

A intensidade do bombardeio do prédio da Faculdade de Filosofia com a utilização de tochas incendiárias, bombas de gás lacrimogêneo e armas de grosso calibre, indica a preparação de um arsenal paramilitar, que não poderia ter se formado ao sabor do improviso de uma luta entre estudantes.

Às 16 horas, quando a luta assumiu proporção de extrema violência, uma comissão da Congregação da Faculdade de Filosofia, chefiada por seu diretor, Professor Eurípedes Simões de Paula, entrou no prédio da Rua Maria Antônia e verificou que a continuação do assalto poria em risco definitivo aquele próprio do Estado. A esta altura, havia pouco mais de cinquenta estudantes no seu interior. Uma guarnição do Corpo de Bombeiros, heroicamente, prestava auxílio na extinção de incêndios provocados pelas bombas atiradas pelos assaltantes. Os professores não viram armas de fogo entre os estudantes que se encontravam na Faculdade de Filosofia. A maioria dos estudantes saíra em passeata para protestar contra o assassínio de um colega. Dado que a Faculdade continuava a ser atacada, embora estivesse quase vazia, aqueles professores chefiados por seu diretor procuraram o senhor Secretário da Segurança para dizer-lhe que, apesar de contrários à ocupação da Faculdade pela polícia, por causa das novas violências que este fato iria fatalmente gerar, acreditavam que seria conveniente uma ação enérgica da polícia, isolando as duas Faculdades e interferindo contra os incendiários.

O Senhor Secretário da Segurança, cerca de 18 horas, comunicou aos professores que a polícia "ocuparia a área" e, se necessário fosse, invadiria ambas as escolas.

Diante disso, alguns professores da Filosofia voltaram a entrar no edifício da Maria Antônia e convenceram os poucos estudantes, que ainda lá se encontravam a abandonar inteiramente o prédio. Neste ínterim, professores membros da Congregação da Faculdade estavam parlamentando com os responsáveis pela Universidade Mackenzie, pedindo-lhes que interferissem igualmente junto aos seus estudantes e deles obtivessem uma trégua. Dentro do Mackenzie, puderam verificar que lá se encontrava um choque da Força Pública e que alguns oficiais insistiam em dizer que "eram os próprios alunos da Filosofia" que incendiavam o prédio. A Direção do Mackenzie declarou a estes professores que apesar de seus esforços nada poderia fazer "enquanto os alunos da USP continuavam atacando o Mackenzie". Diante disso, outros professores dirigiam-se ao chefe do contingente da Guarda Civil que estava na esquina da Rua Maria Antônia e

Itambé, pedindo-lhe que verificasse que o prédio da Filosofia estava abandonado e que se requeria uma ação urgente para evitar incêndios e danos nas bibliotecas e museus. Foi-lhes negada essa possibilidade porquanto se aguardariam ordens superiores. Um observador do senhor governador, Deputado Federal Israel Dias Novais, entretanto, visitou o prédio, em companhia de um professor e pôde testemunhar como a situação era crítica.

Diante disso, os Professores da Filosofia, que se encontravam no local, resolveram reunir-se na Faculdade de Ciências Econômicas da USP, para de algum modo, presenciar os acontecimentos e, pelo menos, poder levar seu testemunho às Autoridades Universitárias. Estarrecidos viram que o prédio da Faculdade de Filosofia continuou sendo atacado até às 20 horas e 30 minutos, estando dentro dele apenas um contingente do Corpo de Bombeiros. Mais tarde, as tropas de choque da Força Pública invadiram também, sob rajadas de metralhadoras, o próprio edifício da Faculdade de Economia, da Rua Dr. Vila Nova, onde se reuniram os professores e para onde estudantes e populares correram, apavorados ante a violência que a Força Pública, de armas à mão, precedida de cães e acompanhada pelos extremistas de direita que se encontravam no Mackenzie, exercia nas ruas. Nesta ocasião, foram presos estudantes e professores da USP. Um dos professores foi espancado, após identificar-se.

Depois destes acontecimentos, deu-se o "festim cívico", a que se fez alusão na nota oficial da Universidade Mackenzie, ainda sempre diante da complacência policial.

Estes os fatos.

Não podemos deixar, diante deles, de denunciar a violência de grupos de direita; a omissão de autoridades responsáveis pela ordem e a cumplicidade policial. Neste caminho se aperfeiçoa o Estado autoritário, se incentiva a violência como árbitro de conflito, se tenta agora liquidar uma Faculdade, para amanhã, quem sabe, destruir completamente as instituições que ainda garantem os direitos individuais e públicos.

Tudo isso, como é praxe, para "combater a subversão" e garantir a "democracia". Este tipo de falsa democracia não conta, decididamente, com o nosso apoio.

São Paulo, 7 de outubro de 1968.
O Estado de S. Paulo
8.10.68 – página 15

Pronunciamento 3
Da Faculdade de Filosofia ao Público

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tomou conhecimento, pelo noticiário da imprensa de hoje, de manifestação do Conselho Universitário da Universidade Mackenzie "acerca dos fatos ocorridos nos dias 2 e 3 do corrente".

Embora não pretenda abrir, com esse Conselho, uma polêmica, por reconhecê-la absolutamente estéril, não pode deixar de vir a público para:

1. dizer que reitera os termos de seu manifesto do dia 3 do corrente;
2. informar que, justamente por estar empenhada no estabelecimento da verdade, é que foi, no mesmo dia 3, à Assembleia Legislativa do Estado, a fim de obter, de seus deputados, a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Tal pedido foi acolhido e à referida Comissão caberá estabelecer a verdade dos fatos.

Sala da Congregação, 10 de outubro de 1968.
O Estado de S. Paulo
11.10.68 – página 11

Pronunciamento 4
Mackenzie — Esclarecimento ao Público

A Direção ao Instituto Mackenzie e a Reitoria da Universidade sentem-se no dever de vir à público, a fim de prestar esclarecimentos sobre os fatos que se desenrolaram nos dias 2 e 3 do corrente, envolvendo alunos desta instituição de ensino e elementos sediados no prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, à Rua Maria Antônia.

Presentes que estiveram, no *campus* do Mackenzie, durante todo o tempo que durou a tentativa de sua ocupação, empenhando-se ao lado de professores e funcionários em evitar que os acontecimentos degenerassem em uma tragédia de incalculáveis proporções, podem os dirigentes mackenzistas testemunhar, em sã consciência, não apenas a suma gravidade dos fatos ocorridos como, também, o espírito com que agiram os estudantes de seus cursos médio e superior.

Cumpre-lhes, assim, assinalar que as dependências do Mackenzie, em toda a extensão de seus limites, foram alvo de repetidas tentativas de invasão, iniciando-se estas, logo na manhã do dia 2, com a derrubada de um portão da Rua Maria Antônia. Não atingiram os agressores seus objetivos porque alunos do colégio técnico, aos quais se aliaram, pouco depois, universitários e funcionários da instituição, armados todos dos instrumentos que encontraram à mão, os fizeram recuar, sem, entretanto desistir. Nem mesmo a chegada de elementos da Guarda Civil, enviados pelo Sr. Secretário da Segurança Pública, em consequência de pedido formal do Instituto e da Reitoria, conseguiu fazer cessarem as hostilidades, sendo certo que no dia seguinte, pouco antes da vinda do Grupo de Choque da Força Pública, a luta atingira tais proporções que já

se tratava nas proximidades da Reitoria, multiplicando-se os pontos em que se tentava a escalada.

A violência do ataque ficou evidenciada não só pelo elevado número de feridos, como pelos danos causados aos edifícios, pelo incêndio lavrado na Escola de Engenharia, e finalmente pela agressividade do grupo atacante quando se dirigiu, depois, ao centro da cidade, provocando tumultos, causando depredações, destruindo veículos, forçando o encerramento da sessão da Congregação da Faculdade de Direito, no Largo São Francisco.

Desde o eclodir do incidente, às 11 horas do dia 2, quarta-feira, a direção do Instituto e a Reitoria da Universidade Mackenzie solicitaram a presença da polícia, visando à defesa dos milhares de vida confiados à sua guarda, no interior do "campus" mackenzista. E mantiveram-se em permanente contato com as altas autoridades civis e militares, especialmente o Sr. Secretário da Segurança Pública do Estado, testemunhas todas, algumas presenciais, do esforço desesperado que desenvolveram para conter os ânimos exaltados, evitar os excessos, permitir a defesa pessoal dos estudantes sem prejuízo do respeito aos direitos alheios.

Não é preciso ressaltar o quanto lamentam — no que, estão certos, são acompanhados por todos e cada um dos mackenzistas — o doloroso passamento de um estudante, aliás, não pertencente a qualquer das escolas envolvidas nos fatos. Mas consola-os a certeza de que não fossem as prontas providências que tomaram, convocando as autoridades e atuando energicamente junto aos seus alunos, as mortes seriam em número imprevisível, e mais de uma família choraria, hoje, os filhos desaparecidos.

Cumpre-lhes, finalmente, acentuar que malgrado possíveis excessos inevitáveis em ocasiões tais, e que serão reprimidos pelos meios regulares, os alunos do Mackenzie se mantiveram sempre, na defesa de sua casa de ensino, em atitude de respeito aos seus superiores, inclusive às autoridades constituídas do Estado e da Nação. E que tão logo viram confiado o Mackenzie aos contingentes da Força Pública paulista, deixaram o *campus*, promovendo antes, cerimônia cívica em que entoaram o Hino Nacional e realizaram o hasteamento da Bandeira Brasileira.

Confiam em que os dolorosos fatos, que custaram a vida a um jovem de 16 anos, não mais se repetirão. E o esforço que, nesse sentido, irão desenvolver junto aos seus alunos, esperam seja também realizado por parte da brilhante direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, cujos ideais de justiça e amor ao Direito hão de coincidir com os aqui alimentados.

São Paulo, 4 de outubro de 1968.

Folha de S. Paulo
5.10.6

Pronunciamento 5
Manifestação do Conselho Universitário da Universidade Mackenzie

O Conselho Universitário da Universidade Mackenzie, reunido extraordinariamente a fim de tomar conhecimento e deliberar acerca dos fatos ocorridos nos dias 2 e 3 do corrente,

Resolve:

1. Manifestar seu apoio à atitude tomada por alunos, professores e funcionários do Mackenzie, repelindo as reiteradas tentativas de invasão do *campus* do estabelecimento, por parte de elementos sediados no prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, à Rua Maria Antônia.
2. Ratificar e louvar a iniciativa da Presidência do Instituto Mackenzie e da Reitoria da Universidade Mackenzie solicitando, imediatamente, a intervenção das autoridades policiais, não só para salvaguarda do patrimônio da instituição como para a defesa dos milhares de pessoas, sobretudo estudantes, dos cursos superiores, médio e primário, que aqui se encontravam.
3. Determinar que os possíveis excessos cometidos por ocasião dos acontecimentos sejam, na área universitária, prontamente apurados e punidos, recomendando-se venha a ser adotada idêntica medida em relação aos cursos médios, sob a jurisdição direta do Instituto Mackenzie.
4. Lamentar os termos em que foi vazado o manifesto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, do qual se tem conhecimento pelo noticiário dos jornais de domingo. Ao contrário do que aconteceu no Mackenzie, em que a administração e o corpo docente das várias unidades escolares se mantiveram a postos, tentando reprimir os abusos, acalmar os ânimos, defender os alunos, assistir os feridos, o prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ficou entregue exclusivamente aos seus jovens ocupantes, sem pessoa de maior responsabilidade que procurasse controlá-los ou que tomasse a iniciativa de solicitar, também, o indispensável socorro policial.
5. Repelir, energicamente, a insinuação contida no mesmo manifesto de que nossos estudantes estariam, e nesse caso com a conivência das autoridades deste estabelecimento, preparando e acumulando aparato bélico destinado a ser utilizado na primeira oportunidade, contra os alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa insinuação, além de caluniosa, não ficaria bem partindo de pessoas cujo trato diuturno com a verdade, em razão do seu ofício, imporia uma conduta menos temerária.
6. Repelir, com a mesma energia, o noticiário de certa imprensa desta Capital, querendo desvirtuar o drama em que se viu envolvido o Mackenzie e o espírito com que atuaram os moços que aqui estudam. A se aceitarem os critérios que essa má imprensa está querendo impor a nossa gente, daqui

por diante todo estudante que não seja subversivo ou desordeiro será imediatamente qualificado de fascista ou reacionário, inimigo das reformas sociais, indiferente à reestruturação da Universidade.

7. Esclarecer ao público, para cortar em definitivo explorações que se fazem nesse sentido, que o Mackenzie não tem qualquer ligação com o grupo usualmente designado por CCC, ou com outro movimento político ou ideológico, seja de que natureza for.
8. Registrar o seu profundo pesar pelo passamento do estudante José Guimarães.

São Paulo, 7 de outubro de 1968.

Profa. Esther de Figueiredo Ferraz Presidente (com impedimento para votar o item 2)
Prof. João de Deus Cardoso de Mello Vice-Reitor da Universidade Mackenzie
Prof. José Justino Castilho Diretor Da Escola De Engenharia
Prof. Salvador Cândida Diretor da Faculdade de Arquitetura
Prof. Francisco Brandi Hoffmann Diretor da Faculdade de Filosofia
Prof. Armando Caropreso Diretor da Faculdade de C. Econômicas
Prof. Hélio Helene Diretor da Faculdade de Direito

Representantes da Congregação:
Prof. Evaristo Valadares Costa Engenharia
Prof. Philipp Lohbauer Arquitetura
Prof. Osvaldo Sangiorgi Filosofia
Prof. Nelson Pimentel Queiroz Economia
Prof. Genésio Borges de Macedo Direito
Dr. Erasmo de C. Schutzer Representante do Cons. Deliberativo
Dr. Fernando Paes da Silva Representante do Cons. Deliberativo
Dr. Antônio Guerra Representante AAAM
Ac. Reinaldo Goulart de Andrade Presidente do DCE

Folha de S. Paulo, 10.10.68

Pronunciamento 6
Aos Companheiros Mackenzistas

Este documento visa tornar público o repúdio dos estudantes da Universidade Mackenzie à atuação de elementos da extrema-direita que, vinculados à esquemas golpistas, têm usado os muros dessa Universidade para reprimir a liberdade de manifestação dos estudantes.

Quarta-feira, dia 2 p.p., quando secundaristas faziam pedágio para o Conselho da Ubes (União Brasileira de Estudantes Secundários) — ação classificada pela Magnífica Reitora como "pedágio odioso" — foram agredidos a pedradas e ovos, que um grupo do CCC (Comando de Caça aos Comunistas), lhes atirava. Agredidos, os secundaristas procuraram proteção no prédio da Filo-USP e apoio de seus companheiros universitários, inclusive mackenzistas, passando, então, a revidar a agressão. Enquanto isso, o CCC envolvia secundaristas dos cursos técnicos e universitários do Mackenzie, incitando-os a defender a Universidade de uma pretensa invasão. Deste modo, o CCC camuflou seus objetivos políticos, sugerindo tão somente uma rivalidade entre universidades. Uma tropa de choque da Guarda Civil foi chamada ao local, postou-se dentro da Universidade, onde assistiu complacente a atitude dos agressores. Não houve força militar em defesa à Filo-USP por omissão do Sr. Secretário da Segurança do Estado, a quem caberia designar proteção ao Patrimônio Público. Durante o período em que se desenrolaram esses acontecimentos, eram transmitidas convocações, pela Rádio Eldorado, a mackenzistas e ex-mackenzistas para que viessem defender sua Escola.

Quinta-feira, dia 3, os agressores voltaram ao ataque, arrancando as faixas colocadas na Faculdade de Filosofia. Reinicia-se a luta com a complacência e o apoio da polícia para com o CCC. — Um membro do CCC afirmou ao *Jornal da Tarde* (8.10.68), que "não invadimos a Filo-USP mais cedo, porque não sabíamos qual seria a atuação da polícia. Somente quando tivemos confirmação de que a polícia não reagiria, é que a invadimos". — Os universitários defendiam-se com paus, pedras e rojões, ao passo que o CCC atacava com gases lacrimogêneos e tóxicos, bombas de ácido sulfúrico e molotovs (preparadas por professores do curso técnico e da Faculdade de Engenharia), revólveres, metralhadoras e fuzis (armas improvisadas, segundo a Reitoria). Defendido pela polícia, o CCC incendeia e mata. A luta volta a paralisar-se quando a Força Pública invade a Faculdade de Filosofia (já abandonada pelos alunos e invadida pelo CCC) e a Faculdade de Economia (onde espanca e prende professores e estudantes).

É importante que entendamos o porquê dessa ação repressiva por parte da direção do Instituto Mackenzie, da Reitoria e do CCC, e a complacência e apoio da polícia.

Desde 1964, a Universidade Mackenzie tem sido dirigida de forma a enquadrar-se na orientação proposta pela "revolução". Expulsos os professores perigosos à nova Filosofia, busca-se, então reorganizar o corpo docente e apaziguar o corpo discente. Algumas reivindicações são aprovadas mas se diluem quando postas em prática. As diversas tentativas de reestruturação são boicotadas e acabam por ser esquecidas. Quando se tenta levá-las adiante (como no caso atual da Arquitetura), os professores e alunos são ameaçados com o fechamento da Faculdade. Agora se aprova uma reestruturação para toda a Universidade, caracterizada pela identificação com os valores propostos pelos Relatórios do Professor Rudolf Atcon e Cel. Meira Matos, mais tarde consubstanciados no projeto de Reforma Universitária proposto pelo Governo Federal, atualmente em estudo no Congresso Nacional.

Nos pronunciamentos oficiais, a Reitoria tem buscado colocar a Universidade Mackenzie como uma "ilha de paz e serenidade", sem nada ter com o que acontece fora de seus muros. Se por um lado isto é verdade, uma vez que busca acintosamente alienar seus estudantes da realidade gritante dos acontecimentos externos ao Mackenzie, por outro lado filia-se à doutrina política educacional

do governo, que implica na reorganização da Universidade para servir à empresa (tese defendida pelo Professor Willie Maurer), abandonando seu significado maior de pesquisa, análise e sistematização do processo de desenvolvimento.

Esta identificação de interesses (Universidade-Empresa-Governo) implica em que a Universidade deve formar quadros técnicos (nosso caso até um sociólogo é um técnico) para a empresa. Isto determina os limites de atuação da Universidade. Seu papel nada tem a ver com a escolha do caminho do desenvolvimento, sem considerar nossa cultura e anseios. Para garantir essa diretriz é preciso quebrar a resistência que o ME (movimento estudantil) vem apresentando em defesa da libertação do povo brasileiro, de seu acesso à cultura e de sua participação na posse do produto nacional, lutando contra a espoliação de nossas riquezas (minérios) e a entrega de nosso solo (internacionalização da Amazônia).

A organização alcançada pelo ME, fruto da visão política do processo histórico brasileiro e mundial, permitiu até agora manter sua independência frente às imposições governamentais. A UNE continua sendo reconhecida como sua única liderança nacional; a RU imposta pelo governo choca-se com as teses de RU surgidas dos debates entre professores e alunos de cada Faculdade e Universidades; é vitoriosa, a tese de paridade em contraposição à tentativa de eliminação ou limitação das entidades estudantis (Relatório Atcon ou Lei Suplicy).

A direção do Instituto Mackenzie e a Reitoria não fogem à regra, principalmente se considerarmos que a Universidade Mackenzie, sendo já uma Fundação, serviria de modelo para a implantação da RU do governo e a aplicação integral dos acordos MEC-Usaid.

A reação dos mackenzistas, às limitações impostas, teria como consequência obrigatória, mais cedo ou mais tarde, a tentativa de quebrar essa resistência. O CCC funcionou assim como instrumento de repressão para atemorizar àqueles que vêm lutando contra o estado de coisas em que vive nossa universidade. Não se concebe aquela "guerra" como uma "improvisação", tal o arsenal à disposição dos agressores.

Acreditamos que é preciso defender nossa Universidade da agressão covarde de que tem sido alvo por parte daqueles que sistematicamente a tem impedido de buscar por suas próprias forças novos caminhos, ao mesmo tempo em que apoiam a reação armada contra as liberdades de expressão e de manifestação.

O CCC — suas ações

A resposta foi dada concretamente em âmbito nacional, em seis anos através dos fatos que relacionamos abaixo:

- Impedimento de um debate entre um Ministro do Estado — Paulo de Tarso — e os estudantes através de um esquema paramilitar (1963 — São Paulo).
- Ataque ao Congresso de Secundaristas de Campinas, espancando os congressistas (1964 — S. Paulo).
- Ataque com metralhadoras à Faculdade de Filosofia da USP (1964 — São Paulo).
- Ataque ao Centro Acadêmico Horácio Lane da Escola de Engenharia Mackenzie (1964).
- Queima do prédio em que funcionava a UNE (1964 — GB).
- Invasão da Filo-USP por ocasião da crise dos excedentes, com conseqüente destruição de seu patrimônio (1967 — São Paulo).
- Queima da uma, quebra do mural e depredação do CA João Mendes Jr. da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, por ocasião das eleições livres para a UEE, ao mesmo tempo em que se dizia em defesa da "democracia" e da "liberdade de expressão", prendendo estudantes para entregá-los à polícia, que já, nessa época, agia em conivência com esse grupo. A seguir invade a Filo-USP, espancando alunas e funcionários naquele estabelecimento público (1967).
- Em 1968 o CCC começa a agir com mais violência, agora sob a inspiração da Klu-Klux-Klan, depredando o Teatro Ruth Escobar e batendo em artistas.
- Neste ano vemos sua atuação em âmbito nacional com bombas colocadas nos diversos CAs da Guanabara e com o espancamento dos artistas no Rio Grande do Sul.
- Ataque com carabinas às Faculdades de Direito e de Filosofia da USP durante a ocupação política das mesmas pelos estudantes.
- Finalmente o ataque à Filo-USP com bombas de gás lacrimogêneo de fabricação norte-americana e com carabinas, revólveres e metralhadoras (noticiário da *Folha da Tarde* e *Jornal da Tarde* dos dias 5 e 7).

Segundo declarações de um deles: "A Faculdade de Filosofia já foi destruída, ali eles não poderão voltar. Por mim deveríamos destruir o Crusp também". "Veja a reação à peça *Roda-Viva* no Rio Grande do Sul: fomos nós" (*Jornal da Tarde* de 8.10.68).

O CCC — o que é e quais seus objetivos

Uma organização paramilitar, preparada e dirigida militar e politicamente pela CIA (Central Intelligence Agency).

"Nós somos nacionalistas radicais de direita", diz um seu integrante ao *Jornal da Tarde* (8.10.68). — Como radicais da direita, têm como objetivo o endurecimento da situação nacional existente.

Diante das considerações amplamente comentadas nos editoriais de jornais da capital, podemos afirmar que o CCC e suas congêneres nada mais são do que instrumentos do governo federal, de seus desígnios, de sua estratégia antinacional.

Nossa posição

É fácil caminhar ao lado de esquemas militares de uma minoria radical. Difícil é, dentro de uma situação global, distinguir, através de uma análise, os objetivos

políticos de uma maioria dos interesses de uma minoria.

Nós companheiros, mostraremos dentro de uma luta política quem é a minoria e quem é a maioria dentro de nossa Universidade.

Nossa posição é, pois, de:

1. repúdio à repressão organizada e dirigida do Instituto Mackenzie, da Reitoria, do CCC e da Polícia Civil e Força Pública ao ME;
2. repúdio à tentativa armada de quebrar a resistência dos mackenzistas ao estado de coisas da nossa Universidade;
3. repúdio à tentativa de desviar a atenção dos mackenzistas e dos universitários em geral dos reais problemas que afetam nossa Universidade qual seja sua formulação ultrapassada e a imposição da RU com fins alienígenas;
4. repudiar a falsa imagem de nacionalismo apresentada nas declarações do Instituto Mackenzie e do CCC, tudo como é de praxe para garantir a "democracia" e combater a "subversão".

Conclamamos os companheiros para que voltem às aulas organizando-se em grupos de trabalho para:

1. debater e encaminhar a RU na Universidade Mackenzie, partindo de sua realidade enquanto Universidade e enquanto Faculdade;
2. debater e encaminhar a participação da Universidade Mackenzie no ME significando isso a definição daquelas posições a serem defendidas por nós junto aos demais estudantes, contribuindo assim para o questionamento das posições propostas e o encaminhamento das lutas.
3. defender as entidades de fato de representação estudantil: UNE, UEE, DCE, DAs/CAs.

Companheiros, nossa luta continua e continuará até vermos os anseios da grande maioria dos estudantes triunfarem.

Lute conosco!

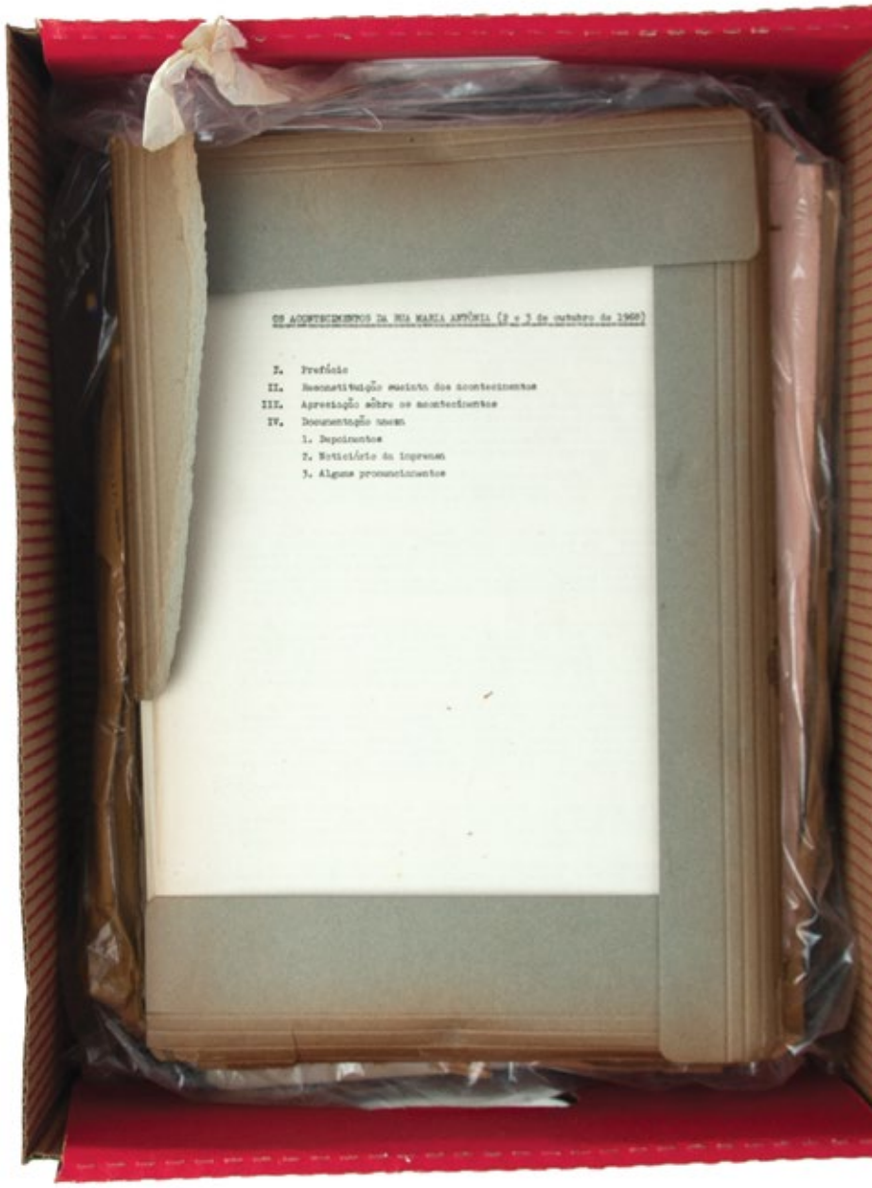
Participe dos grupos de trabalho!

Integre-se no Movimento Estudantil!

São Paulo, 16 de outubro de 1968.

Alunos da Faculdade de Direito
Alunos da Faculdade de Arquitetura
Alunos da Faculdade de Filosofia
Alunos da Faculdade de Engenharia
Alunos da Faculdade de Economia
UNIVERSIDADE MACKENZIE

Nota: Este pronunciamento, não autenticado, é anexado pelo fato de os seus dizeres terem sido confirmados por noticiário encontrado em J. 14



1. A Caixa Vermelha da Memória

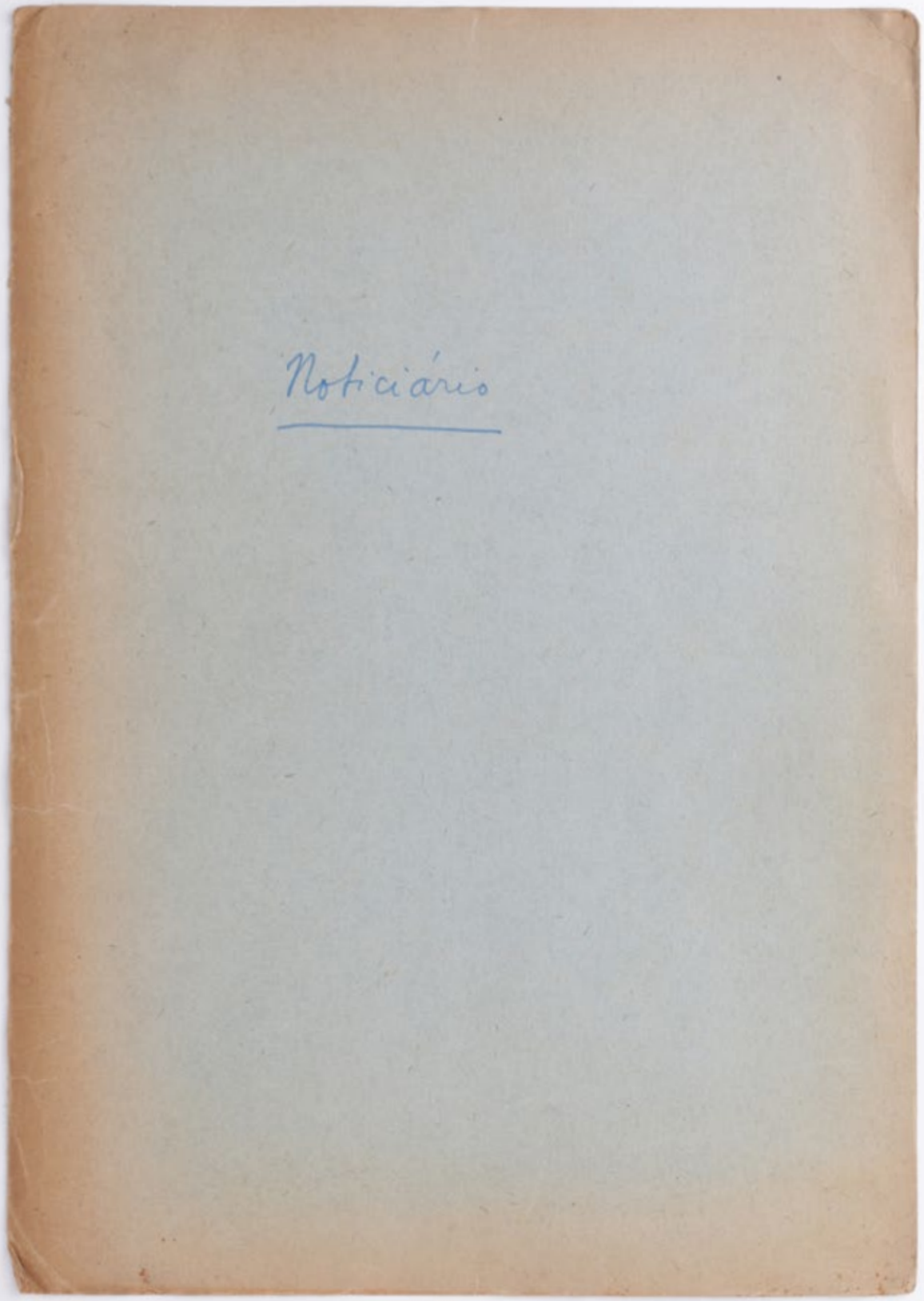
Pesquisando o tema desde 1986, Irene Cardoso procurava, nos arquivos da universidade, o *Livro Branco*. Já ouvira falar sobre ele, mas ainda não o conhecia. Constatado, em 1988, o desaparecimento definitivo dos originais entregues à universidade, em 1968, Antonio Candido entregou para Irene Cardoso uma cópia do texto e todos os documentos que fundamentaram sua elaboração, que ele, como relator da comissão, havia guardado durante vinte anos. Este material foi entregue na forma de um pacote amarrado por um barbante, no prédio da Administração da FFLCH, cena presenciada por Roberto Scwarz que alertou sobre a necessidade de se fazer uma cópia de todo o material, já que ele havia desaparecido uma vez.

Seguindo a recomendação de Antonio Candido, ela guardou, pessoalmente, todo este conjunto de documentos por trinta anos, com o objetivo de utilizá-lo em suas pesquisas. Para melhor protegê-lo, preservou-o em diversas embalagens, sendo a última, esta caixa vermelha que chegou até nós. Em 1988, a direção da FFLCH pegou esta documentação emprestada com Irene Cardoso e com ela realizou uma primeira edição restrita apenas ao texto do relatório, sem contemplar ainda a grande quantidade de outros documentos contidos no conjunto geral cedido por Antonio Candido. Esta reedição foi realizada a partir do texto publicado na primeira edição e de uma ampla seleção de documentos contidos na caixa vermelha.

2.
Noticiário da Imprensa:
3 a 9 de Novembro de 1968
Jornais e Revistas Utilizados como Documentos

A reprodução deste noticiário foi possível a partir da utilização dos recortes que Antonio Candido guardou, independentemente das linhas editoriais dos vários veículos de imprensa da época.

Para ser melhor compreendida, cada matéria aqui reproduzida deve ser lida na contextualização das linhas editoriais, naquele momento, de cada um dos diversos jornais e revistas aqui reproduzidos.



Quarta-feira, 2 de outubro de 1968 — FOLHA DE S. PAULO — 1.º caderno — 17

Conflito na Maria Antonia: três horas de luta

Uma pequena — mas longa — guerra particular de três horas, em que foram usadas como armas bombas "molotov", muitas pedras, gás lacrimogêneo e tiros, foi a consequência do recrudescimento, ontem, do velho conflito existente entre estudantes "direitistas" da Universidade Mackenzie e seus colegas "progressistas" da Faculdade de Filosofia da USP.

A origem do conflito foi um ataque a pedradas a uma passeata de estudantes do Mackenzie contra estudantes secundaristas reunidos à Rua Maria Antonia para aplaudir Vladimir Palmeira, um dos líderes estudantis cariocas que estão em São Paulo para participar do Congresso da UNE, a ser realizado proximamente em São Paulo.

O encontro entre os estudantes foi marcado por grande número de espectadores na rua Maria Antonia, engarrafou o outros inconvenientes que todos conhecem. Tiros pontearam de insultos violentos, morreram por alguns de pedir a prova a base de morteiros de bolas e lançamentos de pedras, e até disseram de ataque audiovisual. O acadêmico Vladimir Palmeira, da Economia da USP, teve um braço de aço e poderá ficar com o mais deformado.

A luta estudantil terminou com a intervenção de um contingente da Guarda Civil, reunido de cassetetes, bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo, além de numerosa escolta, que ocupou particularmente a "esquina" da Universidade Mackenzie e começou colocando as viaturas, que, a seu alcance, estavam nos estacionamentos da Faculdade de Filosofia.

Testemunhas, entre as quais motoristas da rua Maria Antonia — morreram no período duma quarentena perfeitas — 2.000 estudantes no Mackenzie e 10 estudantes da Filosofia — Antonio Rinaldi, que é do Partido Libertador Acadêmico, aliado aos colegas, aforando que o ataque foi organizado pelo Comando de Caça Comunistas — CCC.

Os grevistas dizem participar forças, de um lado, Jose Dirceu, Luis Travassos e Silvan Soares, o primeiro presidente da UEE, e os dois últimos, presidente e vice-presidente da UNE, respectivamente. Eles encaminham a manifestação dos "progressistas da Pio-USP" contra os estudantes do Mackenzie e o ataque feito ao local onde se encontram os alunos. De outro, um grupo de estudantes do Mackenzie que, segundo Antonio Rinaldi, foram entrincheirados por membros da Polícia Política.

O lado, como foi

As 15h30, secundaristas da UMES e simpatizantes da Faculdade de Filosofia da USP realizavam um pequeno para arrecadar fundos para o Rio Congresso da UNE e saíram diversos do Conselho Nacional da UMES.

Em frente ao prédio da Faculdade de Filosofia, os estudantes pararam os carros e pediam dinheiro. De repente, surgiram uma chuva de pedras e ovos podres. As primeiras atingiram duas moças. Em seguida, as pedras passaram a ser arremessadas contra a prédio. Faculdade de Filosofia.

Os líderes estudantis que estavam reunidos no interior do prédio da Pio-USP começaram a organizar-se e grupos foram distribuindo pedras nos pedras.

Entre vaias aos mackenzistas e aplausos aos estudantes o clima esquentou. O trânsito foi suspenso. Os moradores dos prédios ficaram sentados às janelas. Os funcionários das escolinhas correm ao "mas. Os garotos dos bares que os estudantes frequentam — não tinham por ali — começaram a tomar partido.

Um tela nova

As caminhos do carro veias — os estudantes da Faculdade de Filosofia foram atacados por alguns mackenzistas muitas vezes a ultima foi esta passado — dentro, no prédio da Pio-USP, e ainda era de noite.

O resultado foi a concentração de cerca de 30 estudantes da Pio-USP, munidos de pedras, coquetéis e bombas "molotov", para contra-atacar e, se possível, invadir o Mackenzie.

Segundo os líderes estudantis, que comandaram a operação anti-Mackenzie, se ela foi a primeira vez que o "movimento estudantil magia organizado" aos ataques que sofre. Logo, os estudantes atacantes frearam estudos direção da reitoria da Universidade Mackenzie, tendo os centros-acadêmicos e diretorias de sua primeira, alcançado pedras e bombas.

Por volta das 12 horas, a rua Maria Antonia estava já coberta de fragmentos de pedras e uma grossa poeira resultante de tijolos quebrados. Na porta da Faculdade de Filosofia, alguns grito:

"Nazistas invadam o Mackenzie". Estudantes secundaristas e universitários arregaçam suas blusas recheadas por cada arsenais de pedras.

Depois correspondem os ovos. Como os estudantes do Mackenzie estivessem protegidos pelos muros da escola e os estudantes da Filosofia lutassem, em campo aberto, na meio da rua Maria Antonia, passando a usar montanhas de ovo podres, do tipo usado em festas juninas.

Depois, da UEE, estava a frente organizando os estudantes da Pio-USP. Mas muito longe estava Luis Travassos, da UNE. Por outro lado, a frente que se alojava no portão das grades da Universidade Mackenzie, que dá para a rua Maria Antonia, concentrava a sociologia. Muitas pessoas iriam voltar nas janelas e nos corredores do prédio do Mackenzie — evidentemente aquelas que já estavam para a rua Maria Antonia. Daí chegarem pedras sobre os estudantes da Pio-USP.

Estrategicamente com a perspectiva de invadir o Mackenzie, os estudantes da Filosofia passaram a lutar à hora dos muros da guerra morta. Daí passaram a atirar não as mesmas pedras mas também bombas "molotov", mas não alcançam ninguém.

Dentro do Mackenzie, os estudantes morreram. Por instantes, a rua Maria Antonia ficou tomada pela fumaça. Mas ato do mesmo ajudaram alguns mackenzistas. Logo depois, veio a contra-ataque dos mackenzistas. Nova carreirada de pedras e, agora, incursões do Mackenzie contra a Filosofia tombam.

Intervenção da polícia

Por volta das 14 horas, havia um impasse. Quem atacava não tinha quase: a duração e quem recebia fazia tudo para recharçar o ataque. Então, chegou um cheque da Guarda Civil. Pois primeiro veio, desde a rua Maria Antonia, um grupo de estudantes da Filosofia, que vinha em passeata, quando foram atacados por estudantes do Mackenzie. Houve correria e pedradas. Logo depois, a Guarda Civil chegou, pela rua Maria Antonia, e a luta cessou.

Os feridos

Os ferimentos mais graves do conflito não foram causados por pedradas ou tiros de morteiro, que atiravam para atingir estudantes de lados, mas pela ação de ação ocorrida no meio da tarde, em frente ao prédio do Mackenzie contra os estudantes da Filosofia.

Duas moças ficaram feridas nas pernas, com ferimentos considerados de média. Não puderam identificar-se pelo menos responsáveis. Um acadêmico da Faculdade de Economia, Vinicius Gonçalves, também recebeu um tiro de chumbinho na testa.

Um estudante da Universidade Mackenzie, foi ferido por uma pedrada. Ele é Pedro Tertuliano, presidente do DA da Faculdade de Direito Mackenzie. Informou-se que ele foi medicado por um médico particular.

Ainda dois outros dois estudantes do Mackenzie ficaram feridos. Rolando Tanko, e Pio Antonio Pacini, que foram logo socorridos no Pronto Socorro Santa Lucia.

Permanência

Após os conflitos, os estudantes da Universidade Mackenzie voltaram todos ao seu ambiente geral para fazerem o assalto e continuam que poderão os estudantes de sua Universidade que tivesse participado da luta ao lado dos estudantes da Pio-USP.

Ele um clima de verdadeira tensão, os mackenzistas ficaram a permanecer em grupos que deveria ser pacífico: Américo Rinaldi, vice-presidente da UMES, Juan Mohamed, Oliver Simoni, Laura Pacheco Pertes, Maria Cristina de Toledo Leite e Karen Wahia.

"Eles só foram a luta porque do CCC" — afirmou-se ao final da tarde, ontem.

Esquema de segurança

Por seu lado, os estudantes armados da Universidade Mackenzie afirmaram que têm um esquema próprio de segurança e que se um deles sofrer qualquer represália, haverá "a maior retaliação".

Américo Rinaldi, que é também vice-presidente da UMES, disse que o esquema de segurança do movimento estudantil tem os homens dos 30 integrantes do CCC e que se ele ou qualquer um de seus colegas acusados de depredações a Filosofia sofrerem qualquer coação física, os homens do CCC sofrerão a represália de todo o movimento estudantil e, particularmente, de seu esquema de segurança.

Uma interpretação

Os líderes estudantis estão ligando os fatos de ontem, na rua Maria Antonia, com o ataque ao CRUSP, anteontem à noite, por componentes de outras correntes. Os ocupantes desta vez, haviam sido trazidos ao CRUSP, fazendo uma disparos com armas de fogo.

Os carros foram apedrejados pelos estudantes do CRUSP ao voltar. Ao menos identificar as suas chapas.

Na conflito de 3 horas entre os universitários do Mackenzie e da Filosofia USP: à direita, alunos do Mackenzie atirados dentro do pátio interno da sua Universidade; à esquerda, em cima, alunos da Filosofia atiram pedras contra os mackenzistas, de um prédio em construção; na centro, embaixo, um aluno da Filosofia, no corredor interno do Mackenzie, também atira pedras.

"O pedagio era odioso", diz a reitora do Instituto Mackenzie

A reitora da Universidade Mackenzie, Sister de Figueiredo Perrea, mandou fechar, ontem à tarde, todos os prédios da escola. Após uma investigação para apurar as responsabilidades, com relatório entregue por diretores das faculdades, a fim de saber quais são os culpados para uma decisão no sentido exigido ela.

A reitora Figueiredo Perrea e o presidente do Instituto Mackenzie, prof. Gervásio Muller Silva, afirmaram que nenhum estudante será punido, cumprido para evitar esse sérios, estas providencias de rua só pode ser autorizado pela polícia. A causa, de todo, foi expulsão a direção do Mackenzie, ou pelo menos ordens que os estudantes Dantes na rua Maria Antonia, provocando-se o conflito e agredindo os diretores que não estabelecem.

"Queremos cessar este estado de espírito, diz grande há um pedagio diverso e exigimos que cesse os acidentes. Os dos. Sister de Figueiredo Perrea, chegou inicialmente dentro da Universidade não há é que compra do Mackenzie foram vazios estando pedras na Universidade. Nos mesmo, o Mackenzie demonstrou com atacado de todos as pessoas: direita e esquerdas.

Uma ferida do ataque da Guarda Civil afasta-se decisão dos portões da Universidade Mackenzie, do lado da rua Maria Antonia para evitar novas ocorrências. A reitora afirma que a polícia civil, Agentes do DOPS, e Polícia Técnica só vieram após decorridos pedidos da direção do Mackenzie, quais disse para patrimonio a fazem direito dos pessoas para evitar choques com estudantes. A Polícia Técnica, foi arrecadando dos projetis. O delegado Alcides Cintra Bueno Filho, depois dos estudantes, direção e Reitoria.

Punição aos que defenderam

Os alunos da Universidade Mackenzie-dirigentes permanecem no prédio, em caráter provisório, para evitar novas ocorrências surpresas.

O clima de revolta entre os universitários do Mackenzie era grande. Alfredo Privitera, diretor, aplaudia, a saída da Reitoria Mackenzie, Pedro Nasif explicando que a briga ocorreu, com os alunos do grau técnico e não com universitários.

Alfredo Privitera, diretor da Química, da Eletrotécnica e Eletrosiderurgia do curso Técnico e ainda do grande que defenderam o Mackenzie.

DOPS: Mackenzie não quis que Filo-USP cobrasse o pedagio

O delegado Alcides Cintra Bueno Filho, do DOPS, disse que Mackenzie, ontem, que tudo começou quando os estudantes do Mackenzie tentaram impedir que os estudantes da Filosofia realizassem pedagio na rua Maria Antonia.

Relata o delegado que seis estudantes ficaram feridos, entre eles dois do Mackenzie, que levaram pedradas na cabeça e estão internados no Pronto Socorro Santa Lucia.

Finalmente, o delegado informou que não é a intenção de ninguém fechar a Universidade Mackenzie, que levaram pedradas na cabeça e estão internados no Pronto Socorro Santa Lucia.

Finalmente, o delegado informou que não é a intenção de ninguém fechar a Universidade Mackenzie, que levaram pedradas na cabeça e estão internados no Pronto Socorro Santa Lucia.

É assim que a Independência S.A. vê a São Paulo Cia. Nacional de Seguros:

E não é bom a gente ter um "anjo da guarda" sempre à disposição? Claro. Especialmente quando se lida com muito dinheiro e com grandes operações de crédito. Afinal de contas, com dinheiro não se brinca. Quem aperta com financiamentos e investimentos em larga escala como a Independência S. A., precisa ter segurança. Proteção absoluta. E é exatamente isso, proteção e segurança, que a São Paulo Cia. Nacional de Seguros está oferecendo à Independência S. A. - Financiamento, Crédito e investimentos - através do seu seguro de crédito.

jornal 1
Folha de S. Paulo, 3.10.1968
1° caderno | página 17

Conflito estudantil acaba em morte

Estudantes socorrem o companheiro ferido. Ele morreria ao ser atendido no Hospital das Clínicas

Bala era de grande calibre

500 depredam pela cidade

INSTITUTO NACIONAL DE PREVIDENCIA SOCIAL
Superintendência Regional em S. Paulo
AVISO ÀS EMPRESAS
PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES REFERENTE A SEGURADO APOSENTADO EM ATIVIDADE

Um carro da FP arde na praça da República

Os conflitos duraram um dia inteiro

Tudo vai bem com você? Ótimo, então cuidado!

jornal 2
O Estado de S. Paulo, 4.10.1968
página 8

Relatório bom

Polícia ocupa as duas faculdades

Fôrça efetua prisões

Do alto do prédio, os estudantes atiram coisas

Diante da Faculdade de Filosofia, a batalha deixou uma marca

A Polícia, ao longe, comanda os destroços na rua

É a guerrilha que começa a sua tarefa de destruição

Viatura da RP foi incendiada pelos estudantes na av. S. João

...venção que tardou

Muitos foram os feridos

Polícia deixou situação agravar-se

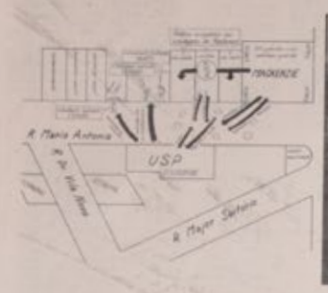
Govêrno diz que fêz o possível para conciliar

Pouco sobrou da Filosofia

Chegou ao Brasil o primeiro Bourbon importado – o legítimo whiskey americano. Four Roses para todos. É aquêle whiskey de alta qualidade, aromático e delicioso, tradicional nos Estados Unidos. Puro ou "on the rocks," como preferir. É uma questão de escolher entre gostar muito e adorar.

Primeiro whiskey aos bons amigos do mundo.

jornal 2
O Estado de S. Paulo, 4.10.1968
página 9



A luta entre os dois grupos de estudantes que ocupam dois edifícios das duas Faculdades estendeu-se aos prédios vizinhos, cujos telhados eram ocupados por estudantes que atiravam pedras e bombas "Molotov". Na rua Maria Antonia, teatro da batalha, os estudantes da Filosofia enfrentaram um seu adversário, aparentemente membro do CCC

Um morto em novo conflito na rua Maria Antonia

Um secundarista de 20 anos morto com um tiro na cabeça, três universitários feridos a bala e mais de uma dezena com ferimentos resultantes de pedradas, além do incêndio de 5 carros do governo estadual, e pelo menos 30 presos, este o saldo da batalha campal travada ontem, durante 10 horas, entre alunos da Universidade Mackenzie e da Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antonia.

A luta entre os universitários teve início às 9 horas, quando estudantes do Mackenzie, que ocupam o prédio de 8 andares na esquina da rua Maria Antonia com a rua Itambé, passaram a atirar pedras e bombas incendiárias contra os estudantes de Filosofia, que ocupam os prédios do outro lado da rua.

Os estudantes de Filosofia, que ocupam também o prédio da Faculdade de Ciências Sociais, anexo à Filosofia, revidaram com pedras, coquetéis molotov e bombas de gás lacrimogêneo, lançadas pela Polícia Militar, que chegou a ocupar 4 quarteirões da rua Maria Antonia, entre a rua Itambé e a rua Maria Cardoso.

Cerca de 1.000 estudantes participaram da batalha, que só terminou às 19 horas, quando mais de 300 estudantes deixaram o prédio do Mackenzie.

Durante as primeiras horas da manhã, os estudantes do Mackenzie, que ocupam o prédio de 8 andares, começaram a atirar pedras contra os estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio de 4 andares, situado em frente. Quando os estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio, pois as pedras e coquetéis molotov atingiam também o prédio, começaram a revidar.

Às 9 e 30 chegou ao local o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, que determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 10 e 30 chegou ao local o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, que determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 11 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 12 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 13 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 14 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 15 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 16 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 17 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 18 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 19 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 20 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 21 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 22 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 23 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 24 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 25 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 26 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 27 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 28 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 29 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 30 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 31 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 32 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 33 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 34 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 35 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 36 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 37 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 38 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 39 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 40 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 41 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 42 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 43 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 44 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 45 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 46 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 47 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 48 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 49 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 50 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 51 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 52 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 53 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 54 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 55 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 56 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 57 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 58 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 59 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 60 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 61 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 62 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 63 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 64 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 65 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 66 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 67 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 68 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 69 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 70 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 71 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 72 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 73 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 74 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 75 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 76 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 77 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 78 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 79 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 80 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 81 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 82 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 83 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 84 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 85 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 86 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 87 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 88 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 89 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 90 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 91 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 92 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 93 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 94 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 95 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 96 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 97 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 98 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 99 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 100 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 101 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 102 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 103 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 104 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 105 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 106 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 107 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 108 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 109 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 110 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 111 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 112 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 113 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 114 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 115 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 116 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 117 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 118 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 119 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar para o local. Os soldados, porém, não conseguiram entrar em ação, pois foram impedidos pelos estudantes de Filosofia, que ocupam o prédio.

Às 120 horas, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meirelles, determinou a ida de 200 soldados do 2º Bat

Os manifestantes não encontraram durante duas horas, nas ruas centrais da cidade, qualquer repressão, e quebraram os veículos oficiais que encontraram. Um "Aero Willys" no qual estava Ipiranga, um Volkswagen na avenida São João, e muitos outros, pequenos ou populares ficaram.

Estudantes incendeiam carros nas ruas de SP

Trinta minutos após a morte de um estudante da Universidade Mackenzie, 500 estudantes, liderados pelo presidente da UEE, José Dirceu, iniciaram uma passeata de duas horas pelas ruas da cidade, em que foram queimados quatro carros policiais e depredados dois.

A passeata começou às 13h30, na rua Maria Antônia e terminou na praça das Bandeiras, quando soldados da Força Pública prenderam 35 estudantes (sendo 10 moças) e seu jornalista.

O começo

Às 13h30 — Vinte ou trinta pessoas reuniam-se na rua Maria Antônia, esquina da rua Dr. Vilanova para homenagear o estudante morto. Em poucos minutos, o grupo aumentou e já havia cerca de 200 estudantes. Entre eles, José Dirceu, presidente da UEE, Jair de Oliveira, do DCE da Universidade Mackenzie e Vladimir Palmeira.

Às 14 horas — Vinte e poucos estudantes, entre eles José Dirceu, Jair de Oliveira e Vladimir Palmeira, saíram em passeata pela rua Maria Antônia em direção à praça da República. Em frente à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, situada na rua Maria Antônia, o grupo aumentou para cerca de 500 estudantes.

Às 14h30 — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

Às 15 horas — Os estudantes, depois de apedrejarem um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira e um caminhão da Companhia Antarctica Paulista, que estavam parados em frente ao Mappin, na praça do Ipiranga, dirigiram-se para a rua Barão de Itapetininga, onde apedrejaram um Volkswagen e um "Aero Willys" de propriedade de um jornalista.

Rádio Patrulha

A passeata saiu da av. Ipiranga e entrou na rua São João com tranquilidade. Um dos manifestantes gritava: "Abaixo a ditadura!" e os demais respondiam: "Abaixo!". Quando a passeata estava na altura da rua Dona Veridiana, um rádio-patrulha da Força Pública, vindo pela rua São João, tentou furar o bloqueio. Os estudantes, porém, não deram passagem e o rádio-patrulha teve de recuar.

Às 15h30 — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

Às 15h30 — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

Carro incendiado

A passeata saiu da av. Ipiranga e entrou na rua São João com tranquilidade. Um dos manifestantes gritava: "Abaixo a ditadura!" e os demais respondiam: "Abaixo!". Quando a passeata estava na altura da rua Dona Veridiana, um rádio-patrulha da Força Pública, vindo pela rua São João, tentou furar o bloqueio. Os estudantes, porém, não deram passagem e o rádio-patrulha teve de recuar.

Às 15h30 — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

Não há repressão

Os chefes do Corpo de Bombeiros compareceu para dar informações. Disse que não houve qualquer repressão policial e que ninguém ficou ferido. Do lado de fora, porém, os estudantes diziam que havia feridos.

Às 15h30 — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

Mortos por tabu

Agora, os manifestantes saíam em passeata pela rua Dona Veridiana, em direção à praça da República. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

Às 15h30 — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À cavalaria

Os manifestantes aproximam-se a praça da Sé e param na altura da Catedral para um discurso, um deles de José Dirceu. Depois, seguem pela rua Senador Feijó e param na altura da rua Quintino de Lacerda. Por ordem de manifestantes passam a caminhar e os homens armam-se pedras.

Logo depois que o discurso de José Dirceu, do DCE da Universidade de São Paulo, terminou, os estudantes voltaram a caminhar em direção à praça da Sé. Na altura da rua Quintino de Lacerda, a Polícia Militar apareceu. Pensando que os estudantes iriam atacar, os oficiais e cabos da PM formaram uma barreira para impedir a passagem. Mas a polícia não atacou. Os estudantes, então, começaram a apedrejar os policiais.

Quando a passeata ia entrar, através da av. São João, a cavalaria da Polícia Militar, os estudantes, que estavam na frente, correram e os cavalos não conseguiram passar. Por isso, a passeata voltou à praça da Sé.

Na praça da Sé, são João com a rua Libero Badaró, a passeata parou. Depois de alguns minutos de discursos, os estudantes voltaram a caminhar em direção à praça da República. Ao chegarem à praça da República, os estudantes encontraram a polícia novamente.

Na praça da Sé

A passeata saiu da av. São João e entrou na rua XV de Novembro. Em seguida tomou a rua 7 de Setembro e voltou à praça da Sé. Nesse momento, os estudantes começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. O ambiente era de tensão. Os estudantes não queriam ser presos e os policiais não queriam prendê-los.

Às 17 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À dispersão

Ao longo da Treze de Maio, os estudantes começaram a dispersar-se. Alguns grupos ainda tentaram voltar à praça da República, mas foram dispersados pela polícia.

Às 18 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

DOPS libera jornalistas e dá número de prisões

Por volta das 21 horas o DOPS informou, em comunicado de seu informante, que havia sido presos apenas 35 estudantes e um jornalista. Segundo o comunicado, os estudantes foram presos e encaminhados ao DOPS.

Às 21 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

Na praça da Sé

A passeata saiu da av. São João e entrou na rua XV de Novembro. Em seguida tomou a rua 7 de Setembro e voltou à praça da Sé. Nesse momento, os estudantes começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. O ambiente era de tensão. Os estudantes não queriam ser presos e os policiais não queriam prendê-los.

Às 22 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À dispersão

Ao longo da Treze de Maio, os estudantes começaram a dispersar-se. Alguns grupos ainda tentaram voltar à praça da República, mas foram dispersados pela polícia.

Às 23 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À dispersão

Ao longo da Treze de Maio, os estudantes começaram a dispersar-se. Alguns grupos ainda tentaram voltar à praça da República, mas foram dispersados pela polícia.

Sodré diz que porá fim aos focos de agitações

Às 23 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À dispersão

Ao longo da Treze de Maio, os estudantes começaram a dispersar-se. Alguns grupos ainda tentaram voltar à praça da República, mas foram dispersados pela polícia.

Às 23 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À dispersão

Ao longo da Treze de Maio, os estudantes começaram a dispersar-se. Alguns grupos ainda tentaram voltar à praça da República, mas foram dispersados pela polícia.

Mães, da União contra a Violencia, foram oferecer-se para pôr fim aos incidentes

Toda a Policia entrou em regime de prontidão

Às 23 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À dispersão

Ao longo da Treze de Maio, os estudantes começaram a dispersar-se. Alguns grupos ainda tentaram voltar à praça da República, mas foram dispersados pela polícia.

Às 23 horas — Os estudantes, ao chegarem à praça da República, começaram a gritar palavras de ordem contra o governo e contra a polícia. Nesse momento, um ônibus da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que estava parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados. Em seguida, um caminhão C-14 da Companhia Antarctica Paulista, também parado em frente ao Mappin, foi apedrejado e teve todos os vidros quebrados.

À dispersão

Ao longo da Treze de Maio, os estudantes começaram a dispersar-se. Alguns grupos ainda tentaram voltar à praça da República, mas foram dispersados pela polícia.

jornal 4
Folha de S. Paulo, 4.10.1968
página 13

GUERRA COMEÇOU COM O PEDÁGIO

A guerra teve início por um fato quase insignificante: secundaristas e universitarios faziam pedagio na rua que separa a faculdade de Filosofia do Instituto Mackenzie. Os mackenzistas provocaram o grupo que recolhia dinheiro para o congresso da UNE. No início, 30 pessoas com ovos, pedras e rojões. Ontem, centenas com armas de fogo e a policia ajudando os mackenzistas.

Esse, à direita, atirava pedras, outros davam tiros. O grosso da Policia chegou tarde

CONTINUOU COM TIROS E MORTES

ACABOU COM FOGO E SOLDADOS NA RUA MARIA ANTONIA

jornal 5
Folha da Tarde, 4.10.1968
página 6

UMA SÓ MORTE CONFIRMADA

Morto, a cabeça varada por um tiro que pode ter sido de fuzil, o estudante José Guimarães continua cercado por policiais, na casa 45 da rua Pedro Taques. E para impedir que os estudantes retirem o corpo e promovam um grande enterro está tarde. José Gimenez, metralhado na Faculdade de Economia, mais um não identificado, seriam os outros mortos.

JOSÉ QUERIA AJUDAR, MORREU

Às 13 h, aqui, o secundarista José Guimarães foi isolado com seus três irmãos da polícia ajoelhados, a 4 km adiante um grupo de colegas tentava impedir o Morte, por um preço máximo. Carregado por seus estudantes o corpo que saía de seu corpo natalício à rua. Os estudantes carregavam seu corpo para rua e gritavam:

— Um carro pelo amor de Deus. Um carro, pode. Quem tem um carro?

— O corpo é logo entregue ao seu pai. Uma perua Veraneio do "Grande Pequeno" José está inconsolável, as almas vivas e o amigo morto a roupa de seu amigo.

O balanço da guerra na rua Maria Antônia até hoje tem sete mortos. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais.

Cada vez chegavam mais estudantes. Subiram a Avenida do corpo para levar mais. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais. Os 3 alunos, José Guimarães, secundarista, José Gimenez, metalúrgico, ex-aluno do Instituto Médico Legal, e os outros quatro não identificados que temos mais.

ATENDIMOS BEM!

Quando saía ferido, um morreu ainda de 3 paralelepípedo. Rinha Amadeu Batista e Rafael Bezin, alunos da USP, ela foi levantado na Santa Casa. Varias outras estudantes saíam no Hospital das Clínicas e no Pronto Socorro Ignácio. Um brasileiro da TV Globo foi baleado quase à noite mas não se sabe onde foi. E o estudante Maria Augusta Gomes, 20, foi levado no Pronto Socorro Arnaldo, sem gravidade de pequeno grau.

Pouco depois chegou ao Instituto de Medicina Legal, Pedro Medeiros. "Só queria ver o corpo do filho", disse. Mas não foi possível porque os estudantes levaram o corpo e o CRUSP. E começou a ser velado. Assim que o velório saía foi cercado pela polícia. Os estudantes não deixaram e o corpo ficou.

METRALHADO: OUTRO

As 22 horas todos os presentes saíram correndo para a porta dos fundos do IML, pensando que o corpo do estudante José Guimarães, o secundarista morto, caindo à 4 de julho do 1968, nos fundos do Rua Alm. Marcílio Dias, 63-38-19, que mesmo antes, estudantes do CRUSP, da Maria Antônia e da Santa Cruz. Agindo aplicar de frente engrossar o número de gente que queria a saída do corpo.

24 horas: os mortos somam de uma só vez. Alguns diziam que o número de mortos já se elevava para três. Outros diziam que já um estudante estivera morto no IML, mas que os funcionários tinham levado-se de uma dificuldade. Uma pessoa, que pediu para não ser identificada, contou que uma colega lhes ragirada pelos companheiros do CCC, quando voltava para casa. "Deu vários golpes de canivete, ela ficou apavorada pensando que poderia ser sua companheira, mas logo a reconheceu dois carros e largaram-na a uma rua em Pinheiros.

Hoje: os estudantes estão impedindo com a direção. Fala-se que a Polícia pode ocupar-lo amanhã um cerco cada vez mais certo para, desde 12 dia. Outros garantem que o morto será pela porta dos fundos como aconteceu. Chega mais um cordão de guarda-civil para o serviço do contingente.

À hora: alguém grita: "ela está saindo, ela está saindo". Uma correria, todos vão para a porta lateral que dá saída para a avenida Rebouças. Postam-se um pelotão de guardas, armados de cacetes. O corpo é retirado da Polícia e colocado num automóvel. Os soldados querem tocar o trombeta para abrir caminho, mas o motorista faz um gesto negativo e o carro é guardado e o corpo é retirado.

Quando os manifestantes cercam os armados Domingos Vieira, morto de morte de morte, uma viatura do DIT. Os estudantes pedem mais uma vez que o corpo seja entregue à família para ser velado. Os policiais não querem nem ouvir falar nisso. Dizem que o corpo só será entregue depois de ser feito o exame de balística. Os estudantes não aceitam e a polícia ameaça usar a força. Os estudantes não cedem e a polícia recua.

Os repórteres vão chegando. Alguns discutem com os guardas que querem entrar no apartamento do subdelegado Fernandes, carregado por seis guardas, que o levam para o elevador. E foi pessoalmente suspenso para dentro do elevador. Os repórteres não conseguem.

Outra agência aguarda a saída do corpo para poder dar a hora do enterro. Pedro Taques, uma travessa da Consolação. Parece-se muito pequena e não é fácil para evitar a passagem de carros e pedestres. Os estudantes, revoltados, estão-se os olhares de curiosos que passam um cantinho de guarda-civis. Logotipos dão ordens, guardas entrelaçam-se na fila dos soldados. Tudo, um a um, são revistados. No centro da rua, o caixão e o motorista.

Uma agência aguarda a saída do corpo do José que vai chamar-se de IML.

10 horas: o corpo é entregue à uma pessoa. Alguns dizem que o número de mortos já se elevou para três. Outros dizem que já um estudante estivera morto no IML, mas que os funcionários tinham levado-se de uma dificuldade. Uma pessoa, que pediu para não ser identificada, contou que uma colega lhes ragirada pelos companheiros do CCC, quando voltava para sua casa. "Deu vários golpes de canivete, ela ficou apavorada pensando que poderia ser sua companheira, mas logo a reconheceu dois carros e largaram-na a uma rua em Pinheiros.

Hoje: os estudantes estão impedindo com a direção. Fala-se que a Polícia pode ocupar-lo amanhã um cerco cada vez mais certo para, desde 12 dia. Outros garantem que o morto será pela porta dos fundos como aconteceu. Chega mais um cordão de guarda-civil para o serviço do contingente.

À hora: alguém grita: "ela está saindo, ela está saindo". Uma correria, todos vão para a porta lateral que dá saída para a avenida Rebouças. Postam-se um pelotão de guardas, armados de cacetes. O corpo é retirado da Polícia e colocado num automóvel. Os soldados querem tocar o trombeta para abrir caminho, mas o motorista faz um gesto negativo e o carro é guardado e o corpo é retirado.

Quando os manifestantes cercam os armados Domingos Vieira, morto de morte de morte, uma viatura do DIT. Os estudantes pedem mais uma vez que o corpo seja entregue à família para ser velado. Os policiais não querem nem ouvir falar nisso. Dizem que o corpo só será entregue depois de ser feito o exame de balística. Os estudantes não aceitam e a polícia ameaça usar a força. Os estudantes não cedem e a polícia recua.

Os repórteres vão chegando. Alguns discutem com os guardas que querem entrar no apartamento do subdelegado Fernandes, carregado por seis guardas, que o levam para o elevador. E foi pessoalmente suspenso para dentro do elevador. Os repórteres não conseguem.

Outra agência aguarda a saída do corpo para poder dar a hora do enterro. Pedro Taques, uma travessa da Consolação. Parece-se muito pequena e não é fácil para evitar a passagem de carros e pedestres. Os estudantes, revoltados, estão-se os olhares de curiosos que passam um cantinho de guarda-civis. Logotipos dão ordens, guardas entrelaçam-se na fila dos soldados. Tudo, um a um, são revistados. No centro da rua, o caixão e o motorista.

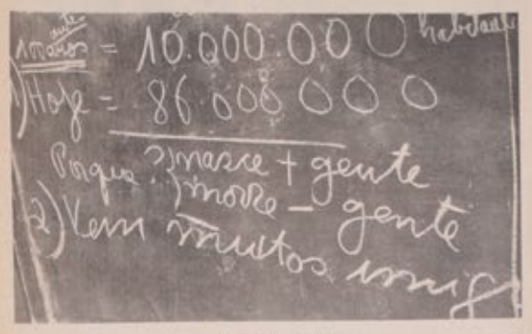
Uma agência aguarda a saída do corpo do José que vai chamar-se de IML.

10 horas: os mortos somam de uma só vez. Alguns diziam que o número de mortos já se elevou para três. Outros diziam

ESTES SÃO OS PROTESTOS, DE TODOS

Deputado, intelectuais e mães acusam o governo, Sodré diz que cumpriu sua obrigação, depois de tentar por todos os meios uma conciliação. E agora se prontifica a arcar com todas as despesas do enterro.

Este documentário dos acontecimentos que agitam a Cidade se deve aos repórteres Antonio Mello, Eugenio Privgano, Joaquim Pery, José Maria dos Santos, Ronaldo Leme Munhoz, Rosvo Rodrigho, Carlos Pinerio, Arion Milarez, Cassimiro de Mendonça Neto, Bahia Boudekian, Dornal Selbach, Antonio Carlos Soares e Elói Rodrigues da Silva; e aos fotógrafos Makiko Kishi, Marcelo Nogueira, Derly Marques, Dorcy Lemes, Cicero Bucci, Roberto Velloso, Antonio Obdgi Queiroz, Armando Affonso Zumpano, Olimpio Sayonara e Alfredo Rizzutti.



Na sua última aula,
do demografia,
José Guimarães aprendeu
que no mundo nasce
muito mais gente do que morre.

As fotos são do ferido à bala
na coxa (ao alto, à esquerda), do quadro
negro da sala de aula de José e da proteção
policial aos seus restos no IML

PRECISAMOS matar a Filosofia para a Cidade Universitária.

Eis o diretor da Filosofia, professor Eurípedes Simões de Paula que se movimentava pelos corredores da reitoria, ontem, acompanhado de dois outros membros do colegiado.

— Se não fizermos uma limpeza nos nossos departamentos, cedo, o diretor, vão acabar matando um dos nossos alunos.

Brasil 10 horas. Quando o professor Eurípedes chegou à Faculdade, evidentemente no momento em que a bala saiu do cano, já havia passado por um pente de ferro, procurando não ser atingido por balas ao lembrar o tiroteio que ocorrera entre o local, ainda de madrugada.

— E o que eu posso fazer? — disse então. Chamar o secretário de Segurança? Sim e impossível. Se a Polícia vier, será para ocupar a Faculdade.

Uma hora mais tarde, o diretor e mais 30 professores do Congregação, sem se saber quem, tinham ao Palácio da Polícia. Eles pretendiam ser recebidos pelo titular da Segurança, para expor a situação da FFLCH, cada unidade do Corpo de Residência e um grupo de estudantes ainda tentavam apagar as inscrições Mobilon.

A conversa que compuseram as gestões do secretário sobre jornalisticamente irritado com a situação, e ordenou tenha recebido nesse momento, o tal Hely Lopes Meirelles, ali permitiu a entrada do professor Eurípedes Simões de Paula. Depois do encontro, que demorou mais de duas horas, foi distribuída à imprensa, uma comunicação da Secretaria de Segurança.

"O governador do Estado foi procurado pela Polícia, por uma comissão de reitor de alunos da Universidade de São Paulo, a fim de evitar que atos violentos venham a ser praticados por elementos estranhos ao meio universitário.

"A população pode estar tranquila pois a Polícia está vigilante, não permitirá a repetição dos atos de violência ocorridos".

"O governador do Estado foi procurado pela Polícia, por uma comissão de reitor de alunos da Universidade de São Paulo, a fim de evitar que atos violentos venham a ser praticados por elementos estranhos ao meio universitário.

"A população pode estar tranquila pois a Polícia está vigilante, não permitirá a repetição dos atos de violência ocorridos".

DEPUTADO ACUSA O GOVÊRNO

A OBRIGAÇÃO DO GOVERNADOR

O DELEGADO DEFENDE O DOPS

FOI UMA AGRESSÃO À CULTURA

jornal 5
Folha da Tarde, 4.10.1968
página 9

UMA BATALHA EM SÃO PAULO

Aqui está uma escaramuça na rua Maria Antonia, entre estudantes da Filosofia e policiais que lhes obstaveram os passos na direção da Mackenzie. Eram revolveres contra pedaços de pau.

A PRIMEIRA pedra partiu do Mackenzie sobre os alunos da manhã e até cedo à noite não pararam de cair. Só que depois do primeiro grupo contra os alunos da Faculdade de Filosofia da USP, que estes revidaram, não só pedras foram usadas, mas artefatos, poderosos Molotov, pedaços de pau e, com a intervenção dos policiais, bombas de gás, balas de revólver, fuzil e metralhadora. A tarde uma doença bateu violenta, matando José Guimarães, secundarista de 20 anos. Sua morte enfureceu os estudantes da Filosofia que, deixando a rua Maria Antonia, partiram a contra da cidade em verdadeiras passeatas, destruindo à carros oficiais.

Hoje a violência e o terror poderão retornar com o enterro de José e dos outros estudantes assassinados. Ninguém sabe o que houve o corpo do secundarista será levado para o cemitério, mas os estudantes pedem à família que nada seja feito por eles. Antes eles querem morrer pela cidade a ter um assassino marcado para às 13 horas.

O drama que a cidade vive nas páginas 6, 7, 8 e 9.

Estavam apontando arma de uma janela pegada ao Mackenzie. Quando nessa fotografia Makiko Yishi focalizou a janela, a pistoleira fez-lhe pontaria, ela escapou.

Na praça da Sé, quando a cavalaria chegou, só havia populares e b

jornal 5
Folha da Tarde, 4.10.1968
página 14

jornal 6
Diário da Noite, edição matutina,
4.10.1968 | 1° caderno | página 1

Lá no fundo a "trincheira"; um dos grupos litigantes observa o local da batalha

MORTE NA GUERRA ESTUDANTIL

Os tristes acontecimentos que se desenrolaram ontem, na rua Maria Antonia, entre grupos antagonicos da Faculdade de Filosofia da USP e do Instituto Mackenzie, estão marcados pela tragedia. Na troca de bombas, tiros e violencias, tombou morto um secundarista de 16 anos de idade. Muitas outras pessoas estão feridas. O numero de prisões é superior a cem. Jornalistas foram vitimas da arbitrariedade policial. O governador do Estado, procurado por mãe de alunos dos dois grupos em choque, prontificou-se a adotar providencias mediadoras que, infelizmente, não tiveram acolhida pelos estudantes. Ante o rumo dos acontecimentos, o sr. Abreu Sodré mandou bloquear o espaço a Mackenzie e a Filosofia, por tropas da Força Publica. Toda a Policia está de prontidão. (Paginas 2, 8 e ultima)

EDIÇÃO MATUTINA
Diario da Noite
Diretor: EDMUNDO MONTEIRO
Nº 8
0,25

Carregando o colega morto, um grupo de estudantes deixa o campo da luta

DENUNCIADA TRAMA GOLPISTA

As graves denuncias sobre a existencia de um plano subversivo, visando a implantar uma ditadura de extrema-direita no país, voltam a preocupar o ambiente politico em Brasilia. Os presidentes da Camara e Senado foram incumbidos de levar ao presidente da Republica, no Rio de Janeiro, documentos e revelações verbais, segundo os quais o plano golpista objetiva a liquidação de Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e Janio Quadros, além do fechamento do Congresso. O documento basico seria copia de uma carta do brigadeiro Cantalice denunciando articulações de um grupo extremista da Aeronautica, envolvendo o PARASAR. O sr. Abreu Sodré sabe de tudo, daí suas repetidas denuncias. (Página 3)

2 DN — Sexta-feira, 4-10-1968 — 1º caderno

Muitos tiros, pancadaria e morte

VOLKS

JANTAR EM HOMENAGEM AO AYRTON RODRIGUES

CENTRAIS ELÉTRICAS DE SÃO PAULO S. A. - CESP

COMUNICADO

A CESP tem o prazer de comunicar aos consumidores de

BERTIOGA
GUARUJÁ e
ITANHAEM

BANCO FEDERAL ITAU SUL AMERICANO S/A.
BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS S/A.
BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S/A.
No Banco do Estado de São Paulo S/A., quem recebe é a Agencia de Rua Augusta.

Diario da Noite

Poeira das Ruas

Quando os velhos são meninos...

Chico Ribeiro

indicador medico

MEDICOS — DENTISTAS — HOSPITAIS — PRONTOS-SOCORROS — LABORATORIOS

Dr. Cosme Barbato
Dr. Levy Sodré
Dr. Tomaichi F. Shimohirao
Dr. J. P. Lima L. Cardoso
Dr. José Miguel Beraldi
Dr. Ovidio Ribeiro
Dr. Carlos Pascoto Campos
Dr. M. Tacla
Dr. M. Fuchs
Dr. Osvaldo de Castro
Frita S. Silbiger

E publicado, nos domingos, no Diário de S. Paulo, às 4.as e 6.as-feiras no Diário de S. Paulo, Diário da Noite e Edição Nacional

Soldado suicidou-se

Receita para progresso

Cheque traiu punguista

Ministro elogia militares

Morto na estrada

Panair tem saldo

Mataram o comerciante

Nova bomba no Rio

Preso o falso cirurgião

Museu ganha predio

Greves em Minas

Russos confirmam xisto

jornal 6
Diário da Noite, edição matutina,
4.10.1968 | 1° caderno | página 2

Jornal 6
Diário da Noite, edição matutina,
4.10.1968 | 1° caderno | página 1

EDIÇÃO NACIONAL

DIARIO DA NOITE

PELÉ ABRE O JÔGO

PAGINA 10

Mães angustiadas, apelam:

PAREM ESSA GUERRA

Polícia não participou dos distúrbios

CORRUPÇÃO NA POLÍCIA

PAGINA 14

Na rua Pedro Taques a noite foi muito triste. Lá foi velado o corpo de José Carlos Guimarães. Era um jovem de 17 anos. Morreu no conflito estudantil que estoura ontem em São Paulo. Durante tôda a noite, inúmeros estudantes foram chorar a companheiro morto. Ontem, houve um apêlo dramático das mães aos alunos, para que ponham fim êsses conflitos, os quais põem a população em pânico e suas vidas em risco. Nesta edição o leitor encontrará ampla cobertura dos trágicos acontecimentos que abalaram São Paulo.

Disque 9-20-56: o crime atende

PAGINA 14

jornal 7
Jornal da Tarde, 4.10.1968
página 1

jornal da tarde

O ESTADO DE S. PAULO

NCr$ 0,25

Sexta-feira, 4 de outubro de 1968 Número 849 Ano 3

Divirta-se tem 2 páginas para o fim-de-semana

OS ESTUDANTES EM GUERRA

A guerra de doze horas, entre estudantes da Mackenzie e da Faculdade de Filosofia da USP, deixou quatro carros incendiados e um depredado, muitos feridos, inclusive a bala, e a dor de uma mãe que perdeu o filho de 20 anos de idade: José Guimarães, secundarista, morreu com um tiro na cabeça. Os estudantes usaram armas de fogo, centenas de rojões, bombas, grandes pedras e coquetéis molotov, mas só à noite a Polícia invadiu as Faculdades e acabou com a guerra. Há uma grande manifestação marcada para as quatro da tarde de hoje, hora do enterro de José.

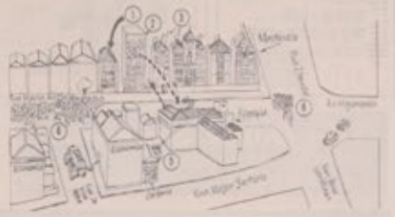
O que sobrou da Faculdade de Filosofia da USP, depois dos dois dias de luta: nenhum vidro nas janelas, a fachada com manchas negras dos coquetéis molotov, buracos no teto feitos por balas. Povo e Polícia assistiram a tudo da esquina da Itambé com Maria Antônia.

Os estudantes da Maria Antônia ainda tentaram socorrer o colega baleado, mas José morreu logo. Foi aí que êles saíram para o passeata e incendiaram os carros. A camisa ensanguentada do estudante morto era levada à frente, como uma bandeira, pelo líder José Dirceu. À tarde, 200 estudantes universitários e secundaristas ficaram esperando a liberação do corpo no IML. Queriam levá-lo para o Crusp, a Santa Casa ou o Colégio Marina Cintra, onde êle fazia o 2.° ginasial. Mas Dona Madalena acabou levando o filho para casa, na rua Pedro Taques, onde os colegas o velaram.

A manifestação de protesto dos estudantes, marcado para as quatro da tarde, deverá sair da Praça da República, sob o comando dos dois principais líderes estudantis de São Paulo: Luis Travassos e José [illegible] losofia da USP, Erwin Rosenthal, informou hoje cedo que ela terá que ser transferid[illegible] sitária, porque ficou sem condições para as aulas. Tudo sôbre a guerra dos estudan[illegible]

ATÉ ANOITECER, TUDO ERA GUERRA

A GUERRA DOS ESTUDANTES



O mapa: a Polícia, a princípio, não entrou na briga dos estudantes: assistiu a tudo da esquina da rua Itambé com Maria Antônia (6). No Mackenzie, os rapazes fizeram trincheira no telhado dos edifícios (1, 2 e 3), enquanto parte do pessoal da USP atirava pedras do meio da rua (4). Os bombeiros foram chamados para apagar o fogo provocado pelas bombas molotovs (5).

O [illegible] na rua Maria Antônia [illegible] é um prédio velho. É [illegible] velho, de [illegible] e [illegible] de madeira, [illegible] e uma [illegible] [illegible] [illegible]

A mãe (foto) foi quem decidiu: "meu filho vai para casa, mas todos vocês poderão visitá-lo". Os estudantes estavam querendo levá-lo para a Filosofia ou a CRUSP.

A GUERRA DOS ESTUDANTES

O corpo do estudante morto estava no Instituto de Medicina Legal. Na rua, havia um cordão de isolamento de 30 guardas-civis e uma multidão de mais de 200 estudantes. Perto, a kombi do IML. Ela levaria o corpo. Foi cercada pelos estudantes. "Vocês mataram e querem esconder", dizia um estudante. "Que eu saiba, êle morreu numa briga de estudantes", respondia um guarda.

O MORTO NA VIOLÊNCIA DE UMA RUA

Os feridos de uma tarde na Maria Antônia

No caminho da passeata, carros queimados

O estudante baleado na rua Maria Antônia foi levado para o Hospital das Clínicas. E os estudantes, para uma passeata, sob a liderança de José Dirceu. Pelo caminho, carros iam sendo virados e queimados, mais prisões eram feitas; mais pessoas ficavam feridas. O delegado Ítalo Ferrigno, que acompanhava tôda a movimentação estudantil, comentava no DOPS: "No México foi muito pior, morreram vinte e cinco". Três horas depois de ter começado, a Polícia acabou com a passeata dos estudantes.

A GUERRA DOS ESTUDANTES

UM ÔNIBUS LOTADO. TODOS PRESOS.

Quando a polícia achou a passeata

De repente, apareceu um terrorista

No quarto andar do DOPS, todos preocupados com os acontecimentos da Maria Antônia. De repente, entra na sala um moço de 19 anos. Diz: "sou Fernando Roberto Dimásio. Vim me apresentar. Eu participei dos explosões terroristas do grupo de Aladino Félix". Poucos prestam atenção no que êle diz. O delegado Sidney Alcântara manda chamar um curador. Fernando é interrogado, confessa ser terrorista, e é preso.

Êles decidiram que hoje saem de nôvo

O DIA VIOLENTO DOS ESTUDANTES

José Guimarães, secundarista de 20 anos, morreu às 15,30 horas, nas Clínicas, com um tiro na cabeça. Fôra encontrado meia hora antes, no 5.º andar de um prédio em frente à Faculdade de Filosofia. Protestando contra sua morte, contra o govêrno e contra os estudantes do Mackenzie, os alunos da Filosofia saíram em passeata, incendiaram 4 carros. A Polícia interveio e, enquanto continuava na Maria Antônia a guerra (bombas molotov, tiros, paus e pedras), estudantes eram presos no Centro.

Seis estudantes do Mackenzie foram à Faculdade de Filosofia e arrancaram uma faixa. Eram 8,45 horas. Quinze outros voltaram depois e arrancaram mais duas faixas. Três estudantes tentaram impedi-los e foram agredidos. "É uma provocação da CCC", gritaram. E começou a guerra. Até o meio-dia, pedras. Depois, rojões, bombas Molotov (sequência à esquerda), barras de ferro, pedaços de pau, ácidos, tiros. A camisa ensanguentada do secundarista morto, José Guimarães, foi usada como símbolo para o protesto (à direita).

Dentro do Mackenzie estavam, além dos estudantes, guardas-civis armados de cassetetes. E as bombas molotov e tiros acertavam o prédio da Filosofia, de onde o outro grupo também atacava. O alto de um prédio de 15 andares foi ocupado pelos alunos do Mackenzie na procura de uma boa posição para atacar a Filosofia.

As escadas com manchas de sangue, as paredes com marcas de balas (de vários calibres), estudantes feridos sendo medicados, todos os vidros quebrados, persianas

A sequência acima mostra estudantes derrubando um muro que fica ao lado do Mackenzie, usando um carro como aríete. É apenas uma das cenas da luta que começou às 10 horas e foi até as 18. Além de estudante morto, cêrca de 100 outros com ferimentos leves atendidos no Hospital das Clínicas, viaturas depredadas e incendiadas, presos, os prédios do Mackenzie e da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo ocupados pela Polícia — isso o resultado do fato de ontem, resultado de uma simples divergência entre os estudantes de Filosofia da USP e Mackenzie, marcada por uma vaia dividida e Maria Antônia.

jornal da tarde
O ESTADO DE S. PAULO
Sexta-feira, 4 de outubro de 1968

jornal 7
Jornal da Tarde, 4.10.1968
página 24

Prédio da Filosofia está arrasado

O prédio da Faculdade de Filosofia não terá mais condições de funcionamento

20 anos, sonho e morte

Críticas na Assembléia

MAF faz apêlo a Sodré

Professores pedem CPI

Arquitetos - 1958 Mackenzie

Soltos todos os presos

Entre o material apreendido havia cápsulas de calibre privativo das Fôrças Armadas.

Estudantes reagem contra extremistas

Do Sucursal do Rio

Consulho Nacional do Comércio Exterior RESOLUÇÃO N.o 38

MINISTÉRIO DO INTERIOR
SUPERINTENDÊNCIA DO VALE DO SÃO FRANCISCO
— AVISO —

jornal 8
O Estado de S. Paulo, 5.10.1968
página 6

FSP-8-10-68

DOPS tenta descobrir quem matou o estudante durante o conflito

(J9)

O delegado Italo Ferrigno, do DOPS, informou que vai tentar identificar, através de fotografias, os elementos que atiraram com armas de fogo do interior do Mackenzie, causando a morte do estudante José Guimarães, no conflito da rua Maria Antonia.

O inquérito a respeito está correndo naquela Delegacia, cujo titular informa que a biblioteca de 60 mil livros da Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antonia, quase foi destruida pelas bombas de fabricação caseira atiradas da Universidade Mackenzie durante os conflitos de quinta-feira entre estudantes das duas escolas.

Agua na biblioteca

Para impedir que as bombas incendiassem a biblioteca, o delegado Alcides Cintra Bueno Filho, do DOPS, determinou a um grupo de bombeiros que a inundassem com dois jatos de água. Desta forma, as bombas caiam na água e se apagavam sem chegar a explodir.

«Duas bombas — disse o delegado — caíram perto das estantes de livros e a água evitou a explosão e o incêndio. Limitamos a dois palmos a altura da água na biblioteca para não estragar os moveis e os livros. Assim mesmo a mobília ficou um pouco encharcada.»

Os estudantes da Faculdade de Filosofia da USP culpam elementos do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) da Universidade Mackenzie de terem atirado as bombas contra a biblioteca e outras dependencias da escola. A biblioteca tem 60 mil livros e entre eles estão muitas obras raras. Seu valor é incalculável.

Destruição foi total

O delegado Alcides Cintra Bueno Filho vistoriou a Faculdade de Filosofia da USP depois da depredação e entendeu o que viu e o que pensa:

"Foi uma destruição total. Mesas e bancos escolares quebrados. Aparelhos de precisão, projetores, maquinas — tudo destruido. O correto seria isolar o local e exibi-lo ao povo para que o povo visse o que é feito do seu dinheiro, porque, afinal de contas, é esse mesmo povo que, através do pagamento de impostos, sustenta a Faculdade de Filosofia da USP".

Desmentido da Guarda Civil

Por outro lado, o comandante da Guarda Civil, major Lessa, classificou de "verdadeiro absurdo as noticias de que sua corporação teria dado cobertura aos mackenzistas no ataque à Faculdade de Filosofia da USP".

Ele afirmou:

— "Os trinta guardas civis que estiveram no Mackenzie durante os ultimos conflitos, apenas cumpriram a missão de proteger o patrimonio daquela escola, caso houvesse tentativa de invasão".

Acrescentou que igual proteção teria sido dada à Filo-USP, se está a solicitasse. Sobre as noticias de que metralhadoras da Guarda Civil teriam sido usadas pelos estudantes, asseverou:

— "Nenhuma metralhadora ou qualquer outra arma da Guarda Civil foi usada por quem quer que seja. Os guardas que estiveram no Mackenzie usavam apenas revolveres de calibres 32 e 38".

Reitora do Mackenzie no DPF

A reitora do Mackenzie, professora Ester de Figueiredo Ferraz, visitou ontem à tarde o general Silvio Correia de Andrade, chefe da Policia Federal de São Paulo.

Depois de permanecer apenas 5 minutos no gabinete do chefe do DPF, a reitora informou que sua visita, entre outros assuntos, foi para comunicar que as dependencias do Mackenzie "estão entregues aos cuidados da Força Publica". E acrescentou:

"A situação está normalisada. O Mackenzie está aos cuidados da Força Publica. Esperamos que ela tome conta do Instituto, tão bem quanto nós o fizemos, até os acontecimentos da ultima semana".

A profa. Ester de Figueiredo Ferraz não informou até quando as tropas da Força Publica permanecerão no Mackenzie, mas disse que as aulas deverão ser reiniciadas depois de amanhã.

Com relação a uma possivel atitude da Reitoria contra os mackenzistas que apoiaram a Filo-USP e que foram postos na lista negra do CCC, a professora Ester disse:

"Não pensamos em nenhuma medida especial. Já temos muitos problemas para resolver. O desprezo dos colegas por sua atitude já foi um castigo suficiente".

Comissão parlamentar de inquerito

Comissão Parlamentar de Inquerito vai apurar, no ambito do Poder Legislativo, as responsabilidades do conflito entre alunos da Faculdade de Filosofia da USP e da Universidade Mackenzie, nos dias 2 e 3 do corrente. A comissão, requerida pelo dep. Raul Schwinden (MDB), será constituida de 5 deputados e terá 60 dias de prazo para conclusão de seus trabalhos.

Na sessão de ontem da Assembléia Legislativa, o dep. Osvaldo Santos Ferreira (ARENA) manifestou-se contra a realização da passeata estudantil de hoje: "Porque os animos estão acirrados em virtude dos acontecimentos dos dias 2 e 3". Fez um apelo, entretanto, para que o governador respeite e garanta a livre manifestação de opinião dentro dos limites da lei.

jornal 9
Folha de S. Paulo, 8.10.1968
página não identificada

(J10)

Os comerciantes da rua estão tendo prejuizo com a morte dos estudantes. A Maria Antonia agora é dos soldados.

MARIA ANTONIA, UMA RUA TRISTE

Os bares estão vazios, as livrarias sem freguesia. Só soldados ocupam a rua

A RUA Maria Antonia morreu? Ainda não, mas os moradores do lugar dizem que ela está morrendo. E vai a Faculdade de Filosofia será de la a Rua outra coisa senão a sua cova. Desde junho a vida vem passando lenta, com as cortinas de lastimação, reforma universitaria, preparação ao Congresso da UNE. De estudantes mais acostumados que nunca. Até a ultima quarta-feira, quando alunos do Mackenzie provocaram os manifestantes que ficaram postados na Rua Maria Antonia, quase ao lado da livraria Nobel, ainda estavam cheia e que ela.

— Foi uma coisa horrivel. Parecia-me da Segunda Guerra Mundial, estava na Europa durante os bombardeios de Hitler e Mussolini, vivi outra vez a uma briga como esta. Ainda a estudantes que se encontram aqui ao redor em busca de socorro. Agora, com a mudança da Faculdade, vai haver uma grande tristeza de verdade.

Em frente à Nobel, na outra, a revista **Realpress**. As duas acima não são, um caso da vida. Desde um mendigo de 15 anos que trabalha lá, vasta que atendiam ao media 150 estudantes por dia um bolsa de 2 cruzeiros mensais, agora a procura dele não. Ele sabe que deixa para frente a de tantos fracos uma chance.

Em frente à Faculdade de Filosofia, especialmente aos sexta de fome e revolução bibliográficas. Dessa loja lanches está cheio com as pessoas-fome da rua Maria Antonia. Gosta que os professores da USP são uns grandes clientes, as pessoa vem sem um comprar. Ninguém

Uma loja antes quieta de livros, discursos de 30%. Desde lá nada antes por Voltaire. Stalling para ver se a Alva de Cultura volta a vender como antes. Esta livraria foi aberta a duas meses e meio e sua tendencia é de livros de capacete, e de todas os grandes pensadores contemporaneos. Voltaire diz: — "Mas la luta temos imediatamente de lado da Filosofia. Os estudantes da Maria Antonia foram solteiros, letrados, mas uma coragem fora do comum. E' uma pena que agora vão se reunir na Cidade Universitaria. Talvez tenhamos que fechar aqui". E continua:

— Não se duvida que isso foi briga de estudantes. Isso foi um ataque violento do CCC contra os estudantes da Filosofia. Eles queriam acabar com o Rio Congresso da UNE e provocaram o ataque.

A **Confeitaria Maria Antonia** confirma e estender a mesma quantidade de pão, mas diminuiu muito a parte de "coca", como explica o empregado Mathias.

— O movimento caiu. Muitos dos estudantes que vinham aqui iam apreciação antes dizer o direito que estavam lá não vão. A briga foi ideiras. Gostam. Aqui, atendemos a muitos estudantes mackenzistas. Bem, a gente fica triste deles não virem, mas a grande preocupação é que agora não se tem para quem vender, só!

O **Fan Fan** é um restaurante que atendia a centenas de estudantes da Filosofia, por dia. Agora, o dono Roberto conta que o movimento caiu para mais de 80%, principalmente a noite. Antes, muitos grupos reuniam-se em mesas e ficavam bebendo papo, comendo pizza e salgados servidos até a madrugada.

— Sabe-se, nessa briga somos terceiros. Eu aconselho que todo calma. Estamos fechando a vida por falta de gente.

O porteiro Manuel, de um dos predios proximos ao Mackenzie, contou que já era muito antes "era Brasilia" mas nada que possa se comparar com o quadro dos estudantes. Mesmo assim afirma que centenas dos moradores do predio está pensando em se mudar do lá. O movimento da carpintaria Bagrida não muito bom e o sr. Constantino, do restaurante ao lado, que vinha reclamar que menos dias não tem um salvo carro guardado.

— Acho não é possivel. A polícia não deixa tem se encontrar novamente entre o outro aqui. Isso é um absurdo. A gente paga impostos, empregado e outras despesas e não tem condições para aguentar esse dificuldade.

Uma moradora da rua, dona Rita, falando com pesar e preocupação da morte, entre:

— Foi horrivel a briga dos estudantes. Pagaci escondida quando vi a policia protegendo os estudantes do Mackenzie. E mais ainda quando vi chegar aqui na Maria Antonia agentes ridiculos de verniz, pagos de choque, brutalos e não sei mais o qué. Imagine só, os alunos da Filosofia tolerem esses valentes e os Deus perdoem, tudo. Cuidado deram muito. O que é que queria outra hoje mais para explicar isto a todo mundo, vem a expressão de nova.

O Cervejão, do balcão do primeiro andar do bar da Faculdade, está desolado:

— Esta vendo? Não vendi absolutamente nada hoje. Antes os estudantes compravam tudo e que diferença. Antes, era ser obrigado a atender de pressa. E' uma pena porque os estudantes da Filosofia são muito bacanas.

O sr. José, do **Bar da Faculdade**, também está saudoso. Olha para as latas e suspira:

— Sabe de uma coisa, as estudantes bacana muita falta. Esse aqui ainda vendo uma graça. Além do mais temos muitas despesas e está vendo nada não é possivel continuar.

O bar **Recanto dos Estudantes** também está deserto e seu dono, que o comprou há um mês e meio, está arrasado. O portuguis Antonio Ordoñez, do **Clandela**, está pensando em baixar um cinco contrato para que os estudantes voltem à Maria Antonia. Ela que assim não é possivel continuar.

O **Mac-Fit** é um bar-restaurante bem em frente a Faculdade. Como se calcula, está vazio. O sr. Agostinho Kobelo conta que foi obrigado a baixar o lugar desde a saida da briga. Mas ora um local elevativo, que tanto atendia a mackenzistas quanto ao pessoal da Filo. Por isso seria duvido não existem quinze entre o que vimos. Uma diversão ao lado da Faculdade está fechada, uma area ofdras todas quebradas.

O INTERROGATÓRIO

A **Maggino**, uma lanchonete moderna, também está de portas cerradas. A butique **Mod** está para fechar também. Mesmo, vem **vendeu**, diz que "apesar da gente de não estar ter dinheiro quase comprou aqui é estudante da Filo". Essa loja de roupas femininas vem um ano e meio de existencia e foi criada para tender uma moda adequada para as "universitarias da Maria Antonia".

A **Livraria Pioneira**, é confirmada pelo ato atual das livros que temos. Mesmo assim teve uma queda de 80% de vendas, mas e o sr. Ernesto não vê com boas olhos o futuro: — "Os estudantes, desse lado todo embora, os negocios vão ficar difíceis. Os mackenzistas quase nunca compram livros".

Em todas as livrarias da Maria Antonia os livros mais vendidos até quarta-feira eram os de Marcuse, de Celso Furtado, sobre Che Guevara, filosofias contemporaneas e problemas politicos.

O super-mercado **Pão de Açucar** também foi muito afetado pela crise estudantil. Em media via tendo 20% 17.000,00 por dia e no segundo dia, os brigas não chegou a vender cerca 8.000,00. O sr. Chiola, gerente, diz que nunca passou por momentos tão difíceis. Com a ordem na cabeça, vão se perguntar:

— Mas para que uma briga dessas? Não entendo como universitarios podem chegar a esse ponto. Foi um vandalismo geral.

A Maria Antonia tem 30km de extensão e sendo dela estão estes casos comerciais, mais alguns gerentes acima, grandes vultos, cansados acabam e perdeu, além dos dias acima. Para que alguém morador ou visitante saiba já é necessario responder a um pequeno interrogatório de um soldado da Força Publica, armado de baioneta. Uma empregada, bem pela manhã, estava passando a baioneta quando foi barrada. Pouca briga, é respondeu:

— Ora mesmo, não vê que hoje é segunda-feira, e o barato começa cedo!

Estamos vendendo futuros campeões em suaves prestações.

Quem dá mais?

É isso, você pode comprar um futuro campeão dos hipódromos brasileiros. Eles serão apresentados em leilão nos proximos dias 8, 9 e 10, as 20:30 horas, no Tattersall do Jockey Club de São Paulo. Você vai, vê, gosta, dá um lance e diz para a frente e esperar o potrinho se tornar adulto e ganhar os grandes corsos. E, enquanto ele ganha as corsas, você ganha os prêmios. A proposito: você pode comprar quantos potros quiser, pois eles serão financiados até 24 meses, através de companhias financiadoras oficiais. E tem mais, com um pouco de sorte, você pode ganhar o potro que será sorteado. Você não quer ter um campeão?

SOCIEDADE DE CRIADORES E PROPRIETÁRIOS DE CAVALOS DE CORRIDA DE SÃO PAULO

a única ligação direta para a ESCANDINÁVIA

VARIG · SAS

agora em pool

DOIS SERVIÇOS PARA SERVÍ-LO MELHOR

menos horas - mais confôrto
mais vôos - n

		LIGAÇÃO SEM PARADA		ESCALA
		S. PAULO	RIO	COPENHAGEN
SAS	S-T	14:10	15:50	6-T 14:35
VARIG	S-T	20:50	22:30	Sab. 17:00

REDUÇÃO TARIFÁRIA DE 25% em vigor de 15/10/68 a 31/3/69 exceto no período de 20 a 24/12/68

jornal 10
Folha da Tarde, 8.10.1968.
Página 7

DELEGADO DIZ QUE ACABARIA COM CCC

O delegado que investiga a morte do estudante José Guimarães diz que se pudesse acabaria com o CCC. Por enquanto ele faz o que pode: tenta identificar o criminoso através de fotos da imprensa.

O DELEGADO Sevento Duarte (Lá Dentro), que investiga a morte do estudante José Guimarães, confirmou ontem à tarde, quando foi pedir autorização ao Capital, todas as divulgações feitas na sua Matéria Arrolada e que motivaram ainda esclarecimento adicional.

Ele acha que, acidentando as provas que foram apresentadas a todos os boletins, poderá chegar ao criminoso. Enquanto aguardava um trabalho oficial, aproveita ser a outra possibilidade de investigar o caso.

O delegado Sevento, a pós passarem-se 24 horas depois de ter sido designado pelo diretor do Departamento Federal de Segurança Pública, Dr. Romeu Antônio Tuma Júnior, para a delegacia-assistente, Dr. Romeu Cláudio Duarte.

Tendo a responsabilidade de que estão investidos os delegados do CCC, é de crer que possa adiantar-se mais além e tudo que será feito no cumprimento e procedimento exato e eficiente". A princípio recusa-se a falar sobre o CCC, alegando que o problema não é dele, mas do DOPS. Depois acaba reconhecendo que se defenderia dele, investigando o caso e fazendo uma exceção.

— Pessoalmente, que eu possa tudo durante na rádio. Tenho quatro filhos e posso ter de ficar sem eles. Se for preciso, eu mesmo vou falar com o Secretário de Segurança Pública, Dr. Hely Lopes Meirelles, para pedir providências.

O delegado do Ordem Política do DOPS, Italo Portugal, não tem a mesma opinião. Mesmo sendo envolvido no caso, não quer ser ouvido sem ser formalmente convocado para isso. Ao tomar conhecimento pela FOLHA DA TARDE, onde anteriormente alguns do Mackenzie, apenas como testemunhas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) atirando do telhado do edifício onde funciona a Faculdade de Filosofia, Italo Portugal, como a que foi tomada pela fotografia da FT, Mateus Kiehl, que também está sendo procurado pelo mesmo.

Entretanto, dia a delegado que ouviu vítima e testemunhas do CCC, do ponto de vista das individuais demarcações. É acreditando — que não seja a favor da violência arrolada, que diz crer, se é que essas pessoas são membros do CCC).

Na opinião do entrevista, o delegado Italo Portugal disse que desconhecia o CCC que foi a imprensa que investiu essa organização.

RADIA

Perguntado sobre se estava ou não investigando o CCC, disse que sim após saída hoje de manhã.

— Se os estudantes soltam mais do que eu sei, o CCC, então, procurou o secretário de Segurança Pública. É preciso que os estudantes saibam o seguinte: quero causar todo aquele confusão. Só uma coisa de lamentável: lamento por Deus e Tiradentes. O Mackenzie apenas defendeu o seu patrimônio. Agora cabe ao secretário geral ou ao chefe de polícia tomar as providências que estão tomando e se estão ou não dentro da legalidade. Eu não sei, e é que essas pessoas são membros do CCC).

— Mas mesmo, um membro não é, doutor?

— Olhe um jornalista.

CCC E PATERNA

O diretor do DOPS, delegado Alberto Tinoco não quis atender os jornalistas para falar sobre o caso da estudante Maria Antonieta da Costa Santos, filha do delegado-assistente, Emanuela Garcia Duarte.

Tendo a responsabilidade de que estão investidos os atividades do CCC. É até que pouco adiantar, mais além e tudo que será feito no cumprimento e procedimento exato e eficiente". A princípio recusa-se a falar sobre o CCC, alegando que o problema não é dele, mas do DOPS. Depois acaba reconhecendo que se defenderia dele, investigando o caso e fazendo uma exceção.

— Pessoalmente, que eu possa tudo durante na rádio. Tenho quatro filhos e posso ter de ficar sem eles. Se for preciso, eu mesmo vou falar com o Secretário de Segurança Pública, Dr. Hely Lopes Meirelles, para pedir providências.

O delegado do Ordem Política do DOPS, Italo Portugal, não tem a mesma opinião. Mesmo sendo envolvido no caso, não quer ser ouvido sem ser formalmente convocado para isso. Ao tomar conhecimento pela FOLHA DA TARDE, onde anteriormente alguns do Mackenzie, apenas como testemunhas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) atirando do telhado do edifício onde funciona a Faculdade de Filosofia, Italo Portugal, como a que foi tomada pela fotografia da FT, Mateus Kiehl, que também está sendo procurado pelo mesmo.

Entretanto, dia a delegado que ouviu vítima e testemunhas do CCC, do ponto de vista das individuais demarcações. É acreditando — que não seja a favor da violência arrolada, que diz crer, se é que essas pessoas são membros do CCC).

— Mas mesmo, um membro não é, doutor?

— Olhe um jornalista.

CCC E PATERNA

O diretor do DOPS, delegado Alberto Tinoco não quis atender os jornalistas para falar sobre o caso da estudante Maria Antonieta da Costa Santos, filha do delegado-assistente, Emanuela Garcia Duarte.

— Delegado, que eu possa tudo durante na rádio. Tenho quatro filhos e posso ter de ficar sem eles. Se for preciso, eu mesmo vou falar com o Secretário de Segurança Pública, Dr. Hely Lopes Meirelles, para pedir providências.

PARTIU MATERIAL

O delegado-adjunto do Ordem Política, Alcides Cintra Bueno, vai acabar hoje à tarde, "salvo o sobrevindo fato novo". Ele estará na Faculdade de Filosofia", do material que ele recolheu no local, incluindo outros para o DOPS em seus depoimentos e do Secretário de Segurança Pública.

— Isso é apenas uma amostra, fala o dr. Alcides Cintra Bueno, mas não morte do estudante não. Não cuidamos convidando para maiores indagações na área, cuidamos apenas a ordem pública, dentro daquilo que for publicado pela POLÍCIA DA TARDE, onde anteriormente alguns do Mackenzie, apenas como testemunhas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) atirando do telhado do edifício onde funciona a Faculdade de Filosofia, Italo Portugal, como a que foi tomada pela fotografia da FT, Mateus Kiehl, que também está sendo procurado pelo mesmo.

Entretanto, dia a delegado que ouviu vítima e testemunhas do CCC, do ponto de vista das individuais demarcações. É acreditando — que não seja a favor da violência arrolada, que diz crer, se é que essas pessoas são membros do CCC).

— Mas mesmo, um membro não é, doutor?

— Olhe um jornalista.

CCC E PATERNA

O diretor do DOPS, delegado Alberto Tinoco não quis atender os jornalistas para falar sobre o caso da estudante Maria Antonieta da Costa Santos, filha do delegado-assistente, Emanuela Garcia Duarte.

— Delegado, que eu possa tudo durante na rádio. Tenho quatro filhos e posso ter de ficar sem eles. Se for preciso, eu mesmo vou falar com o Secretário de Segurança Pública, Dr. Hely Lopes Meirelles, para pedir providências.

O delegado do Ordem Política do DOPS, Italo Portugal, não tem a mesma opinião. Mesmo sendo envolvido no caso, não quer ser ouvido sem ser formalmente convocado para isso. Ao tomar conhecimento pela FOLH

8-10-68

J11

jornal da tarde

Publicado sob o n. 4 O ESTADO DE S. PAULO

Fundado em 1915
JULIO MESQUITA
1891-1927

DIRETOR RESPONSAVEL
Ruy Mesquita

DIRETORES
Julio de Mesquita Filho
Francisco Mesquita
Mariangela Peixoto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Julio de Mesquita Neto
Rui Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
Luiz Carlos Mesquita

Nada os surpreende mais do que o revide à agressão

A coisa que mais surpreende e horroriza os nossos esquerdistas fossilizados é a resposta às suas provocações. Os mansos, os tolerantes, pobres e lividos de pavores que a covardia calça tão completamente amanicha-se de que representam a tenebrosa inconciliável da História que, quando se dão conta de que há gente que não concorda com seus pontos de vista e até gente que discorda frontalmente e que é capaz de reagir contra os ataques impiedosamente unilaterais à sua covardia e ousa se entregar na prática de sua revolução sócio-econômica, que quando encontram essa reação energalhem em estado de completa confusão e, às vêzes, de quase pânico, como aconteceu, por exemplo, diante da reação dos alunos de Mackenzie à tentativa de invasão de sua casa por parte dos alunos da Faculdade de Filosofia.

E, assim, êles, que nestes anos de agressores vergonhosos, exibiram cínica e impunemente dos seus atos de puro vandalismo, reagem, por sua vez, como pobres vítimas de uma violência de grande envergadura.

Como estão absolutamente alienados da realidade da sua revolução sócio-econômica, êles que nunca sonham enfrentar diretamente as soluções violentas de suas **teses revolucionárias**, sem temer consequências porque, fazendo uma unanimidade, só hoje êles vão conseguir-se chegar ao poder para instalar o regime soviético que já instalaram nas universidades, na Polícia e...

E protestam. É uma espécie de circulo vicioso em que a agressão gera a resposta agressiva que, por sua vez, gera o protesto mais agressivo ainda e assim por diante, até que o mais forte elimine definitivamente as possibilidades de reação do adversário.

Mas as nossas esquerdas fossilizadas não se preocupam com o que ocorre lá nas agressões porque estão completamente convencidas de que têm o **direito de agredir**. Vão continuar provocando, vão continuar insultando, vão continuar depredando, vão continuar invadindo, apesar do que aconteceu na semana passada — quando seus adversários se disporam simplesmente ao direito primário — aos poucos que, na Polícia, o cansaço que nos não provoca já está sendo substituído pelo desejo de paz, de tranquilidade e, principalmente, de racionalidade, que é produto que elas não conhecem. E foi assim que começou, em março de 1964.

Elas vão protestar, como protestaram os professores da Faculdade de Filosofia. E o seu protesto terá o mesmo valor que tem o protesto dos professores. Porque, que nos lembremos, esta é a primeira vez em quinze anos que os professores protestam, embora, nestas últimas horas, estejamos ouvindo os ecos em que se ouviram, em vão, protestos dos professores.

Protestaram que êles iam protestar, por exemplo, quando diretor da Universidade invadiram a reitoria, depredaram as instalações, violaram documentos da Reitor, chegaram quase a agredir fisicamente o Reitor. Mas êles não protestaram.

Depois, protestaram que êles iam protestar quando houve invasão de faculdade, com os respectivos depredações, inclusive na Faculdade de Filosofia, onde, depois da ocupação pelos alunos, foi elogiosamente destruído pelos próprios diretor da casa. Mas êles não protestaram. Depois houve a invasão da Clínica de Psicologia da mesma Faculdade, com destruição dos professores, vários departamentos propriedades pelos ocupantes que lá estão até agora, e ora aí, apesar de se tratar de um hospital para doentes mentais, os professores protestaram. Os professores, ao que parece, não gostam de protestar; só porque ensandeceu com a revolução sócio-econômica dos seus alunos e chegam até a participar de passeatas em que os estudantes depredam edifícios públicos e particulares, quebram automóveis e agridem quem demonstra desagrado diante desse mistificação de hospitalidade, outros porque acham os estudantes universitários com cinco de vinte centímetros — com êstes exemplares, digo-o de passagem — e outros simplesmente porque já perderam a vergonha de latir. Os professores não gostam de protestar quando o protesto pode ferir as sensibilidades dos que vêm o perfil de explorá-las.

As nossas esquerdas fossilizadas vão protestar porque um estudante secundário que não tinha nada a ver com o choque de rua Maria Antônia, morreu durante a baderna, com um tiro que **não foi disparado pela Polícia**, vítima da violência que êles geraram, como revide à violência que êles inauguraram.

Mas os protestos terá outro valor quando o protesto dos professores que, ao protestar, cumprimentam o gesto do Estado oferecia à Faculdade de Filosofia a mesma proteção policial que deu ao Mackenzie, a pedido dos professores e alunos do Mackenzie, e que forçou os alunos e a direção da Filosofia que não aceitaram essa proteção.

Mas êstes não — incluindo a morte de um estudante — não são pormenores sem importância para os nossos esquerdas fossilizadas.

Para estes estudantes uma coisa e que aconteceu — incluindo a morte do estudante — porque êles vivem disso e para isso.

Foi assim na época de Jango Goulart. Exatamente assim. Até que um dia milhões de brasileiros saíram às ruas para pedir ao Exército que acabasse com a bagunça.

Não vai demorar muito para que os latrocínios de hoje recebam a mesma surpresa que ocorreu no início de 1964. Êles também estavam certos de que tinham o direito de agredir sem sofrer revide.

Mas o revide veio, embora êles estivessem no governo.

Êstes não poderiam redemocratizar Portugal

Os leitores de **O Estado de S. Paulo** sabem perfeitamente que nas folhas 1, a partir de seu nascimento, também o **Jornal da Tarde**, temos mantido de armas ao Salazar. Pelo contrário, por motivos de suas tradições democráticas, jamais deixamos de ir ao que à forma de governo imposta por êle implantada em Portugal, embora sem ignorar sobre a forma de oposição irracional de grupos de seus adversários. Com efeito, nossa posição de vista, as origens e as causas do regime de Salazar, isto é a bolsista que tornou indispensável uma presença no governo e lhe deu ao seu nome válido para exercer por um regime de força, com dezenas de resultados os aspectos positivos de sua administração pelo fato de não cometer os abusos dos seus sucessores.

Por isso mesmo, estivemos agora em oposição de poder considerar a atual situação portuguesa com relativa objetividade. Tratava-se de uma situação que não é de exclusiva exceção clara. Durante seu longo permanência no poder Salazar não só nunca se preocupou com livrar uma oposição pública e uma política consciente política no país, mas, pelo contrário, impediu conscientemente seu aparecimento, dando a seu regime um caráter acentuadamente pessoal e se transformando em um homem presidencial cuja vontade era, em última análise, o centro decisivo e único para as decisões relativas à situação nacional.

Era de se prever que seu desaparecimento jogasse Portugal em uma luta sucessória difícil, criando as condições para o estabelecimento de um verdadeiro caos político no país. Como a retirada do velho ditador-ministro ocorreu, graças a sua prodigiosa resistência, em circunstâncias particulares, em virtude das quais seu figura continua influenciando a vida política embora já praticamente já não exerça em condições de continuar com os comandos em suas mãos, foi possível a renovação, ao que tudo leva crer, quase ao padrão chamar de completa normalidade, de um sistema que, por sua pseudo e sua formação, se apresenta como o homem mais indicado para dirigir uma eventual transição entre o salazarismo e certa forma de liberalização do regime.

Mesmo assim, já começou a se falar novo, em Lisboa, coadjutores que, como informou o semanário gaitista **Seguro** recentemente morrido no tempo do governo de Salazar. E tais **dogmas** são, como é fácil adivinhar, **liberdade, democracia e socialismo**, sem qualquer esclarecimento que leve em conta o fato de o socialismo ser, hoje mais do que nunca, depois da experiência checoslovaca, um tema trágico para a liberdade e a democracia. De sorte, já antes mesmo que tais dogmas se tornem novos em Lisboa, já se contam alguns democratas portugueses, sempre beneficiados da extensão do Oceano que tornam a possibilidade de sobreviver e o regime que combatem — em alguns casos depois de ali se haverem refugiado — tornam aparentemente uma série de **exigências** relativamente ao futuro de país.

Naturalmente, não, que sempre combatemos Salazar e a situações por outros democratas, não podemos deixar de ver com simpatia uma luta séria e honesta pela democratização de Portugal. Mas justamente porque somos democratas, não poderíamos fechar os olhos para a **realidade** e deixar de ver que para muitos dos **democratas** em questão — que não são seus olhos nem homens por uma idealização perplexa — a democracia é apenas um brinde por não do qual se procura estabelecer a confusão.

Os verdadeiros democratas portugueses sabem, com muita precisão completa, bem são vítimas dêsse de que, se um dos dêles sobrevem ao poder ou "democratizar" (com aspas), logo todos os portugueses terão saudades de Salazar.

jornal 11
Jornal da Tarde, 8.10.1968
página 4.

UM JOVEM CONTA COMO COMEÇOU E COMO FUNCIONA O CCC

J11

O CCC — Comando de Caça aos Comunistas, surgiu em 1963, "A arma de ataque aos avanços que a esquerda insta fazer", — assim se define. Para isso seus membros estão preparados ideológica e militarmente.

Conta quase 2.000 elementos só no Estado de São Paulo, mas existe também em todos os outros Estados. — "Veja a reação à peça Roda-Viva, na Rio Grande do Sul, Pomos fim", diz um dos 19 fundadores do movimento, que estuda na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Para pertencer ao CCC o candidato é testado durante três meses, enquanto é feito um levantamento completo sôbre sua vida e sua atuação política.

Convencidos de sua identidade ideológica com o movimento — "sòs somos nacionalistas radicais de direita" — o novo elemento será aceito e, a partir dêsi, treinado militarmente. Deverá contribuir com 15.00 novos, 2 e mensalidade.

Foi em 1963, quando o ministro da Educação, Paulo de Tarso, foi convidado para fazer uma conferência no Mackenzie, que houve uma reação esquerdista por parte de alguns estudantes que o expulsaram, aos seus deixá-lo falar.

Logo em seguida o governo do Estado tentou fazer um desagravo na Faculdade de Direito e durante a solenidade compareceram operários metalúrgicos que juntos com a oposição estudantil gritavam slogans contra a democracia e depois agrediram os elementos de direita.

Na primeira reunião, na Faculdade do Largo São Francisco, formou-se o primeiro núcleo, com 18 membros. Pouco a pouco, alunos do Mackenzie e de outras faculdades iam arregimentando mais números. Hoje, os que já estão formados ainda pertencem ao CCC.

— "Atualmente podemos contar, aqui na cidade de São Paulo, quase 2.000 elementos, pela mesma direção criado pelo "Grupo dos Onze".

O movimento voltou a ser revigorado em 1966.

"Devido à posição de direita, seus membros são ameaçados de recebedores pela esquerda, mas êles lutaram em defender a posição de nacionalistas radicais, daqueles que não transigem em nenhuma hipótese com as doutrinas alienígenas, como a dominação econômica norte-americana ou soviética".

— "Nós não temos uma mentalidade burguesa, somos reformistas radicais e por isso nunca esperamos que as intenções se concretizem, pois agimos antes, com meios próprios, contra qualquer tentativa de subversão da esquerda".

Para isso êles treinam intensamente tática guerrilheiras e de contraguerrilha. Esses treinos são dirigidos por elementos especializados.

Cada membro do CCC possui uma arma própria, quase sempre revólver de alto calibre e todos andam sempre armados. — "São armas adquiridas em contrabando, pois é livre a venda clandestina das armas só permitidas às Forças Armadas".

Sôbre Mário Pariú, o CCC tem sua versão: "Êle não é membro da nossa organização. Pertence ao partido de direita do Mackenzie mas nada tem a ver conosco. Na sua tese do CCC êle não estaria preso ainda, nem estaria mais entre nós, porque o CCC não admite traidores e êle falou e até apontou nomes.

— "O CRUSP se prepara para a nossa visita, mas nós somos superiores em número e força. Se êles não têm armas, nós temos até demais. Poderíamos invadir hoje se quisessemos, êles todos estarão na passeata e mesmo que estivessem lá, nós podemos arrasar tudo.

— "A Faculdade de Filosofia já foi destruída, ali êles não poderão voltar. Por mim, deveríamos destruir o CRUSP também".

Sôbre a **guerra** entre o Mackenzie e a Filosofia da USP, o CCC também tem sua versão: — "a briga começou entre os estudantes das duas faculdades, por divergências políticas e como havia no Mackenzie um grupo do CCC, foi êsse grupo que dirigiu o ataque e comandou a invasão, por ser profundo conhecedor de guerrilha urbana".

— "Nós não invadimos a escola mais cedo porque não sabíamos qual seria a atuação da polícia. O governador André quis **fazer média** enquanto pôde com a esquerda, porque êle quer se eleger presidente da República.

— "Somente quando tivemos confirmação de que a polícia não reagiria é que invadimos a Filosofia, mas já eram quase 7 horas da noite e logo depois chegou a tropa de choque da Força Pública. Mas nós estivemos primeiro na escola".

A principal crítica feita pelo CCC ao governo atual é por causa da falta de controle sôbre a imprensa brasileira:

— "O governo precisava ter o controle da imprensa nas mãos para evitar que elementos subversivos continuem dominando as notícias sôbre o movimento estudantil, como fazem. A culpa principal é do rádio, da televisão, das revistas e jornais que em sua grande maioria são ostensivamente da esquerda e fazem propaganda aberta dela".

J.J. 8-10-68

jornal 11
Jornal da Tarde, 8.10.1968
página não identificada

jornal 12
Veja, 9.10.1968
capa

DESTRUIÇÃO E MORTE

POR QUÊ ?

JORNAL DA TARDE

FOTOS CARLOS NAMBA

O óvo veio antes. Estourou na cabeça de um estudante. Depois vieram outras explosões, de coquetéis Molotov, bombas, rojões, mais tiros de revólver, para transformar um pedaço da Rua Maria Antônia, no centro de São Paulo, num campo de batalha. Poderia ter sido mais uma briga, marcando a rivalidade entre os alunos da Universidade Mackenzie e a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, uma em frente a outra se encarando com maus olhos há muito tempo. Mas a incrível batalha foi longe demais: há um morto, um môço de vinte anos, muitos feridos, os prédios de duas escolas danificados, vários carros virados e incendiados. No mesmo momento em que os universitários brasileiros reclamam um nível melhor de ensino e pretendem uma participação mais ativa na vida política do País, 3 mil estudantes do Mackenzie e 2 500 estudantes da Faculdade de Filosofia da USP deflagram a sua guerra por causa de um ôvo. Para um estudante do Mackenzie, "essa briga prova que não há lugar para duas escolas na Rua Maria Antônia". É muito pouco para tanta violência. Uma coisa é certa: aos dois lados faltou a visão das conseqüências políticas e dos danos materiais que a briga provocaria — e faltaram líderes para deter a briga, antes que chegasse onde chegou. Ao lado do caixão de José Guimarães, o jovem secundarista que tombou na batalha sem glória, Dona Madalena, a mãe desolada, chora, enquanto o irmão mais velho, Ladislau, repete para cinegrafistas e fotógrafos: "Filmem e fotografem à vontade. Talvez tudo isso sirva para alguma coisa, um dia".

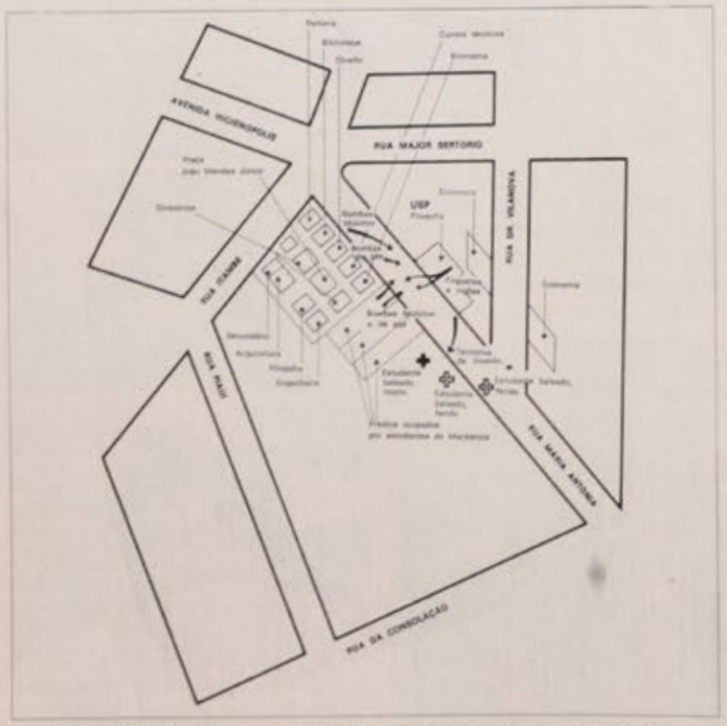
Os estudantes da Maria Antônia: na batalha de rua, os rojões estão no ar, muitas vêzes sem destino, enquanto perto da escola em chamas e por trás das barricadas improvisadas há o gesto que se repete de estudantes em guerra. Os coquetéis Molotov foram usados como nunca: em menos de vinte minutos, um repórter contou mais de setenta.

jornal 12
Veja, 9.10.1968
páginas 14 e 15

FOTOS FOLHA DA TARDE

Flagrante: de um prédio ao lado do Mackenzie, o revólver aponta a máquina fotográfica.

Paus e pedras, bombas Molotov, rojões, vidros cheios de ácido sulfúrico que ao estourar queimavam a pele e a carne, tiros de revólver e muitos palavrões voaram durante quatro horas pelos poucos metros que separam as calçadas da Universidade Mackenzie e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Exatamente às 10 e meia da manhã do dia 2, quarta-feira, começou a briga entre as duas escolas. Porque alguns alunos do Mackenzie atiraram ovos em estudantes que cobravam pedágio na Rua Maria Antônia a fim de recolher dinheiro para o Congresso da ex-UNE e outros movimentos antigovernistas da ação estudantil, a rua em que vivem as duas escolas ràpidamente se esvaziou. Formaram-se grupos dos dois lados: dentro do Mackenzie, onde estudam membros do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), Frente Anticomunista (FAC) e Movimento Anticomunista (MAC); dentro da Faculdade de Filosofia da USP, onde fica a sede da ex-União Estadual dos Estudantes. As duas frentes agrediram-se entre discursos inflamados e pausas esparsas. Ao meio-dia a intensidade de batalha aumentou, porque chegaram os alunos dos cursos da tarde. O Mackenzie mantinha uma vantagem tática — os seus prédios ficam em terreno mais elevado e são cercados por um muro alto. A Faculdade da USP está junto à calçada, num prédio cinzento e velho, com a entrada principal ladeada por colunas de estilo grego e duas portas laterais. A fachada não tem mais que 20 metros. Seu único trunfo: uma saída na Rua Dr. Vila Nova, perpendicular à Maria Antônia, bem defronte à Faculdade de Economia, também da USP. Nessa quarta-feira, uma enfermaria improvisada no banheiro da USP atendeu a seis feridos. Dois alunos do Mackenzie também se machucaram. Na rua, os estudantes da USP apupavam os do Mackenzie: "Nazistas, gorilas!" E os mackenzistas revidavam: "Guerrilheiros fajutos!" Às 2 da tarde a reitora do Mackenzie, Esther Figueiredo Ferraz, pediu uma tropa de choque — 30 guardas-civis — para "proteger o patrimônio da escola". Quando a polícia chegou, os estudantes se dispersaram. Houve uma trégua.



Rua Maria Antônia: frente a frente, as idéias de duas universidades.

Todos na defesa — Durante a noite as duas escolas discutiram a briga em assembléias. E tanto um grupo como o outro chegou à mesma posição: organizar a defesa para o dia seguinte e só atacar se atacado. A assembléia da USP declarou que não queria lutar contra o Mackenzie, mas contra o CCC. No dia 3, quase às 9 horas da manhã, um grupo de rapazes saiu pelo portão de ferro do Mackenzie, correu até a entrada da Faculdade de Filosofia e arrancou uma faixa suspensa entre as duas colunas. Dizia a faixa: **CCC, FAC e MAC = Repressão.** E mais abaixo: **Filosofia e Mackenzie contra a Ditadura.** Os dizeres insinuavam união das duas escolas contra a "ditadura" e as organizações de extrema direita. Ao arrancá-la, os mackenzistas repudiavam a pretendida unidade. E para que isto ficasse bem claro, às 9 e meia tomaram mais duas faixas dos alunos da USP. Foi o fim da trégua. Novamente a pequena rua estremeceu com a explosão de rojões, bombas, tiros, vidraças quebradas por tijolos e barras de ferro. Labaredas de fogo subiam pelas paredes lambendo o rebôco e deixando um rastro negro de fuligem. Guardas-civis protegiam o Mackenzie — ainda a pedido da reitora — armados de metralhadoras, fuzis e cassetetes tamanho-família. Luís Travassos e Édson Soares, respectivamente presidente e vice-presidente da ex-UNE, somados a José Dirceu, presidente da ex-UEE, comandavam a resistência da Filosofia.

Morte do secundarista: estudantes socorrem José Guimarães, baleado na cabeça.

Todos no ataque — Por volta de meio-dia, centenas de curiosos e colegiais que vinham das aulas da manhã, aglomeravam-se nos dois extremos da Rua Maria Antônia. Aproveitando a presença dessa platéia, os universitários da USP, com saquinhos de papel na mão, pediam dinheiro "para comprar material de guerra". Grupo de alunas de um colégio próximo subiu num monte de material de construção. Entre elas estava uma menina de quinze anos, com uniforme da quarta série ginasial do colégio "Des Oiseaux" e óculos escuros. Ficou ali quase uma hora, até o instante em que três policiais avançaram sôbre um grupo de estudantes que havia lançado pedras contra êles. Um dos policiais puxou o revólver e atirou para o ar. Um aluno da USP jogou-se contra êle, de mãos abertas, forçou o braço do soldado para trás e tentou tomar-lhe o revólver. Dois outros soldados começaram a dar tiros no chão. Um estudante foi ferido na perna: Jorge Antônio Rodrigues, do terceiro ano de Economia. Foi o primeiro choque entre polícia e estudantes na quinta-feira. Um capacete de aço que tombou na luta foi levado como troféu para o interior da Faculdade. Nessa hora, a platéia debandou. A menina de óculos escuros quase levou um tombo. Era a filha do Governador de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré. Logo depois, uma sirena gritou na rua. Os estudantes pensavam que a polícia estivesse investindo, mas era uma ambulância que ia buscar o rapaz atingido no rosto por um rojão, aluno do Mackenzie. Nessa escola, alguém ensinava como preparar bombas Molotov (segundo alguns alunos, foram atiradas mais de mil contra os estudantes e o prédio da USP). Nos rojões de vara eram adaptados vidros com gás lacrimogêneo, que iam rebentar no interior das salas da USP. Ácidos de cheiro muito forte e enjoativo eram lançados da mesma maneira. Foram instalados fios elétricos nos portões de ferro e grades do Mackenzie. Quem tocasse ali seria eletrocutado. As vidraças quebradas da USP eram substituídas por tapumes de madeira. Mas a tropa de choque da Faculdade de Filosofia havia acumulado às 14 horas um monte alto de pedras e duzentos rojões. Uma garrafa Molotov estourou sôbre os fios de alta tensão que cruzavam a linha de fogo, queimou um dêles e de repente espocaram estalos e faíscas esverdeadas pela rua. Mais correria, mais gritos, mais palavrões. Do Mackenzie saíram bombas de gás lacrimogêneo que dete-

jornal 12
Veja, 9.10.1968
páginas 16 e 17

CRISTIANO MASCARO

José Dirceu e Travassos: os líderes estão cansados.

A camisa de José Guimarães: bandeira na passeata.

naram na rua e na entrada da Faculdade de Filosofia. Um edifício em construção, ao lado do Mackenzie, foi ocupado pelos mackenzistas.

Desordem, feridos — Boatos e notícias contraditórias circulavam. A polícia invadirá as duas escolas, diziam uns. Outros negavam, mostravam-se mais sabidos: virá o Exército. "Por que seria a polícia? Se ela quisesse, já teria tomado alguma providência. Não iria ficar parada, assistindo de camarote a essa insensatez dos estudantes", dizia um velho, numa esquina. Para o General Sílvio Corrêa de Andrade, chefe do Departamento de Polícia Federal em São Paulo, tôdas as providências cabiam à polícia do Estado. "O que ocorre na Rua Maria Antônia é desordem, briga, e não manifestação política", dizia êle. Muitos alunos do Mackenzie feriram-se por acaso. Quando corriam por cima dos prédios para escapar das pedradas, sentiam as telhas cederem sob seus pés. Caíam então de uma altura de quase dois metros, desabando no assoalho do último andar. Um quebrou a clavícula, outro o nariz e um terceiro cobriu-se de escoriações. Por volta das 13h30 chegou um carro-tanque com seis bombeiros, a pedido dos alunos da USP. Estacionaram na Rua Dr. Vila Nova e começaram o combate aos focos de incêndio que se multiplicavam pelo prédio da Faculdade de Filosofia. José Dirceu soltava frases de efeito: "As violências da direita estão sendo respondidas pela violência organizada do povo e dos estudantes", ou "Vamos esmagar a reação."

De repente, a morte — Perto do edifício em construção, tomado por alunos do Mackenzie, um grupo de secundaristas recolhia pedras para a USP. Na Rua Dr. Vila Nova ecoaram gritos e para lá correram muitos estudantes. Que era? Um aluno da Faculdade de Direito do Mackenzie, João Parisi Filho, halterofilista e desenhista, que teve trabalhos expostos na última Bienal de São Paulo. "Êle é do CCC", comentava-se. Cêrca de oitenta estudantes da USP rodearam Parisi berrando: "Lincha! Mata o canalha!" O rapaz tinha um revólver. Tomaram-no. Depois, aos tapas, conduziram Parisi ao prédio da Faculdade de Economia da USP. (Quando à noite êsse prédio foi tomado pela Fôrça Pública, o presumível agente do CCC foi detido com os demais estudantes e encaminhado ao DOPS.) O trabalho dos bombeiros não parava. Rojões estouravam intermitentemente na Rua Maria Antônia. Súbito, defronte à Faculdade de Filosofia, um estudante com os braços abertos e quase se ajoelhando na calçada berrou: "Ambulância, ambulância, por favor". E atrás dêste vieram mais rapazes carregando um jovem de cabelos prêtos que tinha a camisa de linho branco tinta de sangue. Era José Guimarães, aluno do Colégio Marina Cintra, terceira série ginasial, vinte anos. Pintava nas horas vagas. Tinha mãe viúva. Ao passar pela Rua Maria Antônia resolveu ajudar os universitários. Recolhia pedras para a USP. Uma perua dos "Diários Associados" levou-o para o Hospital das Clínicas. Mas José Guimarães morreu no caminho. Na Maria Antônia êle deixou revolta e manchas de sangue. Laudo da autópsia: "A bala é de calibre superior a 38 ou de fuzil. Havia seis ou sete pedaços de chumbo no cérebro. O tiro entrou 1 centímetro acima da orelha direita e saiu à altura da linha mediana da cabeça, atrás, ligeiramente à esquerda. A bala fêz um percurso de cima para baixo, em sentido oblíquo". Quem atirou? Ninguém sabe.

A briga prossegue — Ao saber da morte do estudante secundário, José Dirceu subiu num monte de tijolos, cadeiras, corrimãos de escada e paralelepípedos, que servia de barricada, fêz um comício-relâmpago. "Não é mais possível mantermos militarmente a Faculdade. Não nos interessa continuar aqui lutando contra o CCC, a FAC e o MAC, êsses ninhos de gorilas. Um colega nosso foi morto. Vamos às ruas denunciar o massacre. A polícia e o exército de Sodré que fiquem defendendo a fina flor dos fascistas. Viva a UNE, abaixo a reação!" Então concebeu uma nova imagem e desfechou: "Jorge, o rapaz morto, é um segundo Édson Luís (o secundarista que morreu no restaurante do Calabouço, na Guanabara). Vamos às ruas!" Com essa oratória José Dirceu conseguiu pôr a maioria dos assistentes em posição de passeata. "Não é Jorge, é Dionísio" cochichou uma estudante à colega. Ninguém sabia direito o nome da vítima. Às 3 e meia uma janela se abriu no prédio da USP, e através dela um aluno gritou: "Estão contentes? Vocês já mataram um". Só assim os mackenzistas souberam da morte de um adversário.

Os estudantes não ouviam os seus líderes

Na hora de lutar, a diferença entre os pensamentos de dois líderes estudantis: José Dirceu, presidente da ex-UEE, conhecido como organizador, providenciava pedras, garrafas, rojões; Luís Travassos, presidente da ex-UNE, conhecido como radical, atirava as pedras, as garrafas, acendia os rojões contra a Universidade Mackenzie, quarta e quinta-feira passadas. José Dirceu coordenava a defesa da Faculdade de Filosofia, ia à frente de luta, voltava para dentro do prédio. Luís Travassos lutava, conclamava o povo a participar. No dia seguinte, as posições invertidas: José Dirceu pelas ruas, comandando uma passeata em que foram incendiadas quatro viaturas policiais; Luís Travassos chegando no começo da noite à Filosofia e ordenando a retirada dos que ainda combatiam. À noite, cansados, os dois gritavam sem conseguir dominar uma assembléia nervosa, inquieta. Os dois pediam silêncio, tentavam controlar o ambiente. Atrás dêles, grupinhos conversavam. À direita e à esquerda, também. À frente, só os que estavam sentados mais próximos prestavam atenção àqueles que são considerados, atualmente, os dois líderes estudantis mais importantes do Estado de São Paulo.

SÃO BONS LÍDERES? — *Na assembléia feita no CRUSP (Conjunto Residencial da USP), José Dirceu e Luís Travassos eram dois líderes fracos e fatigados. Junto com êles, à mesa que precàriamente dirigia os trabalhos, um outro líder considerado importante, também candidato à presidência da ex-UNE: Édson Soares, o peito ainda dolorido por uma pedrada. Naquela noite de quinta-feira, nenhum dos três parecia ter fôrças políticas nem capacidade de liderança suficientes para decidir por todos os estudantes brasileiros fiéis à ex-UNE. José Dirceu, paulista, 22 anos, estudante de Direito, tem como arma política sua capacidade de organização — e, principalmente, o apoio de Vladimir Palmeira, atualmente o mais conhecido de todos os líderes estudantis. Édson Soares, mineiro, estudante de Engenharia, vice-presidente da ex-UNE, é o mais fraco, eleitoralmente, dos três candidatos à presidência. Acredita-se que êle venha a retirar sua candidatura em benefício de José Dirceu (os dois pensam de maneira semelhante). O terceiro candidato, representando a linha radical de pensamento de Luís Travassos, é um carioca de 22 anos, estudante de Química: Jean Marc Van Der Weig, o último dos líderes travassistas fora da cadeia — mas êle está foragido, condenado a dois anos de prisão por ter incendiado uma viatura policial no Rio, no primeiro semestre dêste ano. O 30.º Congresso da ex-UNE foi marcado oficialmente para os dias 18, 19 e 20. Mas parece que a informação oficial foi divulgada apenas com a intenção de despistar.*

jornal 12
Veja, 9.10.1968
páginas 18 e 19

Também não entenderam a morte. Uns diziam que tinha sido uma bomba Molotov, outros, que foram tiros da polícia. Quem havia morrido não interessava. Tôda a atenção deveria voltar-se para a pontaria das pedradas, que continuaram, mesmo depois de oitocentos estudantes da USP saírem em passeata.

Queimar, quebrar — Os estudantes ganharam a cidade em dez minutos. Arrancaram um pano vermelho da traseira de um carro-guincho e com êle fizeram uma bandeira. Em seguida, cercaram um Aero-Willys com chapa branca da Prefeitura Municipal de Santo André (cidade dos arredores de São Paulo), obrigaram o chofer, prêto e gordo, a correr, quebraram todos os vidros do automóvel e amassaram a carroceria. Vinte metros adiante, rodearam um Volkswagen da polícia. Com pedaços de ferro nas mãos, dirigiram-se ao motorista: "Com licença, nós vamos pôr fogo no seu carro". O policial abandonou o automóvel e ficou a distância entre os espectadores. Os estudantes tombaram o carro e atearam fogo.

Depois incendiaram um Aero-Willys da Fôrça Pública de São Paulo. Iluminados pelas chamas que subiam a 20 metros de altura, José Dirceu e Édson Soares fizeram discursos "denunciando o assassinato de um colega e oferecendo solidariedade aos bancários que, em greve, resistem à opressão". Aproveitando o congestionamento do trânsito, as môças da passeata dirigiam-se aos automóveis parados, pedindo dinheiro para "a resistência" e anunciando a morte do companheiro. Minutos depois queimavam mais um Volkswagen da polícia. As chamas ameaçavam um ônibus; os passageiros o abandonaram apavorados, enquanto uma perua Rural-Willys da chefia policial era depredada. Do alto de alguns prédios caíam papéis picados. Na Praça da Sé, ponto central de São Paulo, um Aero-Willys da Polícia Federal foi depredado; os transeuntes gritavam, corriam. Uma senhora desmaiou e foi carregada até a Catedral. A passeata dirigiu-se para o Largo de São Francisco, onde fica a Faculdade de Direito, contra a qual foram lançados paus e pedras. José Dirceu fêz nôvo discurso. De lá os estudantes correram para a próxima Praça das Bandeiras, onde surgiu um caminhão com doze homens da Fôrça Pública. Os estudantes fugiram aos gritos. Seis jornalistas foram presos.

É uma estupidez — Na Rua Maria Antônia a batalha arrefecia. No prédio da USP sobravam poucos estudantes. Algumas partes do teto ruíam. Às 18h30, Luís Travassos, o presidente da ex-UNE, entrou na Faculdade de Economia dizendo: "É preciso desmobilizar isso. Daqui a pouco não temos mais munição, o prédio pode ser invadido, vai ser um massacre." Os mais atirados queriam ir buscar o corpo de José Guimarães. "E que vamos fazer com o corpo aqui dentro?", perguntou Travassos dando de ombros. Às 20h30, José Dirceu apareceu com uma camisa suja de sangue. Subiu numa janela e, cercado por fotógrafos e cinegrafistas, teve um gesto dramático: "Colegas, esta camisa é do nosso companheiro morto pelas fôrças da repressão. Vamos todos para a Cidade Universitária. Haverá assembléia." Duzentos e quarenta soldados da Fôrça Pública, cem cavalarianos, dois tanques e cinqüenta cães amestrados começaram a chegar na Rua Maria Antônia e vizinhança. O Mackenzie foi ocupado sem problemas, mas alguns estudantes ainda atiravam bombas Molotov contra o velho prédio da USP e pedras caíam sôbre os jornalistas que tentavam se aproximar.

Um repórter da "Tribuna da Imprensa" do Rio de Janeiro foi ferido na cabeça. A Faculdade de Filosofia também foi ocupada. Nela estavam apenas alguns professôres e alunos, fechados numa sala para redigir um manifesto sôbre os acontecimentos. Os mackenzistas cantavam o Hino Nacional e davam vivas. A reitora Esther Figueiredo Ferraz apertou a mão de alguns funcionários e estudantes. E os estudantes gritaram: "Vamos tomar uns chopes para comemorar a vitória". E foram beber.

Quem venceu? — Enquanto o corpo de José Guimarães era velado pela mãe, a irmã e o irmão, sob forte proteção policial, enquanto os alunos da USP discutiam o que fazer no dia seguinte e os mackenzistas bebiam, o diretor em exercício da Faculdade de Filosofia, Professor Eurípedes Simões de Paula, observava que "o prédio da Maria Antônia não tem condições de funcionar até o fim do ano". As aulas serão transferidas para a Cidade Universitária. "Já deveríamos ter saído antes", observou Erwin Rosenthal, o diretor que vai à Europa. Com isso o Mackenzie ganhava o domínio da Rua Maria Antônia. A briga entre as duas escolas é muito antiga e cheia de crises. A principal foi em 1964, quando o CCC sentiu-se fortalecido com a mudança de regime e invadiu a Faculdade de Filosofia quebrando vidraças, móveis e espancando estudantes. Em 1966, quando Luís Travassos foi eleito presidente da ex-UEE, repetiu-se a invasão e foi destruída a urna de votação. Em 1967, quando José Dirceu substituiu Travassos, houve outras brigas. Mas há alunos do Mackenzie contrários a seus colegas da chamada "tropa de choque". E na passeata de uma hora feita na tarde de sexta-feira por cêrca de 4 mil pessoas em sinal de protesto pela morte de José Guimarães (um protesto contra quem?), apareceu uma faixa: "O Mackenzie se Une às Outras Escolas e Repudia a Colaboração dos Professôres na Fabricação de Armas Assassinas". Nessa passeata, que acabou sendo dissolvida a bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo, José Dirceu declarou que "a UNE e a UEE derrotaram o CCC, o FAC e o MAC em quatro assembléias lá dentro do Mackenzie". A União das Mães de São Paulo, que apoiou a passeata, pediu aos estudantes que se manifestassem pacificamente. "Violência gera violência", disse a oradora da União. Os estudantes não gostaram da advertência. Um côro interrompeu o discurso: "Povo armado derruba a ditadura", gritaram. A senhora não perdeu a coragem. Uma mocinha deu-lhe apoio: "Muito bem". Mas o estímulo caiu no silêncio. A União das Mães tomou uma decisão na hora: "Retiramos nosso apoio se vocês não fizerem essa passeata pacificamente". Mas não houve paz. Alguns estudantes quebraram vidraças do First National City Bank, outros viraram e queimaram um carro. Às 20 horas — duas horas após o desbaratamento da manifestação —, uma perua da Fôrça Pública foi atacada num ponto distante do roteiro da passeata. Luís Travassos e José Dirceu estavam cansados e unidos. A camisa manchada com o sangue de José Guimarães foi carregada como um estandarte. Ninguém — exceto parentes e policiais — pôde ir ao entêrro dêsse môço assassinado numa batalha absurda. O sepultamento marcado para as 16 horas de sexta-feira foi às 13 horas, no Cemitério do Araçá. Os moços da ex-UNE querem fazer dessa morte um caso político de repercussão nacional e anunciam mais passeatas. A que pode servir tudo isso? O irmão do morto diz que talvez sirva a alguma coisa, um dia. Que coisa? O

FOLHA DA TARDE

O ESTADO DE S. PAULO

Costa e Silva e Sodré: o Governador também fala de golpe ao Presidente.

NÃO HÁ CRISE

O aniversário do Presidente Costa e Silva coincidiu com novos boatos de conspiração: "O Poder Legislativo só desaparecerá quando me eliminarem", declarou.

Os fatos foram um difícil presente de aniversário para o Presidente Costa e Silva, quinta-feira passada, quando comemorava 66 anos e ganhava um banquete da Arena paulista. Em São Paulo, onde permaneceu 28 horas e fêz três discursos, declarava que "não me atemorizam as eventuais brumas que possam toldar os céus brasileiros, circunstancial e episòdicamente". Pouco depois, dois homens que não são seus adversários transmitiam-lhe novos temores. No Rio, o Presidente da Câmara dos Deputados, José Bonifácio (Arena mineira), denunciava a campanha de um grupo terrorista para fechar o Congresso; o Presidente do Senado, Gilberto Marinho, viajava para o Rio a fim de fazer idêntica comunicação a Costa e Silva, enquanto oficiais da Aeronáutica eram acusados como líderes dêsse grupo radical. E em São Paulo, onde o Presidente estava ganhando, no aeroporto, três cestinhas cheias de flôres de uma mulher do povo, um estudante caía morto em frente à Faculdade de Filosofia, durante conflitos entre dois grupos de universitários. No dia anterior, o Cardeal Dom Agnelo Rossi recusava aceitar do Presidente a Ordem Nacional do Mérito, para evitar "atrito com alguns de seus diocesanos", como explicou a nota oficial da Cúria.

Defesa — O Presidente procurou imediatamente bloquear o impacto dêsses acontecimentos, principalmente a repercussão das denúncias de Gilberto Marinho e José Bonifácio. Depois de conversar com os dois, sexta-feira, no Palácio das Laranjeiras, no Rio, reafirmava sua fidelidade ao regime: "O Poder Legislativo só desaparecerá quando me eliminarem", declarou.

Transmitiu seu profundo respeito pelo Congresso e "deu-nos tranqüilidade", segundo contou o Deputado José Bonifácio. "O Presidente", disse êle, "concordou que tais fatos são inapuráveis e o único antídoto é esta reação generalizada que procuramos fazer, denunciando o plano extremista à opinião pública." Meia hora antes de receber os presidentes da Câmara e do Senado, o Presidente já tinha nas mãos um dossiê pormenorizado do Brigadeiro Márcio de Souza Melo, Ministro da Aeronáutica. O Ministro leu para o Chefe da Casa Militar e secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, General Jaime Portela, os principais trechos do documento. Conclusão dessa visita: "Não há nenhuma crise na Aeronáutica". José Bonifácio e Gilberto Marinho, dois homens muito prudentes, levaram seus temores ao Presidente porque ficaram impressionados com as denúncias recolhidas pelo MDB, segundo as quais alguns militares usariam o Para-Sar (unidade de salvamento da Fôrça Aérea) para fins políticos: eliminação de oposicionistas "incômodos", cassados "irrecuperáveis" e estudantes "subversivos". Dois nomes es-

jornal 12
Veja, 9.10.1968
páginas 20 e 21

J13

FSP - 12-10-68

Agressão a estudante nas Arcadas é atribuida ao CCC

Um estudante da Faculdade de Direito-USP foi agredido a socos, pontapés e coronhadas de revolver, ontem, por oito elementos que os colegas do jovem afirmam serem integrantes do Comando de Caça aos Comunistas — CCC. A agressão ocorreu logo após o início do boicote às aulas da profa. Esther Figueiredo Ferraz, reitora da Universidade Mackenzie e livre-docente em exercício da catedra de Direito Penal do 4.o ano da Faculdade do Largo S. Francisco.

O boicote foi iniciado por alunos do 4.o ano diurno, que pretendem a demissão da professora da regencia da catedra. Os estudantes criticam a posição assumida pela profa. Esther Figueiredo Ferraz, com relação ao conflito que envolveu mackenzistas e secundaristas e universitarios da Faculdade de Filosofia da rua Maria Antonia.

O estudante agredido, Evaldo Gomes Bragança, do 4.o ano diurno e residente em Santo André, foi levado à Central de Polícia e medicado no Patio do Colegio. O laudo medico registrou ferimentos leves, provocados por coronhadas de revolver na cabeça.

Uma testemunha afirma ter identificado sete pessoas, cujos nomes revelou aos jornalistas.

A decisão de boicotar as aulas partiu de uma reunião dos alunos do 4.o ano diurno, realizada na quinta-feira, na qual marcaram uma assembléia ou plebiscito para optar entre a permanencia da profa. Esther Figueiredo, ou seu afastamento. A essa reunião compareceu um professor, munido de uma carta da profa. Esther Figueiredo Ferraz, renunciando à cadeira.

De imediato, dois grupos formaram-se, um que pedia o afastamento da reitora do Mackenzie, e outro que desejava sua permanencia.

A profa. Esther Figueiredo Ferraz chegou à classe às 9h15, e entrou para ministrar sua aula. Ao final da discussão, 70% dos estudantes saíram da sala, iniciando assim o boicote. A reitora do Mackenzie não condenou a atitude dos estudantes; agradeceu a maneira pela qual haviam procedido, afirmando, ainda, que não daria falta e justificaria seu ato na diretoria.

Evaldo Gomes Bragança voltou à sala para entregar à profa. Ester Figueiredo Ferraz o abaixo-assinado solicitando sua saída e demorou-se alguns minutos na sala.

Ao retirar-se, topou com um grupo que o aguardava à porta da classe. Sozinho, porque os seus colegas já tinham se afastado do corredor proximo à classe, foi agredido.

Uma testemunha do fato diz, também, que ao ouvirem os gritos do colega agredido, acorreram, mas foram impedidos de se aproximar: um dos agressores apontou seu revolver e deteve-os a distancia.

— «Em seguida, ele começou a dar coronhadas na cabeça do Evaldo, até que o rapaz caiu. Aí, foi agredido a pontapés» — disse a testemunha.

Evaldo, ensanguentado, foi levado depois à sala dos professores; tinha um furo na cabeça e um rasgo no supercílio do olho direito. Depois que o diretor da faculdade, Alfredo Buzaid, tomou conhecimento do fato, foi removido para o Pronto Socorro do Patio do Colegio, registrando, ainda, queixa contra os seus agressores, na Central de Polícia.

O diretor da Faculdade, prof. Alfredo Buzaid, declarou que baixará uma portaria prevendo a aplicação de severas penalidades a quem entrar na Faculdade de Direito armado. E instaurará um processo administrativo, para apurar os fatos.

O presidente do D.A., José Carlos Correia, lembrou ao professor Alfredo Buzaid o clima de tensão da escola:

— Ontem eles esbofetearam um, no patio. Hoje, agridem outro a coronhadas. Amanhã, poderão mesmo, matar alguem aqui dentro.

O prof. Alfredo Buzaid respondeu-lhe que não admitia que "a Faculdade se transformasse num palco de guerra. Se houver crise, fecho a escola".

Por outro lado, um estudante que participara da agressão, à saida da Faculdade, dizia em altos brados, para ser ouvido:

"Agora vai ser assim, mexeu com professor, apanha."

Alguns alunos que colegas afirmam pertencer ao CCC ameaçaram um reporter de "O Estado de S. Paulo" e impediram o acesso ao 3.o andar, onde se deu a agressão, do fotografo da FOLHA DE S. PAULO, Amilcar Bagnatori. Este foi ameaçado por mais de dez estudantes, alguns dos quais, mostrando-se armados, convidaram-no a retirar-se da Faculdade de Direito.

GENERAL SILVIO DIZ QUE NÃO CONHECE O CCC

"O CCC não existe, eu não o conheço" — afirmou ontem o gen. Silvio Correia de Andrade, delegado titular da Policia Federal de São Paulo.

Negou ter recebido, pelo menos até agora, ordens de Brasília para investigar a ação de grupos terroristas de direita, como o MAC e o CCC.

Jornalistas presentes no seu gabinete disseram ao chefe da DPF que o CCC era acusado de ter iniciado as hostilidades na crise da rua Maria Antonia, de agressões a teatros e de ter agredido ontem o estudante Evaldo Gomes Bragança.

"Pode ser que um grupo de estudantes organizem-se e usem esse nome, essa sigla, que nem conheço. Para mim, tudo não passa de baderna de estudante, como a que é feita pela UNE e UEE."

jornal 13
Folha de S. Paulo, 12.10.1968
página 8

J.14

A Escola de Engenharia Mauá vai continuar em greve, foi a decisão da assembléia de ontem. Outra reunião de estudantes aconteceu no Mackenzie. O assunto foi o Comando de Caça aos Comunistas, que voltou a atacar.

CCC, MAIS TERROR NAS ESCOLAS

Os alunos da Universidade Mackenzie acusam a sua reitora, Maria Ester de Figueiredo Ferraz, de incentivar a violencia anticomunista, que já chegou a atingir um professor de 60 anos e uma estudante que ficou do lado dos colegas da Filosofia contra a agressão àquela escola.

Reitora do Mac é acusada de proteger o CCC

"A REITORA Maria Ester de Figueiredo Ferraz foi a responsavel pela conflagração [illegible] terça com a Filosofia, ao dar, segundo as informações encaminhadas, apoio à Diretoria Civil ocupou a prefeitura do Mackenzie."

Esta afirmação parte dos 150 alunos da Arquitetura do Mac, que se reuniram ontem de manhã, e fim de promover uma assembléia-geral com a finalidade de discutir os acontecimentos que envolveram a reitora e a Faculdade de Filosofia da USP. O presidente do Diretório Acadêmico, Hugo Pallarini, alegou que não podia conseguir o número legal e a Diretoria para o plenário da [illegible] resolveu discutir os fatores para a próxima assembléia.

Decidiram pedir a destituição do Hugo Pallarini da presidencia do DAFAM porque este não representa a grande maioria dos estudantes de arquitetura e repudia da forma com a Filosofia. Os alunos estão revoltados por saber que está sendo repudiada por todos os universitários alheios ao domínio do CCC e a policia e dispensou a prefeitura depois.

— Acredito estarem juntos parte de um plano geral de fascistização do Brasil. Não é à-toa que a reitoria da Universidade apoia os elementos que agridem a Filosofia.

A prova disso, afirmam os estudantes, é que a profa. Maria Esther permitiu que o Laboratório da Escola de Engenharia Mackenzie fosse usado para a fabricação de bombas de gás, sendo o engenheiro assistente, pela a orientação da professora.

— Professora e aluna se juntam, ou quinta-feira, armas prendem, os laboratórios e fazem. Foram [illegible] da Universidade, e [illegible] balancetando da polícia, enquanto os estudantes [illegible] quinhentas armas preparadas para serem usadas contra os alunos da Filosofia. A reitora assumiu [illegible] e ainda [illegible] do CCC, saltando uma nota oficial em que diria ser o pessoal, ocupado [illegible] e [illegible] da rua Maria Antonia, uma coisa odiosa.

Todos foram unanimes em responsabilizar a reitora pelos acontecimentos e ignorar qualquer [illegible] e apoiar a [illegible] da direita radical, que teve o grande por [illegible] como, por causa de [illegible] ódio. Um ex-diretorio do DCE da Universidade Mackenzie exigiram o seu restabelecimento [illegible] do DCE foi tomado por um grupo de [illegible], sigiloso do [illegible] ordens não, acusados de revolvers [illegible] M. Deci [illegible] aquela sala que foi publicada num jornalzinho da [illegible], mobilizando a Filosofia em [illegible] do diretorio. Mas a verdade é o que o DCE não decidiu nada. A sala foi religida pelos membros do [illegible] mas [illegible] não [illegible] a [illegible] das armas do lugar. O [illegible] do DCE da Universidade Mackenzie [illegible] não [illegible] [illegible] e [illegible] [illegible] aprovando pedido de demissão.

A [illegible] interna que o CCC [illegible] foi outro [illegible] do diretorio. O caso de Maria Cristina está repercutindo muito. Na Escola-Mack, alunos foram retirados do diretor das salas de aula pelos [illegible] [illegible] pelo CCC. Ninguem se [illegible] está agindo.

Os alunos das faculdades de Direito, Arquitetura, Filosofia, Engenharia e Economia do Mackenzie divulgaram uma nota oficial denunciando os acontecimentos que levaram à morte do estudante José Guimarães como sendo uma manobra da Universidade, ainda se CCC, para desviar a atenção dos alunos de Reforma Universitária que vão reformulação para a escola. Nota seria finalmente divulgada depois que a reitoria do Mackenzie quer baixando uma portaria MEC-USAID.

A nota finaliza conclamando todos os alunos a [illegible] a mobilização [illegible] e [illegible] a [illegible] dos "entidades que se [illegible] representam os universitários: UNE, UEE, DAs e CAs".

ARENA, tudo é pouco contra a CPI da Filo-Mac

A CPI da Assembléia Legislativa, que foi [illegible] para apurar os acontecimentos entre a Mackenzie e a Filosofia-USP, poderá provocar uma crise política, com desgaste para a ARENA, que já estaria com o propósito de [illegible] do [illegible] [illegible] [illegible]

Na semana seguinte à publicação desta matéria, a revista O Cruzeiro publicou nova reportagem intitulada “O Cruzeiro na Mira do Terror”, edição de 16 de novembro de 1968. Nela, são descritas a repercussão e as reações à esta matéria, de 9 de novembro. O autor da reportagem, Pedro Medeiros, teria sofrido ameaças e a revista teria recebido em sua sede, em São Paulo, várias pessoas aqui identificadas como participantes do CCC, que foram até lá para dar explicações e até mesmo negar as informações veiculadas pela revista. O CCC emitiu uma declaração oficial. Tendo sido publicada após a conclusão dos trabalhos da Comissão e da entrega do Livro Branco, esta segunda reportagem não foi aqui incluída por não integrar sua documentação e por não ter sido abordada nele.

O Cruzeiro, 9. XI 1968

Texto de PEDRO MEDEIROS
Fotos de MANOEL MOTTA

CCC
OU O COMANDO DO TERROR

Comando de Caça aos Comunistas. Eles se orgulham em pertencer à organização que espalha o terror de extrema-direita no país

São muitos, a organização é grande. Nos seus feitos estão os ataques aos artistas de RODA VIVA e à USP. Todos são violentos. Alguns, covardes

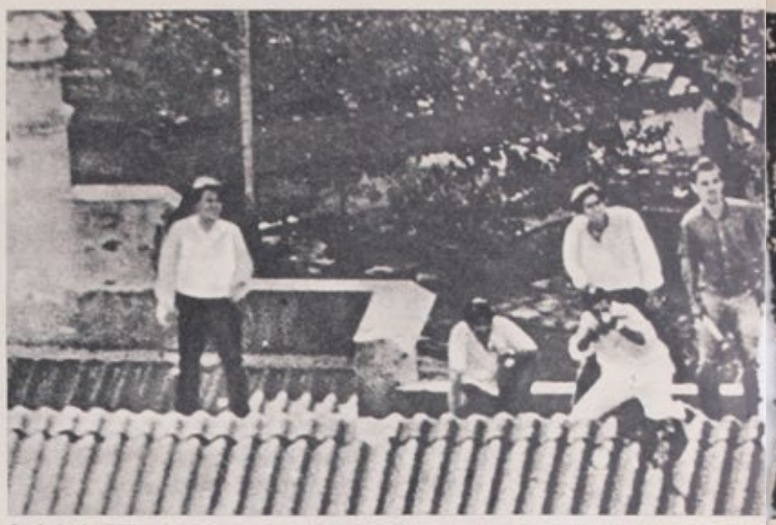
jornal 15
O Cruzeiro, 9.11.1968
página 19

ONDE O CCC SE ENCONTRA

A Cervejaria München, na Alamêda Santos, junto à Rua Augusta e à Avenida Paulista, vendeu menos chope no dia em que o capitão da Marinha americana, Charles Chandler, foi fuzilado a metralhadora à porta de sua casa em São Paulo. Quando deu meia-noite, o dono coçou o queixo ao ver que os barris continuavam cheios, e já se preparava para cerrar as portas, um pouco intrigado com a ausência de seus ruidosos fregueses de todo dia, quando afinal surgiu a explicação. Um dos jovens freqüentadores da cervejaria apareceu, com a fisionomia transtornada e olhos de espanto, para entrar em contato com a sua turma. Seus temores tinham um motivo muito sério. Depois de eliminar Chandler, instrutor de guerrilhas no Vietnã, o mesmo pelotão de execução terrorista poderia iniciar a caça aos membros do CCC, organização neonazista formada para acabar com o comunismo no Brasil.

Pela primeira vez, depois de se terem mostrado resolutos e seguros em suas ações de violência, como o massacre aos atôres de *Roda Viva* e a guerra fulminante contra os estudantes da Rua Maria Antônia, os caçadores de comunistas, que têm como símbolo uma pirâmide, sentiram tremer os alicerces de sua organização.

— Não temos mêdo de nada — afirma Milton Morais Zélio, um dos mais jovens colaboradores do Comando de Caça aos Comunistas.



Os fuzis do CCC estiveram presentes na luta travada entre os estudantes do Mackenzie e USP.

Nós não temos mêdo de nada

Êle está sentado à minha frente, roda o copo vazio nas mãos, que me parecem um tanto trêmulas. Saímos do *Sandchurra*, na Galeria Metrópole, e vamos para os jardins da Biblioteca, onde êle me apresenta mais cinco companheiros, que estão sentados num banco, à nossa espera.

— Êsse é o jornalista de que falei. Êle quer ficar *por dentro* de uma série de coisas. Acho melhor consultar primeiro. Em todo caso, há informações que podemos dar tranqüilamente, pois não comprometem.

Todos concordam: "Não haverá problemas, depende do que a gente disser".

À medida em que êles vão me dando pormenores sôbre a organização, tento entrar nos assuntos confidenciais. Inùtilmente:

— "Sôbre essa história de preparação contra guerrilhas, eu nada posso afirmar. Não está ao meu alcance responder".

Eu insisto no assunto-tabu:

— Dizem que há uma fazenda a 400 quilômetros de São Paulo onde... Não chego a terminar a frase:

— Dizem, *né*... Mas ninguém prova nada.

— Dizem até que um fotógrafo documentou tudo, mas um CCC conseguiu roubar-lhe o filme.

— Eu duvido muito. Apresente-me êsse repórter. Você acha que se isso existisse *mesmo* (êle acrescenta um ar de malícia às suas palavras, parecendo que deliberadamente pretende deixar uma dúvida sôbre as próprias declarações e prossegue), alguém ia deixar alguém chegar por perto?

Começam então a contar histórias. Quando surgiu a organização, ninguém sabe ao certo. Nos tempos de Adhemar, alguns dos atuais membros já estavam em atividade e recebiam dinheiro do palácio. Foram aparecendo vários grupos dispersos, como a *Canalha* do Colégio Mackenzie, os *Matadores* do Largo de São Francisco, onde fica a **Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.**

— Êsses não eram de nada — comenta Zélio, fazendo blague. — Só matavam mesmo eram as aulas.

Um dia, êsses grupos dispersos descobriram que tinham idéias comuns e resolveram juntar-se. Nasceu assim o CCC.

Continuam a desfiar histórias, a maioria cheia de bravatas, destinadas a salientar a disposição de luta do CCC. Falam sôbre os valôres sérios que defendem e a essa altura assumem uma atitude circunspecta. E voltam aos episódios da vida do CCC. Há um que recordam com viva satisfação, e um visível sentimento de triunfo. É a história do membro do CCC que se vestiu de padre e conseguiu entrar em várias reuniões de ativistas, que êles chamam de *células comunistas*.

— Só numa semana o homem estêve presente a 12 dessas reuniões subversivas.

E repete, fingindo espanto, num tom fabricado para desfazer qualquer dúvida:

— Doze, nem uma nem duas. Doze, sabe lá o que é isso, seu môço? E numa semana apenas!

Quando falam de padres, Helder Câmara entra sempre na conversa. O padre Helder é para êles o *Bispo de Moscou*.

— Mas qualquer dia êle *cai do cavalo*.

Fico sem saber se isso é uma simples ameaça ou uma informação que deixa escapar sôbre algum plano secreto em marcha. O fato é que pouco tempo depois, d. Hélder teve sua casa metralhada.

Não errar o alvo é uma das vaidades que êles têm.

José Augusto, ator de *Roda Viva*, vítima do CCC.

Como no tempo de Hitler

Depois, Zélio me conta como surgiu o símbolo: a pirâmide foi escolhida por causa da estrutura organizacional. Um chefe no ápice, que a pirâmide vai crescendo e aumentando suas bases de apoio. Nem me atrevo a perguntar quem é êste chefe, seria infantil.

Desta vez quem fala é Agenor, o *Perna-Torta*.

— Nós estamos muito embaixo nessa pirâmide. Meu papel é pesquisar no noticiário dos jornais os novos objetivos para a ação organizada. Entrego todo o material ao amigo colocado imediatamente acima de mim na pirâmide, êle o entrega a outro, assim sucessivamente, até o trabalho chegar em mãos dos grupos executivos.

Achei aquilo muito complicado, mas Agenor argumentou que assim é melhor, livra-os da infiltração.

Os rapazes do CCC dão por encerrado o primeiro contato e não querem marcar outro para o dia seguinte, apesar da minha insistência.

— Só depois de amanhã. Antes não pode ser, porque amanhã é um dia quente.

Quando êles se retiram, eu apalpo no bôlso da jaqueta o caderninho de endereços de Zélio. Naquele momento, lembrei-me vagamente das implicações morais do furto. Mas a idéia de que o furto de um simples caderninho de endereços não constituiria pecado mortal apaziguou minha consciência. Afinal, era a única maneira de achar o caminho para os subterrâneos do CCC.

* * *

Daí para frente, foram três semanas e meia de trabalho. Longas esperas, encontros frustrados, desconfiança por tôda parte. A cervejaria, que fôra mencionada diversas vêzes pelo grupo, não me saía da cabeça. Levei três dias para localizá-la. Mas estava confirmado. Gente do CCC que eu já conhecia muito bem estava lá tôdas as noites. Um dia, num gesto de precipitação, abri o caderninho do Zélio e comecei a telefonar. Ninguém queria conversa comigo. Numa das últimas tentativas, prestes a desistir daquele trabalho que parecia sem sentido, fui surpreendido pela rapidez com que uma mensagem me foi transmitida por uma voz grave do outro lado da linha.

— Raul?

Não confirmei nem desmenti. Imediatamente, a voz prosseguiu:

— Hoje às 22.

E depois de uma pausa:

— *Barra limpa*.

Desliguei em seguida, sem saber o que fazer. Na verdade, eu nada entendera da mensagem. *Barra Limpa* é o nome do restaurante que pertenceu ao cantor Roberto Carlos, mas o nome poderia significar qualquer outra coisa.

Uma hora antes das 22, toquei para o restaurante *Barra Limpa*, ainda inseguro sôbre a única pista, descoberta por um golpe de sorte. Antes, resolvi dar uma passada pela cervejaria München. Não podia deixar de recordar que o terror de Hitler começou justamente numa cervejaria de Munique. Dezenas de *fuscas* roncavam na esquina. No meio de um grupo, reconheci Edgar, que fôra mencionado diversas vêzes pelo grupo, e riu dizendo:

— Barra Limpa?

— Ué! Você já está por dentro dessa também?

Confessei que não, mas, para não parecer indiscreto, não insisti e afastei-me, já com o plano de seguí-los em mente.

O *fusca* de Edgar liderava a caravana, que cruzou a cidade com um ruído de buzinas e aceleradas ensurdecedoras. Quando nos aproximamos do Morumbi, êles se tornaram menos ruidosos. Parei o carro, desconfiado. A caravana dobrou a esquina e o barulho típico dos motores indicava que tinham parado sem desligar. Saltei e resolvi percorrer o trajeto a pé. Demorei muito, porque caminhava cautelosamente. Percebi que os carros partiam, dando a volta no quarteirão imenso. Escondi-me e vi que tinham deixado os passageiros, Edgar, que levara quatro, vinha sòzinho, ao volante. Costumava chamar-me de *Amigão*. Se êle visse agora seu *Amigão*, ficaria muito decepcionado.

Não ousei aproximar-me da casa. A série de bravatas que já tinha ouvido bastavam para manter-me a distância de assuntos perigosos como uma reunião secreta do CCC.

* * *

Aos poucos, com o passar dos dias, eu ia recolhendo mais material. Eram nomes que escapavam nas conversas com o pequeno grupo em que eu era o *Amigão*, eram comentários sôbre a personalidade de cada, suas atividades quotidianas e
segui fi
dados p

CCC, MAC e FAC. Pirâmide: símbolo do terror.

jornal 15
O Cruzeiro, 9.11.1968
página 20 e 21

ALGUNS NOMES DO TERROR

João Marcos Flaquer, por exemplo, reside na Rua Hadock Lôbo, trabalha na Senador Feijó. É advogado. Estêve no ataque à *Roda Viva*. Luta karatê. Pertence ao grupo do XI de Agôsto, mas participou do ataque à USP.

Estêvão Augusto dos Santos Pereira reside na Avenida Paulista. A violência é o traço principal de seu caráter, mas é dado a fazer poesias. Estêve no ataque à *Roda Viva*.

Lionel Zaclis reside na Rua Zequinha de Abreu. É violento também, mas seus colegas o têm como covarde, porque apenas atua em grupo e se recusa a qualquer missão para executá-la sòzinho. Estêve no ataque à USP.

Francisco Antônio Fraga mora na Rua Marechal Barbacena. Bastante agressivo, chega à histeria.

Paulo F. Campos Salles de Toledo mora na Rua Joaquim Antunes. Muito resoluto. Impiedoso para com suas vítimas.

Dilermando Cicagna Jr. é da Rua Manacá. Êste só bate pelas costas. Foge ao corpo-a-corpo e se atemoriza à menor reação da vítima. Considerado elemento improdutivo.

Paulo Roberto Chaves de Lara reside na Rua Peixoto Gomede, num apartamento. É violento, julga-se também com veia poética e gosta de aparecer como orador. Estêve no ataque à *Roda Viva*.

Luis Correia Salles mora na Avenida Nove de Julho. Muito forte, é halterofilista. É considerado *muito burro* pela turma. Os companheiros acham que êle os acompanha só pela vaidade de pertencer ao CCC. Tem preparação militar: fêz o CPOR. Sobrinho de deputado, escuda-se nisso para "quebrar galhos" do grupo.

Araken Testa mora na Mato Grosso e trabalha na Paulo Egídio. Todos o acham covarde. Chegam a desconfiar de sua masculinidade, o que possivelmente é um meio de provocá-lo para que desempenhe melhor suas missões. Acompanha sempre o Flaquer. Estêve no ataque à *Roda Viva*. Os colegas duvidam até de sua honestidade, mas não explicam porquê.

Fernando Forte mora na Rua Traipu e trabalha na Florêncio de Abreu. Pouco se fala dêle, só que tem verdadeiros ataques de histeria quando em ação.

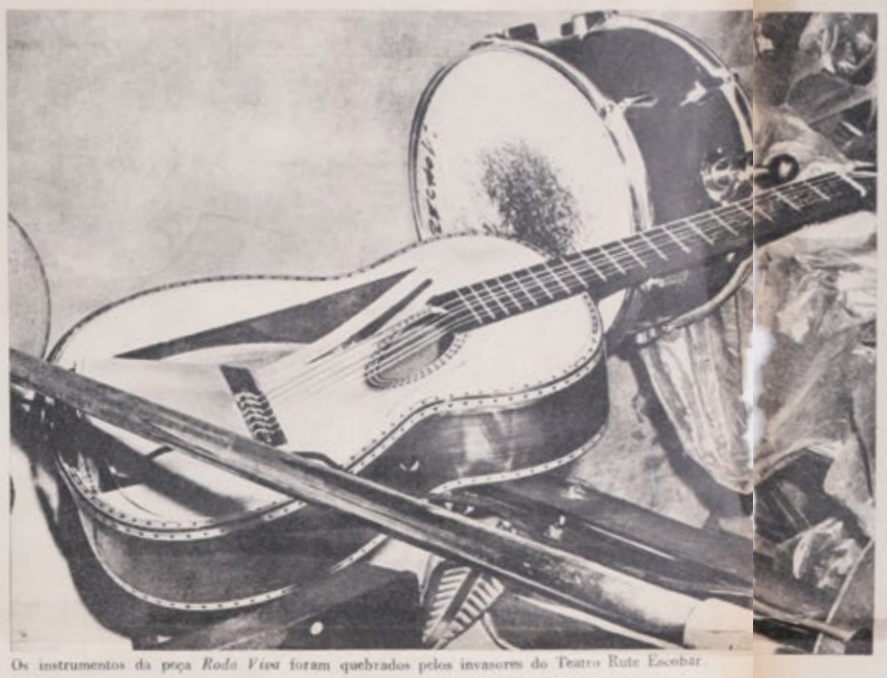
Percy Ed Heckmann é da Rua Goitacás. Só anda armado, põe violência em tudo o que faz. Os colegas o apelidaram de *Nazistão*. Quase tudo, êles tratam no aumentativo: *Nazistão, Amigão*. Exceções: *comunistinha, esquerdinha, vermelhinho*.

Paulo R. Ferreira Eugênio mora na Rua das Azaleas. Compete com Percy na conquista do apelido de *Nazistão*. Também só anda armado.

Silvio Salvo Venosa mora na Rua Cristiano Viana. Não esquece a arma em casa e gosta de atirar até por motivos gratuitos no meio da rua. Pratica tiro ao alvo em anúncios luminosos. Todos são unânimes numa coisa: Silvio é muito inteligente. Estêve no ataque ao espetáculo de Chico Buarque de Holanda.

Fernando Piza reside na Rua Camilo. Anda armado e até os companheiros o temem, pois o consideram um psicopata.

José Lamartine Satiro mora na Rua Francisco Mesquita. Salienta-se por suas idéias fascistas. Sua arma é uma pistola 45.



Os instrumentos da peça *Roda Viva* foram quebrados pelos invasores do Teatro Ruth Escobar.

Os que compõem o CCC de S. Paulo

Acácio Vaz de Lima Filho também anda armado. Sofre de crises nervosas e ataques histéricos de violência gratuita. É um psicopata, na opinião dos colegas que preferem afastá-lo de missões delicadas. Mora na Rua Jaceguai.

Paulo Flaquer mora na Rua Atibaia. É inteligentíssimo, possui muita presença de espírito e malícia. Vangloria-se de conhecer *tôdas as manhas dos comunistas*. Faz constantes advertências em ação e quase tudo o que prevê acontece realmente. Muito respeitado pelo CCC. Luta karatê e judô.

Francisco José Aguirre Menin estêve no ataque à *Roda Viva*. Mora na Rua Arthur Prado e trabalha na Felipe Oliveira. Foi êle quem comandou o ataque à USP.

Souvenir Assumpção Sobrinho está no 3.º ano de Direito, período diurno. Mora na Bela Cintra e estêve nos ataques à *Roda Viva* e à USP, no qual morreu baleado o ginasiano José Guimarães. Perigoso, anda sempre armado.

Bernardo MacDowell Krug intitula-se agente da Polícia Federal e anda armado. Estuda Direito e estêve no ataque à USP. Mora na Rua Chicago e trabalha num escritório da Rua Piauí.

Pedro José Liberal tem sua residência na Capitão Rabelo, mas nunca está lá. É elemento muito ativo, violento e perverso. Dirigiu uma das alas do ataque à USP, de arma na mão. Não abandona o revólver nem pra dormir.

Boris Cazoy ou Kassoy estuda Direito. Locutor da Rádio Eldorado. Conclamou os alunos do Mackenzie a tomar a USP, de cuja invasão participou. Anda armado mas, segundo os colegas, é incapaz de atirar em alguém. Mora na Rua Itapeva. Acham-no *moíe* com os comunistas.

João Parisi Filho age com uma violência de espantar os colegas mais *duros*. Pinta os cabelos e por isso os colegas se referem a êle desairosamente. Sua pistola 45, entretanto, evita que isso lhe seja dito cara a cara. Todos sabem que êle toma psicotrópicos. "Para criar coragem?", perguntam-se os companheiros, sempre com a mesma suspeita de sua masculinidade. Essas suspeitas envolvem um tenente da Aeronáutica chamado Prado, que, segundo os rapazes, seria o "*favorito*" de Parisi.

José Antônio de Oliveira Machado participou do ataque à USP, anda armado, mas sua coragem não está no nível desejado para uma organização que não quer contemplação nenhuma com os *comunistas*. Mora na Rua Iracema.

Raul Nogueira Lima (conhecido por Raul *Careca*), mora na Rua Comendador Eugênio de Lima. Estuda Direito, anda sempre armado. Estêve no ataque ao espetáculo *Roda Viva* e à USP. A posição que escolheu para dirigir um dos grupos foi o telhado.

Henrique Meira Castro estuda Direito e participou de ambas as ações terroristas já mencionadas. Anda armado, mora na Rua Abílio Soares.

Estefan Buriti Suzian, o *Taturana*, estuda Direito. Participou dos ataques à peça *Roda Viva* e à USP. Mora na Rua Nazaré.

José Roberto Batochio estêve também no ataque à USP.

Raffi Kathlian estuda Economia e é um dos líderes do CCC no Mackenzie. Apareceu em pleno ação em fotos feitas por uma fotógrafa japonêsa da *Fôlha da Tarde*. Essa profissional possivelmente será uma das próximas vítimas da ação do CCC. Raffi tem uma loja na Rua do Arouche (loja URFA), que vende *lingéries*. Nesse negócio é sócio de Menin.

Chacon (não foi possível apurar seu nome completo) tem um bar na Rua Maria Antônia (Lanches Magu), onde usa as orelhas para manter-se informado das atividades dos estudantes. Não toma parte nos conflitos e age apenas como informante.

Flávio Caviglia estuda Economia. Participou das operações *Roda Viva* e USP.

Henri Penchas estuda Engenharia e destacou-se por sua agressividade no ataque à *Roda Viva*. Na operação contra a USP sua atuação não foi das mais apagadas.

Outros elementos que participaram do ataque à *Roda Viva*: Augusto Florestan, Cláudio Leite, Dilermando Agágua (repórter), Douglas (que estuda Sociologia e mora em Santana), Mário Verangieri, Nelson Manganelo, Luis Antônio Sacari, Mário Boito, Antônio Succar Filho (conhecido por *Succar do Basquete*), José Augusto Bauer e Newton Camargo Rosa.

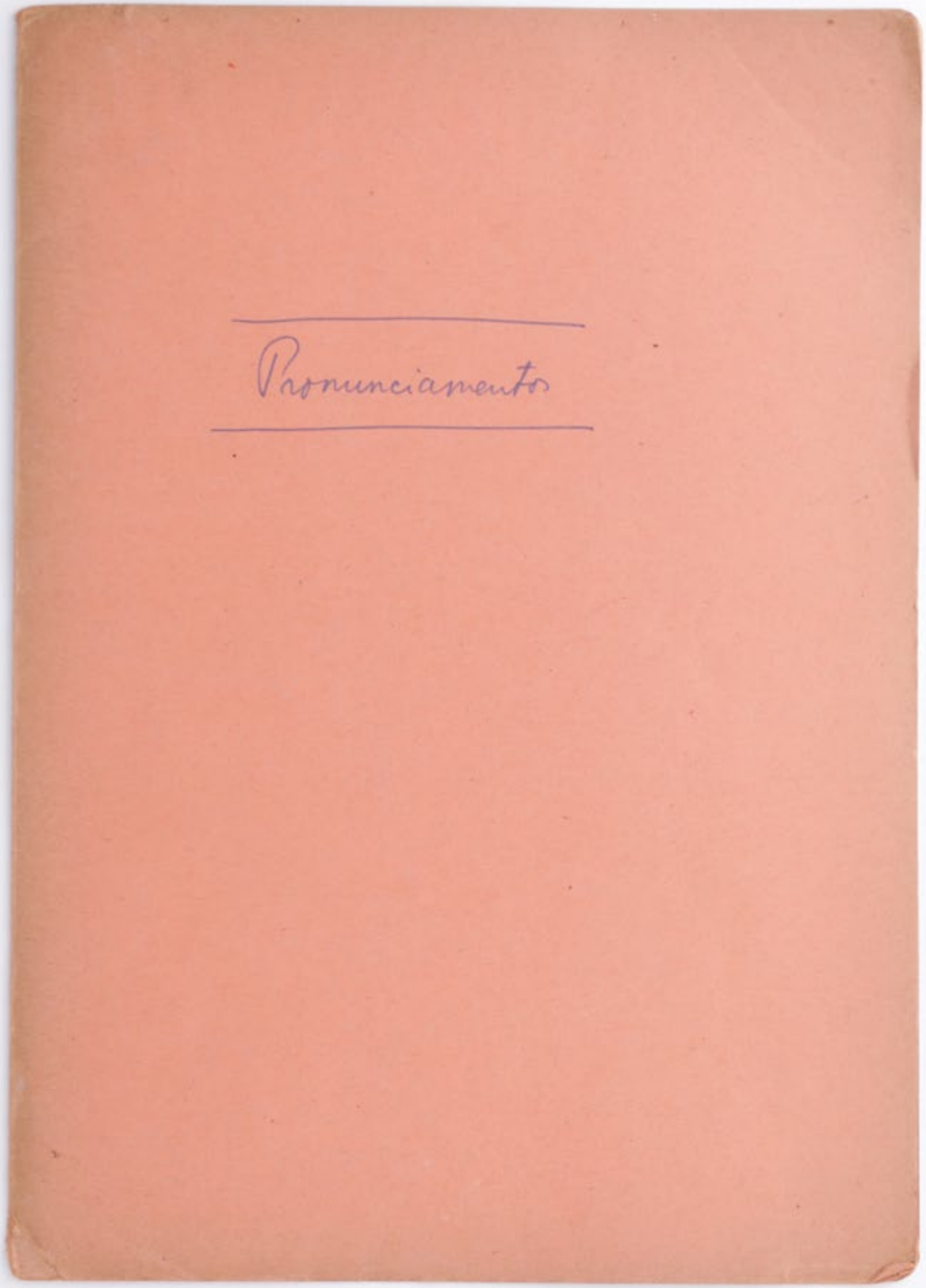
Por fim, quatro alunos ou ex-alunos de Direito do Largo de São Francisco, que tomaram parte no massacre aos artistas de *Roda Viva*: Cássio Scatena, conhecido por Blanco; Cícero A. J. Gubeissi (mora na Benjamin Constant de onde só [illegible] sar por [illegible] dos meli[illegible] gulha de

Os terroristas que só aceitam arte como prazer e violência como moral, deixaram seu conselho escrito no Teatro Municipal de S. Paulo.

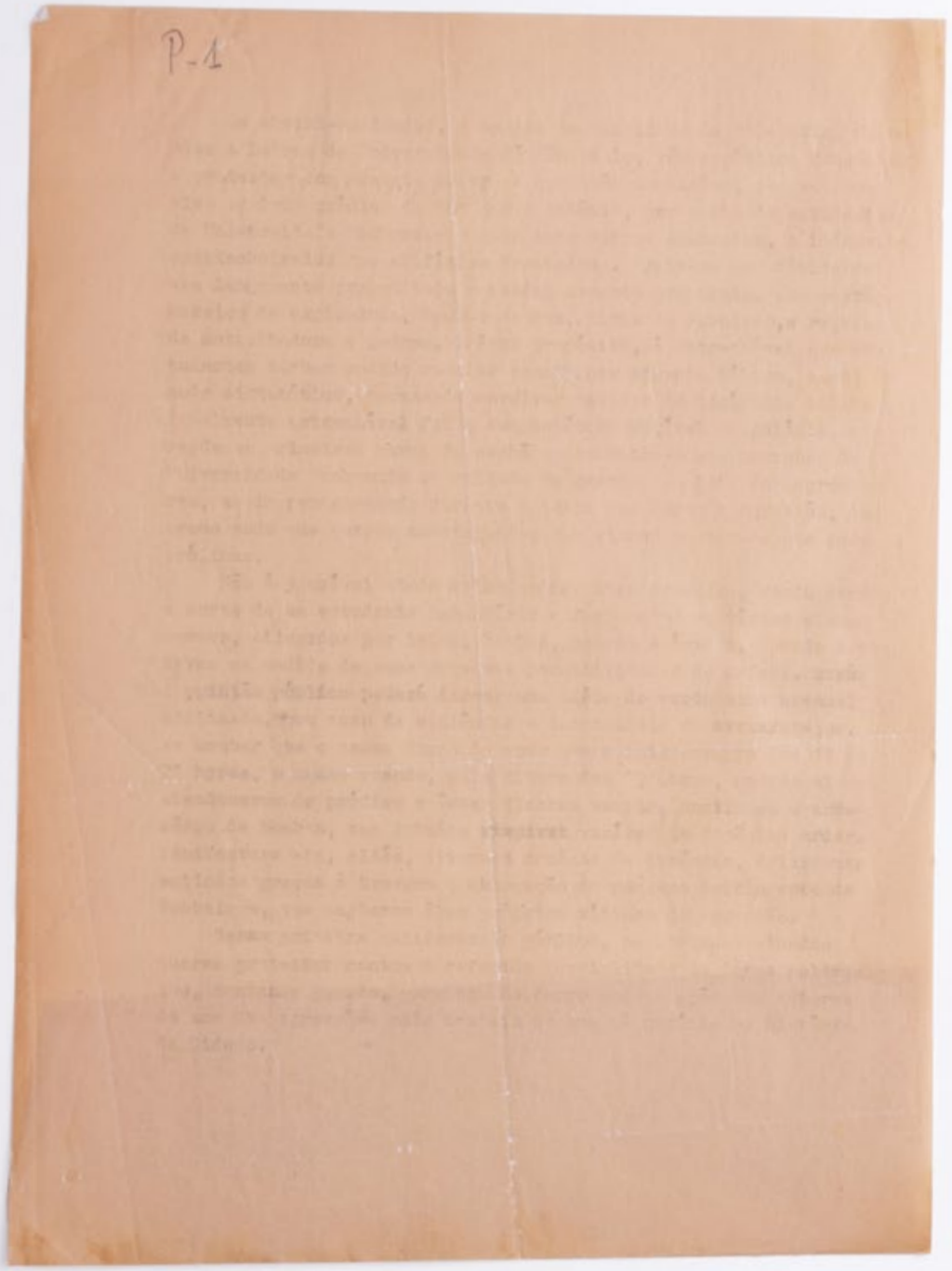
Rodrigo Santiago também atuava em *Roda Viva*.

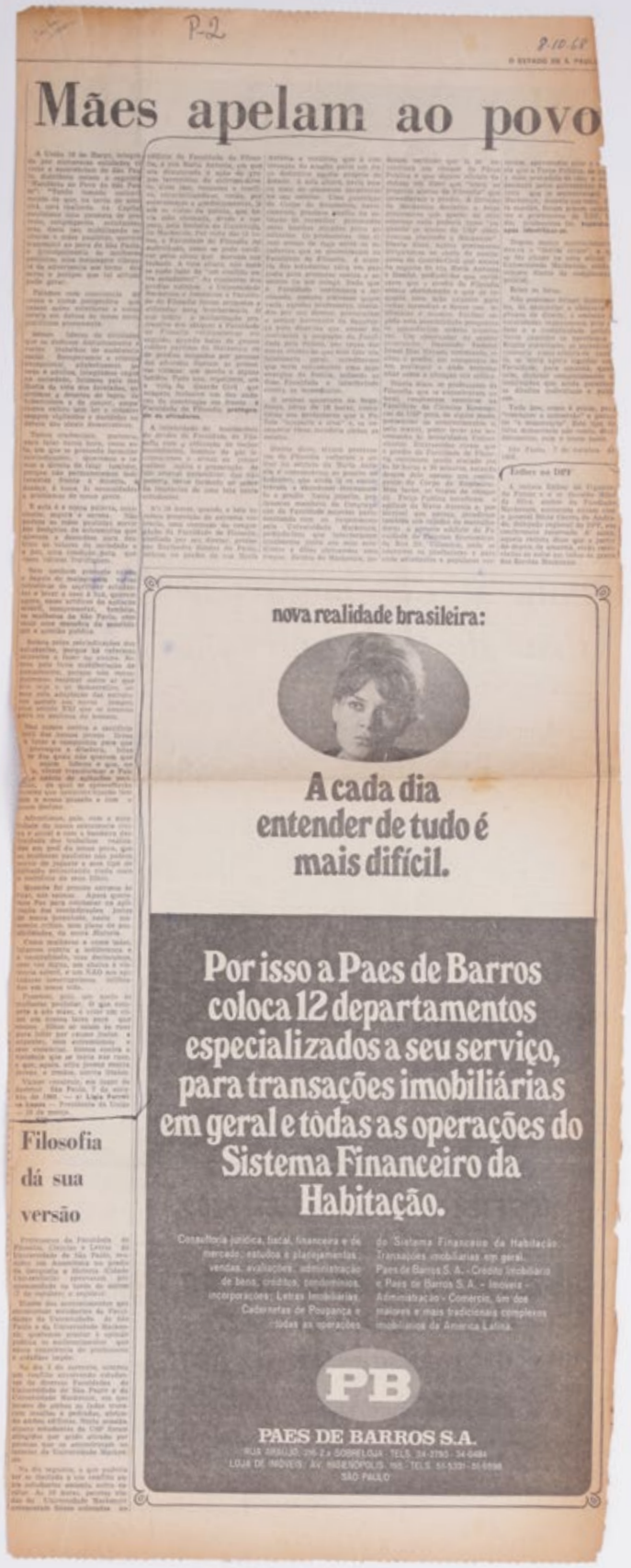
Jornal 15
O Cruzeiro, 9.11.1968
Página 22 e 23

3.
Pronunciamentos



pronunciamento 1
Denúncia e protesto dos docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, publicado na *Folha de S. Paulo*, em 6.10.1968. Cópia em papel de seda, encontrada na caixa com os documentos. Seu conteúdo está transcrito em “Alguns Pronunciamentos”.





pronunciamento 2
Filosofia dá sua versão. *O Estado de S. Paulo*, 8.10.1968. Seu conteúdo está transcrito em “Alguns Pronunciamentos”.

DA FACULDADE DE FILOSOFIA AO PUBLICO

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo tomou conhecimento, pelo noticiário da Imprensa de hoje, de manifestação do Conselho Universitário da Universidade Mackenzie "acêrca dos fatos ocorridos nos dias 2 e 3 do corrente".

Embora não pretenda abrir, com êsse Conselho, uma polêmica, por reconhecê-la absolutamente estéril, não pode deixar de vir a público para:

1. dizer que reitera os têrmos de seu manifesto do dia 3 do corrente;
2. informar que, justamente por estar empenhada no estabelecimento da verdade, é que foi, no mesmo dia 3, à Assembléia Legislativa do Estado, a fim de obter, de seus deputados, a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Tal pedido foi acolhido e à referida Comissão caberá estabelecer a verdade dos fatos.

Sala da Congregação, 10 de outubro de 1968.

O Estado de S. Paulo p. 11
sexta-feira 11/10/68

P-3

pronunciamento 3
Da Faculdade de Filosofia ao Público. *O Estado de S. Paulo*, 10.1968.Seu conteúdo está transcrito em "Alguns Pronunciamentos".

MACKENZIE

P-4

ESCLARECIMENTO AO PUBLICO

A Direção do Instituto Mackenzie e a Reitoria da Universidade sentem-se no dever de vir a publico, a fim de prestar esclarecimentos sobre os fatos que se desenrolaram nos dias 2 e 3 do corrente, envolvendo alunos desta Instituição de ensino e elementos sediados no predio da Faculdade de Filosofia Ciencias e Letras da Universidade de São Paulo, à Rua Maria Antonia.

Presentes que estiveram, no "campus" do Mackenzie, durante todo o tempo que durou a tentativa de sua ocupação, empenhando-se ao lado de professores e funcionarios em evitar que os acontecimentos degenerassem em uma tragedia de incalculaveis proporções, podem os dirigentes mackenzistas testemunhar, em sã consciencia, não apenas a suma gravidade dos fatos ocorridos como, tambem, o espirito com que agiram os estudantes de seus cursos medio e superior.

Cumpre-lhes, assim, assinalar que as dependencias do Mackenzie, em toda a extensão de seus limites, foram alvo de repetidas tentativas de invasão, iniciando-se estas, logo na manhã do dia 2, com a derrubada de um portão da rua Maria Antonia. Não atingiram os agressores seus objetivos porque alunos do colegio tecnico, aos quais se aliaram, pouco depois, universitarios e funcionarios da instituição, armados todos dos instrumentos que encontraram à mão, os fizeram recuar, sem, entretanto desistir. Nem mesmo a chegada de elementos da Guarda Civil, enviados pelo sr. Secretario da Segurança Publica, em consequencia de pedido formal do Instituto e da Reitoria, conseguiu fazer cessarem as hostilidades, sendo certo que no dia seguinte, pouco antes da vinda do Grupo de Choque da Força Publica, a luta atingira tais proporções que já se travava nas proximidades da Reitoria, multiplicando-se os pontos em que se tentava a escalada.

A violencia do ataque ficou evidenciada não só pelo elevado numero de feridos, como pelos danos causados aos edificios, pelo incendio lavrado na Escola de Engenharia, e finalmente pela agressividade do grupo atacante quando se dirigiu, ao depois, ao centro da cidade, provocando tumultos, causando depredações, destruindo veiculos, forçando o encerramento da sessão da Congregação da Faculdade de Direito, no Largo de São Francisco.

Desde o eclodir do incidente, às 11 horas do dia 2, quarta-feira, a direção do Instituto e a Reitoria da Universidade Mackenzie solicitaram a presença da Policia, visando à defesa dos milhares de vida confiados à sua guarda, no interior do "campus" mackenzista. E mantiveram-se em permanente contato com as altas autoridades civis e militares, especialmente o sr. Secretario da Segurança Publica do Estado, testemunhas todas, algumas presenciais, do esforço desesperado que desenvolveram para conter os animos exaltados, evitar os excessos, permitir a defesa pessoal dos estudantes sem prejuizo do respeito aos direitos alheios.

Não é preciso ressaltar o quanto lamentam — no que, estão certos, são acompanhados por todos e cada um dos mackenzistas — o doloroso passamento de um estudante, aliás, não pertencente a qualquer das escolas envolvidas nos fatos. Mas consola-os a certeza de que não fossem as prontas providencias que tomaram, convocando as autoridades e atuando energicamente junto aos seus alunos, as mortes seriam em numero imprevisivel, e mais de uma familia choraria, hoje, os filhos desaparecidos.

Cumpre-lhes, finalmente, acentuar que maugrado possiveis excessos, inevitaveis em ocasiões tais, e que serão reprimidos pelos meios regulares, os alunos do Mackenzie se mantiveram sempre, na defesa de sua casa de ensino, em atitude de respeito aos seus superiores, inclusive às autoridades constituidas do Estado e da Nação. E que tão logo viram confiado o Mackenzie aos contingentes da Força Publica, paulista, deixaram o "campus", promovendo antes cerimonia civica em que entoaram o Hino Nacional e realizaram o hasteamento da Bandeira Brasileira.

Confiam em que os dolorosos fatos, que ceifaram a vida a um jovem de 16 anos, não mais se repetirão. E o esforço que, nesse sentido, irão desenvolver junto aos seus alunos, esperam seja tambem realizado por parte da brilhante direção da Faculdade de Filosofia Ciencias e Letras da Universidade de São Paulo, cujos ideais de Justiça e amor ao Direito hão de coincidir com os aqui alimentados.

São Paulo, 4 de outubro de 1968

FSP - 5.10.68

pronunciamento 4
Mackenzie – Esclarecimento ao público. *Folha de S. Paulo*, 5.10.1968. Seu conteúdo está transcrito em "Alguns Pronunciamentos".

~~FM~~ P-5

Quinta-feira, 10 de outubro de 1968

O Conselho Universitario da Universidade Mackenzie, reunido extraordinariamente a fim de tomar conhecimento e deliberar acerca dos fatos ocorridos nos dias 2 e 3 do corrente,

RESOLVE:

1 — Manifestar seu apoio à atitude tomada por alunos, professôres e funcionários do Mackenzie, repelindo as reiteradas tentativas de invasão do "campus" do estabelecimento, por parte de elementos sediados no prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, à rua Maria Antônia.

2 — Ratificar e louvar a iniciativa da Presidência do Instituto Mackenzie e da Reitoria da Universidade Mackenzie solicitando, imediatamente, a intervenção das autoridades policiais, não só para a salvaguarda do patrimônio da instituição como para a defesa dos milhares de pessoas, sobretudo estudantes, dos cursos superior, médio e primário, que aqui se encontravam.

3 — Determinar que os possíveis excessos cometidos por ocasião dos acontecimentos sejam, na área universitária, prontamente apurados e punidos, recomendando-se venha a ser adotada idêntica medida em relação aos cursos médios, sob a jurisdição direta do Instituto Mackenzie.

4 — Lamentar os têrmos em que foi vazado o manifesto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, do qual se tem conhecimento pelo noticiário dos jornais de domingo. Ao contrário do que aconteceu na Mackenzie, em que a administração e o côrpo docente das várias unidades escolares se mantiveram a postos, tentando reprimir os abusos, acalmar os ânimos, defender os alunos, assistir os feridos, o prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ficou entregue exclusivamente aos seus jovens ocupantes, sem pessoa de maior responsabilidade que procurasse contrôlá-los ou que tomasse a iniciativa de solicitar, também, o indispensável socorro policial.

4 — Repelir, energicamente, a insinuação contida no mesmo manifesto de que nossos estudantes estariam, e nesse caso com a conivência das autoridades dêste estabelecimento, preparando e acumulando aparato bélico destinado a ser utilizado na primeira oportunidade, contra os alunos da Faculdade de Filosofia. Ciências e Letras. Essa insinuação, além de calunniosa, não ficaria bem partindo de pessoas cujo trato disturno com a verdade, em razão do seu ofício, imporia uma conduta menos temerária.

6 — Repelir, com a mesma energia, o noticiário de certa imprensa desta Capital, querendo desvirtuar o drama em que se viu envolvido o Mackenzie e o espírito com que atuaram os moços que aqui estudam. A se aceitarem os critérios que nos irá imprensa está querendo impôr à nossa gente, daqui por diante todo estudante que não seja subversivo ou desordeiro será imediatamente qualificado de fascista ou reacionário, inimigo das reformas sociais, indiferente à reestruturação da Universidade.

7 — Esclarecer ao público, para cortar em definitivo explorações que se fazem nesse sentido, que o Mackenzie não tem qualquer ligação com o grupo usualmente designado por C.C.C., ou com outro movimento político ou ideológico, seja de que natureza fôr.

8 — Registrar o seu profundo pesar pelo passamento do estudante José Guimarães.

São Paulo, 7 de outubro de 1968.

Profa. Esther de Figueiredo Ferraz
PRESIDENTE (com impedimento para votar o item 2)
Prof. João de Deus Cardoso de Mello
VICE-REITOR DA UNIV. MACKENZIE
Prof. José Justino Castilho
DIRETOR DA ESCOLA DE ENGENHARIA
Prof. Salvador Cândia
DIRETOR DA FAC. DE ARQUITETURA
Prof. Francisco Brandi Hoffmann
DIRETOR DA FAC. DE FILOSOFIA
Prof. Armando Carapeto
DIRETOR DA FAC. C. ECONÔMICAS
Prof. Hélio Helene
DIRETOR DA FAC. DE DIREITO

REPRESENTANTES DA CONGREGAÇÃO:

Prof. Evaristo Valadares Costa — Engenharia
Prof. Philipp Lehbauer — Arquitetura
Prof. Oswaldo Sangiorgi — Filosofia
Prof. Nelson Pimentel Queiroz — Economia
Prof. Genésio Borges de Macedo — Direito
Dr. Erasmo de Camargo Schutzer (Representante do Cons. Delib.)
Dr. Fernando Paes da Silva (Representante do Cons. Delib.)
Dr. Antônio Guerra (Rep. A.A.A.M.)
Ac. Reinaldo Goulart de Andrade (Presidente do D.C.E.)

pronunciamento 5
Manifestação do Conselho Universitário da Universidade Mackenzie. *Folha de S.Paulo*, 10.10.1968. Seu conteúdo está transcrito em “Alguns Pronunciamentos”.

P-6

AOS COMPANHEIROS MACKENZISTAS

Êste documento visa tornar público o repúdio dos estudantes da Universidade Mackenzie à atuação de elementos da extrema direita que, vinculados a esquemas golpistas, têm usado os muros dessa Universidade para reprimir a liberdade de manifestação dos estudantes.

Quarta-feira, dia 2 p.p., quando secundaristas faziam pedágio para o Conselho da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundários) - ação classificada pela Magnífica Reitora como "pedágio odioso" - foram agredidos a pedradas e ovos, que um grupo do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) lhes atirava. Agredidos, os secundaristas procuraram proteção no prédio da Filo-USP e apôio de seus companheiros universitários, inclusive mackenzistas, passando, então, a revidar a agressão. Enquanto isso, o CCC envolvia secundaristas dos cursos Técnicos e universitários do Mackenzie, incitando-os a defender a Universidade de uma pretensa invasão. Deste modo, o CCC camuflou seus objetivos políticos, sugerindo tão sòmente uma rivalidade entre universidades. Uma tropa de choque da Guarda Civil foi chamada no local, postou-se dentro da Universidade, ou de assistiu complacente a atitude dos agressores. Não houve fôrça militar em defesa à Filo-USP por omissão do Sr. Secretário da Segurança do Estado, a quem caberia designar proteção ao Patrimônio Público. Durante o período em que se desenrolaram êsses acontecimentos, eram transmitidas convocações, pela Rádio Eldorado, a mackenzistas e ex-mackenzistas para que viessem defender sua Escola.

Quinta-feira, dia 3, os agressores voltaram ao ataque, arregimentados em faixas colocadas na Faculdade de Filosofia. Reinicia-se a luta com a complacência e o apôio da Polícia para com o CCC. - Um membro do CCC afirmou ao Jornal da Tarde (9/10/68), que "nã invadimos a Filo-Usp mais cêdo, porque não sabíamos qual seria a atuação da polícia. Sòmente quando tivemos confirmação de que a polícia não reagiria, é que a invadimos". - Os universitários defendiam-se com paus, pedras e rojões, no passo que o CCC atacava com gases lacrimogênio e tóxicos, bombas de ácido sulfúrico e molotovs (preparadas por professôres do curso técnico e da Faculdade de Engenharia), revólveres, metralhadoras e fuzis (armas improvisadas, segundo a Reitora). Defendido pela polícia, o CCC incendeia e mata. A luta volta a paralisar-se quando a Fôrça Pública invade a Faculdade de Filosofia (já abandonada pelos alunos e invadida pelo CCC) e a Faculdade de Economia (onde espancam e prendo estudantes e professôres).

É importante que entendamos o porquê dessa ação repressiva por parte da direção do Instituto Mackenzie, da Reitoria e do CCC, e a complacência e apôio da polícia.

Desde 1964 a Universidade Mackenzie tem sido dirigida de forma a enquadrar-se na orientação proposta pela "revolução". Expulsos os professôres perigosos à nova filosofia, busca-se, então, reorganizar o corpo docente e apaziguar o corpo discente. Algumas reinvindicações são aprovadas, mas se diluem quando postas em prática. As diversas tentativas de reestruturação são boicotadas e acabam por ser esquecidas. Quando se tenta levá-las adiante (como no caso atual da Arquitetura), os professôres e alunos são ameaçados com o fechamento da Faculdade. Agora se aprova uma reestruturação para tôda a Universidade, caracterizada pela identificação com os valôres propostos pelos Relatórios do prof. Rudolf Atcon e Cel. Meira Mattos, mais tarde consubstanciados no projeto de Reforma Universitário proposto pelo Govêrno Federal, atualmente em estudo no Congresso Nacional.

Nos pronunciamentos oficiais, a Reitoria tem buscado colocar a Universidade Mackenzie como uma "ilha de paz e serenidade", sem nada ter com o que ocorre fora de seus muros. Se por um lado isto é verdade, uma vez que busca acintosamente alienar seus estudantes da realidade gritante dos acontecimentos externos ao Mackenzie, por outro lado filia-se à doutrina política educacional do govêrno, que implica na reorganização da Universidade para servir à emprêsa (tese defendida pelo professor Willie Maurer), abandonando seu significado maior de pesquisa, análise e sistematização do processo de desenvolvimento.

Esta identificação de interêsses (Universidade-Emprêsa-Govêrno) implica em que a Universidade deve formar quadros técnicos (nesse caso até um sociólogo é um técnico) para a emprêsa. Isto determina os limites de atuação da Universidade. Seu papel nada tem a ver com a escolha do caminho do desenvolvimento , sem considerar nossa cultura e anseios. Para garantir essa diretriz é preciso quebrar a resistência que o M.E. (movimento estudantil) vem apresentando em defesa da libertação do povo brasileiro, de seu acesso à cultura e de sua participação na posse do produto nacional, lutando contra a espoliação de nossas riquezas (minérios) e a entrega de nosso solo (internacionalização da Amazônia).

A organização alcançada pelo M.E., fruto da visão política do processo histórico brasileiro e mundial, permitiu até agora manter sua independência frente às imposições governamentais. A UNE continua sendo reconhecida como sua única liderança nacional; a R.U. imposta pelo govêrno choca-se com as teses de R.U. surgidas dos debates entre professores e alunos de cada Faculdade e Universidade; é vitoriosa a tese de paridade em contraposição à tentativa de eliminação ou limitação das entidades estudantis (Relatório Atcon e Lei Suplicy).

A direção do Instituto Mackenzie e a Reitoria não fogem à regra, principalmente se considerarmos que a Universidade Mackenzie, sendo já uma Fundação, serviria de modêlo para a implantação da R.U. do govêrno e a aplicação integral dos acôrdos MEC-USAID.

A reação dos mackenzistas, às limitações impostas , teria como consequência obrigatória, mais cedo ou mais tarde, a tentativa de quebrar essa resistência. O CCC funcionou assim como instrumento de repressão para atemorizar àqueles que vêm lutando contra o estado de coisas em que vive nossa Universidade. Não se concebe aquela "guerra" como uma "improvisação", tal o arsenal à disposição dos agressores.

Acreditamos que é preciso defender nossa Universidade da agressão covarde de que tem sido alvo por parte daqueles que sistemàticamente a tem impedido de buscar por suas próprias fôrças novos caminhos, ao mesmo tempo em que apoiam a reação armada contra as liberdades de expressão e de manifestação.

O CCC - suas ações

A resposta foi dada concretamente, em âmbito nacional, em seis anos através dos fatos que relacionamos abaixo:

- Impedimento de um debate entre um Ministro de Estado-Paulo de Tarso- e os estudantes através de um esquema para-militar (1963 - S. Paulo)
- Ataque ao Congresso de Secundaristas de Campinas, espancando os congressistas (1964 - S. Paulo).
- Ataque com metralhadoras à Faculdade de Filosofia da USP - (1964 - S. Paulo).
- Ataque ao Centro Acadêmico Horácio Lane da Escola de Engenharia Mackenzie (1964).
- Queima do prédio em que funcionava a UNE (1964 - G.B.).
- Invasão da Filo-USP por ocasião da crise de excedentes, com consequente destruição de seu patrimônio (1967 - S.P.).
- Queima da urna, quebra do mural e depredação do C.A. João Mendes Jr. da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, por ocasião das eleições livres para a UEE, ao mesmo tempo em que se dizia em defesa da "democracia" e da "liberdade de expressão", prendendo estudantes para entregá-los à polícia, que já, nessa época, agia em conivência com êsse grupo. A seguir invade a Filo-USP, espancando alunas e funcionários naquele patrimônio público (1967).
- Em 1968 o CCC começa a agir com mais violência, agora sob a inspiração da Klu-Klux-Klan, depredando o Teatro Ruth Escobar e batendo em artistas.
- Neste ano vemos sua atuação em âmbito nacional com bombas colocadas nos diversos C.As. da Guanabara e com o espancamento dos artistas no Rio Grande do Sul.
- Ataque com carabinas às Faculdades de Direito e de Filosofia da USP durante a ocupação política das mesmas pelos estudantes.
- Finalmente o ataque à Filo-USP com bombas de gás lacrimogênio de fabricação norte-americana e com carabinas, revólveres e metralhadoras (noticiário das Folhas e Jornal da Tarde dos dias 5 e 7).

Segundo declarações de um dêles: "A Faculdade de Filosofia já foi destruída, alí êles não poderão voltar. Por mim deveríamos destruir o CRUSP também". "Veja a reação à peça Roda Viva no Rio Grande do Sul: fomos nós". (Jornal da Tarde de 8/10/68).

O CCC - o que é e quais seus objetivos

Uma organização para-militar, preparada e dirigida militar e pòlìticamente pela CIA (Central Intelligence Agency).

"Nós somos nacionalistas radicais da direita", diz um seu integrante ao Jornal da Tarde (8/10/68). - Como radicais da direita têm como objetivo o endurecimento da situação nacional existente.

Diante das considerações amplamente comentadas nos editoriais de jornais da capital, podemos afirmar que o CCC e suas congêneres nada mais são do que instrumentos do govêrno federal, de seus desígnios, de sua estratégia anti-nacional.

NOSSA POSIÇÃO

É fácil caminhar ao lado de esquemas militares de uma minoria radical. Difícil é, dentro de uma situação global, distinguir, através de uma análise, os objetivos políticos de uma maioria dos interêsses de uma minoria.

Nós, companheiros, mostraremos dentro de uma luta política quem é a minoria e quem é a maioria dentro de nossa Universidade.

pronunciamento 6
Aos Companheiros Mackenzistas. Cópia mimeografada de manifesto dos alunos de Direito, Arquitetura, Filosofia, Geografia e Economia da Universidade Mackenzie. 16.10.1968.
Seu conteúdo está transcrito em “Alguns Pronunciamentos”.

Nossa posição é, pois, de:

1. repúdio à repressão organizada e dirigida do Instituto Mackenzie, da Reitoria, do CCC e da Polícia Civil e Fôrça Pública no M.E.;

2. repúdio à tentativa grupal de quebrar a resistência dos mackenzistas no estado de coisas da nossa Universidade;

3. repúdio à tentativa de desviar a atenção dos mackenzistas e dos universitários em geral dos reais problemas que afetam nossa universidade, qual seja sua formalização ultrapassada e a imposição da M.U. com fins alienígenas;

4. repudiar a falsa imagem de nacionalismo apresentada nas declarações do Instituto Mackenzie e do CCC, tudo como é do praxe para garantir a "democracia" e combater a "subversão".

Conclamamos os companheiros para que voltem às salas organizando-se em grupos de trabalho para:

1. debater e encaminhar a M.U. na Universidade Mackenzie, partindo de sua realidade enquanto Universidade e enquanto faculdade;

2. debater e encaminhar a participação da Universidade Mackenzie no M.E., significando isso a definição daquelas posições a serem defendidas por nós junto aos demais estudantes, contribuindo assim para o questionamento das posições propostas e o encaminhamento das lutas.

3. Defender as entidades de fato de representação estudantil: UNE, UEE, DCE, DAs/CAs.

Companheiros, nossa luta continua e continuará até vermos os anseios da grande maioria dos estudantes triunfarem.

Lute conosco!
Participe dos grupos de trabalho!
Integre-se no Movimento Estudantil!

São Paulo, 16 de outubro de 1968

Alunos da FACULDADE DE DIREITO
Alunos da FACULDADE DE ARQUITETURA
Alunos da FACULDADE DE FILOSOFIA
Alunos da FACULDADE DE ENGENHARIA
Alunos da FACULDADE DE ECONOMIA

UNIVERSIDADE MACKENZIE

(Nota: Êste pronunciamento, não-autenticado, é anexado pelo fato de os seus dizeres terem sido confirmados por noticiário encontrado em J-14)

AGRESSORES OU AGREDIDOS?

MACKENZISTAS, fomos agredidos e estão tentando transformar-nos em agressores . . .

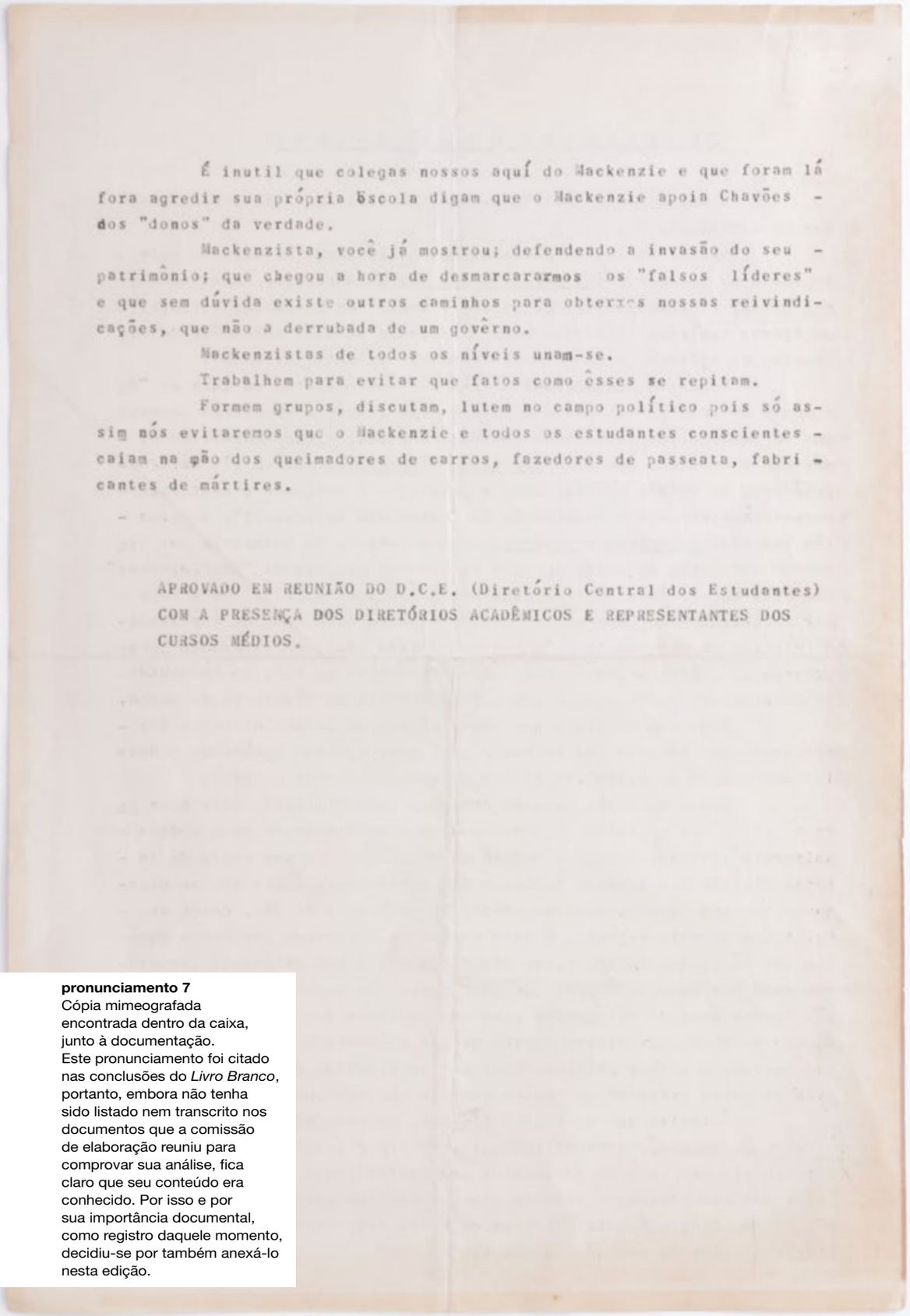
Devido às falsas notícias que estão sendo divulgadas pela imprensa no tocante à tentativa de invasão do Mackenzie, mostramos, com fatos, a premeditação dos falsos "donos" do movimento estudantil em atacar qualquer setor que seja um entrave às suas intensões de violência, de agitação e de promoção pessoal. Os fatos aí estão:

Tentaram transformar a luta dos Mackenzistas em luta do "Movimento Estudantil" contra o CCC, com mêdo de que a população perceba que há verdadeiros estudantes contra a baderna, esquecendo-se de dizer que a opressão tem sido preparada e provocada com os tão falados pedágios, às nossas portas, onde a população é obrigada a contribuir monetariamente para a manutenção do "Movimento Estudantil"; a opressão tem sido preparada e provocada com a invasão do Mackenzie por elementos estranhos na noite de 26/9 comandados por alguns "Mackenzistas" que dias depois foram vistos dando tiros em seus colegas, para impedir a realização de uma conferência promovida pelo D.A. da Faculdade de Direito. (isto pertinde "dêles" que falem tanto em liberdade deexpressão...). Essa opressão foi preparada dentro do D.A. da Faculdade de Arquitetura do Mackenzie sem o conhecimento da Diretoria do mesmo.

Esquecem de dizer que nossa defesa no início da briga foi realizada por colegas dos cursos médios que, armados apenas de pedras lutavam contra os primeiros rojões coquetéis molotov e tiros.

Com a agressão tomando caminhos imprevisíveis, acordamos para a luta e nos organizamos. Professores e alunos dos cursos médios e universitários uniram-se na defesa do Mackenzie. Em uma noite de intensa vigília nos armamos à altura dos agressores. É bom que se diga que o arsenal depositados no prédio da Filosofia da USP, desde as agitações de maio e junho, é fato cantado e decantado por todos aquêles que lá frequentavam. Agora dizem que nós é que estávamos preparados para o ataque... É pena que para dentro do Mackenzie os jornais não tenham enviado fotógrafos para que pudessem ser testemunhados o número de armas de calibre pesado que se apontava e atirava contra nosso pessoal e nossos prédios. Contra o facciosismo é duro lutar... Mais as balas cravadas em nossas paredes são testemunhas.

É inutil que os falsos líderes, os estudantes que se mantém à custa do sacrifício de vítimas, tentem tapar o sol com a peneira. É verdade sim que os seus Movimentos não contam com o apôio de grande parte dos estudantes; é verdade sim que existem muitos estudantes que não se empolgam com suas palavras de ordem fabricadas por especialistas na técnica de comando de massas.



É inutil que colegas nossos aquí do Mackenzie e que foram lá fora agredir sua própria Escola digam que o Mackenzie apoia Chavões - dos "donos" da verdade.

Mackenzista, você já mostrou; defendendo a invasão do seu - patrimônio; que chegou a hora de desmarcararmos os "falsos líderes" e que sem dúvida existe outros caminhos para obterxos nossas reivindicações, que não a derrubada de um govêrno.

Mackenzistas de todos os níveis unam-se.

Trabalhem para evitar que fatos como êsses se repitam.

Formem grupos, discutam, lutem no campo político pois só assim nós evitaremos que o Mackenzie e todos os estudantes conscientes - caiam na ção dos queimadores de carros, fazedores de passeata, fabricantes de mártires.

APROVADO EM REUNIÃO DO D.C.E. (Diretório Central dos Estudantes) COM A PRESENÇA DOS DIRETÓRIOS ACADÊMICOS E REPRESENTANTES DOS CURSOS MÉDIOS.

pronunciamento 7
Cópia mimeografada encontrada dentro da caixa, junto à documentação.
Este pronunciamento foi citado nas conclusões do *Livro Branco*, portanto, embora não tenha sido listado nem transcrito nos documentos que a comissão de elaboração reuniu para comprovar sua análise, fica claro que seu conteúdo era conhecido. Por isso e por sua importância documental, como registro daquele momento, decidiu-se por também anexá-lo nesta edição.

4.
Documentação Fotográfica

As fotos a seguir, encontradas na caixa de documentação, não continham identificação de fotógrafo e nem do veiculo de imprensa para o qual foram realizadas.

Documentação fotográfica

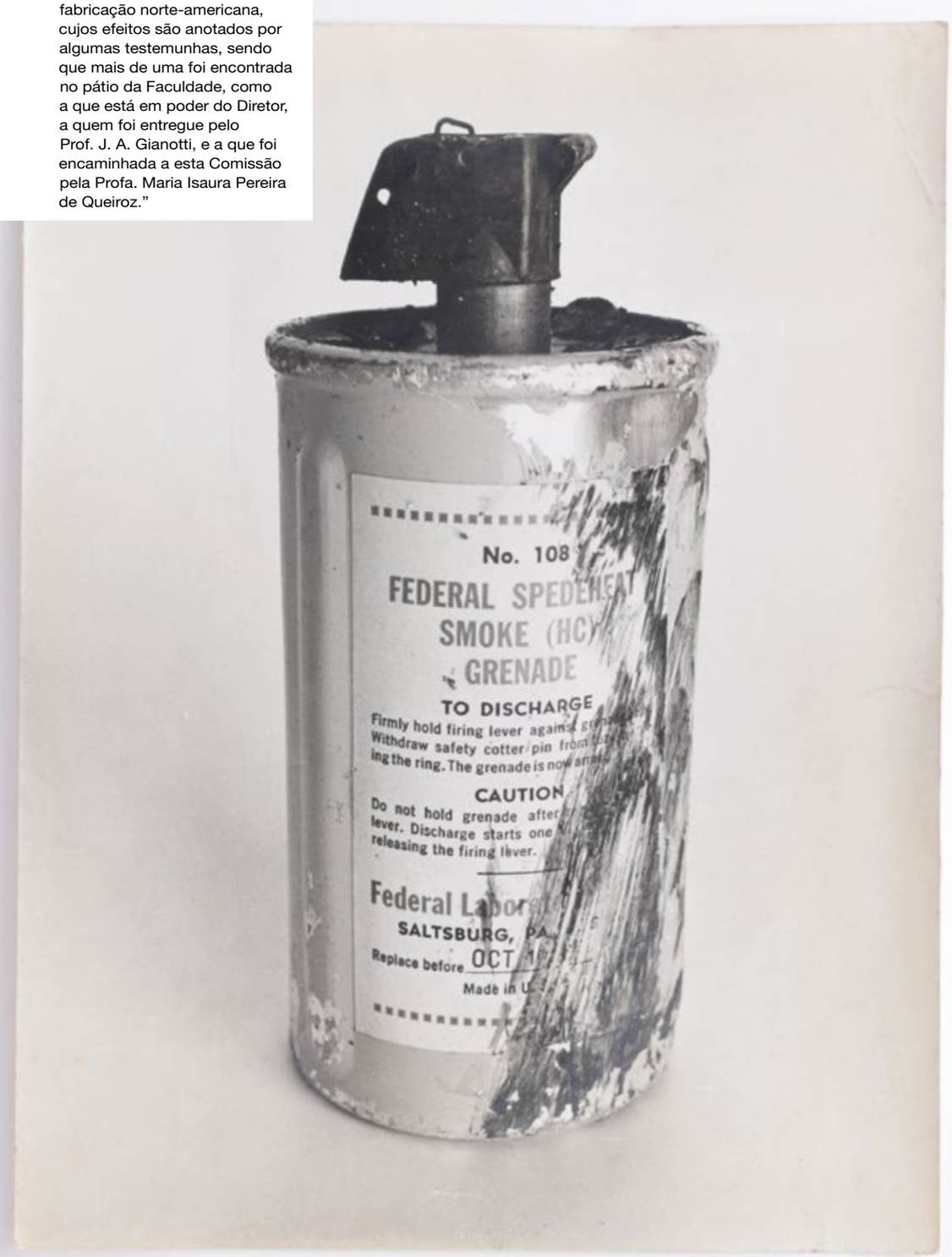
1. Fotografias em meu poder
2. Notícia de fotografias apresentadas pelo deputado Sabiá

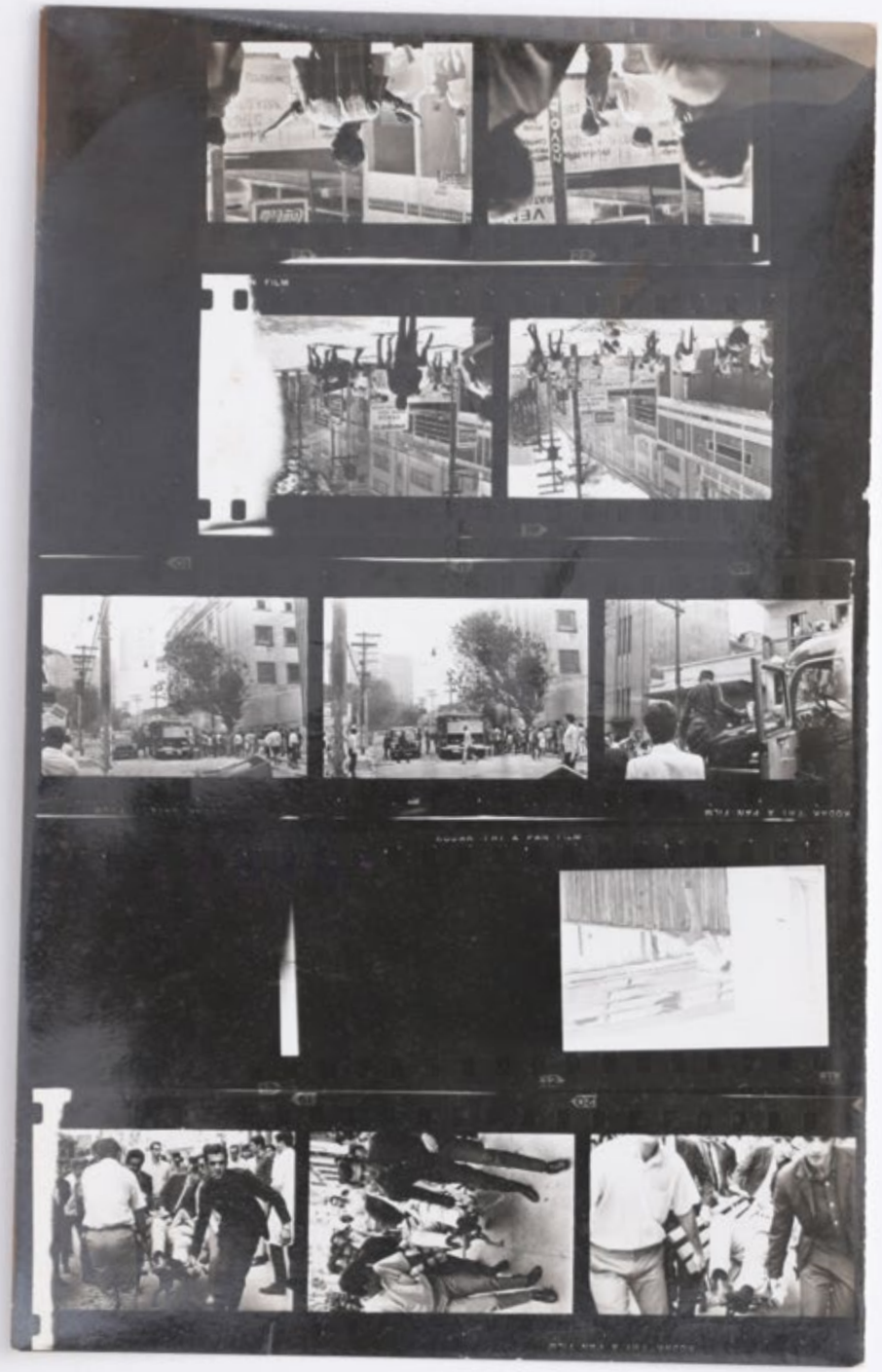
Fotografias

ULTIMA HORA
AV. DA LUZ 262/ 94
S.PAULO

IMPRESSOS

"foram lançadas contra a Faculdade de Filosofia, bombas de gás lacrimogêneo de fabricação norte-americana, cujos efeitos são anotados por algumas testemunhas, sendo que mais de uma foi encontrada no pátio da Faculdade, como a que está em poder do Diretor, a quem foi entregue pelo Prof. J. A. Gianotti, e a que foi encaminhada a esta Comissão pela Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz."





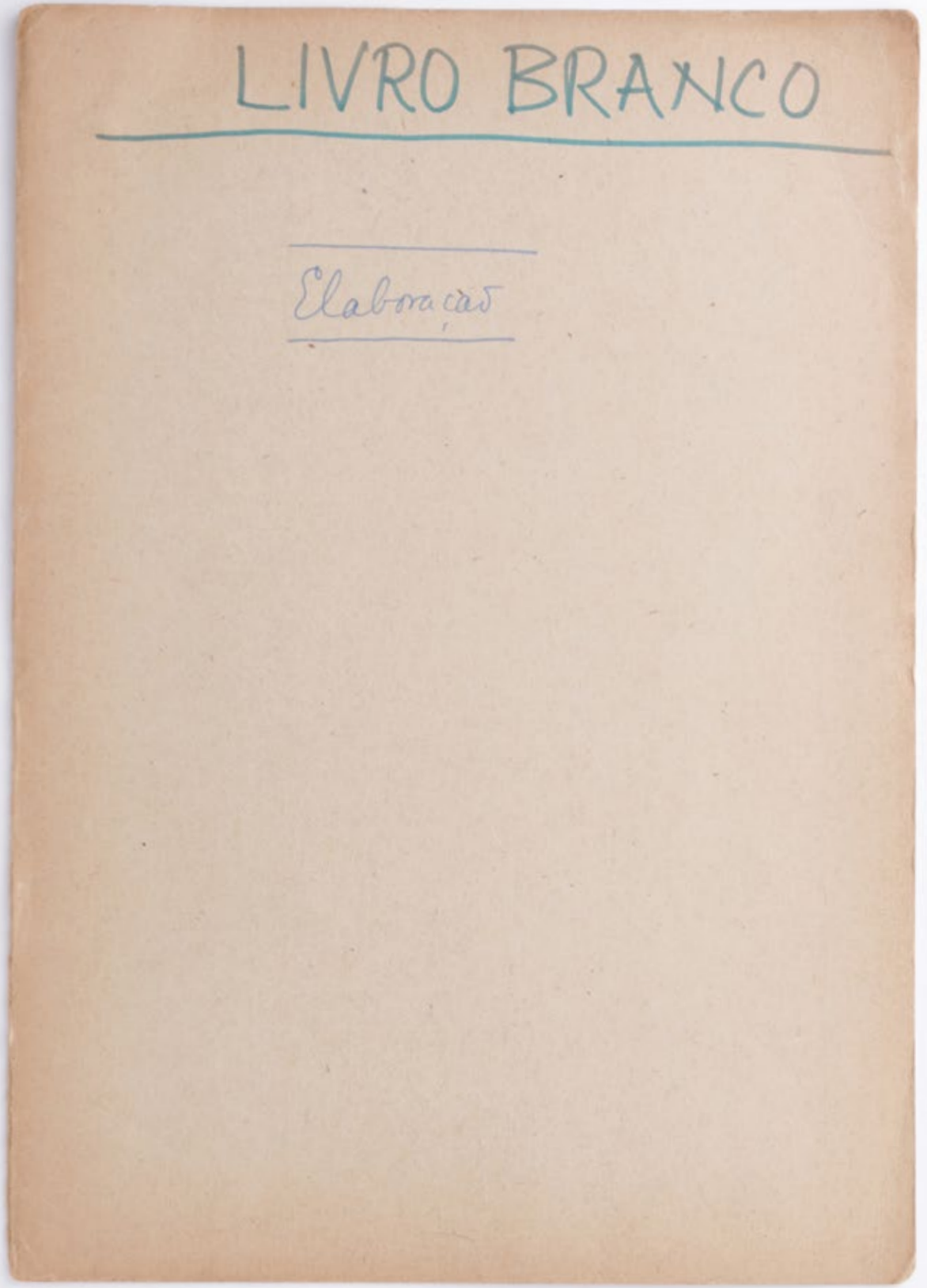
KODAK SAFETY FILM
KODAK TRI-X PAN FILM
QUIEREMOS

KODAK SAFETY FILM
KODAK TRI-X PAN FILM
KODAK TRI-X PAN FILM
KODAK TRI-X PAN FILM

KODAK SAFETY FILM
KODAK PLUS X PAN FILM
KODAK SAFETY FILM
KODAK SAFETY FILM
KODAK PLUS X PAN FILM
KODAK PLUS X PAN FILM

APARTAMENTOS
À
VENDA

5.
Notas para o *Livro Branco*



NOTAS PARA O LIVRO BRANCO

Um relato que comporte apenas fatos comprovados, se possível acompanhados do nome de uma pessoa responsável que pode dar o seu testemunho sendo preciso.

Seria possível incluir, como introdução, uma análise de caráter mais político, tentando explicar a situação e levantar algumas informações sôbre os bastidores (CCC, etc.). Mas isto é de comprovação difícil e leva tempo.

Os fatos deverão ser dispostos em ordem rigorosamente cronológica.

Deve haver entrevistas com o maior número possível de pessoas que testemunharam os fatos, para no fim montar a sequência dos mesmos.

Exemplo de fatos importantes e modo de apresentá-los:

- "Cêrca das 11 e... o professor (Fulano) entrando no estacionamento situado em frente da rua Dr. Vila Nova para pegar o seu carro, e que se encontra encravado nos terrenos do Instituto Mackenzie, viu guardas civis dando instruções de tiro e dispondo rapazes para o ataque".
- "Às 16 e ... os professores Sala, Pavan e Hamburger, indo ao IM falar com a Reitora da UM, viram que lá se encontrava um contingente da Fôrça Pública de prontidão, tendo o comandante, Major X, dito que... O capitão Y e o tenente Z disseram que...."
- "Na entrevista com o Secretário da Segurança, às 17 e..., o Professor Petrone fêz um apêlo ao mesmo para que não se ocupasse o nosso prédio, mas que o mesmo fôsse apenas guardado, depois de controlados os agressores, ouvindo da referida autoridade o seguinte: "Os senhores da Filosofia vivem criando casos, e agora querem fazer exigências?"
- "Às 19 e... os professores Fernando Henrique Cardoso e... foram falar com o comandante do destacamento e...."
- "Na presença do professor Gianotti, o deputado Israel Dias Novais disse o seguinte, pelo telefone da Fac. de C. Econômicas, ao Secretário da Educação: ....."

Penso que se deveria, na reunião de hoje e na da Congregação, fazer um apêlo para que todos os que são testemunhas absolutamente seguras, de fatos presenciados ou vividos, os apresentem por escrito (e assinem) até amanhã, em local que se determinará, à pessoa ou às pessoas X e Y, autorizando que seus nomes sejam indicados para comprovação no Livro Branco. Alguém deverá ser designado para ficar de plantão amanhã, das 10 às 17, em determinada sala da Administração, que for cedida para isto, recebendo os testemunhos escritos. O mesmo se poderá fazer em dias subsequentes, para completar o material.

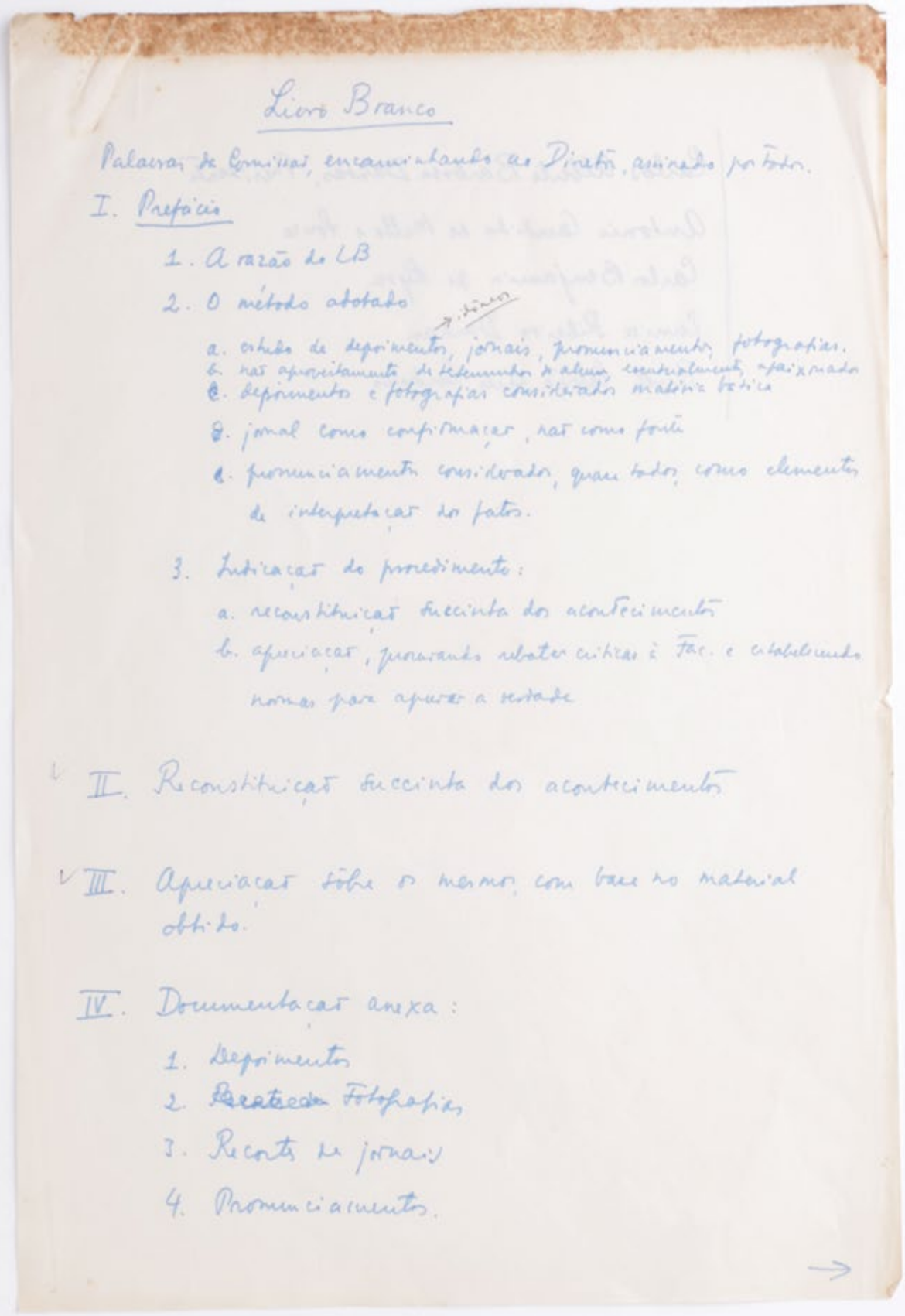
Seria preciso indicar um professor e um aluno, ou grupos de um professor e um aluno, para entrevistar alunos, testemunhas e atores dos fatos, tudo em caráter de certeza, com o maior rigor, pois quem dá um informe para o Livro Branco poderá ser chamado a depor sob juramento na Comissão Parlamentar de Inquérito a ser instituida.

Lembrar que a Congregação, hoje à noite, é que deve decidir oficialmente a respeito e traçar as normas. Isto aqui são sugestões iniciais.

Seria da maior importância e conveniência procurar fotografias, para fazer clichês e incorporá-los ao Livro Branco. Deve haver diversos repórteres e fotógrafos amadores que possuem semelhante material.

Juntado o material, uma comissão de redação constituida de professor procederá à depuração, comparação, montagem e redação, em prazo breve.

6.
Rascunho de Sumário



Livro Branco

Palavras da Comissão, encaminhando ao Diretor, assinado por todos.

I. Prefácio

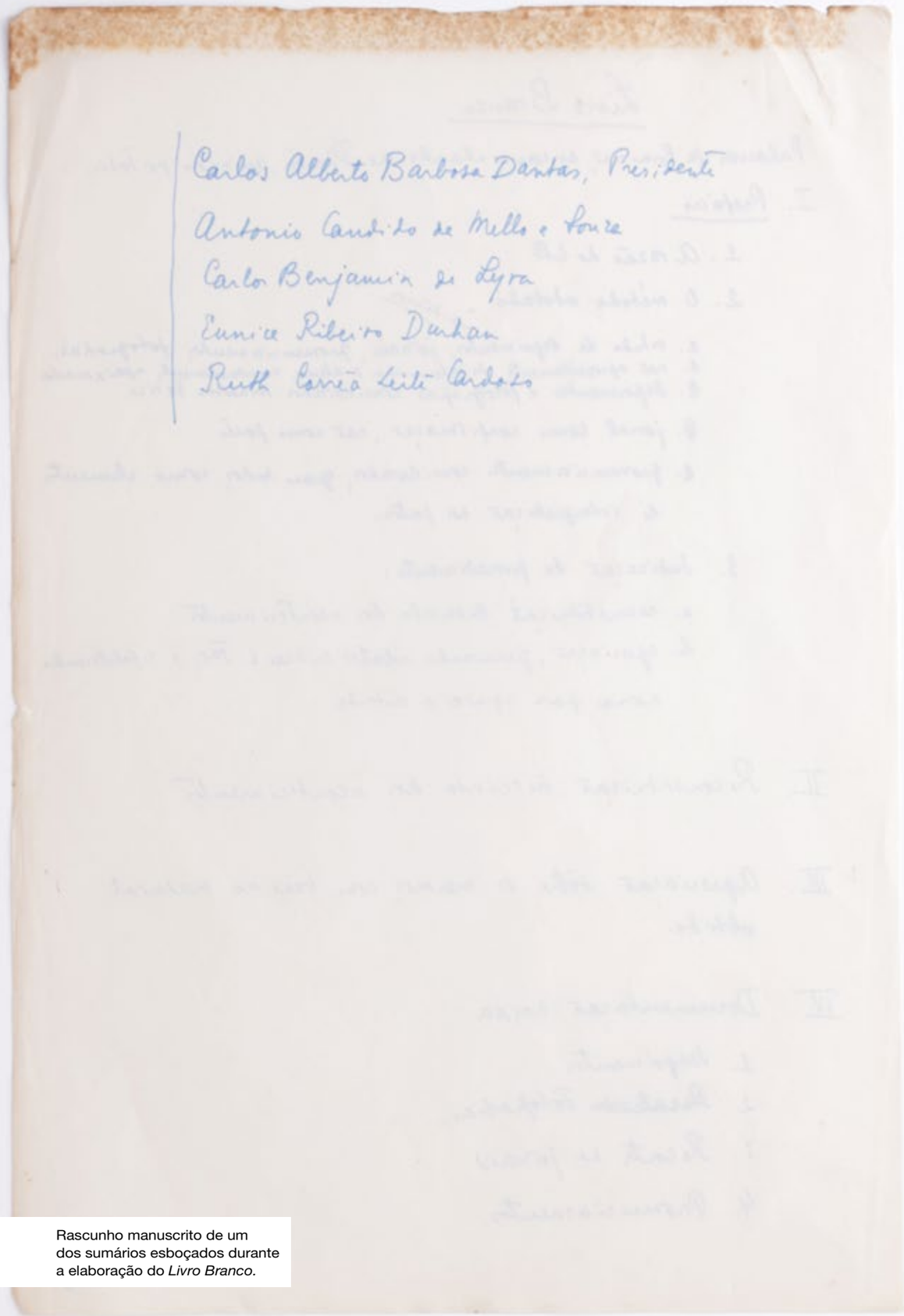
1. A razão do LB
2. O método adotado
   a. estudo de depoimentos, jornais, pronunciamentos, fotografias. (→ idôneos)
   b. não aproveitamento de testemunhos de alguns, essencialmente, apaixonados
   c. depoimentos e fotografias considerados matéria bática
   d. jornal como confirmação, não como fonte
   e. pronunciamentos considerados, quase todos, como elementos de interpretação dos fatos.
3. Indicação do procedimento:
   a. reconstituição succinta dos acontecimentos
   b. apreciação, procurando rebater críticas à Fac. e estabelecendo normas para apurar a verdade

II. Reconstituição succinta dos acontecimentos

III. Apreciação sôbre os mesmos, com base no material obtido.

IV. Documentação anexa:
1. Depoimentos
2. ~~Recortes~~ Fotografias
3. Recortes de jornais
4. Pronunciamentos.

→



Rascunho manuscrito de um dos sumários esboçados durante a elaboração do *Livro Branco.*

7.
Rascunhos datilografados, do Prefácio e Conclusão, com correções e alterações

Prefácio

Por ocasião dos incidentes ocorridos na Rua Maria Antônia, em 2 e 3 de outubro, de que resultou a inutilização provisória do edifício de nº 294, um dos dois em que funcionavam três Departamentos e a Biblioteca Central da FFCL-USP, a Congregação determinou que se elaborasse uma espécie de "Livro Branco", a fim de permitir o estabelecimento da verdade, esclarecendo não apenas a opinião pública em geral, mas as autoridades e os próprios professôres e estudantes, nem todos cientes dos pormenores.

A Comissão para isto designada levantou o material que lhe foi possível, consistente sobretudo em depoimentos de testemunhas pronunciais, noticiário pronunciamentos públicos. Em seguida, organizou-o e utilizou-o para dirigir uma apuração [illegible] Conclusões [illegible] análise objetiva.

Para êste trabalho, o pressuposto foi a busca de autenticidade. Assim, acolheram-se apenas elementos [illegible] ou de domínio público, estabelecendo-se entre êles uma hierarquia de credibilidade que abaixo se exporá.

Com [illegible] decidiu a Comissão não acolher os depoimentos de estudantes; não [illegible] insatisfatórios. [illegible] parte atuante no incidente, [illegible] visão [illegible] de quem quis apresentá-la, verificando-se que a maioria absoluta [illegible] constituída [illegible] em contribuir para [illegible] ocorrências. Foram aceitos [illegible] depoimentos assinados, [illegible] conhecidas pela Comissão, [illegible] em contrário à garantia [illegible] Por isso mesmo, foram recusados [illegible] alguns testemunhos importantes, mas [illegible] de pessoas desconhecidas ou que não desejavam [illegible] abonar-lhes. É o que se pedirá em [illegible] acêrca de informes [illegible]

Tarde de 8/10/68, elemento do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) reclama para sua organização a liderança: "a briga começou entre estudantes das duas faculdades, por divergências políticas, e como havia no Mackenzie um grupo do CCC, foi êsse grupo que dirigiu o ataque e comandou a invasão, por ser profundo conhecedor de guerrilha urbana."

Acontecimentos posteriores no Mackenzie, noticiados pela Folha da Tarde de 24/10/68, J.14, revelam a não existência da suposta unidade dos estudantes [illegible] aos acontecimentos dos dias 2 e 3. O noticiário dá nomes de estudantes que estão sendo pressionados por terem divergido, e revela ainda que poderável parcela da Faculdade de Arquitetura [illegible] se opõe à versão oficial do DCE e das autoridades [illegible], fazendo grave acusação a como foi obtido o manifesto do DCE publicado pela imprensa. A apuração [illegible] caberia a CPI da Assembléia Legislativa.

2. Conclusões.

Para finalizar alinhamos algumas reflexões e conclusões que se baseiam sôbre os fatos averiguados a as análises feitas a partir deles.

(1). O noticiário dos jornais mostra, sem discrepância, a agressividade maior de elementos da UM ou seus aliados; é ação de elementos bem treinados para a luta, na coordenação dos ataques, [illegible] manter de modo surpreendente a intensidade da ofensiva, [illegible] não se verifica do lado da Faculdade de Filosofia da USP.

(2). O mêsmo noticiário revela os estragos catastróficos desta, a lesão essencial ao seu patrimônio, a morte e ferimentos de elementos que tomaram o seu lado ou a ela pertenciam, enquanto são registrados na UM estragos pequenos por comparação.

(3). O exame dos depoimentos (D.10; D.21) mostra que da FF partiram gestões no sentido de pôr termo aos conflitos, mas nenhuma da UM, mostrando uma diferença acentuada de atitudes.

(4). Não há notícia de estudantes da FF dando razão à UM, sendo que o inverso é notório, inclusive traduzido pela presença, em passeatas de protesto, de mackenzistas que reprovam a atitude de sua instituição, de certos colegas e respectivos aliados. Perseguições a estudantes que divergiram na UM, noticiadas pelos jornais, revelam que há grupos que protestam, indicando que os acontecimentos ultrapassaram a dimensão de rixa de estudantes. (J.14)

a existência de

8.
Assinaturas de Ernst Hamburger
e Oscar Sala em seu Depoimento Conjunto

Falamos com um Capitão — que disse ser aluno da Faculdade — explicando que o prédio estava desocupado e pedindo o máximo cuidado com o patrimônio da escola. Não foi bem recebido pelos soldados e oficiais presentes o pedido: "Como, ainda sobrou algum patrimônio que vocês não depredaram" foi um dos comentários, e outros semelhantes. Procuramos dar explicações, mas sem sucesso — não era uma hora propícia. Chegou então um bombeiro para falar com o capitão, dizendo que a Faculdade estava desocupada, só estavam os bombeiros lá dentro. Acho que o bombeiro vinha pedir que se parasse o bombardeio, mas não ouví o fim de sua mensagem, pois fomos embora.

De lá fomos à residência do prof. Ferri, onde esperávamos também encontrar o prof. Eurípedes, para comunicar o que tínhamos feito e procurar saber se havia garantias para a Faculdade por parte da Secretaría de Segurança Pública.

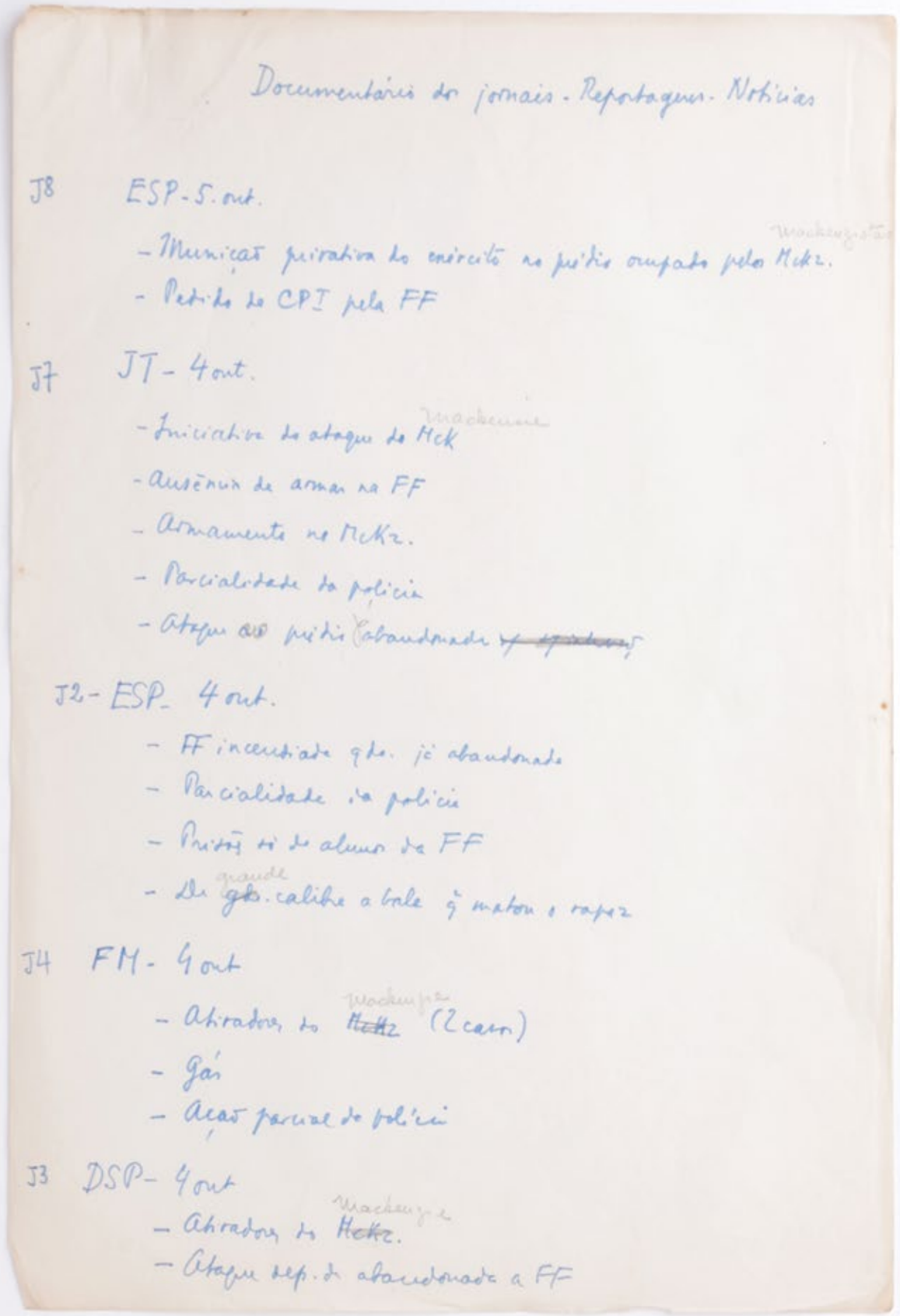
São Paulo, 9 de Outubro de 1968.

E.H.

Oscar Sala

EHH/zm.

9.
Rascunhos dos Tópicos das Matérias de Jornais e Revistas



Documentários dos jornais - Reportagens - Notícias

J8 ESP - 5 out.

- Municiar privativa do exército no prédio ocupado pelo Mackenzie.
- Pedido de CPI pela FF

J7 JT - 4 out.

- Iniciativa do ataque do Mack Mackenzie
- Ausência de armas na FF
- Armamento no Mackenzie.
- Parcialidade da polícia
- Ataque ao prédio (abandonado ~~e ocupado~~)

J2 - ESP - 4 out.

- FF incendiada qdo. já abandonado
- Parcialidade da polícia
- Prisão de alunos da FF
- De grande ~~qdo.~~ calibre a bala q matou o rapaz

J4 FM - 4 out

- Atiradores do ~~Mack~~ Mackenzie (2 carros)
- Gás
- Ataque parcial da polícia

J3 DSP - 4 out

- Atiradores do Mackenzie.
- Ataque dep. de abandonado a FF

DOCUMENTÁRIO DOS JORNAIS - REPORTAGENS - NOTÍCIAS

J8 ESP - 5 out.

- Munição primativa do exército ao prédio ocupado pelos Mackenzistas.
- Pedido de CPT pela FF.

J7 JT - 4 out.

- Iniciativa do ataque do Mackenzie.
- Ausência de armas na FF.
- Armamento no Mackenzie.
- Parcialidade da policia.
- Ataque ao prédio já abandonado.

J2 ESP - 4 out.

- FF incenciada quando já abandonada.
- Parcialidade da policia.
- Prisões de alunos da FF.
- De grande calibre a bala que matou o rapaz.

J4 FM - 4 out.

- Atiradores do Mackenzie (2 casos).
- Gás.
- Ação parcial da polícia.

J3 DSP - 4 out.

- Atiradores do Mackenzie.
- Ataque depois de abandonado a Faculdade de Filosofia.

J5 FT - 4 out.

- Intervenção da Guarda Civil a favor do Mackenzie.
- Desorganização dos alunos da Faculdade de FILOSOFIA.
- Alunos do Mackenzie do lado da Filosofia.
- Professor que acalma os alunos.
- Tiros são identificados.
- Bombas privativas das fôrças armadas.
- Evacuação.
- Tentativa de incendiar a Filosofia depois de vaga.

Sumário de notícias

J-1 Folha de São Paulo, 3/10/68: história conflitos da quarta feira, 2/10

a) - dá como origem do conflito ataque de estudantes do Mackenzie com pedras e ovos podres contra secundaristas que faziam pedagio;

b) - moradores da rua Maria Antonia são mencionados como dizendo que foram estudantes do Mackenzie iniciadores;

c) - dá como hora do início dos conflitos da quarta feira: 10:30;

d) - cita estudante do Mackenzie, AMERICO Nicolati, que é do Partido Libertador Academico, como afirmando que o ataque foi organizado pelo CCC;

e) - ainda segundo Nicolati, os estudantes do Mackenzie eram comandados por elementos da policia política;

f) - a luta terminou no momento que a GC interveio, momento êste em que os atacantes do Mackzensie sofriam um contra ata que (como revide alunos da Filo-USP tentavam invadir o Mackenzie); o termino da luta teria ocorrido por volta das 14:00 horas.

g) - houve feridos com pedradas e queimaduras com acido sulfurico.

J-5 Folha da Tarde, 4/10: historia conflitos da quinta feira, 3/10

a) - as hostilidades começam às 11:00 horas; parcialidade da policia já no primeiro ataque de 30 minutos do Mackenzie;

b) - no primeiro recuo dos alunos do Mackenzie, a GC intervém de surpreza tentando desocupar a rua;

c) - o tenente Adalberto do corpo de bombeiros é advertido pelos nossos estudantes que estão atirando com armas de fogo do telhado do Mackenzie; resistencia dos alunos Filo-USP é desorganizada;

d) - bombas de gaz lacrimogeneo de fabricação americana e uso privativo da policia são atiradas do Mackenzie; uma não - explode;

e) - hora da evacuação do prédio é dada como 19:10, ao som da campainha elétrica, ante boato de invasão pela Força Pública;

f) - 15 alunos do Mackenzie que ficaram ao lado da Faculdade - de Filosofia, CIencias e Letras dão preocupação por estarem ameaçados pelo CCC;

g) - a luta foi presenciada por cêrca de 3 mil pessôas, grande número dêles moradores da Rua Maria Antônia;

h) - Médico do ISSU é citado (p.7) informando do resultado da autopsia do estudante morto, José Guimarães, que a bala - seria de cal. 38 para cima; autopsia foi meticulosa.

10.
Ofício de 8.10.1968, endereçado à direção da FFCL, encaminhando o *Livro Branco* como resultado final dos trabalhos da comissão

São Paulo, 8 de novembro de 1968.

Senhor Diretor,

A Comissão incumbida por V.Excia. para elaborar o "Livro Branco", referente aos acontecimentos ocorridos na Rua Maria Antonia em 2 e 3 de outubro p.p., tem a honra de encaminhar junto a esta o resultado de seus trabalhos.

Esta Comissão, criada por determinação da Congregação da Faculdade, põ-se inteiramente à disposição de V.Excia. e da Congregação para quaisquer esclarecimentos sôbre o documento por ela elaborado.

Agradecendo, em nome da Comissão, a confiança em nós depositada, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

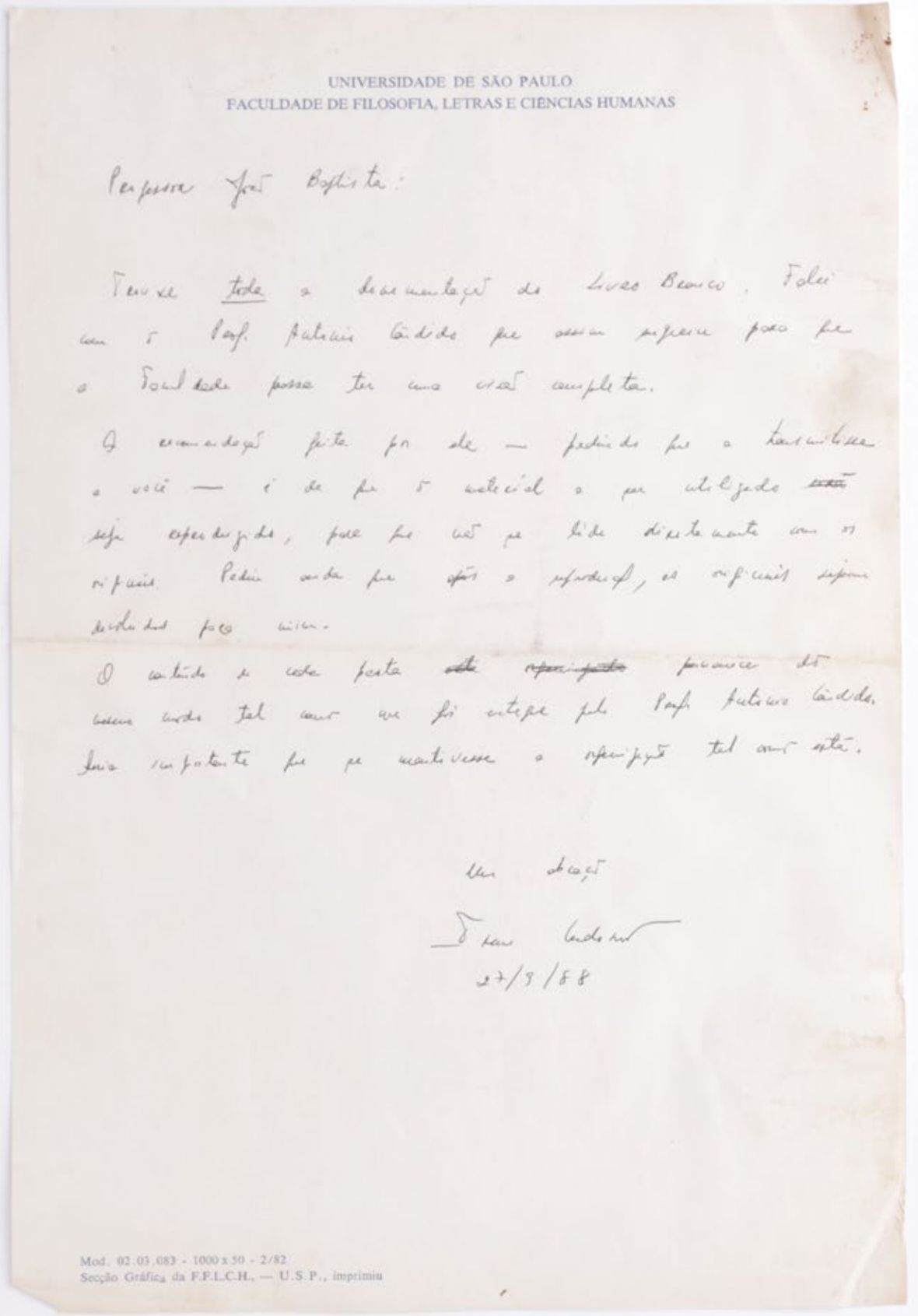
S.M.

Simão Mathias, presidente

Ao Exmo. Sr. Prof. Dr. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA
DD. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras da Universidade de São Paulo.

11.
Bilhete de Irene Cardoso, encaminhando a documentação para a primeira edição, em 1988

Bilhete manuscrito de Irene Cardoso de 27 de Setembro de 1988, endereçado ao então diretor da FFLCH, João Baptista Borges Pereira. Trata-se do encaminhamento da documentação relativa ao Livro Branco *e das orientações para o uso deste material, confiado a Irene Cardoso por Antonio Candido.*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Per.ssa Prof. João Baptista:

Tenho [illegible] a documentação do Livro Branco. Falei com o Prof. Antonio Cândido que acha preciso para a Faculdade possa ter uma cópia completa.

A encadernação pode ser de — pedido pela secretaria — você — é de papel material e que ele seja especificado, para que não se perca diretamente com os originais. Pedir ainda que após a reprodução, os originais sejam devolvidos para mim.

O conteúdo e cada peça [illegible] [illegible] [illegible]

KODAK TRI X PAN FILM

KODAK TRI X PAN FILM

KODAK SAFETY FILM

agradecimentos
Esta publicação não teria sido possível sem o fundamental apoio dos funcionários da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH USP, em especial das equipes das seguintes áreas:

diretoria
Vice-diretoria
Biblioteca Florestan Fernande
CAPH — Centro de Apoio à Pesquisa em História
Sérgio Buarque de Holanda
Serviço de Comunicação Social
Serviço de Editoração e Distribuição
Seção Técnica de Informática

assistência administrativa e financeira
Serviço de Compras
Serviço de Convênios
Serviço de Tesouraria
Serviço de Contabilidade
Serviço de Pessoal
Serviço Gerais
Seção de Veículos

assistência acadêmica
Serviço de Apoio Acadêmico
Seção de Alunos

agradecimentos especiais
À Professora e pesquisadora da FFLCH/USP, Irene Cardoso, pela orientação generosa em todo o trabalho.

Ao editor, professor e pesquisador da Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP, Plinio Martins Filho, pela orientação editorial e pela consultoria nos vários aspectos de produção desta publicação.

título
Livro Branco Sobre os Acontecimentos da Rua Maria Antônia
2 e 3 de outubro de 1968

autores
Comissão de professores da Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras, 1968:

Antônio Candido (relator), Carlos Benjamin de Lyra,
Carlos Alberto Barbosa Dantas, Eunice Durham,
Ruth Cardoso e Simão Mathias (presidente)

organizadores reedição 2018
Irene Cardoso e Abílio Tavares

secretaria
Fátima Morashashi

apoio digitalização
Ricardo Freire

produção
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP
Assessoria para Projetos Especiais

revisão
Carolina Bednarek

projeto gráfico
Gustavo Piqueira | Casa Rex

formato
18 x 25,5 cm

tipografia
Famílias Helvetica Neue e Freight

papel
136 páginas em Pólen Soft 80g/m^2
100 páginas em Offset 120 g/m^2

tiragem
50 exemplares

CTP, impressão e acabamento
Inprima

“O livro que o leitor tem em suas mãos é um documento impressionante dos acontecimentos ocorridos na Rua Maria Antônia, sobretudo no edifício e no edifício de n. 294 que sediava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL). Impressionante pelo caráter realista dos relatos, cuja leitura, ainda hoje, choca o leitor; contundente por suscitar sentimento de indignação diante de tanta iniquidade; comovente na acepção de provocar um misto de tristeza e mágoa, ao qual se mescla orgulho de perceber a integridade dos organizadores do documento e a força dos depoimentos nele reproduzidos.”

Maria Arminda do Nascimento Arruda

USP